John Carter Brown
Library
Brown University

The John Carter Brown Library
Brown University
Purchased from the
Louisa D. Sharpe Metcalf Fund

2 vls. ~~50~~
30

Bosbe Moses
Vol I, 124/125

1268/agho

OBRAS POETICAS

DO

REV.DO ANTONIO PEREIRA DE SOUZA CALDAS.

TOMO PRIMEIRO.

PSALMOS

DE DAVID

VERTIDOS EM RHYTHMO PORTUGUEZ

PELO

REV.DO ANT.O PEREIRA DE SOUZA CALDAS,

COM

AS NOTAS E OBSERVAÇÕES

DE SEO AMIGO

O TENENTE-GENERAL

FRAN.CO DE BORJA GARÇÃO-STOCKLER,

E DADOS A' LUZ

PELO SOBRINHO DO DEFUNTO POETA-TRADUCTOR,

ANTONIO DE SOUZA DIAS,

Fidalgo da Casa Real, Cavalleiro professo na Ordem de Christo, Consul Geral de Sua Magestade Fidelissima na Cidade do Havre de Graça, etc.

PARIZ,

Na Officina de P. N. ROUGERON, rua de l'Hirondelle, N.° 22.

1820.

DISCURSO

SOBRE

A LINGUA E A POESIA HEBRAICA (1).

Que o livro dos Psalmos, vulgarmente chamados de David; he uma collecção de canticos sagrados que, nas festividades religiosas dos Hebreos, se cantavam no templo do SENHOR, ao som de diversos instrumentos musicos, da maior parte dos quaes apenas conhecemos hoje os nomes; he uma verdade, em que todos os

---

(1) Este discurso foi composto, para servir de introducção aos doze psalmos que verti em Portuguez, com o fim de suprir as faltas que encontrei na traducção d'esta primeira parte do psalterio; e na supposição de que a impressão de minhas poesias lyricas sahiria á luz, primeiro que a das obras do meo amigo. Como porém motivos, cuja exposição seria alhea d'este logar, tenham retardado aquella publicação, e esta deve precede-la, assentei de incorporar aqui esta pequena dissertação, como mais propria ainda d'este logar, do que d'aquelle que eu lhe destinava.

expositores, interpretes, e paraphraseadores da Biblia se acham de accordo. Porém se estes canticos são verdadeiras composições rhythmicas, ou meros discursos prosaicos, em que os córos dos levitas exprimiam ao grande Jeheovah as preces que o povo lhe fazia, os louvores que lhe tributava, ou as acções de graças que lhe rendia; he materia ainda hoje controvertida, e de mui dificil dilucidação.

A linguagem hebraica, em que se acham escriptos todos os livros do antigo testamento; ou ella seja a mesma que falaram Moysés, Josué, David, Salomão, e todos os outros autores, que composeram ou verteram no indicado idioma aquelles livros; ou seja, como he mais provavel, a linguagem a que Esdras os reduziu, quando, depois do ultimo cativeiro de Babylonia, foi encarregado de os compilar e ordenar; he verdadeiramente uma lingua morta, a qual ha muitos seculos não he falada per povo algum, e cuja verdadeira pronunciação passou a ser desconhecida, ate dos proprios descendentes d'aquelles que a falaram.

He com tudo verosimil que ella fosse uma lingua syllabica, quero dizer, uma lingua cujos vocabulos fossem compostos de syllabas longas,

breves, e communs, como a grega, e como a latina. Porém ou a sua imperfeição foi sempre tal, que nunca possuiu os caracteres precisos, para sobre elles se fundarem regras, que dessem a conhecer a quantidade das suas syllabas, ou estas mesmas regras caîram em tam perfeito esquecimento, e os seos principios eram tam reconditos, que nunca mais foi possivel encontrar vestigios d'elles, capazes de encaminhar os philologos a descobri-los de novo.

He certo que a pezar de existirem taes regras, na prosodia das linguas grega e latina, nós não sabemos hoje que differença punham estas duas nações, na pronunciação das trez especies de syllabas, de que constavam todas as suas palavras: mas entretanto sabemos, que havia estas trez especies de syllabas, e que sobre ellas se fundavam a harmonia e o rhythmo d'aquellas linguas; e ainda agora nos achamos habilitados para distinguir, per meio das regras de sua prosodia, os diversos metros, que o seo rhythmo admitia, e sabemos quaes d'estes metros os seos poetas julgaram mais apropriados aos diversos assumptos que trataram.

Suposto porém que nada d'isto saibamos a respeito da lingua hebraica, e ainda mesmo dando por certo, que jamais aquelles que a

falaram, chegassem a conhecer n'ella especie alguma de rhythmo perfeito; sempre podemos afirmar com grande probabilidade, que ella era uma lingua syllabica; não só porque os seos canticos *Sir* ou *Mizmor* (*Hymnos* ou *Psalmos*) quer elles fossem metricos, quer prosaicos, admitiam o acompanhamento da musica, e se combinavam com a dansa, o que presupõe a capacidade de sujeitar os accentos da voz, e a sua successão pelo menos a uma *toada* ou *psalmodia*, como ainda hoje se usa em nossos templos, e a uma cadencia, ou compasso indispensavel na dansa: mas porque a natureza mesma de linguagem vocal exige que, quanto menos perfeito he um idioma, tanto mais distincta seja a pronunciação dos seos vocabulos, ou tanto mais bem marcado seja o tempo, durante o qual deve fazer-se sentir o som predominante, em cada uma das syllabas, de que elles são compostos.

Ora os sons similhantes, ou elles sejam simplices, ou sejam compostos dos mesmos elementos, pela mesma ordem dispostos, não podem distinguir-se entre si, senão pelos seos diversos tons, e pela sua diferente duração; e por consequencia as syllabas similhantes, que entram na composição das palavras de

qualquer lingua, só podem diferençar-se pela sua agudeza ou gravidade, e pela maior ou menor velocidade da pronunciação. Mas a relação dos tons ou dos diversos gráos de agudeza de voz, que he o que propriamente chamamos accentos, não sendo tam facil de perceber como a relação dos tempos, ou da duração dos vozes, principalmente quando esta relação he exprimida por algum dos numeros 1, 2, 3, 4, ou 1, $\frac{1}{2}$, $\frac{1}{3}$, $\frac{1}{4}$, he natural que a distincção das syllabas, em todas as linguas, no seo primordial estado, se fundasse na duracão da sua pronuncia, ou na sua quantidade, e por consequencia que todas as linguas fossem originalmente syllabicas.

Mas o conhecimento da relação dos tempos exige a determinação de um tempo fundamental, que regule o andamento da voz no discurso, e ao qual se reporte a duração de pronuncia de cada syllaba, a fim de que possa formar-se conceito da sua quantidade.

Este tempo, bem que arbitrario, deve ser maior ou menor, segundo a natureza do objecto de cada discurso. Nos discursos tristes, lamentativos, ou chorosos, o estado do animo fazendo que a successão das ideas seja lenta, determina naturalmente a pessoa que fala, a

exprimir-se com lentidão. Nos discursos sobre objectos graves, ou sobre assumptos didacticos, em que as paixões do animo não têm logar, a necessidade de dar tempo ao espirito dos ouvintes, para pesarem a força das expressões, e para atenderem devidamente ás ideas, que per ellas se exprimem, determina a pessoa que fala, a não precipitar a pronunciação, a fim de fazer-se entender. Porém nos assumptos alegres ou que presupõem paixões vivas, ou vehementes, o animo naturalmente agitado, não sofrendo demora nas ideas, tambem não pode consenti-la nas palavras; e d'aqui vem que o andamento do discurso, devendo ser mais rapido, o compasso ou tempo que regula esse andamento, deve tambem ser de menor extensão.

Se estes principios são certos, como me persuado, he claro que todas as linguas, no seo primordial estado, foram musicaes: ou que a linguagem vocal era uma rigorosa cantoria, ou um continuado recitativo, mais ou menos bem medido ou compassado, segundo o estado de maior ou menor perfeição de cada lingua, e mais ou menos velozmente executado, segundo a natureza dos assumptos.

Porém crescendo com o volver dos annos

o numero das ideas, e multiplicando-se as occasiões que deviam dar nascimento aos sentimentos e ás paixões, ainda que os homens não tardassem em conhecer; a necessidade de novas palavras, para exprimir essas novas ideas, sentimentos ou paixões, a necessidade ainda mais urgente de se fazerem immediatamente entender, os devia levar a fazer uso das antigas e ja conhecidas palavras, servindo-se de preferencia d'aquellas, cuja significação tivesse mais analogia com os objectos, que de novo pretendessem exprimir; e modificando-as na sua pronunciação, com diversas inflexões de voz, segundo os sentimentos ou as paixões, de que se achassem agitados.

D'aqui veiu sem duvida o uso da onomatopea; a linguagem demonstrativa, ou o emprego das vozes no discurso combinadas com os gestos; a invenção dos tropos; a hypotyposis, ou o uso das imagens; n'uma palavra toda a linguagem figurada, e as varias modificações dos accentos, ou inflexões da voz, que combinadas com o metro, ou compasso, formaram o rhythmo, e deram origem á poesia, á Mimica e á Musica.

Todas as linguas foram por tanto musicaes, mimicas e poeticas, durante um certo tempo, maior ou menor, segundo as circunstancias;

porque todas foram pobres antes de serem ricas; todas precisaram ajudar-se dos gestos, ou linguagem de acção; todas se viram obrigadas a variar os accentos ou tons de suas syllabas; e todas foram necessitadas a fixar praticamente a relação dos tempos empregados na pronunciação d'ellas, sujeitando-as a um compasso, mais ou menos extenso, que regulasse o andamento da voz ou da cantoria.

Mas nem as diversas inflexões, ou accentos da voz, nem o andamento da pronunciação, ou a escolha do tempo fundamental, a que a duração dos diversos sons ou syllabas se reporta, tem dependencia absoluta da significação das palavras, nem da simplicidade ou da composição das syllabas, nem tam pouco da sua articulação: e por tanto he claro que o nosso espirito pode dar atenção aos sons, á duração de cada um, á sua agudeza ou gravidade, e ao tempo que regula o andamento da pronunciação ou cantoria, sem atender á simplicidade ou composiçam dos mesmos sons ou syllabas, nem aos gestos que acompanham a pronunciação das palavras, nem á significação d'estas: donde se segue que a musica não he, senão uma abstracção da linguagem vocal, que reunindo todos os signaes ou meios, per esta empregados para indicar os diversos conceitos, sentimentos

e paixões do espirito, he apta para exprimir todas as modificações da nossa alma; e por consequencia para excitar ou moderar todos os sentimentos, afectos e paixões.

Mas deixando de proseguir n'este pensamento que continuado degeneraria em digressão, cumpre que observemos, que dos principios até aqui expostos se deduz que, devendo todas as linguas no seo primordial estado ser musicaes, todas deviam ser indispensavelmente syllabicas, e que por tanto não pode haver razão alguma, para considerar a lingua hebraica izenta d'esta lei universal.

He certo que a necessidade de variar as inflexões da voz, para exprimir os sentimentos e as paixões do animo, sendo repetida, o habito de as escutar, e de experimentar os seos maravilhosos efeitos, devia pouco a pouco facilitar a sua perfeita distincção; e que os homens, depois de perceberem e fixarem a quantidade das syllabas, e o compasso que devia regular o andamento da pronunciação, necessariamente deviam começar a sentir a suavidade ou o desagrado da successão dos accentos, e a reconhecer por tanto nas suas relações os principios da melodia, de cuja combinação com o metro, devia resultar o rhythmo,

ou melodia compassada, em que propriamente consiste o verso harmonioso.

D'aqui se segue que as linguas, na ordem natural de seo aperfeiçoamento, devem de syllabicas passar a melodiosas, isto he, devem passar a linguas juntamente syllabicas e accentuadas, como a grega (1). Se a hebraica chegou

---

(1) Aqui cumpre notar que o accento de que falo não he o accento prosodico, ou o som que chamamos aberto, fechado ou mudo das vogaes *a, e, o,* — se per ventura cada um d'elles não he uma vogal distincta, cujo signal falta em o nosso alfabeto, e que suprimos com os accentos orthographicos postos sobre as trez indicadas vogaes: he o accento musico, he aquella inflexão ou modificação da voz, com que os nossos sentimentos doces ou brandos, asperos ou desabridos imprimem o seo caracter nos sons que articulamos, e cuja diversidade pode ate certo ponto ser marcada, ou medida na escala dos tons musicaes: he n'uma palavra aquelle accento que os gregos conheceram melhor que nenhuma outra nação, e cujas differenças quanto á sua maior ou menor agudeza, elles marcavam na elevação ou depressão dos tons da voz, tam precisamente, quanto Dionysio de Halicarnasso nos deu a conhecer dizendo-nos, que a elevação do tom no accento agudo, e a sua depressão no accento grave era exactamente uma *quinta*. Eu confesso que não comprehendo bem o rigoroso sentido das ex-

jamais a este gráo de perfeição, ha muito de duvidar: pelo menos, o seo modo de escrip-

---

pressões d'este Escriptor; por quanto ellas me deixam em duvida, se a *quinta* era a differença entre os dois accentos grave e agudo, ou se cada-um d'elles diferia uma quinta de um tom medio ou natural, que servia de termo de comparação. Mas, ou de um ou de outro modo, sempre he igualmente certo que os accentos da lingua grega eram accentos verdadeiramente musicaes: o que lhe dava uma grande vantagem sobre todas as outras linguas, e explica não só a razão porque os gregos chamavam cantos as suas composições poeticas, á excepção das dramaticas; mas por que, na generalidade da significação da palavra musica, comprehendiam tambem a poesia.

Entre tanto cumpre notar, que as differenças das inflexões da voz, ou dos accentos proprios das diversas paixões, sentimentos ou meras afecções do animo, estám mui longe de poder ser rigorosamente medidas pelas differenças dos tons musicaes. Nas nossas linguas actuaes; falo das Europeas de que tenho algum conhecimento, os accentos proprios de cada paixão, suposto não possam exprimir-se na escripta, nem marcar-se na escala da musica, exprimem-se perfeitamente na pronunciação: tanto ássim que até no recitativo, e mesmo na cantoria, quem he capaz de penetrar-se dos sentimentos que a musica exprime; distingue perfeitamente entre dois musicos, a quem ouviu recitar ou cantar a

tura sem vogaes, ou sem caracteres representativos das unicas letras, em cuja pronunciação

---

mesma composição pathetica, qual d'elles a executou mais perfeitamente, dando á sua voz as inflexões ou modificações mais proprias da paixão, que na mesma composição se tinha em vista excitar ou representar; e isto, sem que nenhum d'elles desafinasse ou deixasse de bem expressar uma só nota de musica. Ha por tanto um modo de expressão, accento ou inflexão de voz, proprio de cada paixão, o qual tem logar tanto na prosa como na poesia, tanto no discurso pronunciado como no discurso recitado, ou cantado: e que por isso mesmo se vê que não he nem pode ser sujeito a uma medida precisa, tirada da escala dos tons musicaes. Poderão dizer-me que este genero do accento, he da competencia da arte declamatoria, e não da musica: Não duvido; mas isso mesmo prova que elle existe. Entre tanto, he certo que as linguas modernas destituidas do accento musical da lingua grega, são menos harmonicas, ou por melhor dizer, menos melodiosas do que ella, e por consequecia menos proprias para a poesia; e daqui procede, que os povos que as falam não tem a mesma facilidade, que tinham os gregos, de excitar com a recitação dos seos poemas o pasmo, a admiração, e todas as outras paixões do animo, nas pessoas que os escutavam. Homero ganhava a sua vida recitando, ou antes cantando pelas cidades de Grecia os diversos livros ou cantos da Iliada e da Odyssea. Camões ou Milton ainda com a voz de um Giz-

podem ter logar os accentos ou tons, e a demorada voz, assaz indica, que os Hebreos não

---

zieli ou de um Perili não poderiam tirar igual vantagem da recitação dos seos poemas, quando no seo talento poetico procurassem recurso contra a pobreza.

Talvez me arredo muito do assumpto, porém uma nota he um agregado de ideas que se ajuntam por apenso ao discurso principal, por não caberem bem n'elle: e por isso, e porque a minha edade já me não promete muito tempo para escrever; nem para arranjar pensamentos, não devo ser escrupuloso em acrescentar aqui uma reflexão, que sendo-me excitada n'este momento pelo objecto que estou tratando, não pode ser com elle absolutamente desconnexa. Ha sem duvida, na constituição mecanica das linguas, principios muito alheos de todo o genero de accentos, os quaes influem grandemente na sua maior ou menor aptidão para exprimir certos afectos e paixões, e que quanto a mim constituem rigorosamente falando a indole de cada uma d'ellas. Não he menos certo que, nas linguas modernas, ha uma especie de melodia que provem da successão de vogaes: e uma suavidade ou aspereza em suas palavras, que procede do numero e mistura das consoantes. D'estes dois principios se pode derivar, segundo entendo, a razão porque a lingua italiana, e depois d'ella a portugueza são as mais melodiosas de todas as linguas Europeas, as mais aptas para a poesia, e as que melhor se prestam á cantoria. Será per ven-

somente, não tinham conhecimento da melodia da linguagem vocal, mas que não tiveram rigorosa idea de metrificação: quero dizer, que esta imperfeição da sua escripta, torna mui verosimil a conjectura de que elles, apezar de haverem conhecido a necessidade de fixar um tempo fundamental, para regularem a demora conveniente da voz, na pronunciação das syllabas longas e breves, não conheceram com tudo que das diferentes combinações d'estas syllabas, podiam resultar diversas cadencias que, ordenadamente repetidas, bem que variadamente combinadas, facilitassem a composição de discursos divididos em porções de medida regular, proporcionada ao alcance do nosso halito, e por consequencia mais facil de sujeitar-se na

---

tura, d'estes mesmos principios, que se deriva a maior ou menor facilidade da expressão, dos diversos generos de affectos e paixões?..... Não seria um problema digno de ser proposto aos philologos, que se deleitam em aplicar a philosophia especulativa á linguagem vocal, indagar quaes são os principios mecanicos, de que as linguas derivam a sua indole: e que grão de influencia tem o mecanismo do discurso, ou seja prosaico ou poetico, sobre os efeitos que devem produzir nos animos as ideas, os sentimentos, e as paixões expressadas nos mesmos discursos?

cantoria ás entoações e compasso da musica.

A toáda ou psalmodia, de que os Judeos ainda usam em seos *psalmos* ou *mizmores*, e que a mistura dos ritos judaicos com os do christianismo, no primeiro seculo da Igreja catholica, fez transcendente aos canticos ecclesiasticos que d'elles adoptamos, he outra prova de que elles não possuiram regras de metrificação, nem por consequencia conheceram rhythmo perfeito.

A imperfeição da sua grammatica, pelo que respeita á parte mecanica da linguagem, concorre a dar força a esta conjectura. Os seos nomes substantivos, sem plural, os obrigavam a suprir esta falta pela repetição dos mesmos nomes; a escassez dos seos adjectivos; a falta absoluta de comparativos e superlativos, os seos verbos sem variedade de desinencias para designar outros tempos, alem do preterito e do futuro, sem a precisa diversidade de modos, para exprimir as circunstancias mais ordinarias das acções por elles significadas; tudo cooperava para fazer a lingua hebraica extremamente monotonica; e tudo contribuiu por consequencia para impedir, que os Hebreos podessem sentir facilmente os efeitos da melodia, nem sujeitar a sua locução a rhythmo perfeito.

A sua construcção, sempre sujeita á ordem natural das ideas, mostra igualmente que elles nunca atenderam senão á simplicidade, e á regularidade da expressão, e que permaneceram, por tanto, na ignorancia de todos os prestigios de mecanismo da versificação e do rhythmo, ao qual as linguas mais poeticas, como a grega e a latina entre as antigas, e a italiana e a portugueza entre as modernas, subordinaram a regularidade das suas construcções, variando estas per todos os modos compativeis com a possibilidade da inteligencia, a fim de se exprimirem com agradavel e diversificada melodia.

Todas estas considerações, que tenho ligeiramente tocado, e que desenvolvidas dariam materia a longas e não pouco curiosas dissertações, fazem por extremo provavel que os psalmos e canticos dos hebreos não eram composições rigorosamente rhythmicas, nem mesmo metrificadas: mas quando o fossem, a sua metrificação não teria sido transcendente ás suas traducções; nem a dos livros que se dizem poéticos do antigo testamento deixaria de ser alterada, e mesmo destruida, quando foram per Esdras reduzidos á linguagem, em que actualmente se acham.

Não sei se a ultima clausula d'este pensamento he

.he tão atrevida como nova; mas sei que para sustenta-la, não devo dissimular, e muito menos desfigurar a verdade. He certo que não consta per testemunho algum positivo, que este douto e piedoso hebreo alterasse o texto dos livros sagrados, quando os compilou para o uso dos seos compatriotas, depois de restituidos á patria de seos pais e avós: mas he tal a constancia da sua linguagem, tal a uniformidade das suas construcções, e da sua orthographia, que um homem a quem se ensinasse a lingua hebraica, sem se lhe declarar o tempo em que foram escriptos os livros do antigo Testamento, desde Moysés até Esdras; ainda sendo dotado da mais aguda perspicacia, apenas poderia notar per alguma diversidade de estilo (em que o genio e o caracter dos escriptores não se podem occultar) que elles haviam sido escriptos per diversas pennas; mas nunca poderia, nem sequer, suspeitar que elles tivessem sido compostos per homens, que viveram em diferentes seculos, nem que tivessem nascido em diferentes provincias.

Eis aqui como na sua dissert. 17 da obra intitulada o Philologo Hebreo, falando sobre este mesmo assumpto, se explica o douto e erudito Leusden..... « Mil vezes me tenho admirado da » similhança de linguagem que se observa em

» todos os livros do antigo Testamento, sendo
» aliás sabido que elles foram escriptos em diver-
» sos tempos, e per differentes autores, cada
» um dos quaes devia ter o seo estilo proprio.
» Se compararmos livros escriptos em um
» mesmo tempo, e em um mesmo paiz, per
» homens naturaes d'elle, acharemos sem duvida
» mais notaveis diferenças de estilo, de ortho-
» graphia, e de outras circunstancias, do que
» encontramos em todos os livros da Biblia.
» Porém se comparassemos livros escriptos per
» um Teutonio, e per hum Frisio, ou per es-
» criptores, bem que do mesmo paiz, entre os
» quaes houvesse mediado um intervalo de
» mil annos, como mediou realmente entre a
» composição de alguns dos livros do antigo Tes-
» tamento; que diferença de linguagem não no-
» tariamos.....? Quem estivesse no caso de en-
» tender um, dificilmente entenderia o outro.
» A diferença das regras da grammatica e da syn-
» taxe, proveniente da diferença dos tempos e
» dos logares, seria immensa. Mas he tam grande
» a constancia, tanta a conformidade na copu-
» lação das letras, e na construcção das vozes,
» em todos os livros do antigo Testamento, que
» apenas poderia crer-se que elles tivessem sido
» escriptos per diversos autores; mas ninguem

» poderia jamais persuadir-se, de que elles não » fossem compostos no mesmo tempo, e no » mesmo paiz. »

Ora uma tal constancia nos vocabulos e nas frases, uma tal uniformidade nas construcções grammaticaes e na orthographia, só pode ter logar per um de tres modos : ou per milagre, ou porque a linguagem, no tempo immediato ao em que viveram os mais antigos, mais celebres, e mais apurados escriptores, passou subitamente de lingua popular para lingua sabia; o que quasi não podia acontecer sem milagre : ou porque um homem douto, depois de morta a lingua, ou proximamente á sua morte, refundiu todos os livros que existiam, e os reduziu a uma linguagem uniforme e inteligivel para aquelles, a quem desejava aproveitar com este trabalho.

Não duvido que atribuir este fenomeno a milagre, he o partido mais piedoso. Não ignoro que um erudito de grande nome procurou com plausives razões sustentar, que a lingua hebraica se fixára nos escritos de Moysés, e que continuando a existir juntamente como lingua popular, e como lingua sagrada ou sacerdotal, se corrompera em quanto popular; mas que ficara permanecendo incorrupta, como lingua sabia. Admiro a subtileza dos seos argumentos,

mas não me convence a força das suas razões. Comprehendo como uma lingua se melhora, quando crescem os conhecimentos, e se apura a razão d'aquelles que fazem uso d'ella: e tambem comprehendo como uma lingua se corrompe ou deteriora, quando entre os que a falam e escrevem, as sciencias decahem, o gosto se deprava, e a razão se obscurece: comprehendo n'uma palavra que nenhuma lingua he tam perfeita na voz do povo, como na penna dos sabios; mas tambem comprehendo que os bons escriptos acceleram o aperfeiçoamento das linguas, e retardam a sua decadencia; porque os bons escriptos constituem uma lingua correcta, que se faz ouvir de todos que os leem; e por que elles advertem os seos leitores das imperfeições em que cahem; e dos erros em que tropeçam. Mas por isso mesmo não comprehendo, como os homens sabios escrevam com pureza, e falem sem ella: nem como um idioma se fixe em quanto os conhecimentos crescem, e as opiniões e o modo de pensar variam.

Fixar-se uma lingua precisamente nas obras do primeiro escriptor de uma nação, he no meo conceito tam grande milagre, como permanecer ella inalteravel no uso popular, por mais de mil annos.

Tambem sahe fora do meo alcance comprehender, como um povo escravo possa levar a sua linguagem a tam alto ponto de perfeição, que nem mesmo a passagem para o estado de liberdade, e a sua subsequente prosperidade, possam influir, nem levemente, no seo ulterior aperfeiçoamento. A liguagem dos escravos he sempre tam vil e baixa como elles: a dos homens livres respira a dignidade do seo estado; e d'aqui vem que estas duas linguagens diferem tanto entre si, como a liberdade e escravidão, ou como o dia e a noite. He verdade que Moysés não foi educado como escravo, e que quando escrevia, ja o povo hebreo era livre: mas escrevia para um povo recentemente sahido da escravidão, e escrevia na lingua d'esse povo. E suposto que a sua pessoal educação, e a mudança de estado dos Israelitas, podessem ter dado, no meio do deserto, alguma dignidade á expressão da lingua baixa e rude da nação escrava dos Pharaós, as bazes do idioma hebraico não podiam melhorar sensivelmente no seio da agitação de uma marcha trabalhosa, a travez de uma vastissima solidão, aonde os hebreos não podiam communicar com outros povos, de quem recebessem novas luzes, ou novas maneiras e costumes. Os homens que elles por fim encontraram nas ex-

tremidades do deserto, estabelecidos em corpo de nação, eram pelo menos tam rudes, e de certo mais perversos do que elles mesmos; pois que o SENHOR os havia proscripto desde longo tempo, e os entregou á espada de Jacob, para serem não só privados de suas terras, mas inteiramente extirpados da face da terra; e não he por certo na guerra, e quando ella se faz com mais ferocidade que a dos tigres, que os costumes se adoçam, que as maneiras se pulem, e que as linguas se aperfeiçoam.

Linguas sabias são aquellas em que as sciencias se acham depositadas. Ora as sciencias depositam-se nos livros em que os sabios as escrevem; e esses livros, registos fieis dos conhecimentos dos homens que os composeram, se per disgraça as sciencias se tornam estacionarias, ou retrogradas, não recebendo mais augmento algum, convertem-se em um deposito estavel, e per consequencia n'esse momento, a lingua em que as sciencias se acham escriptas, pode dizer-se fixada, apezar de que ella se corrompa na voz do povo. Mas a linguagem do povo corrompe-se, porque o povo não lê, ou porque os homens que leem não falam com o povo. As sciencias e as artes na China estam, ha seculos, estacionarios;

mas a lingua chineza permanece inalteravel : porque ainda que o povo não lê , os sabios ou os homens que leem , falam com o povo , e falam ao povo. Huma vez que uma nação chegou a ter livros , a sua lingua so pode corromper-se , porque os seos livros se não leem ; e então os homens que os possuem não são mais os depositarios das sciencias. As sciencias n'esse caso so pode dizer-se que existem nos livros , ou nas estantes que os suportam : porque então os donos dos livros não são relativamente a elles , mais do que meras estantes.

Suponhamos por um momento , que a nação em cujo idioma existem escriptos bons livros , se extingua pelo modo perque se extinguiram as nações Grega , e Latina , e a que falara outrora a lingua Sanscrit. A lingua d'essa nação , bem como as linguas Grega , Latina , e Sanscrit , será uma lingua em que os homens vam estudar as sciencias , em quanto elles não conseguirem adianta-las , mais do que fizerám aquelles que a falaram : logo porem que isto aconteça , os livros escriptos n'essa lingua , não sendo mais fontes elementares de sciencia , se converterão em monumentos de erudição ; e ella , em vez de se chamar lingua sabia , apenas se deverá chamar lingua erudita : e isto mesmo somente em quanto o

fructo, que d'ella se poder tirar debaixo d'este ponto de vista, equivaler ao trabalho de aprende-la; porque d'ahi em diante, só deverá chamar-se lingua inutil.

Se entre as tres linguas mortas, que venho de nomear, pode haver alguma, que mereça ainda hoje o nome de lingua sacerdotal, he a Sanscrit; porque os Bramines, que até ha poucos annos a possuiam privativamente, e ainda hoje são quasi os unicos que a possuem, são per officio, e per dignidade da sua raça, os sacerdotes de Bramá e Wisnou. Tambem as linguas Grega e Latina foram entre os Europeos linguas sacerdotaes, em quanto os homens mais bem educados, os grandes e os Reis, não sabiam ler. Leitor era então realmente uma ordem sacerdotal, que ainda hoje conserva este mesmo nome: e os sacerdotes e os monges, ou as suas estantes eram os depositarios das sciencias; por que era nas bibliothecas dos seos conventos e mosteiros, que se conservavam os manuscriptos latinos, gregos e hebraicos.

Se a lingua Sanscrit, cujos livros se acham já pela maior parte traduzidos em idiomas europeos, daqual ja existem grammaticas e diccionarios, e que ja he objecto de ensino publico em alguma parte da Europa, será ainda por longo

tempo lingua sabia, ou mesmo lingua erudita, he artigo sobre o qual as circunstancias actuaes da Europa, da Asia não permitem que se assente opinião provavel. He crivel que na Asia continue a ser lingua sabia, ao menos para os Bramines, que não aprendem outra alem da vulgar do indostão, na qual nada se escreve mais, do que as correspondencias e contas dos chatins ou mercadores; e que na Europa, seja por não poucos annos, lingua erudita, e mesmo de mui curiosa erudição: mas a hebraica, a não existirem n'ella escriptos originalmente os livros que contem a religião judaica, e servem de fundamento ao christianismo, ha muito que deixando de ser lingua theologica, estaria reduzida á condição de lingua inutil. Se ella foi entre os Hebreos lingua sabia, ou lingua sacerdotal, so o devia ser desde que passou de lingua viva para lingua morta, ou para lingua moribunda; isto he, desde que os Romanos deram o ultimo golpe na nação judaica, e forçando-a a disseminar-se pelo mundo inteiro, a converteram em uma raça de homens sem patria, sem Rei, e sem altar: ou pelo menos desde que Nabuchodonosor conquistando Jerusalem, transportou Jechonias com toda a sua familia, e a melhor parte da nação hebrea, para Babilonia; porque he desde a epoca deste captiveiro, que a mistura total

dos Judeos com os Assyrios e Caldeos, transtornou inteiramente na voz do povo a sua antiga linguagem, e he desde a dispersão dos Hebreos que estes obrigados a falar as linguas das diversas nações, em cujo seio passaram a viver, pozeram o seo idioma natural em inteiro desuso.

Não he porem somente com argumentos derivados de factos e razões geraes, que se pode combater a opinião de M. Boulanger, e sustentar a que eu tenho pela mais provavel. Dos proprios livros sagrados se podem tirar não poucas armas para atacar aquella e sustentar esta.

Do que se lê no livro dos Reis, nos Paralipomenos, e em alguns dos Prophetas, se deprehende claramente que as duas tribus que constituiam o Reino de Judá, e que eram as unicas que haviam permanecido fieis, ao menos na aparencia, á lei do SENHOR, arrastadas finalmente pelo exemplo e pela força da imperiosa impiedade de seos proprios Reis, desampararam o culto do verdadeiro Deus, e em consequencia da idolatria e da ferocidade a que se abandonaram, adorando Baal e Astarte, e sacrificando a Moloc, cahiram em um estado de ignorancia, alem de toda a exageração: se he que a sua ignorancia não foi a causa da sua idolatria, e da sua ferocidade.

Os livros sagrados, os unicos de que os

Judeos tiveram copias em abundancia, tinham se tornado da ultima raridade; ou fosse porque o zelo, e a malicia dos sacerdotes das novas divindades, se tivesse empenhado em destruilos, ou porque o furor e a cegueira popular lhes tivesse poupado essa diligencia. Como quer que fosse, a lei para os poucos que a seguiam tinha-se convertido, de escripta em tradicional: e quando Jozias, abolindo o culto gentilico, pretendeu restabelecer em toda a sua integridade o do DEUS de Abraham, de Isaac e de Jacob; per fortuna, e como per milagre se achou em os escondrigios do Templo um exemplar dos livros de Moysés, que a vigilante e cautelosa piedade de algum sacerdote procurára pôr n'aquelle logar, ao abrigo da força predominante dos impios.

O proprio Jozias havia sido educado com tam imperfeita noticia da lei de Moysés, que á vista da leitura d'aquelle precioso manuscripto, que o supremo sacerdote Helcias lhe communicara, he que conheceu quanto o seo povo se havia desviado dos caminhos do SENHOR, e quam torpemente havia quebrantado os seos perceitos. Em tal penuria de livros, quando não existiam nem os precisos para a educação do herdeiro do throno; quem, e perque

modo ensinaria aos supostos Adeptos a lingua sacerdotal, que se pretende distincta da linguagem popular? A consideração de que Josias, filho e neto de Reis impios, por maior que fosse a abundancia de livros da lei, devia ter sido educado conforme aos principios da impiedade paterna, não pode debilitar a força d'este argumento; porque Manassés, seo avô, converteu-se talvez antes do nascimento do neto, ou mui proximamente a elle, e devia ser cuidadoso da sua instrucção religiosa. Supondo porém que Manassés não tivesse parte na direcção da educação de Josias; e que esta tivesse sido regulada inteiramente pela impiedade de Amon seo pai: este desgraçado soberano apenas reinou dois annos; e foi assassinado quando o filho ainda não passava de oito. Em tam tenra edade qualquer que tivesse sido a sua educação; ainda as suas ideas religiosas não podiam ter a precisa consistencia: esta dependia de quem continuasse a dirigi-lo: e foram tam piedosos os principios da sua educação, d'esta epoca em diante, que chegando aos dezafeis annos começou a destruição da idolatria, e o restabelecimento da Religião de seos maiores, purificando pouco depois Jerusalem e o seo templo, e profanando os logares destinados ao culto dos falsos

Deuses. Dez annos se passaram entre este primeiro impulso do seo zelo e o descobrimento dos livros da Religião ; e he bem visivel que este Soberano, dotado de tanta piedade, não teria por tam longo tempo permanecido na ignorancia dos preceitos da lei, se d'ella existissem exemplares escriptos, ou Sacerdotes que perfeitamente a soubessem. A M. Boulanger, se fosse vivo, he a quem tocava dizer-nos como se conservava sem livros a lingua que so existia nos livros e naquelles que os liam.

Vejamos porém ate que gráo foram repeitadas a integridade, e a linguagem dos livros sagrados, per aquelles aquem este precioso deposito foi confiado. Josué, que na governança do povo de Israel se seguiu a Moysés, não teve escrupulo de alterar o livro da lei, addiccionando-lhe novos acrescentamentos, como se vê do cap. 24 do livro intitulado do seo nome, e do qual, segundo a mais comum opinião, foi elle mesmo Autor.

Se esta opinião não he errada, este mesmo livro foi tambem alterado, segundo se manifesta do citado capitulo aonde se acha descripta a morte de Josué, e alguns factos posteriores ao seo falecimento : e não menos do cap. 15, aonde vem referida a tomada de Cariath-Arbé

per Caleb, a de Dabir em outro tempo chamada Cariath-Sephir ou Cidade das letras: o casamento de Axa filha de Caleb com Othoniel filho de Cenez, e outros factos acontecidos depois da morte de Josué, conforme se vê do cap. 1.º do livro dos Juizes.

Similhante alteração se nota em o ultimo capitulo do Deuteronomio, aonde vem referida a morte violenta ou sobre natural de Moysés, e alguns successos, posteriores a ella, que mão estranha acrescentou a este livro, sem receio de que algum dia se pozesse em duvida a sua genuinidade, per similhante motivo.

No cap. 14 do Genesis se lê que sahindo Abraham em soccorro de seo sobrinho Lot, a quem Chodorlahomor, e outros trez Reis seos aliados levavam cativo, os perseguiu até os alcançar junto de Dan. Ora esta cidade no tempo de Moysés chamava-se Lais, e não tomou o nome de Dan, senão de pois que a tribu de Israel assim denominada, tendo reduzido a cinzas e extirpado os seos habitantes, a reedificou e repovoou, o que aconteceu pelo menos 33 annos depois de morto Moysés, como se deprehende do cap. 18 do livro dos Juizes.

O dos proverbios de Salomão desde o cap. 25 em diante foi acrescentado per ordem, ou pelo

menos com consentimento, do piedoso Rei Ezechias; pois que os proverbios, parabolas ou sentenças que se contem no dito capitulo, e nos seguintes, foram acrescentadas, e colligidas, segundo ali mesmo se declara, per diversas pessoas, que se dizem servos de Ezechias. Não consta com tudo se esta collecção he toda memorativa, ou se foi em parte copiada de alguns livros dignos de credito. Conforme ás regras da Hermeneutica profana, toda esta parte do livro dos proverbios devia ser regeitada, como apocrypha, ou pelo menos como duvidosa. Entretanto a Igreja catholica tendo aprovado como genuino este livro por inteiro, e tendo o recebido entre os livros canonicos, não deixa logar a duvidar-se de que elle todo foi divinamente inspirado, e que todo elle he per consequencia do mesmo autor; porque o verdadeiro autor dos livros inspirados he sem duvida aquelle que os inspirou. Entretanto o consentimento que a propria Igreja deu a que o livro dos proverbios corra com a indicada declaração, prova que elle foi acrescentado per mão differente da de Salomão.

Não entro no exame de quem sejam os verdadeiros autores dos capitulos 30 e 31 do mesmo livro: se Agur, filho de Jaqueh, e Lemuel são

nomes com que Salomão se designava a si proprio, ou se indicam diversos sujeitos : nem tam pouco se o livro dos proverbios he composição original d'aquelle sabio Rei, ou uma simples traducção das sentenças ou proverbios do famoso Lochman, fabulista e philosopho celebre entre os Orientaes, o qual alguns eruditos pretendem que não só fera contemporaneo de Salomão, mas que vivera alguns annos na sua Corte em grande intimidade com aquelle principe. Todas estas discussões, por quão curiosas sejam, me exporiam não so á transcender os limites em que me propuz circunscrever este discurso, mas a ofender talvez alguma opinião ou decisão que so me cumpre respeitar como catholico, e a que o reconhecimento da minha ignorancia das linguas Orientaes, ainda prescindindo da minha Religião, exige que eu me sugeite na qualidade de homem prudente.

Quanto á chronologia, he notavel a transposição que se observa nos ultimos cinco capitulos do livro dos Juizes : elles deveriam seguir-se ao terceiro, e anteceder o quarto; mas a sua actual situação mostra que, ou erro de copistas, ou acrescentamento de factos omitidos, alteraram o primitivo estado do mencionado livro.

Sem

Sem acumular mais confrontações de passos parallelos dos livros do antigo Testamento, nem indicar mais irregularidades na sua disposição e contextura; o que deixo dito assaz claramente mostra quam pouco escrupuloso devia ser em alterar a linguagem d'estes livros, quem nenhum respeito teve á sua integridade, nem tam pouco á chronologia, e á geographia correspondentes aos factos ali referidos. Quem foi porém que assim os alterou, e os reduziu a tam perfeita similhança, que quasi parecem obra de huma só mão? Foi per ventura Josué? ... Josué acrescentou o livro da Lei; mas não consta que fizesse outra alteração nos livros sagrados, nem podia alterar senão os de Moysés... Foi Samuel?... Alguns presumem descobrir no livro dos Juizes vestigios da mão d'este supremo sacerdote: mas o livro dos Juizes he um dos alterados; e Samuel não podia corrigir nem viciar, senão escriptos anteriores ao tempo de David. Fossem porém quaes fossem as alterações praticadas nos livros sagrados antes de Esdras; este douto Hebreo encarregado de os compilar, restituir e emendar, por isso que a sua confusão e desordem tinham chegado a um gráo deploravel, não podia efeituar a sua compilação e correcções, sem alterar sensivel-

mente o estado do texto de todos os livros antigos; mas tornava-se responsavel por todos os vicios e defeitos corrigiveis que n'elles deixasse subsistindo.

He bem sabido que elle, abandonando os caracteres Samaritanos, lhe substituiu os Caldeos; e per consequencia era forcoso que corrigisse e uniformasse a orthographia de todos os sagrados Codices. Per esta so consideração, se torna facillima de explicar, e entra na classe dos fenomenos ordinarios, a uniformidade da copulação das letras, e da construcção das vozes, que tanta admiração causou ao erudito Leusden.

Mas quem, com o intento de facilitar a intelligencia da doutrina e o conhecimento das verdades contidas em os livros sagrados, julgou a proposito corrigir a sua orthographia, e substituir hum alfabeto estranho ao que fôra precedentemente usado pelos Hebreos, só porque este se havia tornado menos familiar aos seos contemporaneos; não devia achar n'aquelle mesmo principio muito mais poderosa razão para reformar a sua linguagem, substituindo aos termos, ás frazes antigas ou desusadas, as palavras e expressões que no seo tempo eram per todos entendidas, por isso que per todos eram usadas?.... Se a antiga linguagem he-

braica estava reduzida a uma lingua sabia e sacerdotal; e se Esdras fazia a sua compilação só para uso dos sabios e dos sacerdotes, que necessidade tinha elle de uniformar a sua orthographia, e de substituir os caracteres Caldeos aos Samaritanos?... Se os sacerdotes contemporaneos de Esdras fossem sabios, e se o tivessem sido os seos predecessores; nem os livros sagrados se achariam corrumpidos, mutilados e interpolados; nem a sua linguagem e orthographia careceriam de uma inteira réforma.

Os sacerdotes do tempo de Esdras eram tam ignorantes, pouco mais ou menos, como os do tempo de Josias. N'uma palavra, na nação Hebraica não havia senão sabios do futuro, quero dizer prophetas inspirados, e não inspirados, pelo SENHOR; mas esses mesmos eram profundamente ignorantes do preterito. A excepção dos acontecimentos do povo Hebreo, que eram de recente data, ou d'aquelles que, por maravilhosos, ainda existiam vivos na tradição; tudo mais era para elles quasi absolutamente estranho. Esdras escrevia pois para o povo, e por tanto devia pôr os livros sagrados ao alcance da inteligencia do povo.

Este prudente collector começou notando as faltas ou omissões, que observara nos livros

que tinha a seõ cargo colligir e emendar ; e fixando a genealogia das principaes familias das diversas tribus , afim de poder per este modo suprir as faltas nos seos logares competentes , e arranjar os acontecimentos publicos segundo a ordem chronologica. D'este seo cuidado resultou a composição dos livros que intitulou Paralipómenos , ou das cousas omitidas , dos quaes ao depois separou o livro a que deu o seo proprio nome , por isso que a falta da exposição dos factos acontecidos desde o tempo de Cyro em diante, não podia chamar-se omissão nos livros antigos.

D'esta verdade nos offerecem felizmente uma prova irrefragavel os primeiros versiculos ou paragrafos , e o contexto do livro intitulado Esdras. Este he a continuação da historia referida em o segundo dos Paralipómenos ; e os indicados versiculos são identicos com os que servem de remate a est'outro. A primeira metade do versiculo terceiro , em que elle acaba , deixando o sentido interrumpido , mostra com a possivel evidencia , que um se achava escripto em seguimento do outro , como parte integrante sua , e que foi d'ali separado debaixo de titulo distincto , por considerações que occorreram depois de começada a sua composição.

Com esta guia principiou Esdras a restituição dos antigos livros, suprindo nos logares competentes as omissões que havia notado; e esta he a razão pela qual a maior parte do contexto dos Paralipómenos se acha incluida nos livros antigos, aonde devêra faltar, a não ser mentiroso este titulo.

Admitidas estas, mais que verosimeis, conjecturas; fica facil explicar porque razão se acham mudados os nomes geographicos: porque motivo se encontram frequentemente nos livros onde se referem factos, (cujos vestigios ou consequencias se tem perpetuado, alem do que era de esperar) as clausulas—até o dia de hoje—até o presente—, e outras igualmente designativas de um mui dilatado intervalo de annos, entre os acontecimentos narrados, e o tempo em que elles se escreviam. Talvez mesmo que estas e outras clausulas e reflexões que actualmente se acham incorporadas no texto dos livros sagrados, fossem simplices notas marginaes que Esdras ali lançára, para aclarar ou confirmar os factos a que se referiam; mas que a ignorancia dos copistas transferiu para o fio do discurso.

N'uma palavra, admitido o principio de que Esdras corrigindo os livros sagrados dos Judeos,

os reduziu á linguagem que no seo tempo se falava; desaparacem todos os motivos de pasmo sobre a uniformidade e constancia da lingua hebraica e da sua orthographia, por tantas centenas de annos: explicam-se todas as interpolações e additamentos, bem como todos os anachronismos que se encontram nos referidos livros: e pelo que respeita ás imperfeições que o proprio Esdras não corregiu; quer ellas se achem, quer não, apontadas nos Paralipómenos, devem atribuir-se a que lhe faltou o tempo preciso para completar a dificil obra, de que se encarregara, e a que não poude dar a ultima perfeição.

Se a pezar de todas as razões que expuz, para mostrar que os Hebreos não conheceram rhythmo perfeito, nem mesmo rigorosa versificação, a sua lingua chegou em tempos mais antigos, não digo eu ja ao gráo de idioma melodioso, mas ao menos a ter regras seguras de metrificação como lingua puramente syllabica; he claro que o metro dos seos poemas sendo relativo a linguagem que se falára no tempo de David, ou nos anteriores, não podia conservar se na sua transladação para a linguagem hebraico-caldaica, ou hebraico-babylonica do tempo de Esdras: e que por tanto todos se reduziram a composições puramente prosaicas, ou a composições somente

poeticas quanto á locução, mas prosaicas pelo-que respeita ao numero e ao rhythmo.

Em quanto a pobreza das linguas não permite aos homens analysar completamente os seos pensamentos, tambem lhes não consente desenvolve-los com miudeza na expressão : ella os obriga pelo contrario a encerrar, em termos mui breves, pensamentos alias mui compostos. A concisão he por tanto, bem como a linguagem figurada nos idiomas imperfeitos e pouco extensos, o resultado necessario da sua pobreza e da sua imperfeição ; e de nenhuma sorte o producto de uma escolha rellectida, ou de uma preferencia anticipada pelo genio, ou per aquelle particular talento que chamamos *Gosto*. Porém á medida que as linguas se enriquecem em numero e variedade de vocabulos, e que as conjugações dos seos verbos se regularisam e aperfeiçoam ; os meios de analysar os pensamentos se multiplicam, a dificuldade de os desinvolver diminue, e a locução ao mesmo passo que se faz menos concisa, se torna mais clara, mais corrente e mais uniforme.

Estas vantagens se manifestam primeiro, e sempre em maior medida, nos discursos destinados a narrar factos, a descrever objectos sensiveis, ou a dictar regras de conducta ; do que n'aquelles,

cujo fim he exprimir conceitos intellectuaes e afectos, ou paixões: porque as ideas das vozes ou palavras facilmente se associam ou vinculam com as ideas dos objectos que per ellas se pretendem representar, fazendo que as vozes afectem os ouvidos, quando os objectos se acham presentes: mas as faculdades intelectuaes, e as afecções do animo, não sendo objectos immediatos dos sentidos, so se podem perceber pelos seos afectos ou consequencias sensiveis: e d'aqui vem que no estado imperfeito das linguas, os actos espirituaes ou internos, bem como os sentimentos, afectos e paixões, não se podendo dar a conhecer immediatamente per vozes que os representem, he forçoso que para exprimil-os se recorra ás vozes ja designadas para representar os seos efeitos, ás comparações, ás imagens, e a todos os outros meios da linguagem figurada: d'onde procede que em quanto o estilo historico e didactico se simplifica, despindo-se dos ornatos da imaginação, que por desnecessarios se lhe tornam improprios; o estilo que em contraposição podemos chamar moral e pathetico, continua a conserva-los per necessidade; suposto que, cada vez, com mais ampla variedade, e escolha mais apropriada ás circunstancias.

D'este modo involuntariamente, ou sem pro

posito deliberado, e unicamente em virtude das leis inalteraveis que presidem ao desinvolvimento das faculdades intelectuaes do homem, se vam pouco a pouco formando os estilos proprios, ou mais acomodados aos assumptos; principiando sempre pelos dois estilos indicados, quero dizer, pelo estilo figurado, e pelo estilo simples, dos quaes todos os outros são meras combinações, ou misturas em que somente variam as proporções dos seos elementos.

Esta diferença de estilo simples e figurado, a primeira sem duvida que em todas as linguas se fez notavel, he a que provavelmente deu occasião á distincção entre a prosa e a poesia, ou a que conduziu os homens a distinguir todos os seos discursos em poeticos e prosaicos.

Todas as outras subdivisões ulteriores de estilos, e composições deviam ser mui tardias; por que somente podiam ter logar depois que as linguas passassem de syllabicas para melodiosas; ou porque todas exigem que á analyse das ideas sensiveis, e dos sentimentos e affecções do animo, acrescesse a analyse do mecanismo da linguagem, ou o descubrimento dos principios do numero e da melodia; os quaes, entrando em todo o genero de estilos, formam um terceiro elemento, de cuja mistura indispensavel com os

dois precedentes resultam novas e mui variadas combinações, que multiplicam indefinidamente as variedades notaveis da locução, assim prosaica como poetica.

Mas em quanto uma nacão não distingue na sua linguagem numero, nem rhythmo perfeito; nem conhece per consequencia outra diversidade de estilos, senão o simples e o figurado, ella não pode ter senão trez generos de escriptores, historiadores, preceptores, e poetas. Tal era com efeito o estado da Nação hebrea, nos tempos correspondentes á composição dos diversos livros do Antigo Testamento: o que nos confirma na opinião de que ella não conheceu nem rhythmo perfeito, nem metrificação.

Se nós ainda hoje entendessemos pela palavra *Poema* toda a composição, em que a imaginação predomina, ou em que os sentimentos naturaes ou religiosos se patenteam com um certo gráo de viveza, isto he, toda a composição em que a linguagem figurada he ainda agora indispensavel; deveriamos chamar poetas a todos os oradores, a uma grande parte dos novelistas, a quasi todos os autores de livros mysticos, e de todo o genero de obras de devoção: de sorte que o homem que composesse um discurso em acção de gracas ao Ente Supremo; o que lhe en-

dereçasse uma suplica em momento de afflição; o que elogiasse um homem distincto por virtudes ou qualidades moraes; o que fizesse uma exortação ao povo; o que lhe apresentasse uma collecção de sentenças ou maximas moraes, etc. seriam outros tantos poetas; e o nome Poeta em vez de designar um homem dotado de um talento particular, denotaria apenas um homem que houvesse tomado a resolução de tratar tal ou tal assumpto determinado.

Se não he isto o que pretendem dizer os eruditos que chamam poemas aos Psalmos, ao livro de Job, ao dos Proverbios, ao da Sabedoria, ao Ecclesiastico, aos dos Prophetas, etc., ou que dam o nomo de poeta a David, a Salomão, a Jesus filho de Sirach, a Jeremias, Ezequiel, e Isaias; então as súas expressões são verdadeiramente absurdas. O livro de Job, ou se considere como a narração de parte da vida de um homem que realmente existiu, ou como uma simples hypothese, ou novella philosophica e moral, tendente a mostrar que o padecimento dos justos n'este mundo não he incompativel com a justiça e com a bondade de DEUS, está bem longe de merecer o nome de poema, no sentido que hoje damos a esta palavra. Chamar poemas a collecções de sentenças ou de discursos mo-

raes por extremo variados, escriptos em um idioma que não conhecia numero nem rhythmo, não he menor extravagancia. Mas não conhecer que um propheta, exortando os povos á penitencia, e chamando-os á obediencia dos preceitos da lei de DEUS, em odes e elegias; ou ameaçando e prognosticando os castigos que a justiça divina reserva para os impios, em satyras, cantatas e dithyrambos, seria cousa mil vezes mais ridicula, do que Dido cantando uma aria, quando somente revolve no pensamento o desesperado e melancholico projecto de atravessar-se com a espada de Eneas; seria mais do que absurdo; seria demencia!!

Entretanto não pode negar-se que nos psalmos de David, nos canticos de Moysés, e nos livros dos prophetas resplandecem rasgos da mais sublime eloquencia de pensamentos; que ali se encontram grandes e magnificas ideas theologicas e moraes, assim como sentimentos da mais viva piedade, exprimidos com particular dignidade, e que na maneira de os expressar, se veem empregadas as figuras mais atrevidas: o que tudo presupõe imaginações ardentes vivamente exaltadas, e corações penetrados de vivissimos sentimentos.

Que estas qualidades são com efeito as que

mais distinguem os grandes poetas, he tambem inegavel. Mas de que os Hebreos tinham as mais felices disposições para a poesia, segue-se per ventura que elles foram poetas? ou que tiveram verdadeiras noções d'esta arte sublime? A poesia he huma arte filha das mais finas e subtis observações sobre o espirito e sobre o coração humano; bem como sobre a indole e constituição mecanica da linguagem vocal: o numero e a melodia, ou o metro e o rhythmo são partes essenciaes d'esta arte, a mais formosa de todas as artes. E como poderia fazer similhantes observações um povo tam indiferente até á observação da natureza, que existindo entre o Egypto e a Caldea, ignorava os principios mais triviaes da physica e da astronomia? Como se podem compôr poemas em uma lingua sem metro, nem melodia?

De que modo as sciencias, que do Indostão e da Persia passaram para a Caldea, e da Caldea para o Egypto, se apagaram totalmente em um paiz entremedio, qual era a Phenicia ou terra de Canaan, onde os Hebreos habitaram, onde a navegaçaõ, a arithmetica, o commercio, e a arte de escrever talvez tiveram o berço, e onde a existencia das sciencias he atestada, até pelo nome Ca-

riath-Sepher ou Cidade das Letras, que, antes do povo de Israel occupar aquelle paiz, se dava á cidade de Dabir, seria objecto na verdade de curiosa indagação. A solução d'este problema, quanto a mim, deve achar-se no caracter da Nação hebrea, degradada pela sua longa escravidaõ no Egypto, corrumpida pela sua mistura com os povos idolatras de Madian, Moab e Bassan; e na crueldade systematica da sua invasaõ devastadora.

Mas pondo de parte indagações, ate as do objecto que temos em vista, cumpre que notemos, que não he a grandeza nem a formosura dos pensamentos, o que faz dificil a traducção de um poema, ou de um discurso eloquente, de um idioma para outro. São as belezas da dicção, são as imitacões provenientes da construcção das frazes, e da melodia do discurso; n'uma palavra, são as belezas, não dos pensamentos, mas as da linguagem, as que fazem as traducções dificeis, e ás vezes mesmo absolutamente impraticaveis. Os pensamentos são communs a todos os homens, mas as expressões são privativas de cada lingua. Não ha pensamento explicavel, nem sentimento exprimivel em uma lingua pobre, que se não possa explicar tambem, ou melhor ainda em uma lingua rica.

D'aqui vem que as composições mais admiraveis dos Hebreos não podem perder em ser traduzidas; podendo aliás ganhar tanto mais, quanto a lingua para a qual a traducção se fizer, for mais perfeita do que a hebraica.

Foi esta reflexão (junta ao desejo de fazer publica a traducção da primeira metade do psalterio, executada per um homem de não vulgar engenho, meo particular amigo que a morte me roubou ha pouco mais de tres annos) que me determinou a traduzir os psalmos que faltavam, menos o psalmo 18, na traducção do meo amigo; ou porque elle os reservasse para o fim, ou porque os seos papeis sofressem descaminho antes de chegarem á minha mão: e eu entendi que, ainda fazendo patente a inferioridade de meos talentos para obras de tal natureza, fazia algum serviço ao publico, enchendo aquelles vãos o melhor que me fosse possivel (*).

Não foi bastante, para desviar-me d'este intento, o reconhecimento da minha ignorancia

(*) Para mais certa distinção, os Psalmos que eu verti achar-se-ham n'este livro com o texto latino em frente; e os do meo amigo somente levam em testa as primeiras palavras per que he conhecido o começo de cada-um, na edição vulgata da sagrada Biblia.

da lingua hebraica; porque a consideração da grande vantagem que sobre esta tem incontestavelmente a lingua grega, junta ás reflexões precedentes, me persuadiram que, suposto a traducção dos setenta seja a respeito do original o mesmo que a Vulgata a respeito da traducção grega; quero dizer, suposto que uma e outra sejam meras versões, em que os traductores conservaram todos os hebraismos, sem procurar dar mais dignidade, força ou formosura á expressão dos pensamentos; com tudo estes não podiam estar ali menos bem representados, do que no original.

D'aqui inferi eu que a reputação do psalmista hebreo, quando não ganhasse, não perderia consideravelmente, com a minha retraducção destas poucas composições da sua penna. Parafrazeei um pouco o texto da Vulgata, a que me cingi, afim de facilitar as transições de uns para outros pensamentos, desliga-los entre si, e de dar ao seo desinvolvimento a elegancia e extenção mais conforme á indole da lingua e poesia portugueza. Escrivi-os em verso, não só porque o meo amigo tambem havia feito em verso a sua traducção; mas porque sendo os psalmos verdadeiros canticos, seos proprios autores os teriam sem duvida composto tambem em verso, se fossem

sem portuguezes, ou se os escrevessem no dia de hoje em um idioma melodioso, e capaz de metrificação.

Pelo que respeita á inteligencia e genuina interpretação de texto, nada me animo a dizer aquí; porque os leitores, que entenderem a lingua latina, comparando a minha traducção com a letra da Vulgata, poderão julgar per si mesmos se exprimi bem em portuguez o que alí está dito em latim; e os qui ignorarem esta lingua, não podendo avaliar as minhas razões, perderiam o seo tempo em as ler. Com tudo, sempre nos seos competentes logares, direi alguma cousa em abono da minha interpretação, quando ella diferir notavelmente da dos mais respeitaveis interpretes: não para justificar a minha discordancia, mas para facilitar aos entendedores a discussão das razões em que me fundei.

Rio de Janeiro, 21 *de Outubro de* 1817.

STOCKLER.

FIM DO DISCURSO.

ADVERTENCIA.

Observará o Leitor que n'esta obra se faz a devida differença entre as preposições Per, *e* Por. *Sendo ambas sempre usadas* pelos *nossos Classicos de melhor nota, em seos escritos, com inalteravel e adequada distinção; agora, com menos acerto, he seo emprego erradamente trocado* pelo *ignorante vulgo, e até* per *pessoas que aspiram ao nome de literatas, e que se esmeram em illustrar o Publico, com suas doutrinas. Tam equivoca e absurda anomalia, derramada no* moderno *idioma portuguez, entra no numero dos muitos vicios de que cumpre expurga-lo, como instantemente pedem a recta intelligencia e a razão orthographica de nossa boa linguagem. Quem estranhar esta observação tome o trabalho de ler a Regra X.ª da* Orthog. de Duarte Nunes do Lião; *o Diccionario de* Moraes, *nas palavras* Per, *e* Por; *e a Grammatica philosophica da Lingua Portugueza, etc. de* Jeron. Soares Barbosa, *pag.* 124 *e* 125 : Coimbra 1807 : *lá achará, com mais individuação, e bem explicada, a observação que,* por *brevidade, aqui fica somente apontada. No fim do segundo tomo d'esta publicação, dar-se ha o Indice dos erros typographicos, e suas emendas em ambos os volumes.*

PSALMOS
DE DAVID
EM
RHYTHMO PORTUGUEZ.

PSALMO I.

Beatus vir qui non abiit.....

FELIZ aquelle que os ouvidos cerra
A malvados conselhos,
E não caminha pela estrada iniqua
Do peccador infame,
Nem se encosta orgulhoso na cadeira
Pelo vicio empestada;
Mas na lei do SENHOR fitando os olhos,
A revolve e medita,
Na tenebrosa noite e claro dia.
A fortuna e a desgraça,
Tudo parece a seo sabor moldar-se:
Elle he, qual tenro arbusto,
Plantado á margem de um ribeiro ameno,
Que de virentes folhas

A erguida frente bem depressa ornando,
Na sazão opportuna,
De fructos curva os succulentos ramos.
Não sois assim, ó impios;
Mas qual o leve pó que o vento assopra,
Aos ares alevanta,
E abate, e espalha, e com furor dissipa.
Por isso, vos espera
O dia da vingança, e o frio sangue
Vos coalhará de susto;
Nem surgireis, de gloria revestidos,
Na assemblea dos justos.
O SENHOR da virtude he firme esteio,
Em quanto o impio corre,
De horrísonas procellas combatido,
A naufragar sem tino.

OBSERVAÇÕES, E NOTAS.

Este Psalmo não tem titulo no original hebreo. Ignora-se quem seja seo autor; mas a maior parte dos interpretes presumem que elle he de David. N'este canticose descreve o caracter dos bons, e por contraposição, tambem o dos malvados; e se exhortam os homens á piedade, offerecendo-lhes a idea da Bemaventurança que deve ser a sua recompensa.

Outra traducção do mesmo Psalmo.

Venturoso o que não vaga
Pela estrada criminosa
Da impiedade, e a voz dolosa
Do malvado, que extravaga
Com sorriso, não affaga;
Nem do vicio corruptor
Na cadeira pestilente
Se assentou, com cego ardor;
Antes posta sempre a mente
Traz na lei do Creador.

Qual arbusto que plantado,
Das agoas junto á corrente,
Com frescura permanente
Sempre está verde e copado,
E, no tempo appropriado,
Troca em fructo a tenra flor:
Tal o justo que se esmera
Na lei santa do SENHOR;
Logo tudo lhe prospera,
Tudo corre a seo sabor.

Não assim a gente impía:
Mas qual leve pó, que o vento
Ergue e varre n'um momento,
E solto aos ares envia.

He por isso que, no dia
Do juizo, se verão
Justos e impios separados;
Os impios naufrágarão;
E aos justos, de gloria ornados,
O SENHOR dará a mão.

PSALMO II.

Quare fremuerunt gentes.....

Strophe.

Que frémito e bramido em torno sôam!
Que vãos conselhos as nações meditam!
Os principes se erguêram,
E os Reis da Terra contra o DEUS supremo,
E contra o seo ungido.
« Quebremos as algemas que nos prendem,
» E o jugo sacudamos,
» Com que a cerviz indómita nos rendem » :

Antistrophe.

Assim disseram; mas a sua ousada,
Infame rebeldia o DEUS eterno,
Sobre as nuvens sentado,
Com riso mofador, encara e insulta :

Ja de ira lhes prepara
Abrazados discursos, ja castiga,
No seo furor invicto,
E espalha a imbelle, desgraçada liga.

Epode.

Emtão, a voz alçando,
Assim fallou o Christo do DEUS vivo:
« Eu sou monarcha, sobre o monte santo,
» A frente me coróa
» O mesmo DEUS, e suas leis sagradas
» A's gentes annuncio,
» Da Zona ardente té o polo frio ».

Strophe.

» Não duvideis, ó povos; pois me disse
» O Nume Soberano: Tu, meo filho,
» Tu es o meo amado;
» Eu hoje te gerei: pede, e o imperio
» Do Orbe quero dar-te;
» Com ferreo sceptro rege a Redondeza;
» Qual de vil barro um vaso,
» A pó reduzirás sua dureza ».

Antistrophe.

Ouvistes estes sons, ó Reis soberbos?
E vós, Juizes que julgais a Terra,
Instruî-vos agora,
E da justiça meditai as regras;
Perante o Rei supremo
Abatidos, curvai excelsas frentes,
E com jubilo santo,
Alegres exultai, e reverentes.

Epode.

A lei divina e eterna
Abraçai; que não se ire o Omnipotente,
E com justa sentença, do caminho
Vos lance da virtude.
Quando breve raiar de sua ira
O temeroso dia,
Venturoso o que n'elle só confia!

OBSERVAÇÕES, E NOTAS.

Tambem este psalmo não tem titulo; mas de seo contexto se deprehende que David he seo autor. O seo sentido mystico, segundo a opinião dos mais sabios interpretes, he relativo a Jesus Christo; não obstante que a letra parece falar sómente de David.

PSALMO III.

Domine, quid multiplicati sunt.....

Ah SENHOR! que crescendo meos imigos,
Apinham-se, e me encaram furiosos!
Quantos me estam bradando:
« Debalde espera que o seo DEUS o salve »!
Mas tu es, ó SENHOR, o meo esteio,
E minha doce gloria;
O rosto entre os perigos tu me exaltas.
A DEUS clamei, e sobre o monte santo
Minhas vozes toáram.
Pesado somno me cerrou os olhos,
Dormí, e alegre despertei nos braços
Do DEUS que a si tomou-me.
Cerque me embora numeroso exercito:
Sem susto o arrosto; mas he tempo, acóde-me,
Ergue te, ó DEUS, e salva-me.
Já outras vezes meos perseguidores
Tu desfizeste, e os dentes esmagaste
Dos ferozes malvados:
De ti pende, SENHOR, o libertar-me:
E da tua benção goze, esperançoso,
O povo que escolheste!

OBSERVAÇÕES, E NOTAS.

O titulo deste Psalmo he o seguinte: Psalmo de David quando fugia á vista de seo filho Absalon: e suposto que elle nos declare o motivo, e occasião em que foi composto; com tudo, o seo sentido mystico he verdadeiramente prophetico, e allusivo ao nosso Redemptor Jesus-Christo, e á sua paixáo; assim como o sentido moral allude a todos os justos que fogem a perseguição de seos inimigos.

PSALMO IV.

Cum invocarem, exaudivit me Deus....

ENTRE tantas amarguras,
Invoquei o meo SENHOR,
Da justiça e da innocencia,
Que me adornam, creador:
Minhas vozes escutaste,
E da paz a suavidade
Acalmou da tempestade
O bravo e horrendo furor.
Ah! tende dó de mim, ó DEUS benino!
Mas vós, filhos dos homens, porque causa
Mendigais falsidades?

E, com pesado coração, vaidades
Sómente amais? sabei que, sobre modo,
DEUS honrou o seo santo:
Sempre elle hade attender a meos gemidos.
Sopeai vossos peitos furiosos,
Cercai-os de brandura:
Antes que o manto estenda a noite escura,
Magoados adoçai, e penitentes,
As iras matutinas.
Ao SENHOR sacrificios de justiça
Offertai, no seo braço generoso
Esperançai sem susto;
Nem digais: « Onde está o Ser piedoso
» Que a vereda do bem aponta, e guia
» Nossos tremulos passos? »
Sobre nós de teo rosto reverbera
A luz, ó meo SENHOR, que de alegria
Já me repassa o peito (1).
O teo celeste pão, vinho adoravel,
O teo oleo sagrado multiplicam
Os teos adoradores.

---

(1) No original está em regra separada;

. . . . . .
Já me repassa o peito,
Mais do que se avistasse, no meo campo,
De fructos curva a vide, e a loira espiga,
Pacifica oliveira.

Sem temor, agora o somno
Descançado irei chamar,
Nem ja podem sonhos tristes
Meo descanço perturbar:
Pois que, só de vós quizeste,
O' meo DEUS, que eu tudo espere:
E com meiga mão vieste
O meo peito confortar.

Outra traducção do mesmo Psalmo IV, no sentido que me parece ser o proprio do Psalmo.

1.

Invoquei o SENHOR, e os meos clamores
No seo coração justo retumbáram:
Alentou-me entre as trevas, e os horrores;
E as comprimidas veas se alargáram
Do meo afflicto peito:
Attende, eterno DEUS, com brando aspeito,
Da minha Igreja amada
Aos rogos que te envia, attribulada.

2.

Vós, ó filhos dos homens, até quando,
Com o coração pejado de maldade,
Apoz mentira e enganos caminhando,
Vos nutrireis de fumo, e de vaidade?
Sabei, que eu sou o Santo
Do SENHOR que me eleva, e me engrandece;
Brando me escuta, e quanto
Lhe rogo sempre dá, jamais me esquece.

3.

De ardente zelo contra vós armados,
Guerreai o peccado, e penitentes,
Na solidão chorai os vãos, malvados
Projectos, que nos peitos insolentes
Vos giram de contino.
Offertai justo e santo sacrificio;
E crede que propicio
Vos hade ser o DEUS grande, e benino.

4.

Entre vós muitos clamam: Quem nos hade
Ensinar o caminho da verdade,
E a estrada da feliz eternidade?
Callai-vos, povo nescio, povo rude.
Meo DEUS, tu nos marcaste
As almas com a luz do teo semblante;
Tua graça espalhaste,
Por isso ledo exulto, e triumphante.

5.

O pão celestial, vinho adoravel,
A unção sagrada, de que ungi a terra,
Multiplicam a prole santa e amavel
De teos servos, que ao mundo insano aterra.
Por isso, em paz descança
Meo animo fiel, pois me cercaste
De briosa esperança,
E em modo especial me confortaste.

OBSERVAÇÕES, E NOTAS.

No titulo d'este Psalmo, se assim podem chamar-se as palavras que á sua frente se acham no original Hebreo, se lê: «A letra he de David, a musica do mestre des Neghinots». Neghinot era, ao que parece, um instrumento musico usado entre os Hebreos. He grande porem a discordancia dos interpretes na intelligencia d'esta palavra; uns a referem á cantoria; outros, aos instrumentos de cordas em geral; alguns, ao Orgão, como *Lirano*, Hebreo de nascimento e educado entre Hebreos; e alguns tambem, á cithara de oito cordas, como *Giustiniani*, e *Houbigant*. O que passa geralmente por certo, he que David compoz este Psalmo no tempo em que era perseguido per seo filho Absalon, ou per Saül seo sogro. O fim d'este cantico parece ser implorar a misericordia do SENHOR, e excitar a constancia nos que seguiam o seo partido. O sentido moral he mostrar a força e a vigilancia da Providencia divina, exhortar os bons á paciencia, e persuadir os máos á penitencia. O estylo he ameno e facil, bem que nobre e sostido. A poder reduzir-se esta composição a algum genero de Poema conhecido, deveria chamar-se *cantata*; e por isso com muita razão o traductor lhe deu esta forma na sua primeira traducção. Na segunda teve menos em vista o rhythmo mais acomodado á letra e ao estylo, do que expressar o sentido mystico.

PSALMO V.

Verba mea auribus percipe, Domine.....

MINHAS palavras attende,
Ah SENHOR, e a meos gemidos
Inclina os pios ouvidos;
O' meo DEUS, meo Soberano!
A' minha oraçaô te rende:
Tu me escutas, mal o humano
Vê luzir, no ethéreo posto,
Da aurora o mimoso rosto.

Emtão vejo, ao fulgurar
Do matutino esplendor,
Quanto abhorreces, SENHOR,
A mais leve sem-razão.
Nem a teo lado habitar
Os malvados poderão,
Nem os injustos soster
De teos olhos o volver.

Quem obrêr iniquidade,
E o perverso mentiroso
Tu persegues justiçoso;
E do maligno detestas
A aleivosa atrocidade,
Que o punhal, com mãos infestas,

Crava no seio tremente
Do mortal fraco, innocente.

Na grandeza confiado
De teo terno coração,
Minha humilde adoração
Eu irei no templo teo
Offertar-te, penetrado
De respeito e de temor.
Ah DEUS meo! vem me guiar
Vem meos passos segurar.

Não resvale a cada instante,
Por causa de meos contrarios;
Desleaes, vaidosos, varios
São seos discursos e peito.
Qual sepulchro devorante
Tudo traga sem respeito,
Tal sua guéla insana
Fel distilla, e tudo dana.

Com ferinas linguas ferem (1),
O' meo DEUS, á toda a gente,
Julgai-os, e de repente
Seo projecto vão se alua!
Condemnai-os a gemerem,
Longe da presença tua,

(1) VARIANTE; Com dolosas linguas ferem.

Pois que teo furor accendem,
E teo santo nome offendem.

No peito que em Ti confia,
Tu SENHOR, habitarás,
De prazer o embeberás
Sempiterno e sublimado;
Nadando em gloria á porfia
He por Ti abençoado;
E, qual escudo, o defende
Teo braço que tudo rende.

OBSERVAÇÕES, E NOTAS.

Na frente d'este Psalmo se lê que a letra he de David e a musica do Mestre dos *Nehilots*. Sobre a palavra *Nehilot* occorrem iguaes duvidas ás que sofre a intelligencia da palavra *Neghinot*. Alguns dos interpretes entendem por *Nehilot* todo o genero de instrumentos de vento; outros uma certa especie de trombeta, ou trompa; outros finalmente um instrumento particular, cujo som imitava o sussurro ou zumbido das abelhas. Se á esta discordancia de intelligencias se ajunta a dos que consideram esta palavra como indicando o tom da musica, ou uma aria composta para se cantar outra poesia do mesmo rhythmo, podemos inferir quam profundo e seguro he o conhecimento que os sabios modernos tem da lingua hebraica; e qual a confianca que devem merecer-nos

as traducções que temos de obras antigamente compostas neste idioma. Este Psalmo deve considerar-se como a Oração matutina de David. Interpretes ha que julgam que elle foi composto por occasião de alguma das perseguiçoens mencionadas em a nota antecedente.

PSALMO VI.

Domine, ne in furore tuo. . . . .

NÃO me exprobeis, SENHOR, os meos delictos,
Em o vosso furor; nem de ira acceso
Minha vida encarai; compadecei-vos
De uma alma fraca e enferma.
Sarai-me, que os meos ossos perturbados
E o coração me treme: ó DEUS! Té quando
Alongar-se de mim verei torvados
Vossos divinos olhos?
Volta-te, meo SENHOR, e por piedade
Vem animar-me o semivivo peito;
Ah! vé, que sob a pedra do sepulchro
Teo nome não se escuta;
Nem do inferno nas margens tenebrosas,
O teo louvor retumba; ja mal posso
Os gemidos soltar; lagrymas tristes
Em fio os olhos regam:

D'ellas

D'ellas ensopo o solitario leito:
Espessa escuridão a luz me turva,
Ao sentir resoar, nos meos ouvidos,
O som da tua colera.
Quanto he verdade, que passei os dias,
De crueis inimigos rodeado!
E que em mim profundou suas raizes
Peccado abominavel!
Ah! retirai-vos já, vis inimigos
Que obrais iniquidades, minhas vozes
O SENHOR escutou, meos vivos rogos,
Com brando rosto, acolhe.
O SENHOR me escutou: fujam confusos
Meos crueis inimigos, e de pejo
Os semblantes encubram pressurosos,
Turbados retrocedam!

OBSERVAÇÕES, E NOTAS.

No titulo d'este Psalmo se declara, que elle foi composto per David, e que fora posto em musica pelo mestre dos *Neghinots*. Alguns expositores se persuadem que o propheta Rei dirigîra este cantico ao SENHOR na presença do padecimento de alguma molestia grave que o affligia: Outros pensam que elle foi composto no tempo em que sobre elle pesava o castigo do escandaloso adulterio que havia comme-

tido com Bethsabée, e da cruel e aleivosa morte que havia dado a seo marido Urias. Não obstante ser esta a opinião de quasi todos os expositores e paraphraseadores de David, o veneravel Beda inclina-se a crer que o verdadeiro autor d'este Psalmo fora Ezechias, e que o compozéra, estando enfermo. Como querque seja, elle he a nobre e digna expressão de um coração afflicto, que sò do Senhor espera o alivio de seo padecimento.

PSALMO VII.

Domine Deus meus, in te speravi. . . . .

O' DEUS immenso, todo o meo amparo!
Das mãos ferinas, que abater-me intentam,
E a cada instante de furor redobram,
Vem libertar-me:
Antes que iradas, qual leão faminto,
Me despedacem; quando ja não possa
Piedoso braço, em meo favor erguido,
Ser-me propicio.
Se, por ventura, commetti taes crimes,
Se com offensas eu paguei offensas;
E a iniquidade no meo peito habita,
Pisem me embora!

Embora gema, desgraçada preza
Dos inimigos, que por terra arrastrem
Minha vida, e toda a minha gloria
A pó reduzam!
SENHOR! Erguei-vos, inflammai-vos de ira,
Glorificai-vos entre os meos imigos;
Ergue o teo braço triumphante e invicto,
O'DEUS eterno!
Ao throno sobe; que es juiz supremo:
Do teo preceito a santidade abona:
E numerosas apinhadas gentes
Ham de cercar te.
Por amor d'ellas, sobe aos ceos ufano,
Sobre o teo solio, glorioso assenta-te,
E sentencéa do Universo os povos,
Como te cumpre.
Eu ja te vejo de poder armado
Para julga-los; ve, ó DEUS, e julga;
E, qual se avista dentro em mim, decide
Minha innocencia.
Tu que as mentes escrutas, e revolves
Quanto em si guarda refolhado peito,
Dirige o justo, e a maldade abraza
Dos peccadores.
O meo amparo do SENHOR depende,
Que os bons soccorre. DEUS he forte, e justo,
E soffredor; mas nenhuma deixa
Maldade inulta:

Se, rebeldes, seguîs tenções iniquas;
Ja, a derramar a morte, vibra a espada,
Atesa o arco, e chammejantes settas
Ja n'elle embebe (1).
Odio inimigo contra mim se esforça,
Entre agonias, injustiças forja,
Concebe dores; e o seo parto informe
Nullo se torna.
O lago abrindo, com cuidado o excava;
Precipitado cahe na aberta cova,
O vil traidor, que enterrar-me intenta
Entre ciladas.
O urdido engano contra elle volta-se:
Tormento e crime sobre a sua frente,
Raivosos, descem, sem cessar o seguem
Per toda a parte;
Em quanto eu ledo, teo louvor entôo,
Tua justiça, grande DEUS; e exalto
Teo nome santo, sobre as altas nuvens,
Té as estrellas.

OBSERVAÇÕES, E NOTAS.

Sobre o titulo d'este Psalmo ha alguma variedade de opiniões; porem todos concordam em que elle he de

(1) VARIANTE.

Se não desistîs da tenção iniqua,
Eis vibra a espada, ja derrama a morte,
Atesa o arco, e chammejantes settas
Ja d'elle pendem.

David. Segundo a versão dos setenta, e segundo a Vulgata o titulo he o seguinte. « Psalmo de David, o » qual elle cantou ao SENHOR por causa das palavras » de Chus filho de Jemini ». O titulo da paraphrase chaldaica he assim « interpretação da lei de David, » a qual elle cantou diante do SENHOR, por occasião » da morte de Saul filho de Cis, o qual era da tribu » de Jemini ». Na traducção paraphrastica dos psalmos feita por Saverio Mattei, lê-se o seguinte titulo: « Psalmo de David cantado ao SENHOR no tom da » cansoneta de Chus da tribu de Benjamin ». Quem fosse este Chus he objecto de questão entre os expositores e paraphraseadores. Mattei sospeita que fosse algum poeta e famoso mestre de capella que existia no tempo de David, o qual havia composto a letra e a musica de alguma cansoneta que, pela aceitação geral que havia merecido, se ficou chamando a cansoneta de Chus; e que, agrandando se David do metro e da musica, compozéra este psalmo para ser cantado n'aquelle mesmo tom. Não entro em discussão sobre este artigo: limito-me a apontar a variedade das opiniões: e sobre o objecto do psalmo direi que elle me parece huma composição que David publicára e fizera cantar no templo, em a qual se defende de um boato calumnioso, que a voz de Chus havia feito vulgar, e talvez mesmo acreditavel entre os Hebreos. He admiravel a força com que o poeta Rei repelle a calumnia sem declara-la. Não sei porem se emquanto elle diz « que se he verdade, que elle praticou » as maldades, que lhe atribuem; se puniu jamais os » seos inimigos com espirito de vingança, elle suc-

» cumba sem remedio aos pés d'esses mesmos ini-
» migos: que elles persigam a sua alma e d'ella se
» apoderem: que lhe tirem a vida com desprezo, e
» reduzam a pó toda a sua gloria, etc. » Não sei, torno a dizer, se o seo exemplo he digno de imitação. Taes expressões tem ar de imprecações contra si proprio, ou de juramentos execratorios, e careceriam de uma exposição bem feita do sentido mystico, que de certo encerram, para despoja-las de tam fea apparencia. O resto do psalmo he de uma nobreza e piedade digna da mais seria imitação. Eu persuado-me que as mencionadas imprecações se devem entender como prophecia dos males que ham de soffrer aquelles que em vez de perdoarem as injurias, por amor de DEUS, se propozerem tomar d'ellas vingança; e effectivamente a tomarem.

PSALMO VIII.

Domine, Dominus noster, quam....

QUANTO ao longe em toda a terra,
O' meo DEUS e meo SENHOR,
Resplandece de teo nome
O magnifico esplendor!
Sobre os ceos sobe e se eleva
Tua ineffavel grandeza,
E por modos mil a entoa
Toda a vasta natureza.

Os meninos, que de leite
Molham os beiços recentes,
Suas linguas innocentes
Desatam para louvar-te.
Assim os impios confundes,
De temor sobre-saltados;
Teos inimigos se abatem,
De teo ser maravilhados.
Olho, e vejo o sol brilhando,
Lavor de tuas mãos bellas,
Da lua o luzente globo,
E as rutilantes estrellas.
O que he, meo DEUS, o homem?
Para d'elle te lembrares,
E com dons de tanto preço
Tam pequeno ser ornares!
Quasi igual aos mesmos anjos
O fizeste, e meigamente,
Gloriosa, honrada c'roa
Lhe cingiste sobre a frente.
De todo o extenso Universo
Soberano, o declaraste;
Os bois e as tenras ovelhas,
Sob os seos pés collocaste.
Quantas aves ao ceo voam,
Quantos peixes que, a milhares,
Volvem corpos escamosos,
Pelos vastos fundos mares;

Tudo, ó DEUS, tudo lhe deste!
Como he certo, ó meo SENHOR,
Que trasluz per toda a Terra
De teo nome o resplandor!

OBSERVAÇÕES, E NOTAS.

Este psalmo he verdadeiramente hum cantico de alegria, em que o poeta, depois de admirar as maravilhas do SENHOR, reconhece e confessa os immensos beneficios que o homem lhe deve. No seo titulo lê-se, « psalmo de David para o fim, ou para os lagares ». Não percebo a relação que tem este titulo com o objecto do psalmo. Saverio Mattei diz que no seo titulo se acha escripto que « a letra he de David, e a musica do mestre das cantoras Geteas » e acrescenta que estas, segundo Calmet, cantavam dentro do templo. O metro em que o nosso poeta o traduziu he o mais proprio para a cantoria.

PSALMO IX.

PARTE I.ª

Confitebor tibi, Domine....

De ti, SENHOR, de ti, no meo Psalterio,
O nome vou cantar e as maravilhas:
Insolito furor me accende, e o peito
Me exulta de alegria.

Olha como ja volta, espavorido,
Meo inimigo as fugitivas costas:
Fraquejou, pereceu; que ninguem pode
Resistir a teo braço;
Tu te assentaste sobre o thrôno excelso,
Julgaste a minha causa, e da justiça,
Que me cercava, reluzir fizeste
A face temerosa.
Com rosto irado os impios encaraste;
Estremecem ao ver-te, e se definham:
Para sempre seos nomes infamados,
De um golpe, sepultaste.
Já do inimigo as lanças se embotaram,
E lhe abrazaste as perfidas cidades;
Com stampido, acabou sua memoria,
Só tu duras eterno.
O SENHOR tem seo thrôno equilibrado
Sobre a justica, e o mundo inteiro, um dia,
Pesará com balança igual, e recta;
Que he cheo de equidade:
Ao pobre acolhe, e do infeliz enxuga,
Com mão amiga, o compassivo pranto.
Em ti, SENHOR, esperem quantos sabem
E invocam o teo nome.
A ninguem, que te busque, abandonaste:
Ah! cantemos louvores ao DEUS grande,
Que domina em Sion, e seos portentos
Ao mundo annunciemos.

Elle se apiedou, vendo esparzido
O sangue de seos servos humilhados,
E os ouvidos abriu aos repetidos
Clamores, que se erguiam.
Apieda-te de mim, SENHOR, e julga
Quam baxo me deixaram meos imigos;
Tu es quem da funérea, escura campa
Meo vulto desencerras.
Para cantar o teo louvor sublime
A' filha de Sion, eu já começo
Da cíthara a ferir as aureas cordas,
E a celebrar teo nome.
Os impios se enredaram nas ciladas
Que me traçavam, e da morte fera
Em si provaram o faminto braço,
Que contra mim alçavam.
Conhecido será o Nume justo,
Que fere o peccador co' as mesmas armas
Que, para defender suas maldades,
Colérico forjava.
No abysmo gemam quantos esquecerem
Este DEUS grande que por fim se lembra
Do pobre, nem consente que a paciencia
Pereça dos afflitos!
Ergue-te, ó SENHOR, vem a soberba
Dos homens a aterrar: ante a presença
Tua apareçam as nações insanas,
Que o teo nome profanam!

Legislador lhes manda, que sopée
Seo ousado furor, que as puna e dome:
E tremendo de susto, reconheçam
Que não são mais que homens.

PSALMO IX.

PARTE 2.ª

Ut quid, Domine, recessisti longè....

PORQUE tanto, ó SENHOR, de nós te alongas,
E no opportuno tempo nos desprezas
Attribulados?
Em quanto impios soberbos o teo povo
Abrazam, vem, SENHOR, a surprende-los
Em seos designios.
Nos impuros desejos de seo peito
O peccador se apraz, e o avaro injusto
Já te não teme.
O malvado exaspera o DEUS potente,
E, de ira em chammas, conhecer não cura
Sua vontade.
Na lóbrega vereda, em que caminha,
De noite e dia, nem um só momento
De DEUS se lembra.

Atreve-se a riscar de sua face
Os teos juizos; dominar promette
Seos inimigos.
Clama no coração: « De um povo a outro
» Meo odio levarei, minha vingança
» Sentirám todos ». —
Que sons horrendos! venenosa, amara,
Blasphema boca! sob a lingua jazem
Dor, e tormento.
Com os ricos se assenta, occultas traças
Urde, para banhar em sangue o alfange,
Sangue innocente!
No pobre os olhos fita; e, qual raivoso
Leão fero, abrigado em cova escura,
Ciladas tece-lhe:
A seos laços o attrahe, e se apascenta
De enreda-lo em tropeços fraudulentos,
Té humilha-lo:
Depois se encolhe, e quasi moribundo
Estar parece; n'um momento surge,
Do pobre mofa:
Com-sigo está dizendo: « DEUS não cura
» Humanas coisas, sobre os astros pousa,
» Não vê o mundo ». —
Levanta, ó meo SENHOR, ergue o teo braço,
A mão estende, vem salvar teo povo
Que geme afflito.

Com que palavras te irritou o impio?
Disse com-sigo, que o SENHOR não pesa
Suas maldades.
Tu bem as vês, e as miseras cadeas
Que arrastramos com dor: ah! porque tardas?
Vem abate-lo.
A ti pertence o pobre abandonado:
Do orfão tu serás esteio e amparo,
Que em ti confia.
Esmaga o braço do malvado e iniquo;
E em vão dominará o seo peccado
Entre os humanos.
O SENHOR reinará eternamente;
Nem sobre o povo seo tereis dominio,
Nações perversas.
Ja dos pobres ouviu o voto ardente,
E inclinou-se aos gemidos que soltavam
Do peito afflito:
Em soccoro ja vem de seo pupillo,
Para que nunca mais ouse exaltar-se
Homem terreno.

OBSERVAÇÕES, E NOTAS.

Este psalmo foi na traducção dividido em duas partes, por isso que, ainda que na vulgata he considerado como um, no original hebreo, e na paraphrase Chaldaica he contemplado como dois psalmos

distinctos, bem que o segundo não tenha titulo. O traductor portuguez, á imitação de Saverio Mattei, o dividiu em duas partes, como se acha nos codices hebreo e chaldaico; mas contemplou-o, como um só accomodando-se ao sentir de S. Hieronymo. Sobre o verdadeiro titulo d'este psalmo discordam os eruditos. No original hebreo lê-se: « *Lamnazeah almust* » *laben* » No psalterio romano « *In finem pro occultis* » *Filii* ». S. Hieronymo o traduziu: « *Victori super* » *morte Filii* ». Mattei, fundado não sei em que autoridade, diz que o titulo do presente psalmo he « psalmo de David com o *Higgajon selah*, posto em » musica per Ben mestre das cantoras». Quanto a esta ultima clausula, suponho que se fundou nos principios de Calmet, o qual me persuado ser o primeiro que decompondo as palavras do texto hebreo, e combinando-as com o cap. 15 do livro I° do paralipomenou, deu a entender que esta era talvez a verdadeira intelligencia d'este titulo, e a solução d'este difficil nó. Não entro nem posso entrar na discussão de tão intrincada como inutil questão, e por isso só me limito a dizer, que (a pezar da opinião de alguns que pensam que este psalmo diz relação ao cativeiro de Babylonia, e que de outra sorte não pode interpretar-se) o sentimento geral dos interpretes christãos he, elle ser puramente prophetico e allusivo ao nascimento, vida, e morte de nosso Redemptor Jesus-Christo.

PSALMO X.

In Domino confido: quomodo....

Strophe.

No SENHOR confiei, nada receo;
E porque me dizeis — « foge, ó David,
« Qual ave, busca na montanha abrigo;
» Pois ja da prenhe aljava
» Mortaes settas despeja,
» E o arco ja prepara
» De peccadores esquadrão injusto,
» Para ferir com mão traidora o justo » :

Antistrophe.

« Na escura noite mil ciladas tecem,
» Destroem tuas obras; e que coisa
» Defende o justo em tanta desventura? » —

O SENHOR, no seo templo,
E sobre os ceos habita:
Tem fitos os seos olhos
No pobre, e suas palpebras descobrem
Quanto os humanos corações encobrem.

Epode.

Elle o justo acarinha, e odeia o impio:
Sobre o malvado choverá tormentos,
Tempestuosos raios,
Chammas, e hórrido enxofre:
Eis o seo cális; que o SENHOR he santo,
E só o justo cobre com seo manto.

OBSERVAÇÕES, E NOTAS.

Tambem este psalmo tem no seo titulo a declaração de que he « para o fim »; declaração commum a muitos outros, e que não tem sido até o presente claramente entendida. Tem me lembrado se esta clausula, que se lê na frente de tantos psalmos do Propheta Rei, será uma indicação de que elles eram destinados para serem cantados no fim das solemnidades religiosas, como productos da devoção do Monarcha, desconnexos das mesmas solemnidades; mas com que elle folgava de rematar os actos publicos de religião a que assistia. Entre tanto, como sou pouco versado no conhecimento dos ritos e praticas religiosas dos Hebreos, e me falta o tempo para indagações puramente eruditas, não me atrevo a indicar este pensamento, senão como uma conjectura plausivel. O que passa por certo he que este cantico foi composto per David, e per elle mesmo posto em musica. He verdadeiramente uma canção em que elle se desculpa de não seguir o conselho de seos amigos que o persuadiam a retirar-se da Corte, afim de abrandar com

a

a sua ausencia o odio de seo sogro Saul, e evitar a morte que este lhe preparava: parece portanto que foi composto no principio de sua perseguição, e que o seo fim he excitar os justos a que permaneçam tranquillos na situação em que o SENHOR for servido colloca-los, confiando inteiramente na sua providencia, e na sua misericordia.

PSALMO XI.

Salvum me fac, Domine,....

SOCCORRE-ME, SENHOR, pois que a verdade
Fugiu d'entre os humanos.
Em vão se busca hum justo, todos urdem
Enganos a seo proximo:
Com doces beiços disfarçar pretendem
De seu peito o veneno.
A lingua audaz, e os beiços mentirosos
Punî, ó DEUS tremendo,
Pois ousarão dizer: « As nossas linguas
» Soltar livres queremos:
» Quem sobre ellas impera, se são nossas? »
— « Não he assim, ó homens,
(Fallou o DEUS eterno) em meos ouvidos
» Os gemidos retumbam
» Dos pobres, dos afflictos; doce asylo
» Eu vou ja preparar-lhes;
» Mandar lhes hei um salvador dotado
» Do meo poder inteiro ».

Do SENHOR as palavras puras, santas
São qual a branca prata
Que o fogo acrisolou, e sette vezes
Passou a ardente prova.
Tu nos defenderás eternamente,
SENHOR, que es nosso amparo;
Segundo a altura de teo nobre peito,
Embeberás de gloria
As almas generosas que proteges,
Em quanto, uivando, em roda
Os impios girarão, de raiva acesos,
De raiva sempiterna.

OBSERVAÇÕES, E NOTAS.

Eis outro psalmo em cujo titulo se declara que elle era para o *fim;* porem neste acrescenta-se que era tambem para a *octava:* clausula esta que similhantemente se encontra nos titulos de diversos outros psalmos; mas sobre aqual os expositores e paraphraseadores variam de opinião, acreditando cada vez mais a sua intelligencia da lingua hebraica. Uns entendem por oitava a cíthara de oito cordas: outros um tom musical. Outros finalmente a oitava classe dos musicos empregados no templo. He constante que David havia distribuido os cantores, os tocadores de psalterio, os de cíthara, e os outros em vinte e quatro classes, que formou das familias de Asaph, Eman,

Iditun, ou cuja direcção entregou a estas familias; e que estas classes eram entre si distinctas pela ordem numerica; mas se as classes dos cantores eram oito, ou mais ou menos de oito, he o que conviria averiguar antes de afirmar que pela clausula »*para a octava*» se deve entender a oitava classe dos cantores. Sobre o argumento historico d'este psalmo não he menor a discordancia de opiniões: uns o referem á perseguição de Saul, outros á de Absalon, outros finalmente ao cativeiro de Babylonia. Tam claro he o seo sentido literal!... O certo he, que este psalmo he uma deprecação viva feita a DEUS, vendo-se David cercado de homens perversos, corrumpidos, e calumniadores, ou indiscretos faladores, que sem cessar lhe augmentavam as tribulações e os desgostos.

PSALMO XII.

Usque quo, Domine, oblivisceris....

Até quando de teo servo,
O' SENHOR, te esquecerás?
Quando teos olhos piedosos
Sobre elle em fim volverás?

Entre mil tribulações
A minha alma incerta geme;
E o peito, da dor que o opprime,
De contino afflicto jaz.

Té quando de meos imigos
As cadêas sosterei?
Olhai-me, DEUS meo, ouvi-me;
O' SENHOR que eu sempre amei.

Tua luz me roube ás trevas
Da morte, nunca em furor
Diga o meo perseguidor:
» Em fim d'elle triumphei » !

Se eu tremêr, esses malvados
De alegria exultarão;
Eu porem confio sempre
Na tua potente mão

Ja foge a negra tristeza,
Todo o meo peito se aclara;
Ao meo DEUS, que assim me ampara,
Cantarei nova canção.

OBSERVAÇÕES, E NOTAS.

A occasião em que este psalmo foi composto he muito incerta: alguns creem que elle he relativo á perseguição de Saul; outros á de Absalon; e outros, que o seo objecto he expor os sentimentos dos justos que existiam cativos em Babylonia. Como quer que seja, he certo que o seo autor he David; e que neste cantico se exprime a situação de uma alma atribulada que, chea de confiança no SENHOR, lhe representa a longa duração de seo padecimento.

PSALMO XIII.

Dixit insipiens in corde suo....

I.ª TRADUCÇÃO.

NÃO ha DEUS — diz, com-sigo blazonando,
O louco; e pressurosa
A abominavel corrupção repousa
No seo putrido peito;
E a virtude banida nem, ao menos,
Um homem só anima.
Dos ceos lançou os olhos sobre a terra
O DEUS omnipotente,
Por ver se avista alguem de siso inteiro,
Que a sua gloria busque.
Frouxos todos, da justiça os passos,
Sem tino, abandonáram.
Não ha quem faça bem; todos laceram,
E o meo povo devoram,
Qual de cortado pão tenro bocado;
Nem conhecem seos crimes.
He verdade, SENHOR, não invocáram
Teo nome espavoridos,
Confusos os verás desatinados,
Sem causa, estremecerem,

E tranquillos pisarem teos preceitos.
Mas Tu o justo amparas,
Em vão d'elle se rim; que defendido
He do teo braço forte. —
« Quando hade de Sion descer o dia,
» Ha tanto, annunciado
» Que Israel salvará? » — Callai-vos, impios:
O SENHOR já se apressa,
Vem quebrar as cadêas do seo povo.
Jacob de santo jubilo
Tem o seio inundado; exulta, e goza
Israel de alegria.

2.ª *Traducção.*

1.

Diz com sigo murmurando
O mortal desatinado:
« Não ha DEUS! » e desbocado,
Precipita-se no mal.
Corrumpidos os humanos
Seos caminhos enlodáram,
E dos vicios esgotáram
Todo o cális infernal.

2.

Já não ha quem da virtude
Siga o solitario passo:
E em vão, DEUS, no vasto espaço
D'este mundo, o procurou.
Mediu co'os olhos a Terra,
A buscar um homem justo:
Ah! clamou: « O crime injusto
» Tudo, tudo dominou.

3.

» Vãas, inuteis se tornáram,
» Encaminham-se, ás escuras,
» Estas bellas creaturas
» Que formei co'a minha mão:
» Nunca, nunca esses malvados,
» Que de crimes se repassam,
» Que o meo povo despedaçam
» Tanto mal conhecerão ».

4.

Que hade ser; senão quizéram
Invocar o DEUS eterno;
E, do peito seo no interno,
Fabricáram outro fim?
Imprudentes! não teméram
A vingança do DEUS vivo,
E estremecem, sem motivo,
A um phantastico motim.

5.

O SENHOR em fim dissipa
Todos quantos, loucamente,
Se esmeraram tam sómente
O mundo a satisfazer.
Desprezados, confundidos
Não verão a claridade
Da sempiterna verdade,
Que só pode o peito encher.

6.

Oxalá que bem depressa
Raie o dia affortunado,
Em que o DEUS annunciado
Israel hade salvar!
De Jacob a clara estirpe,
De alegria trasbordando,
Se verá ditosa, quando
O SENHOR a libertâr.

OBSERVAÇÕES, E NOTAS.

Tudo he incerteza a respeito d'este psalmo: incerteza de titulo, incerteza de autor, incerteza de tempo, incerteza de motivo que occasionou a sua composição; e incerteza sobre a sua integridade. O que sómente he certo, he que elle se acha escripto de hum modo no original hebreo, e de outro na Vulgata. N'esta se leem de mais os oito seguintes versos:

Sepulchrum patens est guttur eorum: linguis suis dolose agebant: venenum aspidum sub labiis eorum.

Quorum os maledictione et amaritudine plenum est: veloces pedes eorum ad effundendum sanguinem.

Contritio et infelicitas in viis eorum, et viam pacis non cognoverunt: non est timor Dei antè oculos eorum.

Os quaes o traductor portuguez excluiu das suas traducções. S. Hieronymo, obrigado a reflectir sobre o motivo por que S. Paulo, na epistola aos Romanos, em o capitulo 3°, acrescentou estes oito versos que não se encontram no original hebreo (o que deu provavelmente causa a que o psalmo assim fosse transcripto na Vulgata); e repassando pela memoria todos os livros sagrados, advertiu que a maior parte d'esta epistola he um tecido de passos extrahidos do antigo testamento, e que por isso o santo apostolo, sem seguir ordenadamente a copia d'este psalmo, o interpolou com os versos: *Sepulchrum patens est guttur eorum: linguis suis dolose agebant*, tirados do psalmo 5°, com o verso: *Venenum aspidum sub labiis eorum*, tirado do psalmo 139; com os tres versos: *Veloces pedes eorum ad effundendum sanguinem: contritio et infelicitas in viis eorum: et viam pacis non cognoverunt*, tirados do psalmo 9°; com o verso: *Non est timor Dei ante oculos eorum*, tirado do psalmo 5°; e com o ultimo restante, tirado de Isaias. Entretanto, alguns expositores, e paraphraseadores

recusam admittir a opiniãode S. Hieronymo, fundados em que David repete, em diversos dos seos psalmos, os mesmos pensamentos, e até pelas mesmas palavras com que já os havia expressado em outros; e que por tanto he possivel que o mesmo acontecesse com os oito versos que n'este psalmo se acham demais na vulgata, e na epistola de S. Paulo aos Romanos. Com tudo esta conjectura de S. Hieronymo tem a seo favor um extraordinario gráo de probabilidade. Ainda que pareça que o santo doutor se fundou sómente no estylo e módo de composição, que S. Paulo seguíra na mencionada epistola; a grande força da sua opinião deriva-se dos principios que servem de fundamento á probabilidade mesma, ou á arte de conjecturar. Ainda que fosse frequente achar nos psalmos de David pensamentos e versos repetidos; e ainda mesmo quando no psalterio inteiro se achassem doze repetições (que não ha) de sete versos de outros psalmos e de um verso de um propheta; a probabilidade de que a omissão casual de um copista, (quando fosse precisamente de oito versos seguidos) não recairia precisamente em nenhum dos doze supostos grupos, seria tam extraordinaria, que quasi equivaleria á absoluta impossibilidade: quanto mais que certamente, á excepção d'este psalmo, em nenhum outro se acha uma sequella em similhantes circumstancias. O que d'aqui se segue he que S. Hieronymo tinha, por certo, mais critica e mais rectidão natural de juiso, do que os seos impugnadores. Nem contra isto obsta a quasi identidade

este psalmo com o psalmo 52; pois que uma leve attenção basta para reconhecer que elles não são duas composições differentes; mas sim duas copias de uma mesma composição em diversos estados de correcção. Estou certo que quem lêsse qualquer de minhas obras no seo primitivo estado, e as comparasse com aquelle em que eu me animei a publica-las, acharia differenças mil vezes mais notaveis do que se encontram entre estes dois supostos psalmos. N'isto não quero dizer que David fôra um escriptor de tam pouca habilidade como eu; mas escriptores da primeira ordem ha, aquem acontecia, como a mim, contentarem-se tam pouco de suas producções, em o seo primeiro estado, que, sò depois de muitas e mui repetidas correcções, se resolveram a publica-las. Por um Carlos Bonet que de alguma de suas obras affirma have-la escripto uma sò vez, e que no manuscripto se não achava uma unica emenda; quantos escriptores poderia eu apontar que, como João-Jacques Rousseau, eram obrigados a praticar tantas correcções em seos escriptos, que nenhum publicáram jamais, sem ser copiado pela sua propria mão, terceira e quarta vez! Virgilio estava tam pouco contente da sua Eneida, quando morreu, que, no leito da morte, requeria que o original fosse queimado, por não estar ainda assaz correcto para ser publicado.

PSALMO XIV.

Domine, quis habitabit....

QUEM, SENHOR, habitará
Na tua augusta morada?
Quem em paz descansará
Sobre a montanha sagrada?

Aquelle que não caminha
Do crime a lubrica estrada,
E segue a que lhe dictei
De justiça amavel lei:

Que a linguagem da verdade
Sempre observa no seo peito;
Nem volve a lingua traidora,
A vîs enganos affeito;
Nem ao seo proximo offende,
Nem a voz enganadora
Ouve da calumnia vil,
Que morde com bocas mil:

Ao que teme a DEUS só preza,
Em nada tem o malvado;
Só jura com singeleza;
Cumpre o que tem pacteado;

Seos beneficios não vende
Com usuras; nem peitado
Per magnifico presente,
Persegue o pobre innocente.

Aquelle que assim obrâr,
De seo DEUS eternamente
A presença ha-de gozar.

OBSERVAÇÕES, E NOTAS.

Alguem ha que pensa que este psalmo he uma continuação do precedente. A occasião da sua composição parece ser a collocação da arca da alliança sobre a montanha de Sion. Os que assim o julgam não podem duvidar de que David fora o autor do psalmo antecedente. O sentido literal d'este he visivelmente o mesmo que o espiritual. O poeta mui claramente exprime que só a virtude he digna da eterna recompensa que os justos gozam na Bemaventurança. As acções virtuosas que elle considera merecedoras do premio de ir descansar com o SENHOR no seo santo monte, ou de habitar com elle no seo tabernaculo, todas se reduzem á pratica dos deveres da caridade. Entretanto este preceito, sem duvida o maximo, ou unico preceito da lei, como Jesus-Christo mesmo declarou pela sua propria boca, he no original do psalmo asseverado pelo poeta mesmo; o que (se acaso se prescinde da sua inspiração celeste) tem o ar de huma opinião puramente humana. O nosso

traductor porem, para não despoja-la, nem na aparencia, do caracter de divina, põe a resposta á pergunta porque o psalmo começa, não na boca do poeta mesmo; mas sim na do proprio SENHOR. O que no meo entender augmenta notavelmente a dignidade e a energia d'esta elegante composição.

PSALMO XV.

Conserva me, Domine....

Conserva-me, SENHOR, que em ti espero:
(Ao meo SENHOR eu disse)
Sim tu es o meo DEUS, nem necessitas
Partir minhas riquezas.
Se nos teos santos brilham vigorosos
Todos os meos preceitos;
A Ti pertence a gloria: corrumpidos
De vicio antigo e feo
Viam multiplicar sua fraqueza:
Agora, sustentados
De luz celestial, correm seguindo
Os passos da virtude.
Nunca lhes falarei de vãos objetos,
Com que as paixões se irritam,
Nem quero, que estes nomes escorreguem
Dos meos labios sagrados.

serás, ó meo DEUS, o grande assumpto
De seos ajuntamentos.
O SENHOR he meo cális, minha herança,
Elle m'a restitue
Das mãos alheas. Sobre ferteis prados,
Meos marcos se fixaram;
Amena e pingue foi minha partilha.
Eu renderei mil graças
Ao SENHOR, que me deu entendimento,
Para tam bella sorte
Aceitar, e durante a escura noite,
Me fez o inerte corpo
Estremecer, até que a grande empreza
Me viu executando.
A meo lado elle estava sempre attento,
Os passos me sostinha,
Para não resvalar na curva estrada:
O coração de gozo
Por isso me batia, e transportado,
A lingua jubilára.
Nem a morte cruel pode em minha alma
Turbar a paz suave:
No lugubre sepulchro, longo tempo,
Não deixarás jazendo
O teo santo, ó SENHOR, nem ás mãos fétidas
Da corrupção impura
O seo corpo darás. Novos caminhos
De vida tu me abriste,

Eu já vejo o teo rosto luminoso,
Que de prazer me inunda.
Da tua dextra mil prazeres pendem
Que duram sempiternos.

OBSERVAÇÕES, E NOTAS.

Nenhum Christão pode, sem impiedade, duvidar de que este psalmo seja huma verdadeira prophecia da morte e resurreição de Jesus-Christo. Nos actos dos apostolos se vê que S. Pedro, pregando ao povo de Hierusalem e pertendendo convence-lo da divindade do Filho de DEUS, per meio do estupendo milagre da sua gloriosa resurreição, acrescenta ao seo proprio testemunho, e ao de um grande numero de discipulos do SENHOR, que ainda emtão viviam, a autoridade da prophecia de David; repetindo-lhes no seo sermão os quatro ultimos versos d'este psalmo. S. Paulo pregando similhantemente aos Gentios em Antiochia, para provar-lhes a divindade de Jesus-Christo, se serviu precisamente do mesmo argumento, e referindo o verso decimo: « *Non dabis sanctum tuum videre corruptionem* », o analysa e mostra como elle não podia ter aplicação a David, cujo corpo a morte desfizera, em tanto que Jesus-Christo fora resuscitado per seo eterno pai, sem que seo corpo fosse tocado de corrupção. O sentido d'este psalmo tam claramente explicado pela aplicação que d'elle fizeram os dois mais respeitaveis apostolos, assaz prova que elle foi composto

posto per David, e qual foi o sentido em que a Igreja o entendeu desde a sua origem. O geral dos expositores o consideram como uma oração ou supplica dirigida per Jesus-Christo a seo eterno pai, na sua descida ao limbo, e em que lhe pede, que per meio do maravilhoso prodigio da sua gloriosa resurreição, complete a obra da redempção, de que o seo sangue havia sido o preço. Sobre a intelligencia do titulo d'este psalmo não concordam os traductores da Biblia. No original hebraico lê-se *mictam lê David;* mas da indeterminada significação da voz *mictam* nascem, ao que me parece, todas as discordancias. O traductor da Vulgata o exprimiu assim: *Inscriptio ipsi David.* Os setenta o intitularam: Σγγραφία τω Δανίδ. Tam sublime foi o conceito que lhes mereceu este admiravel cantico!

Não sei se o traductor Portuguez entrou bem no espirito do segundo versiculo, e no da segunda parte do primeiro. Eu traduziria antes assim.

Conserva-me, SENHOR; firme esperança
Tenho em tua promessa.
Tu es, meo DEUS, tu es, ó DEUS eterno,
Do bem unica origem.
De mim não necessitas; mas ditoso
Sem ti, eu ser não posso.
Tu, no meo peito, o devorante fogo,
Que n'elle arde, accendeste.
Suspiro por me ver, SENHOR, no meio
Dos espiritos puros,
Dos santos que em teo seio, em altas vozes,
O teo nome proclamam;
A quem mil portentosas maravilhas
Magnifico descobres.

Entre tanto, como não tenho conhecimento da lingua hebraica, que me habilite para traduzir do original, exponho com respeito, e a medo, o sentido que me parece mais conforme á traducção latina, que a Igreja tem adoptado como genuina.

PSALMO XVI.

Exaudi, Domine, justitiam meam....

SENHOR, escuta as orações de um justo;
Sincero peito aos labios meos responde.
SENHOR, escuta, fita em mim teos olhos:
Vê-me innocente.
Ardente prova já de mim fizeste;
Na escura noite, com vorace fogo,
Me examinaste, nem pudeste nodoa
Ver em minha alma.
De humanos feitos eu já nada curo;
Asperas vias, sem temor, emprendo;
Por teos preceitos, vem firmar-me os passos;
Que não resvalem.
Pois tu me ouviste, bradarei de novo;
Dobra os ouvidos! sê-me, ó DEUS, propicio;
Tua piedade glorifica, e salva
Os que em ti 'speram.

Como a menina de teos olhos, guarda-me
Dos que resistem a teo forte braço:
As tuas azas estendendo, cobre-me
Dos que me affligem.
Os inimigos a minha alma cercam;
Cerrados, ricos, empolados bramam
Vozes soberbas, sobre o chão me abatem,
Cingem-me em torno.
Malignos giram de travez os olhos,
Feros me arrostam, qual leão faminto
Que ruge e freme, e faminto espera
Incerto pasto:
Ou qual o filho do leão sanhudo,
Que na sombria, cavernosa selva
Se abriga, e espia descuidada preza
Que investir possa.
Desce, ó meo DEUS, a prevenir o assalto:
Da aguda espada, com que os homens feres,
Vem aterra-los, vem salvar-me a vida,
Das mãos do impio.
Embora seja de caduca e terrea,
Baxa riqueza saciado o ventre
Destes malvados; e as reliquias deixem
A seos vindouros!
Que eu só anhelo na presença tua
Alçar a frente de justiça ornada,
E saciar-me, quando vir raiando
A tua gloria.

OBSERVAÇÕES, E NOTAS.

Este psalmo he designado pelo titulo: *Oração de David*, e he na verdade huma fervorosa supplica que o Propheta Rei dirige ao SENHOR, pedindo lhe que o soccorra e ampare contra a injusta perseguição de Saul. A traducção portugueza he elegante, eo verso saphico que o traductor escolheu he no meo entender um metro propriissimo para exprimir o tom supplicante de hum coração atribulado. Não sei se foi de proposito, se por acaso que o traductor omitiu a primeira parte do versiculo 15, e parte do versiculo 16. Na traducção nada ha que corresponda ás expressões: « *Domine, a paucis de terra divide eos* », e « *Saturati sunt filii* ». Por isso eu penso que a strophe penultima deveria converter-se nas duas seguintes:

Dos poucos justos, que fieis te seguem,
Aparta, ó meo SENHOR, o imigo bando;
Da morte a foice, com seguro golpe,
Prompta os derrube!
Fartos de Filhos, de riqueza fartos,
Dos bens caducos, que avarentos amam,
Fatal herança, desgraçados restos
Deixem aos netos!

PSALMO XVII.

Diligam te, Domine....

Strophe.

Eu te amarei, ó DEUS, meo doce amparo,
O' minha fortaleza, e ferreo escudo!
Tu meo libertador, minha esperança,
Tu es da minha vida o firme esteio;
Mal te invoco, recua,
Desatinado foge
Dos inimigos meos o informe bando,
Que feros contra mim vinham bradando.

Antistrophe.

Qual empolada e rapida torrente,
Encarniçados se precipitavam;
Já da morte medonha o rosto pallido
Parecia accusar-me, e com algemas
Os pulsos me apertava,
De dores me cingia:
Funerea sombra, no sepulchro errante,
Já me julgava, n'este duro instante.

**

Epode.

Soaram meos clamores
No teo sagrado templo, e te accendeste
Em ira justa, e santa:
Dos montes se abalaram
Os vastos fundamentos;
A Terra em torno freme,
E a natureza espavorida treme.

Strophe.

De voraz fogo crepitantes flammas,
Per toda a parte, ondeam; abrazados
Carvões revoam pelos densos ares:
Os ceos curvaste, já teos pés repousam
Em tenebrosas nuvens:
Cherubim inflammado
Te guia o coche, a tropa se amontoa
Dos ventos, e nas azas d'elles voa.

Antistrophe.

Eis baxas á Terra: entre opacas trévas
Te escondes, e com ellas obumbraste
Teo tabernaclo: nuvens prenhes de agoa
Os ares toldam; ao vibrar splendido
Dos olhos soberanos,
As nuvens fugitivas,
Com raios e trovões, vam ribombando,
E de densa saraiva o chão coalhando.

Epode.

Nos ceos a voz retumba
Do Omnipotente; fulminantes chammas
Os ares mais accendem;
Cresce a espessa saraiva:
Despede as settas suas,
De raios junca a terra
O seo furor, á imiga gente aterra.

Strophe.

Ja das fontes se avista a ignota origem;
Eis do Orbe os fundamentos apparecem!
Tremendo a terra, de pavor, se fende,
Ao sopro vingador da voz eterna:
Entre tantos horrores,
A mão me estende, e abriga-me
O meo SENHOR, e d'entre os inimigos
Me arranca, e salva dos mortaes perigos.

Antistrophe.

No tempo em que gemia me assaltaram,
Defendeu-me o SENHOR, e a um campo vasto
Me transportou, dos perfidos distante;
Alí benigno o peito me guarnece
De força irresistivel,
Novas armas me entrega
Com que defenda firme a lei sagrada
Que trago ante meos olhos retratada.

Epode.

Do meo SENHOR amado
Eu nunca me arredei; cauto, fugia
Do crime fraudulento,
Ao mais ligeiro aceno;
Porque elle galardoa
O coração sincero:
Sempre aos bons he propicio, aos máos severo.

Strophe.

O perverso lhe abraza de ira o peito,
Com os justos se adoça; abate e pisa
O soberbo, e engrandece o povo humilde.
O' DEUS, ó minha luz, vem aclarar-me,
Na noite tenebrosa
Que os olhos me deslumbra:
Tendo-te ao lado, rompo escudos, malhas,
Trasponho as inimigas vãas muralhas.

Antistrophe.

Do meo DEUS a vereda he pura e santa;
Suas vozes no fogo se acrisolam:
Protege quantos no seo braço esperam.
Que outro DEUS e SENHOR ha, senão elle?
De constancia adornou-me,
Resguarda-me do crime,
Dos cervos emprestou-me a ligeireza,
E dos montes me sobe á summa alteza.

Epode.

A pelejar me adestra;
Qual arco aheneo, me endurece os braços,
Com suas mãos dirige
As settas que me vingam:
Novo valor me anima;
Pois sei que, obedecendo
A' sua lei, em força irei crescendo.

Strophe.

De bellico furor tu me accendeste,
Meos inimigos a meos pés prostraste,
Precipitada fuga os leva e arrastra;
De balde os ares enchem de bramidos,
Ninguem ouve, e Tu mesmo
Os seos brados desprezas;
Desfa-los hei qual pó, qual lodo immundo,
Que o vento secca, e volve furibundo.

Antistrophe.

Os passos me alargaste, ja não tremem
Os vacillantes pés; de novo intento,
Meos inimigos combater, vence-los,
E não recuarei, té que os veja
Soltar a vida exangue:
Pisa-los hei de todo,
Nem jamais poderão erguer a frente,
Que aos pés eu calco, livida e jacente.

Epode.

Ao barbaro tumulto
Me arrancarás do povo, e d'outras gentes
Tu me darás o sceptro:
Já brandos me obedecem
Povos que eu não conheço:
Alheos filhos eram
Os impios, que abater-me pertenderam.

Strophe.

Filhos indignos d'este nome, em crimes
Atolados, seos passos entortaram;
Ah! seja engrandecido o eterno Nume,
O DEUS de minha vida, e meo apoio!
Tu es, ò DEUS supremo,
Que me soccorres sempre:
De barbaras affrontas me amparaste,
E os inimigos a meos pés curvaste.

Antistrophe.

Das iradas belligeras cohortes,
Por ti, eu triumphei, e sempre invicto
Sobre quantos, com furia contumace,
Contra mim affoitava o bafo horrendo
Da perfida injustiça.
Verei de verde loiro
A victoria cingir-me a immortal frente;
Pois-me defende a dextra tua potente.

Epode.

Por isso, ao mundo inteiro
Eu levarei teo nome em doces hymnos;
Pois salvas e engrandeces
David a quem chamaste,
A quem piedoso exaltas;
E com terna clemencia
Encaras toda a sua descendencia.

OBSERVAÇÕES, E NOTAS.

No titulo d'este psalmo se lê: « Para o fim, a David servo do SENHOR, o qual dirigiu ao SENHOR as palavras d'este cantico no dia, em que elle o libertou das mãos de todos os seos inimigos, e das de Saul ». O objecto immediato do psalmo he manifesto no titulo: e que o objecto mystico seja Jesus-Christo, he o sentimento quasi geral dos Santos Padres. Qual fosse porem este dia em que David foi libertado das mãos de seos inimigos, ou em que o SENHOR tornou completo o seo triumpho, he questão sobre a qual são mui variadas as opiniões. S. Boaventura he de parecer que David dirigiu este cantico ao SENHOR, no ultimo dia da sua vida, e mesmo no artigo da morte. Do capitulo 22 do IIº livro dos Reis, aonde este cantico vem transcripto, suposto que com alguma differença nas palavras, se vê que elle foi pronunciado per David muito perto do ultimo termo de sua vida: mas do capitulo 23 se reconhece que as ultimas palavras do Propheta Rei não foram as que compoem este hymno; e he elle tam cheo de fogo, e escrito com um estylo

tam elevado, vigoroso e energico, que não sómente inculca com toda a evidencia, que elle não he a composição de um moribundo; mas nem mesmo a de um velho septuagenario. Pode ser como outros crem, que este psalmo, composto logo depois da morte de Saul, fosse destinado para cantar-se, sempre que o SENHOR livrasse o Rei de algum perigo; e que por isso, quando elle se sentiu proximo ao instante em que a morte o devia abrigar de todos os males, e de todas as inimisades e odios mundanos, elle se lembrasse de fazer cantar este mesmo hymno, como a ultima acção de graças que rendia ao SENHOR; e d'este modo se pode conciliar o opinião de S. Boaventura com a dos outros Padres, e com a dos paraphraseadores que adoptaram o ultimo sentimento. O que não admite duvida, he ser este psalmo uma das composições de David, em que mais brilha o fogo da poesia, a riqueza de sua imaginação, e o fervor e pureza de sua piedade.

PSALMO XVIII.

Cœli enarrant gloriam Dei.....

Traducção 1.ª

Os ceos resoam do SENHOR a gloria,
E o firmamento luminoso ostenta,
Per toda a parte, do supremo artifice
As mãos divinas.

O dia e noite revezados cantam
Sua grandeza, que o visinho dia,
E a imminente tenebrosa noite
De novo entoam.
Os povos todos, inda o mais selvatico,
Ouvem, percebem esta voz sonora;
E o tom sublime, desde o Tejo ao Indo,
Soa e retumba.
Poz o seo throno sobre o sol ardente
Que as nuvens rompe, e qual gentil esposo
Ergue do leito nupcial a frente
Pomposa e leda:
Com desmedido agigantado passo,
De um polo a outro se abalança e gira;
Deserto monte, solitario valle
Não se lhe escondem.
E como a lei immaculada e pura
De DEUS splende! testemunho certo
De altas promessas, o perdido esprito
Toca e converte:
De almo prazer os corações embebe,
Illustra os olhos deslumbrados, enche
Singelos peitos de saber profundo:
He santa, e eterna.
Em si descobre da verdade o lume
Que a justifica; na doçura excede
Sab'rozo favo, mais que o oiro e pedras
Preciosas brilha.

Teo servo a guarda; copioso e grande
Premio a circumda. Mas, SENHOR, quem pode
Os seos delictos conhecer? d'occultos
Que me não lembram,
O' Deus, me alimpa o carregado peito;
Nem me castigues por alheas culpas:
Se o meo esprito de tam grande peso
Não fôr curvado,
Puro e innocente de medonhos vicios,
Despedirei a voz canora, e grata
A teos ouvidos: este he todo o objeto
De meo disvelo.
A minha mente, e coração devoto,
Ante teos olhos, girará constante,
O' meo SENHOR, e todo o meo amparo,
Meo redemptor!

Traducção 2.ª

1.

Um DEUS immenso
Os ceos ressoam,
E a gloria entoam
Do creador:
No firmamento,
Astros brilhantes
Cantam, constantes,
O seo SENHOR.

2.

O claro dia,
Que foge, o conta
A' que desponta
Seguinte luz:
Per entre as trevas
Da noite escura,
A face pura
De DEUS traluz.

3.

Ouvem da Terra
Os povos todos,
Em varios modos,
Tam alta voz:
Do Tejo ao Ganges,
Jaz descuberto
Este concerto
Que elle compoz.

4.

No sol se estriba
O sublimado
Throno sagrado
Do grande DEUS:
E como bello
Rompe do dia
O astro, e alumia
A Terra e os Ceos!

5.

Vede como ergue,
Na madrugada,
A face ornada
D'almo esplendor!
Qual sahe do leito
Nupcial o esposo
Ledo, e mimoso
De um puro amor.

Variante.

Vede-o, que aponta
Na madrugada,
De nacarada
Fulgente cor!
Qual sahe do thalamo
O casto esposo,
A quem ditoso —
Cora o pudor.

6.

Apenas surge
No firmamento,
Eis, n'um momento,
Gigante audaz
Exulta, vendo
Que, a largo passo,
De immenso espaço
O giro faz.

7.

Ao summo vertice
Dos ceos se lança,
E não descansa
Té os girar:
Nada a seos raios
Se esconde, e rapido
Aquece, impavido,
A Terra e o Mar.

8.

Se me namora
Tanta belleza
Que á natureza
DEUS emprestou;
Mais me transporta
A lei benina
Que a mão divina
Nos outorgou.

9.

He justa e santa,
Converte o esprito,
E o peito afflito
Banha em prazer;
Seo testemunho
Fiel, constante,
Faz o ignorante
Rico em saber.

10.

Os seos preceitos
Resplandecentes
A's cegas gentes
Cercam de luz:
De DEUS he santo
O temor terno,
Coroa eterno
A quem conduz.

11.

He a verdade
Quem vivifica,
E justifica
De DEUS a lei;
A' vista d'ella,
O oiro brilhante
E o diamante
Desprezarei.

12.

De mel excede
Favo doirado
Seo delicado
Doce sabor;
Eu o conheço,
Pois fiel servo
A lei observo
Do meo SENHOR.

13.

Que copia ingente
De bens espera
A quem se esmera
Em a guardar!
Mas seos peccados
Quem ha que entenda,
E a sua venda
Possa rasgar?

14.

O' DEUS perdoa
Os que eu não vejo,
E que forcejo
Por ver, em vão:
Se dei motivo
A' alhea culpa,
O' DEUS desculpa
Meo coração.

15.

Se não me acurva
Tam grande peso,
Contente e illeso,
Puro serei;
E o meo horrendo
Fatal peccado,
Purificado
Em fim verei.

16.

As minhas vozes,
Meos pensamentos,
A Ti attentos,
Te agradarão;
Que es meo escudo
E me resgatas
Das mãos ingratas
Do atroz Dragão.

OBSERVAÇÕES, E NOTAS.

Na errada persuasão de que este psalmo se não achava incluido nas traducções do meo amigo, e querendo suprir esta falta, me animei a traduzi-lo a meo modo; o que fiz como pude, ajuntando á minha traducção uma exposição do argumento do psalmo, e algumas notas illustrativas. Eu me limitaria a transcrever estas, para fixar no espirito dos leitores a verdadeira idea do merito e do objecto d'esta admiravel composição do Propheta Rei; se o conceito a que fui conduzido não differisse em pontos essenciaes do que até o presente se tem formado d'este notavel cantico: mas, sendo a minha intelligencia diversa da dos mais respeitaveis expositores e paraphraseadores, he de razão que eu acrescente aquí a minha, aliás superabundante, traducção a fim de que os eruditos possam discutir as razões em que me fundei, e regeita-las se por ventura ellas sómente serviram de illudir-me. Se errei, mereço ao menos desculpa em attenção a serem estas materias para mim absolutamente estranhas, e á pureza da intenção que me guiou n'este genero de trabalho, para mim inteiramente novo, e tam pouco analogo aos que tem constituido a occupação da minha vida inteira.

PSALMO XVIII.

ARGUMENTO.

He recomendavel este psalmo pela philosophia que n'elle resplandece. No seo titulo se lê, que a letra e a

musica são de David. O Propheta Rei, depois de deduzir a verdade da existencia de DEUS da contemplação das obras da natureza, e de admirar o poder do Creador; reflectindo sobre a ordem admiravel do Universo, reconhece que ella só pode proceder de um Ente infinitamente sabio. Da consideração dos efeitos da acção da luz, e do calor solar sobre a Terra, e sobre todos os seres que a povoam, conclue a nossa dependencia do Ente supremo. Nota, com admiravel perspicacia, que d'este conhecimento deve nascer em o nosso coração uma disposição, ou propensão para a obediencia aos preceitos d'este Ser infinitamente bom, poderoso e sabio. Em consequencia d'este principio, a conformidade das nossas acções com a vontade do Creador, manifesta nas obras e nas leis physicas da natureza, converte-se em uma lei moral. N'esta lei primordial consiste a religião natural, cujos preceitos o SENHOR, condoido da fraqueza humana, se dignou escrever com o seo proprio dedo, e explicar a Moysés no monte Sinay; para que este transmitisse ao povo hebreo o genuino commentario d'esta lei por elle tantas vezes esquecida, e quebrantada. Notando porem a insufficiencia d'ella, e d'esta mesma suprema interpretação para manter no caminho da virtude o homem propenso para o mal, e sujeito á cegueira de entendimento, proveniente do peccado do nosso primeiro progenitor, a que o propheta chama *delicto maximo*, (por isso que elle abrangeu o genero humano inteiro, e foi o unico que, para ser perdoado, exigia o sacrificio do homem DEUS) reco-

nhece , espera , e supplica a promulgação da lei da graça, e confiado de que emtão, lavado da culpa original pelo sangue do Redemptor, será conduzido para a patria dos justos , cheo de prazer anticipa na sua imaginação este venturoso momento , e se propoem entoar novos canticos dignos do DEUS de summa bondade , e por consequencia gratos aos seos ouvidos. O estylo d'este psalmo he qual convem a uma poesia juntamente philosophica e piedosa. Mattei lhe chama elegantissimo , e diz que n'elle resplandece particularmente a fantazia do poeta. Rugilo , comparando o com o psalmo 17, diz que o estylo d'este pode comparar-se a uma torrente de fogo , pela violencia com que arrebata e inflama os corações dos leitores ; o do psalmo 18 deve assimilhar-se á magestosa e placida corrente de hum Rio da primeira ordem. Não sei se na traducção acertei em dar-lhe o caracter que mais lhe convem: sei que me esforcei por conservar-lhe toda a magestade do original ; mas acomodando-me á indole do idioma portuguez , procurei fazer mais sensivel a ligação dos pensamentos , preparando as transições de uns para outros , a fim de fazer que esta composição não desmerecesse o nome de poesia philosophica. Talvez não entrei bem no espirito do autor, pelo menos devo desconfiar que assim me aconteceu n'aquelles passos , em que a minha intelligencia discorda da de seos interpretes mais respeitaveis : mas se eu traduzisse David segundo a intelligencia de Saverio Mattei , de Rugilo , ou mesmo segundo a de S. Agostinho , não traduziria realmente David , retra-

duziria-o, ou traduziria algum d'aquelles celebres autores. Não ouso mesmo dizer que traduzi David; mas de certo traduzi as impressões que fez no meo espirito e no meo coração a versão de S. Hieronymo, que tomei por texto. Eis aqui pois a minha traducção.

PSALMO.

Qual seja o teo poder, a tua gloria,
Os luminosos astros patenteam:
Das tuas mãos, SENHOR, nos annunciam
Ser obra os ceos, e a terra (1).
O dia, á noite, as estações, os annos,
Em regulada successão dispostos,
O compassado giro dos planetas
Tua sciencia atestam.
Argumento não ha, não ha discurso,
De tanta força, de eloquencia tanta,
Que da tua existencia nos convença,
Qual dos ceos a harmonia.
Pelo orbe inteiro a sua voz ressoa,
E da terra aos confins teo nome leva.
Até no peito do selvage rude
Profundamente o grava.

Cœli ennarrant gloriam Dei, et opera manuum ejus annunciat firmamentum.

Dies diei eructat verbum, et nox nocti indicat scientiam.

Non sunt loquelæ, neque sermones quorum non audiantur voces eorum.

In omnem terram exivit sonus eorum, et in fines orbis terræ verba eorum.

(1) No original lê-se que o firmamento annuncia as obras das mãos do SENHOR. Estas expressões, apropriadas ás ideas astronomicas do tempo de David, seriam contradictorias com as do nosso tempo. Os primeiros astronomos supunham cada planeta como engastado em huma massa ou esphera crystallina e transparente, aque chamam ceo. Assim, havia tantos ceos, quantos planetas; e como emtão sómente se conheciam

Teo magestoso throno levantaste No claro sol (1); seos raios rutilantes, Perenne fonte de prazer e vida, O teo rosto figuram. No vermelho horizonte lá desponta Qual ledo esposo, que contente e ufano Do thalamo ditoso se levanta, Onde a esposa descança.	*In sole posuit tabernaculum suum, et ipse tanquam sponsus procedens de thalamo suo.*

sete, sete eram tambem os ceos de crystal, que encaxados uns em os outros, como um jogo de bocetas, e movendo-se, com velocidades desiguaes, arrebatavam comsigo, em torno da terra ou do centro comum do seo movimento, os planetas a que pertenciam. Todas estas maquinas se moviam debaixo de uma abobeda de saphira, em aqual supunham engastadas as estrelas que chamamos fixas; a esta massa immovel, lugar commum de todas as estrellas, he que elles chamavam firmamento. He a estas hypotheses, extravagantes e abandonadas, que se referem as expressões do poeta. Eu persuadi-me que, traduzindo o pensamento da existencia de um DEUS, ordenador do Universo, devia exprimi-lo em termos acomodados ás ideas actuaes. N'uma palavra entendi que devia exprimir os pensamentos de David, não como elle os exprimiu, mas como os expressaria hoje, se hoje escrevesse esta elegante composição.

(1) O culto do sol he o mais antigo de todos os cultos, não considerado o sol como uma divindade, mas contemplado como o corpo celeste mais admiravel, relativamente ao globo que habitamos, e o que mais

Eis pelo vasto ceo, com largos passos,
Pressuroso gigante se encaminha;
Traspondo, em tempo breve, immenso espaço,
Já no mais alto brilha.

D'alí seos igneos raios dardejando,
Almo calor em torno difundindo,
Da natureza provida fecunda
O seio inexaurivel,

Exultavit ut gigas ad currendam viam; a summo cœlo egressio ejus.

Et occursus ejus usque ad summum ejus; nec est qui se abscondat à calore ejus.

---

concorre para convencer-nos da existencia de um DEUS. E na verdade se he do espectaculo dos corpos celestes, e da harmonia e regularidade de seos movimentos que os homens derivaram o conhecimento de um DEUS, ordenador do Universo, nada havia mais natural que o vincular com especialidade a idea d'este DEUS com a idea d'aquelle corpo celeste, que entre todos he, relativamente a nós, o mais admiravel e benefico. Nem Zardust, vulgarmente conhecido pelo nome de Zoroastes, nem os outros ignicolas que o precederam, consideraram o sol como DEUS; mas contempláran-o entre todas as obras de DEUS, como aquella, que era a mais propria para representa-lo; por isso que entre todas fôra a que mais contribuira para elles formarem idea de sua existencia, e da existencia de seos inefaveis atributos. David, fundado neste principio, he que se atreveu a dizer que o SENHOR assentaria n'aquelle astro o seo tabernaculo, ou o seo throno; pois que elle foi o primeiro em que os homens o adoraram, ou aquelle que escolheram para symbolo da Divindade. Tendo em vista exprimir esta idea, e pre-

Da immovel planta o germe desenvolve(1);
O sangue aquece ás voadoras aves;
O peixe, a fera, o bruto, o verme, o homem
Seo vivo influxo sentem.

Assim as tuas obras aviventas,
Assim a lei constante, com que reges
O vasto mundo, aos homens manifestas,
Que absortos te contemplam.

Lex DOMINI immaculata convertens animas: testimonium DOMINI fidele, sapientiam præstans parvulis.

parar a transição para as seguintes, he que eu me determinei a amplificar o texto, acrescentando ás palavras de David as seguintes clausulas,

. . . . Seos raios rutilantes,
Perenne fonte de prazer e vida,
O teo rosto figuram.

(1) Esta strophe, e a antecedente são o desenvolvimento da idea indicada nos versos transcriptos em a nota precedente: idea que no meo sentir he a que o poeta exprimiu na clausula « *nec est qui se abscondat a calore ejus* ». Elle não falava de certo do calor considerado como sensação, mas sim dos seos efeitos na fecundação dos germes, assim dos vegetaes como dos animaes. Não obstante as grandes razões que persuadem ser este o genuino sentido das expressões do poeta, o celebre Saverio Mattei as traduziu assim.

. . . . . Nè v'ha sì opache valli,
O ermi poggi, o solitarie falde
Ch' ei co' suoi raggi non indori e scalde.

Como se a facilidade com que os raios do sol se

Suas almas assim, SENHOR, illustras;
Testemunho de Ti irrefragavel
Assim lhe dás; assim, té nos mais rudes,
Divina luz accendes.

Com ella os corações Tu nos inflamas,
Assento á tua lei n'elles preparas:
Tua justiça recta, inalteravel,
De prazer os inunda.

Justitiæ DOMINI rectæ, lætificantes corda; præceptum DOMINI lucidum, illuminans oculos.

---

insinuam por entre as folhas das arvores mais frondosas, fosse mais admiravel, ou mais propria para mostrar o poder e a sabedoria do autor da natureza, do que o seo evidente influxo no desenvolvimento dos principios physicos da vitalidade de todos os corpos organicos. Não falo na irregularidade de tornar a misturar a consideração dos effeitos da luz com os do calor, que David tão distinctamente separou; porque em fim deve perdoar-se alguma coisa a um traductor, que as mais das vezes copiou o seo original aformoseando-o, e dando lhe dignidade e elegancia. Rugillo traduzindo este passo assim,

Chi poi spiegò, qui numerò gli effetti
Che nell' aria, nel suol, nel mar produce?
Dov' è che non raggiunga e non saetti
Col vibrar del calore e della luce?
E mentre ardor, splendor cotanto ei spande,
Chi non esclama: o DIO possente e grande!

ainda foi menos feliz que Mattei; pois alonga extraordinariamente a expressão do poeta, sem aclarar-lhe o sentido, nem dar-lhe mais viveza ou energia; antes pelo contrario, tornando-a languida e pouco poetica.

Os teos preceitos, á razão conformes,
Em nossas almas nova luz derramam,
Tua bondade, tua sãa clemencia
Aos olhos nos presentam.

Santo temor, eterno como aquelle,
Que a pura lei gravada em nossos peitos,
Com seo dedo, illustrou benigno e recto,
No fundo d'alma inspiram.

Os teos Juizos de verdade cheos,
SENHOR, de estranhas provas não carecem,
Tam luminosos são, tam convincentes
Que a si se justificam.

Timor DOMINI sanctus, permanens in sæculum sæculi; judicia DOMINI recta, justificata in semetipsa.

João-Baptista Rousseau he entre todos os traductores ou paraphraseadores de David, de que tenho noticia, o que mais poeticamente traduziu este psalmo; e o que, na interpretação d'este passo, mais se aproximou á inteligencia que eu lhe dou: se, por ventura, entre o nosso modo de entende-lo ha alguma differença, eis aquí a sua traducção:

Bientôt sa marche féconde
Embrasse le tour du monde,
Dans le cercle qu'il décrit;
Et, par sa chaleur puissante,
La nature languissante
Se ranime et se nourrit.

Com tudo no meo entender, Rousseau não explica assaz claramente o pensamento, que eu me persuado haver sido o do Poeta Rei.

Os inefaveis bens, cuja promessa (1)
A seguir a virtude nos incita,
Mais doces são que o mel, mais preciosos
Que o oiro que as saphiras.

O servo teo que aspirə a merece-los,
Constante, a tua lei respeita e guarda;
Que chuveiro de bens sobre elle esparge
A tua mão benefica!

Desiderabilia super aurum, et lapidem preciosum multum, et dulciora super mel et favum.

Etenim servus tuus custodit ea, in custodiendis retributio multa.

(1) Se eu traduzisse literalmente este versiculo, deveria dizer que os juizos do SENHOR são mais apeteciveis do que o oiro e do que as pedras mais preciosas, e muito mais doces do que o mel: porem não posso persuadir-me de que o apreço e suavidade, que o poeta antepõe ao valor das pedras preciosas, e á doçura dos favos, seja o apreço e suavidade das sentenças, nem mesmo a dos preceitos, cuja observancia ou quebrantamento deve servir de objecto a essas sentenças ou juizos do SENHOR. O bom senso exige que n'este lugar se entenda que os bens comparados pelo poeta á preciosidade do oiro e á doçura do mel são as recompensas prometidas aos que exactamente observarem os preceitos da lei, e forem fieis á graça do SENHOR. Ora as recompensas prometidas na lei de Moysés são todas puramente temporaes; e por tanto não podendo consistir senão nos mesmos bens a que o poeta antepõe as de que fala, he claro que são differentes, e que não podem ser outros senão os bens eternos, ou as promessas da lei da graça, cujo preço he sem duvida incomparavelmente superior a todos os bens mundanos. Não devo com

Mas como poderão, ó DEUS clemente,
Olhos mortaes, a trevas costumados,
Suportar o clarão fulgente e vivo
De tua luz immensa?

Que espirito haverá tam penetrante
Que possa profundar tua lei santa,
Até lisonjear-se sem vaidade,
Que d'ella não se afasta?

Delicta quis intelligit? ab occultis meis munda me, et ab alienis parce servo tuo.

tudo dissimular que não he este o sentido que os expositores e traductores d'este psalmo supoem ter sido o de David, quando o escreveu. Ao menos, se algum d'elles supõe, como eu, que o poeta falou figuradamente, ou que S. Hieronymo o não traduziu com toda a exactidão, quizeram muito de proposito conservar a mesma figura e deixar a mesma incerteza ou obscuridade no genuino sentido. Rugilo traduz este passo da maneira seguinte, referindo-se aos preceitos da lei evangelica:

Quindi è sì cara e preziosa tanto,
Che incontro a lei sozzura immonda è l'oro:
Perdon tutte le gemme il pregio, il vanto,
E povero diventa ogni tesoro:
Ed ha dolcezza tal, che ingrato e pravo
Al paragon diviene il mele e 'l favo.

Ainda que fosse este o pensamento do poeta, seria difficil exprimi-lo mais baxa e sordidamente.

João-Baptista Rousseau o troduz assim.

Loi sainte, loi désirable,
Ta richesse est préférable
A la richesse de l'or,
Et ta douceur est pareille
Au miel dont la jeune abeille
Compose son cher trésor.

Fortalece, ó SENHOR, meos olhos fracos, Daî á minha alma força, com que possa Conhecer e evitar erros e crimes, Em que cego tropeço. Se de mim te condoes, se em mim de- ramas Teos graciosos dons, teos dons divinos, Contrito chorarei as minhas culpas, Detestarei meos erros.	*Si mei non fuerint dominati, tunc immaculatus ero, et emundabor a delicto maximo.*

Saverio Mattei he o que parece haver-se aproximado mais á minha intelligencia, por quanto depois de haver dito:

Tal del signore appunto
La lege è ancor lucida e bella.
. . . . . .
. . . E testimon verace
È a noi delle divine
Immutabil promesse.

Continua alguns versos depois falando ainda da mesma lei.

. . . . . D'esterne prove
Uopo non ha; quanto contiene appare
Esser vero, esser giusto. A me dell' oro
Più cara è assai, dell' oro stesso
Che dal Fasi ne vien: è a me più dolce
De' più grati e soavi
Di dolcissimo mel grondanti favi.

Sem ter com tudo a vaidade de supôr que entrei melhor do que tam doutos interpretes no sentido de David, (torno a repetir, não podendo lisonjear-me de o traduzir exactamente) julguei que mais valia tra-

Per tua mão piedosa, emtão lavado
Do maximo delicto, ante os teos olhos (1),
Sem mancha alhea ou propria, puro e limpo,
Exultarei de jubilo.

---

duzir as impressões que a sua leitura havia feito no meo coração, do que traduzir os conceitos dos seos expositores.

(1) Eis aquí outro artigo em que essencialmente diffiro de todos os interpretes e paraphraseadores do psalterio. Por delicto maximo, Rugilo seguindo a S. Agostinho, entende o orgulho ou a soberba, e por isso traduziu assim com o seo costumado languor.

Deh fa tu poi che in letto, in campo, in soglio
Non m' avveleni il pestilente orgoglio.

Saverio Mattei contrapondo a clausula « *Et emundabor a delicto maximo* » á expressão antecedente *ab occultis meis munda me*, subentende comprehendidos no ablativo *delicto maximo* todos os peccados ou crimes não occultos : por isso nota que, no idioma hebreo, *delicto maximo* corresponde a *prevaricatione multa*, ou a *a delictis multis* e traduz assim :

. . . . Così il mio core
Puro sempre sarà, nè mai d'immondi
Vizj il vedrò già pieno e sozzo. . . . .

No mesmo sentido entendeu Rousseau estas duas clausulas; e por isso as expressou d'esta maneira :

Viens m'aider à fuir les vices
Qui s'attachent à mes pas :

Até

A Ti levantarei meo pensamento, E de Ti occupado, noite e dia, Tua excelsa grandeza contemplando, Cantarei teos louvores.	*Et erunt ut complaceant eloquia oris mei, et meditatio cordis mei in conspectu tuo semper.*

Viens consumer par ta flamme
Ceux que je vois dans mon ame,
Et ceux que je n'y vois pas.

Eu porem persuado-me que David desde o versiculo : « *Timor DOMINI sanctus* , etc. » tendo em vista a lei evangelica , e reconhecendo a necessidade dos soccorros da graça para detestar, de todo o coração, os peccados proprios , e merecer a absolvição da pena a que se achasse sujeito , em consequencia dos de seos pais e avós ; nas palavras *ab occultis meis munda me , et ab alienis parce servo tuo* , pede ao SENHOR que o alumie , e lhe conceda os auxilios precisos para conhecer e detestar os peccados em que tivesse cahido per ignorancia ou per effeito da cegueira intellectual , a que todos os descendentes de Adam haviam sido condemnados ; e que o releve da pena que deveria soffrer em consequencia dos delictos de seos maiores, cuja punição, segundo a crença Judaica, era transcendente de pais a filhos , até um certo numero de gerações. Este preliminar era indispensavel para poder ser participante do beneficio da redempção que devia consumar-se pelo sacrificio do homem DEUS, ou do Medianeiro annunciado pelos prophetas; e por isso David patentea ao SENHOR esta firme esperança nas palavras : « *Si mei non fuerint domi-*

Teo nome celebrado em meo psalterio Será, meo DEUS, meo Redemptor, e amparo, Em sonoroso canto de Ti digno, A teos ouvidos grato.	*DOMINE, adjutor meus, et redemptor meus.*

nati, tunc immaculatus ero a delicto maximo », dizendo lhe « seme concedeis esta graça, emtão (isto he no momento em que se verificar a redempção) sereí purificado do maior de todos os delictos, e ficarei immaculado». Ora, que o peccado de Adam deve ser considerado o maior de todos os peccados, he evidente; pois que elle he o unico que abrangeu o genero humano inteiro: o unico que para ser perdoado careceu de que o Filho de DEUS se offerecesse em sacrificio a seo eterno pai por todos os homens: e o unico que pôde deixar um vicio ou defeito radical na especie, que nem o sangue de Jesus-Christo pode extinguir. Se porem não he este o pensamento de David, e eu por consequencia me enganno, não pode ao menos duvidar-se de que d'este modo ha entre todas as expressões do poeta um nexo e uma coherencia que aliás lhe falta, e tornaria bem menos philosophica, e bem menos theologica esta admiravel composição a que Theodoreto chama com tanta razão o *Psalmo das tres leis.*

PSALMO XIX.

Exaudiat te Dominus, in die tribulationis...

Vae sem susto, ó Monarcha virtuoso;
Que de Jacob o DEUS omnipotente,
Com seo broquel, Te cobre.
Nos dias de perigo elle Te envie
Dos ceos soccorro, e de Sion te mande
Invenciveis soldados:
Com boa sombra encare os sacrificios
Que lhe offertares, e celeste fogo
Desça para abraza-los.
Fiel a teo querer, tudo regule
Com paterno carinho, e teos conselhos
Com seo sello confirme:
Teos triumphos serão nossa alegria,
E ás nuvens, exultando, levaremos
Do nosso DEUS o nome.
Cumpra o SENHOR teos votos! não duvides:
Sei que elle hade salvar o seo ungido
Da mal segura sorte:
Do thrôno augusto sobre a terra os olhos
Volverá, e seo braço nos combates
Te cercará invicto.

Falcados coches, férvidos cavallos
Dos inimigos são firme esperança;
A nossa, he DEUS sómente.
Nas corredoras rodas enleados,
Confusos cahem: cedem a victoria
Aos nossos que os abatem.
Salvo nos restitue, ó DEUS supremo,
O nosso Rei! e quando Te invocarmos,
Escuta os nossos votos.

OBSERVAÇÕES, E NOTAS.

He visivelmente este psalmo um cantico de guerra, em que o povo, cheo de confiança na protecção do SENHOR, anima o seo Rei a que entre seguro na batalha contra os seos inimigos. He uma das mais elegantes, e das mais artificiosas poesias do santo rei David. Este monarcha, tendo sido insultado, nas pessoas de seos embaixadores, per Anon, filho de Naas, Rei dos Ammonitas, que proximamente havia succedido a seo pai no thrôno d'aquella nação; e sendo informado de que elle, ligado com os Syriacos se dispunha a marchar contra os Hebreos, á testa de um formidavel exercito, que alguns expositores dizem ser de sete mil carros falcados ou quadrigas armadas, quarenta mil infantes e quarenta mil cavalleiros (e que os mais moderados dizem ser composto de quarenta mil homens, e sete centos carros de guerra); considerando as impressões de desalento e terror, que esta

formidavel força devia fazer nos animos de seos vassallos, se resolve a prevenir o ataque que o ameaçava; e para animar o seo povo, e inspirar-lhe a confiança que devia ter no soccorro do SENHOR dos exercitos, á vista da justiça de sua causa, finge não duvidar da constancia e resolução de seos subditos; e por isso, no hymno, que no templo devia ser cantado antes da sua marcha contra os inimigos, figura que he o povo quem o anima, a elle Rei, a entrar nesta empreza, prognosticando-lhe uma completa victoria.

PSALMO XX.

Domine, in fortitudine tua....

NA força de teo braço o Rei triumpha,
O' DEUS de nossos Reis, e alegre exulta
Com jubilo e transporte, ao ver cumpridos
De seo peito os desejos;
Nem quizeste que os labios seos soltassem
Inuteis rogos; antes estendeste
A mão piedosa, e terno o preveniste
Com bençõe de doçura:
De preciosas pedras lhe coroaste
A invicta frente: supplicou-te vida,
E Tu lhe deste que os vindoiros dias,
Por longo tempo, veja:

De excelsa gloria o cercas; e inda, um dia,
De esplendor e de gloria nova enchente
Sobre elle vazarão, abençoando
Gratas, futuras gentes.

Com teo semblante o inundarás de gozo,
Por quanto no SENHOR toda a esperança
Tem posto, e confia, forte e immovel,
De seo DEUS na clemencia.

A tua dextra fulminante aterre
Quantos Te odeiam, dos irados olhos
Te rompam vingadoras igneas chammas,
Que os volvam, e devorem.

Pereça o fructo infame, a vil semente
Que d'elles brota; pois conselhos impios
Teceram contra Ti, que em vão quizeram
Tornar seguros, firmes;

Força-os as costas a voltar, e settas
Contra o seo rosto, sem cessar, desfere;
Teo braço ostenta; e tua fortaleza,
Cantando, exaltaremos.

OBSERVAÇÕES, E NOTAS.

Assim como o psalmo antecedente he um canto de guerra, he este um canto de victoria. David dá, com o seo povo, graças ao SENHOR, por have-lo feito triumphar de seos inimigos: e como o primeiro cantico fora destinado para ser cantado em coro, tambem no segundo seguiu a mesma idea. O titulo he o mesmo que o do antecedente; isto he, a equivoça expressão: *Para o fim.* O sentido mystico parece ser Jesus-Christo triumphante da morte e do peccado, suplicando a seo eterno pai, que até o fim dos seculos lhe conceda victoria sobre todos os seos inimigos; isto he, que pelos meritos de seo precioso sangue, conceda a todos os peccadores auxilio, para se aproveitarem do recurso do sacramento de Penitencia que elle instituira: e torne assim o sacrificio, que no Calvario lhe foi offertado, o instrumento de sua victoria, não só sobre o peccado original, mas sobre todos os peccados dos homens. Tal se me figura, em summa, a geral intelligencia dos Santos Padres, cujo consenso forma a autoridade mais respeitavel para os Christãos, depois das decisões geraes da Igreja catholica.

PSALMO XXI.

Deus, Deus meus, respice in me. . . .

1.ª *Traducçao.*

Strophe.

MEO DEUS, meo DEUS, ao menos um aceno
De teos olhos me volve.
Porque me abandonaste? Ah! quanto afroxa
Minha esperança co'o fatal ruido
Dos crimes que me acrivam;
A Ti, durante a noite e dia, clamo:
E eu sei porque, debalde, a mim Te chamo.

Antistrophe.

Tu porem, de Israel ó honra, ó gloria,
Nos altos ceos habitas;
Nossos maiores sobre Ti firmaram
A sua fé, e sempre os libertaste:
Corriam fervorosos
A teos pés, e jamais os confundiste;
Sempre os clamores seos, attento, ouviste.

Epode.

Mas eu já não sou homem;
Qual verme ignobil sobre a terra jazo,
Sou dos homens o oprobrio, e sou da plebe
Affrontoso ludibrio;
Com mofador semblante,
Se ri do verme assim o caminhante.

Strophe.

Meneando as cabeças, todos dizem:
« No SENHOR elle espera;
« Venha pois liberta-lo, jà que o ama. »
Mas Tu es, ó meo DEUS, quem me soltaste
Das maternaes entranhas;
E dos peitos pendente, já sabia
Que em Ti minha esperança pôr devia.

Antistrophe.

Lancei-me nos teos braços; desde o ventre,
Sempre o meo DEUS tu foste;
Não Te arredes de mim, que jà visinho
Aspro momento assoma, e em meo soccorro
Ninguem levanta o braço:
Cercado estou de toiros furiosos,
Tragar-me intentam, quaes leões raivosos.

Epode.

Rugem, bramam, debatem-se;
Como agoa que esvaece, eu desfaleço,
Meos ossos todos seo lugar deixaram;
Meo vigoroso corpo
Mirrado ja seccou-se,
Qual o barro que ao fogo definhou-se.

Strophe.

Preza grudou-se minha lingoa ás fauces,
E ao pó me reduziste
Da morte; mil sabujos enraivados
Contra mim assolas; rodeou-me
Um tropel de perversos;
Os pés e mãos sem dó me cravejaram,
E os ossos todos, um a um, contaram.

Antistrophe.

Assim mesmo me arrostam, e seos olhos
Em mim fitos pozeram;
Repartem meos despojos, sortearam
A minha veste; Tu porem soccorre-me,
SENHOR, ah! vem, não tardes,
Das carniceiras mãos, e crua espada
Arranca, ó DEUS, minha alma amargurada.

Epode.

Da boca voraz salva-me
Do leão; e contra o corno aguçado
Do licorne minace e truculènto,
Teo servo humilde ampara;
Acceso em zelo ardente,
A meos irmãos direi teo nome ingente.

Strophe.

Louvar-te hei, da Igreja na recente
Fervorosa assemblea;
Vós justos, que o SENHOR temeis, louvai-o,
Progenie de Jacob engrandecei-o;
Todo Israel se prostre
Ante elle, reverente, pois aceita
Do pobre os rogos, e a ninguem regeita.

Antistrophe.

Não desviou de mim o seo semblante,
Enterneceu-se, ouvindo
Os meos gemidos; ah DEUS meo, agora
Testemunho serei das tuas graças,
Entre apinhado povo;
Da grande Igreja na presença augusta,
Meos votos cumprirei com ancia justa.

Epode.

A' minha mesa, os pobres
Verás sentados, do abastado peito
Soltando em teo louvor canoras vozes;
Viverá dos que te amam
O coração contente,
Por toda a eternidade, longamente.

Strophe.

As apartadas gentes, toda a terra,
Adorarão teo nome,
Com grande acatamento, já que o imperio
Do universo he teo só, Tu só monarcha
A natureza reges;
Té, os grandes do mundo, pressurosos,
A minha mesa adoram sequiosos.

Antistrophe.

Elles te adorarão, ante teos olhos
Já prosternados cahem
Todos, quantos a morte horrenda traga;
No teo seio minha alma, entre delicias,
Se abysmará, e os filhos
Que me nascerem, o teu nome, em tanto,
Exaltarão com zelo eterno e santo.

Epode.

A geração vindoira
Te annunciará, ó DEUS; nos ceos, a tua
Justiça soará: povo futuro
Te servirá, um dia;
Povo que Tu creaste,
Que te não conhecia, e que chamaste.

2.ª *Traducção.*

1.

O' DEUS, ó DEUS, ao menos
Attenta o meo tormento;
Já quasi sem alento,
Me sinto desmaiar;
Onde está tua antiga
Bondade, ó Pai amado,
Que assim abandonado
Me deixas maltratar!

2.

Os magoados gemidos,
Que rugem no meo peito,
Já não fazem effeito
Sobre o teo coração;
Bem sei porque não me ouves;
Meos hombros ves curvados
Co' o peso dos peccados
Da humana geração.

3.

Humilde, a pesar d'isto,
Ou raie o claro dia,
Ou desça a noite fria,
A Ti eu clamarei;
E não será debalde,
Que a Ti eu clamo e brado;
Sei porque estás irado,
Sei que Te abrandarei.

4.

Se dentro de Ti-mesmo
Habitas venturoso,
E centro glorioso
Es de immortal prazer;
Sempre ouves com piedade
As nossas desventuras,
Consolações misturas
Com duro padecer.

5.

No templo santo habitas,
E es todo o nosso amparo,
Do pranto triste e amaro
Tornando doce o fel:
Os teos louvores canta
Judá, em longa historia,
Tu es a honra e gloria
Do povo d'Israel.

6.

Os nossos pais constantes
Em ti se confiavam,
E nunca em vão rogavam
Teo terno coração:
Clamaram, e depressa
Se viram libertados,
Jamais foram deixados
Com pejoe confusão.

7.

Eu só, desamparado
Verei os meos clamores
Baldar-se entre os furores
De gente insana e má.
Meos males decretaste,
He certa a minha sorte;
Soffrer tyranna morte
He força em fim que eu vá.

8.

Nem homem ser pareço,
Mas fraco e baixo vérme;
De quantos vem a vêr-me
Ludibrio triste sou:
A plebe vil e indigna
Me encara com desprezo,
E maltratado e prezo
A face aos golpes dou.

9.

Flagellos tresdobrados
As carnes me rasgaram,
De espinhos me cercaram
Sem terem compaixão;
Pesado lenho curva
Meos hombros fatigados,
E ferros aguçados
Me cravam pés e mão.

10.

Com ferozes blasfemias,
Crueis espectadores
Avivam minhas dores,
E accrescem seo furor;
Torcendo suas cabeças
E seos beiços inclementes,
Com ditos insolentes,
E riso mofador.

11.

Dizer-me não duvidam:
« Se es filho do DEUS vivo,
» Ufano desce, e altivo,
» Da dolorosa cruz.
» Porque a liberta-lo
» Não vem seo DEUS amado,
» E contra nós vibrado,
» Seo raio inda não luz?

12.

» Gabouse que, em tres dias,
» O templo destruido
» Veriamos erguido,
» Ao som da sua voz:
» E agora já não sabe
» Mostrar força divina,
» E soffre a sorte indina,
» A que nescio se expoz.

13.

« Se manda sobre a morte,
» He tempo de prova-lo:
» Impere! e acredita-lo
» Ninguem duvidará ».
—Não sabem o que fazem,
Excusa-os, Pai amado;
Um erro desgraçado
A tudo causa dá.

14.

Mas Tu bem me conheces,
Tu-mesmo me formaste,
E me desencerraste
Do ventre virginal;
Dó seio intacto o leite
Inda eu não delibava,
E ja me esperançava
Teo braço divinal.

15.

Desde o materno ventre,
Lancei-me nos teos braços,
Com paternaes abraços
Vieste me afagar;
Sempre o meo DEUS tu foste,
Eu sou teo filho caro;
E n'este lance amaro,
Tu queres me deixar?

16.

Ah! não, não me abandones,
Bem veso meo tormento,
E quanto o inferno attento
Oppôr-me, em furia, quer
O meo maior combate
He co' a infernal serpente,
E só teo braço ingente
Me pode soccorrer.

17.

Batalho solitario,
E o inimigo forte
Com-sigo traz a morte,
E innumero esquadrão;
Com formas temerosas,
Me cinge, e os ares cerra,
De monstros cobre a terra,
Denigre todo o chão.

18.

Por conservar o throno
Que usurpa sobre o mundo,
Assopra furibundo
A raiva a mais cruel:
Dos Sacerdotes torna
O peito fementido,
No Phariseo infido
Embebe amaro fel.

19.

D'aquí toiro fervente
Me investe, abala, e estruge;
D'allí feroz me ruge
Indomito leão;
Rangindo agudos dentes,
Vem todos devorar-me,
E para lacerar-me,
Fizeram união.

20.

Qual agoa, já das veas
Me corre o sangue em fio,
Suor copioso e frio
O corpo me banhou;
Meos ossos se desunem,
E o coração tremente,
Qual cera ao fogo ardente,
De todo se finou.

21.

Qual barro na fornalha,
O meu vigor secou-se,
E ás fauces apegou-se
A lingoa, e preza jaz;
Mysterioso brado
Soltei do afflicto peito,
Eu tenho sede, e effeito
Nenhum meo brado faz.

22.

Por cume de impiedade,
Bebida nova inventam,
Vinagre me apresentam,
E desabrido fel.
As pulverosas portas
Eu vejo em fim da morte,
Em fim já sinto o corte
Final, duro e cruel.

23.

He tudo consumado,
Já lanço o extremo grito,
Entrego o meo esprito
A Ti, ó meo SENHOR!
Mas quanto foi malvado
O plano que traçaram
Aquelles, que cevaram
Em mim o seo furor!

24.

Com que cruenta sanha
Cães feros me cingiram
Mordendo conseguiram
Meo corpo lacerar!
De cravos me passaram
As mãos e pés chagados,
E os ossos deslocados
Puderam numerar.

25.

Com olhos encendidos,
De facto os numeraram,
Mil vezes me encararam
Com horrido prazer;
Partiram meos vestidos,
E a sorte decidia,
Da veste que eu trazia
Quem dono havia ser.

26.

Meo DEUS, ah! não demores
Teo braço em minha ajuda,
He tempo que me acuda
Teo braço, em tanto mal;
Chegar a causa vejo
Dos gritos que lançava,
Combato a furia brava
Do exercito infernal.

27.

Já vibra a ferrea espada
A tropa tenebrosa,
E a frente entona irosa
O perfido Dragão;
Minha alma preciosa
Arranca aos cães fogosos,
Licornes temerosos,
E rugidor leão.

28.

Meo DEUS, faze que eu vença,
E leve, maneatado
Ao carro, o vil peccado,
Que tanto dominou!
Do tumulo sombrio
A' nova vida eu surja,
E o tempo em fim ressurja
Que o mundo suspirou!

29.

Vencidos meos contrarios,
Teo nome triumphante
A meos irmãos constante,
Fiel repetirei:
Erguendo a voz na frente
Do unido povo todo,
Em terno e doce modo,
Grato, Te louvarei.

30.

Venci, venci, ah! cesse
Meo rogo e meo lamento;
Gadeas cento a cento
Já prendem o traidor;
Ao pé da cruz prostrado,
Em fim jaz o tyranno,
E esmago o collo insano
Do impio usurpador.

31.

Despovoado o abysmo,
E despedaçada a morte,
Abrí ufano e forte
Os encerrados ceos:
Progenie de Jacob,
Semente pura e santa,
Louvor perpetuo canta
A teo piedoso DEUS.

32.

Temei-o, respeitai-o,
Porque compadecido,
Seo filho promettido
A's gentes enviou;
E os meos ardentes rogos
Ouviu com rosto attento,
E o terno meo lamento,
Piedoso, consolou.

33.

Meo DEUS, que povo immenso
Que Igreja numerosa
Eu vejo fervorosa
Cantando o teo louvor!
A Terra toda ajunta-se,
Vem férvida exaltar-te,
Terás em toda a parte
Sincero adorador.

34.

No meio do concurso,
Meo sacrificio augusto
A Ti, DEUS santo et justo,
Irei offerecer.
De pão vivo e celeste
Saciarei o peito
Do pobre, e satisfeito
Te irá engrandecer.

35.

Ventura sempiterna
Terão os fatigados,
Que forem sustentados
Do meo doce manjar:
Deixando erros antigos,
Virão a Ti chorosos,
Humildes, anciosos
Perdão a supplicar.

36.

De um polo a outro polo,
Quantos a vasta Terra
Em si povos encerra,
Teo nome adorarão:
Os idolos quebrando,
Que Tu es DEUS sómente,
SENHOR de toda a gente
Em alta voz dirão.

37.

Monarchas poderosos
Verás, e imperadores,
Fieis adoradores
Prostrados a teos pés;
Recebem adorando,
Com serio acatamento,
O divinal sustento,
Que o meo amor lhes fez.

38.

Nos ceos, a Ti liado
Em nó sempre ineffavel,
Me assentarei estavel
A' tua dextra mão;
E a minha ampla familia
Te servirá constante,
Com fervorosa, e amante,
Eterna adoração.

39.

A geração vindoira
A Ti será votada,
E a terra illuminada
Que o braço teo creou:
Os teos altos juizos
Serão manifestados
Aos homens enganados,
Que o vão erro cegou.

OBSERVAÇÕES, E NOTAS.

Que este psalmo seja prophetico á paixão de nosso Redemptor Jesus-Christo, he cousa de que nenhum Christão pode duvidar. S. Matheus, e S. João, nos seos evangelhos, referindo que os soldados, que assistiram ao suplicio do SENHOR, lançaram sortes, entre si, para deciderem, a qual pertenceria a sua sagrada tunica, expressamente dizem que assim se verificára a prophecia: *Et super vestem meam miserunt sortem.* Donde se vê que na Igreja Christãa, desde a sua origem, foi este psalmo considerado como prophetico, e todo relativo a Jesus-Christo: sem que de modo algum possam obstar a esta verdade as objecções de Theodoro de Mopsuesta, e de outros similhantes escriptores, patentes ou disarçados inimigos do christianismo. S. Agostinho, na exposição d'este psalmo, não duvidou dizer, que a paixão de Jesus-Christo se acha nelle tão claramente exposta, antes de acontecer, como nos Evangelhos mesmos, depois de realisada. Sobre o titulo d'elle se offerecem porem duvidas e variedades muito notaveis. No original hebreo, a sua inscripção he *Lamnareah hal ajeleth asachar mismor le David.* Inscripção, que os setenta traduziram assim: Εἰς τὸ τέλος. Ὑπὲρ τῆς ἀντιλήψεως τῆς ἑωθινῆς, ψαλμὸς τῷ Δαυίδ ». Na Vulgata lê-se o titulo: « *In finem pro susceptione matutinâ* ». Em S. Hieronymo: « *Victori pro cerva matutina* ». Saverio Mattei diz que elle he o seguinte: « Cantata di Davide, d'accompagnarsi c'olla cerveta de l'aurora ». Ha quem pertenda que

S. Hieronymo, em vez de *cerva matutina* devera escrever *stella matutina*; e sobre a intelligencia da palavra *cerva*, não he menor a discordancia. Alguns pertendem que *cerva matutina*, ou *cerva Auroræ* significa o nascer do sol, por isso que entre os Orientaes era commum a comparação do aparecimento do sol no horizonte, com uma cerva ou corsa saltante. Outros, com razões igualmente attendiveis e luminosas, pertendem que *cerva matutina* era um instrumento musico, construido de osso ou de ponta de veado, destinado para o acompanhamento das musicas alegres, ou dos canticos proprios das festas cyclicas, isto he, das festas do começo dos cyclos, ou renovação dos periodos sagrados; as quaes eram sempre alegres, por isso que esperançosas de novas venturas, ou da renovação das já perdidas. A opinião de S. Agostinho he que per *susceptione matutina* deve entender-se a resurreição de Christo; pois que a sua primeira apparição, depois de ressuscitado, teve lugar na madrugada do sabado seguinte á sua morte. Esta intelligencia he conforme á que elle dá ao psalmo mesmo, e por consequencia aquella que me persuado deve ser adoptada per todo o Christão dotado de verdadeira piedade.

PSALMO XXII.

Dominus regit me....

1.

O meo DEUS he minha guia,
Tenho tudo de abundancia;
A mais suave fragrancia,
Verde e fresca amenidade,
He dos prados companhia,
Onde assentou minha herdade;
Com perenne fonte a rega,
Me conforta, e me socega.

2.

D'estas agoas a virtude (1)
Meo espirito illustrando,
Sempre fui meos pés firmando
Da justiça pela estrada;
Em vão assaltar-me estude (2)
Tenebrosa morte irada;
Sem temor, ó DEUS, a vejo;
Pois ao lado teo forcejo.

---

(1) No original está:

Por mostrar seo braço forte,
A minha alma illuminando.

(2) No original está:

Em vão me acomette a morte
De densas sombras cercada.

3.

O cajado, e a lisa vara
Com que sempre me regeste,
Ao voraz lobo que investe
Vigorosa fere, e mata:
E contra a cohorte amara
Que me segue e me maltrata,
A meos olhos preparaste
Pingue mesa, e me esforçaste.

4.

Mil perfumes sobre a frente
Me espargiste, generoso;
E como he delicioso
O cális com que me abrandas
Minha sede impaciente!
Ah! benignas sempre e brandas
Tuas mostras de piedade
Me sigam em toda a edade.

5.

Sim, meo DEUS, serás piedoso
Com teo servo, e longamente
Te que eu possa eternamente,
Roto o veo que me circunda,
Ver teo rosto glorioso;
Oxalá serena e munda
Já minha alma, leda entrasse
No teo paço, e te gozasse!

OBSERVAÇÕES, E NOTAS.

Não he facil determinar, com alguma probabilidade, qual fosse a occasião e o motivo que David teve, para a composição d'este psalmo. A opinião mais verosimil he que elle fora composto no deserto de Zif, no tempo das grandes tribulações que o propheta Rei experimentou, quando, abandonado dos seos, não podia já ter outra confiança, senão a que lhe inspirava a sua piedade, esperando de DEUS o remedio de seos males. He na verdade admiravel a constancia de David, e o modo com que encara os bens mundanos; e não menos a resignação com que se acomoda a seo duro destino temporal: certo que ou o SENHOR o ajude com o seo baculo, ou o castigue com a vara da sua justiça, o seo fim he condusido a ser bemaventurado na patria dos justos, ou na casa do SENHOR, aonde espera permanecer, ate completar o tempo destinado para a sua existencia, como assaz claramente indica o versiculo: *Ut inhabitem in domo DOMINI, in longitudinem dierum.* Vejam-se os observações ao psalmo 54.

PSALMO XXIII.

Domini est terra , et plenitudo ejus....

A terra he do SENHOR, e a copia ingente
De suas producções, o Orbe, e quantos
Encerra habitadores;

Porque elle equilibrou-o sobre os mares,
E sobre os rios o fundou. — Quem hade
Subir ao monte santo,

Onde d'este DEUS grande o throno brilha?
Quem permanecerá dentro em seo templo?
— Somente o que recosta

Mãos innocentes sobre puro peito,
Nem aventura, temerario e louco,
Sua alma, e não engana

Fementido a seo proximo, jurando.
Este o retrato dos que a face buscam,
A face radiante

Do DEUS excelso de Jacob. Eis chega
O suspirado instante; ouvî, ó Principes
Da gloria, abrî as vossas,

Longo tempo cerradas, aureas portas:
O' portas eternaes desencerrai-vos,
Que assoma o Rei da gloria.

—Quem he esse Monarcha glorioso? —
He o DEUS poderoso nos combates,
O DEUS forte, e potente.

Celestes Principados, vossas portas
Abrî, não duvideis, erguei-vos promptas,
Portas da eternidade;

Ao Rei da gloria franqueai a entrada.—
—Quem he esse da gloria Soberano? —
A's tremendas virtudes,

Aos poderes, e exercitos celestes
Elle altivo commanda: este he da gloria
O Monarcha supremo.

OBSERVAÇÕES, E NOTAS.

Santo Agostinho, e com elle Theodoreto e Santo Athanasio são de opinião que David composera este psalmo, para celebrar o primeiro dia da creação do Universo. Os Rabinos Kimchi e Abenesra afirmam que elle foi composto, em consequencia da manifestação que o SENHOR se dignou fazer a David, pela voz do propheta Natan, do sitio em que elle queria que sobre o monte Sion se lhe edificasse o templo, em que devia ser adorado. Du Pin e Bossuet parecem inclinar-se a que David composera este psalmo, para ser cantado quando a arca da alliança foi transportada da casa de Obededom para o tabernaculo. As duas ultimas

ultimas opiniões de nenhuma sorte destroem a primeira, que não tem por objecto designar a occasião, em que o psalmo foi composto, mas tam sómente, qual foi o verdadeiro objecto que David tivera em vista, quando o compoz. No titulo ou epigraphe que a Vulgata antepõe a este cantico se lê « *prima Sabbati, psalmus David.* Que a primeira clausula *prima Sabbati* designa o primeiro dia da semana, he evidente; e que este dia correspondendo, na opinião dos Hebreos, ao primeiro dia da creação, o psalmo tinha por objecto commemorar este grande dia, parece uma consequencia mui natural. Porem a epigraphe, correspondente á *prima Sabbati*, não se acha no original Hebreo, nem nas mais antigas versões gregas. Alguns eruditos asseveram mesmo que ella não existia na versão dos setenta, a pesar de se ler na edição Plantiniana de Antuerpia, e na Complutense d'essa mesma versão. O contexto do psalmo mostra que elle he um cantico de alegria, e que o seo fim he inspirar o santo respeito, que devemos ter ao Creador e SENHOR do Universo, e a pureza de coração com que cumpre que nos apresentemos em o seo templo, ou no lugar destinado ao seo culto. A allusão á creação, como origem ou argumento do dominio do SENHOR sobre todas as cousas creadas, he expressa na letra d'este formoso cantico: por tanto parece que, ou elle foi desde a sua origem um canto Cyclico, destinado para ser cantado no dia da renovação do periodo sabbatico ou semanal, ou que com muita razão lhe foi depois apropriado.

PSALMO XXIV.

Ad te, Domine, levavi....

A Ti, SENHOR eterno, ergui minha alma;
Em Ti, meo DEUS, confio; as minhas faces
Jamais ninguem verá de rubor tintas,
Ou confusão turbadas.

De mim não zombarão meos inimigos,
Que Tu não deixas os que em Ti confião,
Confusos serão so da iniquidade
Os reos desassisados.

Aponta-me, ó SENHOR, tuas veredas;
Com a tua verdade me dirige,
Pois es meo Salvador, e em Ti mantive
Sempre minha esperança;

Recorda-te da tua sãa clemencia,
Tua misericordia eterna exerce;
Os delictos da minha mocidade,
Minha cegueira, esquece.

Por amor da bondade que Te adorna,
Sé piedoso comigo, ó DEUS amavel:
De justiça e doçura são banhadas
Do meo DEUS as entranhas.

Ao que delinque novamente ensina
O perdido caminho, e meigo esforça
Os doceis e pacificos, sostendo-os
No seo suave jugo.

Os passos do SENHOR sempre marcados
São de piedade, e lucida verdade;
Para os que buscam, com singelo peito,
Seo testamento santo.

Attende á tua gloria, ó DEUS, perdoa
O meo peccado, pois he grande e horrendo;
Quem te temeo debalde? ah! venturoso
O que ao SENHOR se humilha.

Emprenda qualquer passo, elle he seo guia;
Sua vida, entre bençõe abundantes,
Se alongará, e os filhos que gerara
Gozarão sua herança.

O SENHOR he esteio dos que o temem,
Até os seos decretos lhes revela;
Os meos olhos terei sempre voltados
Para este DEUS benigno.

Elle me soltará os pés do laço
Que me involve, e me prende. Olha piedoso,
SENHOR, as minhas penas; só e aflicto,
A cada instante crescem,

De umas em outras, sem cessar, despenho-me;
Meo coração arranca a tantas magoas,
Vê minha dor, e duro abatimento,
E meos crimes perdoa.

Multiplicam-se os feros inimigos,
Que me abhorrecem com rancor iniquo;
Minha alma, ao menos a minha alma rouba
A tam horrivel sanha.

Não me envergonho, pois em ti espero;
A mim unidos, suas mãos levantam
Os justos, e innocentes, porque viram
Que em ti eu confiava.

Vem, ó NUME supremo, soccorrer-nos,
Livra o magoado teo querido povo
De todas as, que o peito lhe repassam,
Tribulações amaras.

OBSERVAÇÕES, E NOTAS.

Ignora-se a occasião, em que este bello psalmo foi composto. Elle he o primeiro dos acrosticos ou alfabeticos, os quaes na sua totalidade são somente sete; a saber, este e os psalmos 33, 36, 110, 111, 118 e 144. Porque motivo foram os seos versiculos marcados com as letras do alfabeto hebraico, he coisa ina-

veriguavel. O numero sete parece indicar que elles eram destinados para serem cantados em alguma determinada semana do anno, pela ordem successiva dos dias. No seo titulo se lê a clausula *para o fim*, clausula que se encontra em muitos outros psalmos, e sobre a qual ja disse o que me parece mais verosimil. S. Hieronymo diz que este psalmo he a voz da Igreja dirigida a Christo : S. Agostinho porem afirma que Christo he quem n'elle fala; bem que seja na pessoa da Igreja. S. Athanasio lhe atribue uma particular virtude, para dissipar as insidias dos inimigos de quem o repete com verdadeira confiança no SENHOR : pois escrevendo a Marcello, lhe dizia : « *Si inimici tibi* » *imminent, tu tamen erige animum ad DOMI-* » *NUM, et dic vigesimum quartum psalmum, et vide-* » *bis inimicos frustra agere* ». Não me compete analysar esta opinião, que piamente creio ser conforme aos sentimentos da Igreja catholica romana; mas devo advertir que ella não deve entender-se, no sentido grammatical do discurso do S. Padre; pois que a nossa religião de acordo com a razão, nos prohibe atribuir particular virtude ou merito a determinadas palavras, por mais piedosos que sejam os pensamentos por ellas expressados. Nas disposições de nosso animo, e na pureza de nossos sentimentos, consiste o nosso merecimento, se algum ha em nós, que nos faça dignos das misericordias da SENHOR, sem intervenção dos meritos de Jesus-Christo nosso Redemptor.

PSALMO XXV.

Judica me, Domine, quoniam....

JULGA-ME, ó DEUS, e vê que da innocencia
Sempre segui o trilho,
E não fraquejarei, porque confio
No teo piedoso braço:
Vem provar-me, ó SENHOR, embora tenta,
Ao fogo abraza, e afina
O meo peito; verás que não o mancha
Impura estranha liga:
A tua piedade ante meos olhos
Está presente sempre,
E na tua verdade tenho posto
As minhas complacencias.
Detesto de vaidade as assembleas,
Co'os perversos autores
De iniquidades nunca os hombros uno.
Profanos vis congressos
Dos malvados odeio, e o duro aspecto
Dos impios nem supporto.
Lavarei minhas mãos entre innocentes,
E teos santos altares
Circumdarei, SENHOR, para que possa
A minha voz louvar-te,

E ressoar as tuas maravilhas.
Sempre na formosura
Da tua casa achei minhas delicias.
Teo immortal assento
Sempre amei, ó meo DEUS; ah! não sepultes
Meos desditosos annos
Entre impios, não retalhes minha vida
Entre homens sanguinosos,
Em cujo seio iniquidades moram,
E corruptoras dadivas
As mãos lhes pejam: eu porem constante
Conservei a innocencia;
Não me abandones, vem SENHOR, livrar-me,
De mim te compadece:
Devoto, os pés com firme segurança
Pousarei no teo templo,
E no concurso de teo povo amado,
Exaltarei teo nome.

OBSERVAÇÕES, E NOTAS.

Não só o titulo d'este psalmo he o mesmo que o do precedente, mas Calmet he de opinião, que este e os dois seguintes são uma continuação d'aquelle; e que todos quatro formam um unico cantico, ou que pelo menos são quatro composições sahidas da mesma penna, sobre o mesmo assumpto, e na mesma occasião. He incerto se este he de David; mas os que

lh'o atribuem, pensam que elle fora composto, quando este principe fugia a ira de seo sogro Saul. Como quer que seja, elle he a expressão viva e pura de uma alma que confia na propria innocencia, e que ardentemente deseja fazer-se cada vez mais digna de cantar os louvores do SENHOR do Universo.

PSALMO XXVI.

Dominus illuminatio mea, et...

HE o meo DEUS que me illumina, e salva:
Quem temerei? o meo SENHOR protege
A minha vida: que fatal perigo
Pode assustar-me?

Em vão bramando, lacerar, tragar-me
Os meos contrarios, com furor, anhelam;
Já desmaiados, sem valor, cahiram;
Jazem per terra.

Se a mim fronteiros arraiaes soberbos,
Feros, assentam, sem receio os vejo;
Quando o combate me offereçam, tenho
Em quem espere.

Uma só graça sem cessar suplico;
Que eu ainda habite do SENHOR a casa,
Em quanto a vida me cercar os olhos
De amavel lume.

Possa, inda um dia, embriagar minha alma
De seos deleites, e ineffavel gozo
No templo santo, que o SENHOR prepara
Aos seos amados!

Ah! quantas vezes de tyranna empreza,
Dentro em seo templo, me escondeu piedoso!
Qual sobre erguida inaccessivel rocha,
Me alça e sublima.

De todo sobre meos crueis imigos
Alçou a minha defendida frente;
Em torno ainda banharei de victimas
As suas aras:

Ver-me ham cantando sonorosos psalmos.
Ouve, ó meo DEUS, a minha voz que brada,
A mim te volta, meo afflito peito
Te está chamando;

O meo semblante sem cessar inquieto
Te está buscando; mil ardentes rogos
A cada instante renovar intento,
Te que me escutes.

Não me abandones, de ira aceso, e escondas
A tua face: vem a meo soccorro,
Nem me desprezes, ó SENHOR, que a força
Es de meo braço.

Desamparado, solitario jazo,
E ja meo pai e minha mãe fugiram-me;
Só o SENHOR, em tanta magoa terno,
Agazalhou-me.

Vem moderar-me pelos teos caminhos,
Firma meos passos na direita estrada,
O' DEUS, não deixes que eu entregue seja
A meos imigos.

Pois testemunhas contra mim surjiram,
E a iniquidade falsidades trama,
Para opprimir-me; nem assim falece
Minha esperança.

Teos bens já cuido, na saudosa patria,
Ver, dos viventes: sê viril, constante,
Ah! não palpites, coração tremente,
A DEUS espera.

OBSERVAÇÕES, E NOTAS.

Ou este psalmo seja, ou não, uma continuação do precedente, he certo que elle tem, nos antigos manuscriptos do psalterio, por titulo «psalmo de David» e que os setenta lhe acrescentaram a clausula «antes que fosse ungido»; clausula, que igualmente se lê na Vulgata, e que parece atestar que os exames á cerca de quem fosse

o seo verdadeiro autor, fizeram reconhecer que elle he David, pois que até foi possivel achar documentos, que mostram have-lo o santo Rei composto, antes de haver sido ungido. Entre tanto devemos confessar, que tam pouco adiantada a critica, n'aquelles tempos estava, que estas considerações não forão bastantes, para convencer os interpretes que depois discutiram esta materia.

E na verdade, na clausula acrescentada pelos setenta, não se declara á qual das unções de David se deve referir aquella asserção. David foi ungido tres vezes, a primeira pelo summo sacerdote Samuel, em Bethleem sua patria, quando elle o designou per ordem do SENHOR para succeder a Saul; a segunda, quasi dez annos depois em Ebron, sómente per eleição da tribu da Juda; e a terceira, sete annos depois, tambem em Ebron, pelo acordo de todas as tribus.

De mais, o contexto d'este cantico, examinado no seo literal sentido, não pode aplicar-se a David. He dificil na verdade deduzir do contexto, por quem, e em que occasião elle foi composto. Os versiculos 6, 7 e 8, e não menos o 10 e 15, parecem indicar que elle fora composto para ser cantado por algum principe que, abandonado ou privado de todos os seos, sem excepção de seos proprios pais, se vira exposto, na sua tenra mocidade, aos furores de um inimigo poderoso, ao qual so podera escapar, sendo escondido no templo do SENHOR, e no mais recondito logar do tabernaculo; que alí creado, e exercitado entre os sacrificadores e os cantores, ja não ambicionava outra

gloria senão a de terminar os seos dias como os havia começado, empregando-se unicamente no serviço do templo; que assim o tinha suplicado muitas vezes ao SENHOR, quando lisongeiras esperanças lhe figuravam a possibilidade de subir algum dia ao throno de seos maiores; mas que em fim chegado o momento critico, em que era preciso, a travez de novos perigos, reassumir o sceptro, que de direito lhe pertencia, se resigna na vontade de DEUS, e lhe pede que o illumine, e que o dirija no caminho da justiça e da piedade.

Ora todas estas condições sómente se verificam no Rei Joás, que abrigado no templo pelo summo sacerdote Joiada, e salvo da cruel perseguição de Athalia, existiu escondido naquelle sagrado asylo até o momento, em que as desconfianças e as novas perseguisições d'aquella impia Rainha, pozeram o summo sacerdote na necessidade de dar os unicos passos, que lhe restavam para elevar o Rei menino ao throno de seos avós.

Todo o psalmo parece ter sido organisado na intenção de que o mesmo Rei o cantasse no templo, até o fim do versiculo 17. Então o supremo sacerdote, como inspirado pelo SENHOR, para animar o Rei e os seos sequazes, devia cantar os versiculos 18 e 19, com que o psalmo remata.

Le Clerc foi o primeiro que atendendo devidamente ao sentido literal d'este canticó, se lembrou de que elle seria composição de algum varão pio, a quem o summo sacerdote Joiada o encomendara, para ser cantado pelo menino Joás, e acostuma-lo assim á falar a lin-

guagem de um Rei santo. Mas Le Clerc he sempre suspeito aos Catholicos romanos, e talvez por isso o meo douto amigo se desviou da sua opinião. Eu, reforçando-a com algumas razões derivadas do contexto do psalmo, não pretendo que ella seja preferida, entendo sim que ella he a mais plausivel; e que mesmo Le Clerc não se serviu de todos os argumentos, que o proprio psalmo offerece em favor d'este pensamento. Entretanto não vejo, porque razão esta opinião deva ser rejeitada.

Que este psalmo seja de David ou de outro qualquer autor, divinamente inspirado, he indiferente á crença catholica. Muitos dos canticos do psalterio se reconhece não serem de David, e nem por isso deixam de constituir parte d'este livro canonico. A Igreja não declarou nunca (e presumo que com isso senão embaraça) quem foram os autores dos diversos canticos que se contem no psalterio. Declarou este livro canonico, ou divinamente inspirado; e he quanto basta. O mesmo Espirito divino, que inspirou David, e Asaph, que inspirou Jeremias, Isaias, etc., não podia tambem inspirar o summo sacerdote Joiada? Quem nos assevera mesmo que os psalmos atribuidos a David e Asaph são todos realmente obras de autores hebreos? Quem nos diz que alguns d'elles não são canticos traduzidos do Arabe, do Chaldaico, ou de outra alguma lingua oriental; os quaes per um povo alumiado e instruido, muito mais do que os Israelitas, eram cantados em honra do unico DEUS verdadeiro, em commemoração de

seos beneficios, e da maneira por que havia salvado o Mundo das grandes calamidades e revoluções physicas, que este havia sofrido? O livro do Job não he uma composição Arabe ou Chaldaica? E deixa elle por isso de ser, com summa razão, contado entre os livros canonicos?...

Mas em fim, seja o que for, he certo que este psalmo encerra sentido mystico, sobre o qual nada digo, porque essa materia transcendente he muito superior ás forças de meo entendimento. Eu limito-me á critica profana, que pode ter lugar nos livros sagrados; quero dizer, á indagação de seos autores, e do tempo e occasião, em que foram escriptos, e á exposição das bellezas poeticas, de que me deixa ainda formar algum conceito a, de nenhuma sorte poetica, versão do psalterio, feita pelo autor ou autores da Vulgata: e se alguma expressão minha pode ser entendida em outro sentido, não he por que eu o tivesse em vista, mas sim porque alguma falta de advertencia me fez aparentemente desviar do principio que adoptei, como inalteravel n'este trabalho, que só emprehendi por credito de um amigo digno do maior respeito, pelos seos talentos, piedade, e virtudes moraes, e a quem eu com mais razão do que Horacio a Virgilio, posso, e devo chamar *metade de minha alma*.

PSALMO XXVII.

Ad te, Domine, clamabo....

Ao meo SENHOR eu clamarei: responde,
O' DEUS, a meos clamores; se te escondes,
Similhante serei aos que o sepulchro,
Entre sombras, absorve.

Em quanto as mãos para o teo templo estendo,
A minha voz, os meos gemidos ouve.
Não me arrojes assim, como aos malvados,
Co'os impios não me percas;

Cuja voz adoçada o mal encobre
Dos venenosos peitos: quaes as obras
Que fazem e meditam, assim sejam
As suas recompensas!

Retribue, SENHOR; dá lhes o preço
De seos delictos; ja que não atinam
Teo divino querer, ao chão os lança,
Nem mais os alevantes.

Bemdito seja DEUS que a voz humilde
Do seo servo escutou! DEUS meo amparo,
DEUS he meo protector, n'elle minha alma
Esperou; e ajudou me.

Refloreceu a desmaiada carne,
E o coração de novo fogo acceso,
Sonoros hymnos, que o seo nome exaltem,
Me inspira agradecido.

Elle he do povo seo escudo e força,
Do seo ungido protector e amparo;
Salva o teo povo, meo SENHOR; bemdize
Tua escolhida herança:

Com teo potente braço, o guia e rege;
Sobre inimigas barbaras cohortes,
Sua frente sublima, com soberbos
Sempiternos trofeos.

OBSERVAÇÕES, E NOTAS.

Já nas observações sobre o psalmo 25 disse qual era a opinião de Calmet a respeito d'este 27.º Não sustento nem impugno o parecer d'este douto expositor; mas a verdade exige que eu diga que as suas conjecturas a este respeito são singulares. A maior parte dos expositores e paraphraseadores não duvida, de modo algum, atribuir este psalmo a David, não obstante que no seo titulo se leia « de David ou para David », clausula que parece indicar alguma duvida da parte do collector d'estes sagrados canticos, sobre o seo verdadeiro autor. A occasião de sua composição tambem he incerta. Uns a referem ao tempo em que elle sahiu de Hierusalem, fugindo de seo filho

filho Absalon: outros o referem ao tempo em que elle andava fugitivo pelos desertos, escondendo-se á ira de Saul. Entretanto, sustentando com Calmet, que este psalmo he uma continuação dos tres antecedentes, e com Le Clerc, que elle foi composto para ser cantado pelo Rei Joás; pode dizer-se que elle he o cantico de acção de graças, que Joás rendeu ao SENHOR, quando se viu pacifico possuidor do reino, depois de tantas tribulações e perigos; e em que continuava a pedir-lhe o seo soccorro e amparo, para não desviar-se da carreira da justiça. O versiculo 2º mostra que o Rei menino, desejoso de continuar a orar ao SENHOR no seo santuario, e vendo-se fora do templo, se voltava ao menos para aquella parte, com saudosa piedade, erguendo as mãos ao Ceo, quando lhe dirigia as suas suplicas. E o versiculo 10 nas palavras « *Et refloruit caro mea* » assaz indica a renovação do imperio, na descendencia de Achab.

PSALMO XXVIII.

Afferte Domino, filii Dei, ...

1.ª *Traducção.*

Os cordeiros mais fermosos,
Filhos de DEUS, procurai;
Apressai-vos fervorosos,
Ao SENHOR sacrificai.

Trazei gloria ao nosso DEUS,
Seos louvores entoai,
Té os astros exaltai
O DEUS da Terra e dos Ceos.

De procellas rodeada,
Sobre as agoas retumbou
A voz de DEUS, grande e irada,
Ceos e mares abalou.

A voz do SENHOR rebomba
Com estrondoso fragor;
Penetra, quebra, espedaça
Os cedros de mais vigor.

Treme o Libano, e o Ermone,
Quaes novilhos alentados;
Qual licorne, os seos rochedos
Saltam do raio abrazados,

Eis que a sua voz retalha
O fogo devorador:
Solitarios bosques fremem,
De sua voz ao estridor,

Abala o ermo deserto
De Cades, e faz vagar
De susto os cervos errantes,
Sem abrigo divizar.

Não ha espesso arvoredo,
Não ha brenha triste e escura,
Que não faça esta voz pura
Sem tronco e ramos ficar:

Eis que ja todos se acolhem
A seo templo pressurosos;
Erguendo os olhos chorosos,
Vam seo nome engrandecer.

O SENHOR a chuva, e os raios
Domina, a tudo dá lei,
Porque elle somente he rei,
E throno eterno ha de ter.

Já se aplaca, ja rodea
O seo povo de valor,
Acalmou-se a honrenda e fea
Tempestade, e seo furor:

Bemdisse ao seo povo amado,
Dos perigos o salvou,
E no seio o recostou
Da paz, com paterno amor.

2.ª *Traducção.*

Strophe 1.

Apostolos, de um DEUS filhos primeiros,
Offertai ao DEUS vivo
Os filhos que gerastes á verdade;
Glorificai, honrai a Divindade,
Prostrai-vos reverentes,
Adorando o SENHOR na entrada augusta
Da começada Igreja santa e justa.

Antistrophe 1.

Escutai o estampido pavoroso,
Com que a voz do DEUS grande
Sobre as agoas se espalha; qual resoa
Nos ares o trovão, e tudo atroa;
O tom omnipotente
As fez vivificar; n'ellas banhados
Os homens afogaram seos peccados.

Epode 1.

Já foram n'outro tempo
Da devina vingança executoras,
Quando os ceos e os abysmos conjurados
Alagaram o Globo:
Agora são de paz e de amisade
Messageiras á lassa humanidade.

Strophe 2.

Que voz sublime! já ao som terrivel
O peito forte estala
Dos princepes soberbos que occupavam
A Terra, e dos Monarchas que entonavam
A temeraria frente:
Como os cedros do Libano frondosos
Se ostentavam sob'ranos, e orgulhosos.

Antistrophe 2.

Quaes erram vagabundos pelo Libano
Indomitos bezerros,
Taes em pedaços os altivos peitos
'Stalando saltam, pela dor desfeitos,
Que excita e inspira o amado
Do omnipotente DEUS Filho, que impera
Igual ao valeroso Pai que o gera.

Epode 2.

A voz de DEUS retalha
As igneas linguas que, encendidas descem,
E as almas dos apostolos inflamam;
Já luz brilhante, e nova
Illumina de Cades o deserto,
E dos mortaes afoita o passo incerto.

Strophe 3.

A solitaria terra, que a virtude
Fugira espavorida,
De novo se povoa, e a brenha ingrata
De abrolhos vis se munda, e se precata;
Desbastada se avista,
E os impuros refolhos se aclararam,
Onde serpes ferozes se reparam.

Antistrophe 3.

He a voz do SENHOR que suavemente
Zelosos messageiros
Prepara, e os envia á Redondeza;
Faz que do cervo a rapida presteza
Igualem, e se atrevam
Annunciar a lei sagrada, e pura
A' raça humana barbara, e perjura.

Epode 3.

Já todo o mundo adora
O DEUS que, de um diluvio permanente
De agoas puras, cercou a sua Igreja:
De DEUS não finda o reino,
Reveste o povo seo de força interna,
E de bençoes o cobre, e paz eterna.

OBSERVAÇÕES, E NOTAS.

« Psalmo de David para a perfeição, ou consumação do tabernaculo » he o titulo que este cantico tem na Vulgata; mas esta ultima clausula não se lê no texto hebraico. Sem entrar no sentido mystico, e allegorico d'este hymno, e limitando-me ao seo sentido literal, cumpre-me dizer que elle he extremamente obscuro: parece porem á primeira vista ser um cantico, em que o seo sublime autor exhorta o povo, na presença de uma grande e aturada tempestade, a aplacar a colera celeste, per meio de oblações e sacrificios, em virtude dos quaes elle espera que o SENHOR daria constancia e valor ao seo povo, para suportar este flagello, em quanto lhe não põe termo, e que depois lhe compensará os males padecidos, dando lhe as bençoes da paz e da tranquilidade. Pode tambem entender-se que este hymno fora composto para ser cantado no ultimo

dia da festa dos tabernaculos. Esta festividade, cujo objecto era a commemoração da sahida do povo hebreo do cativeiro do Egypto, como se vê dos livros do Exodoe Levitico, pode considerar-se, bem como todas as outras festas cyclicas, allusiva as calamidades não só do povo hebreo, mas do genero humano; e debaixo d'este ponto de vista, ou ella tinha por objecto remoto commemorar o diluvio universal, ou as convulsões, e transtorno physico que deve suportar o globo terraqueo, na proximidade da vinda do grande Juiz na consumação dos tempos. Aventuro este pensamento, não como uma conjectura apoiada em grandes argumentos de probabilidade, mas sim como uma lembrança digna de discussão.

PSALMO XXIX.

Exaltabo te, Domine, quoniam.....

1.

Graças ao meo SENHOR, em fim respiro;
Tu me acolheste; nem gozar deixaste
Os contrarios de minha desventura;
A Ti clamei, e pronto me saraste:
De nóvo os olhos giro
Na Região da luz, e a morte dura
Já não me aponta a horrenda sepultura.

2.

O' santos do SENHOR, louvai seo nome,
E gratos recordai os seos favores;
Se irado nos castiga, logo brando
Modera, e aplaca os divinaes rigores:
Se o pranto nos consome,
Quando o sol vai seos raios sepultando;
De alegria, ao nascer, nos vê brilhando.

3.

Eu porem de prazer no meo estado
Abundando dizia, eternamente
Ninguem abalará meo peito forte;
Tu me olhavas então terno e clemente;
Estava rodeado
De valor; mas fugiste, e a minha sorte
De todo variou, perdi o norte.

4.

Perdi a antiga paz; a ti bradando,
SENHOR, eu clamarei; de que aproveita
Que eu morra, e sob a campa vil sombria,
Seja dos vermes iguaria aceita?
Será teo nome ingente
Cantado pelo pó? ou pode um dia
Dizer tua verdade a cinza fria?

5.

O SENHOR se abrandou, elle já desce
Para enxugar o meo magoado pranto;
Em gozo o converteste, e laceraste
Da tristeza o funesto horrendo manto;
Nova alegria aquece
Meo peito, que benigno visitaste,
E, com teo rosto, de prazer banhaste.

Cantarei de noite e dia
O teo nome triumphante,
Nem um só ligeiro instante
Me verás emmudecer:
Já das mãos me pende altiva
Minha cithara sonora,
Já começa a voz canora
Teos prodigios a dizer.

OBSERVAÇÕES, E NOTAS.

No titulo d'este psalmo, segundo se lê na Vulgata, aparece uma novidade mui propria para augmentar as duvidas e as confusões relativas a esta preciosa collecção de canticos sagrados: « *Psalmus cantici in dedicatione domûs David* ». « Psalmo de cantico na dedicação da casa de David ». Por ventura não eram os outros psalmos para ser cantados? A musica destinada para os outros seria acaso um mero preludio,

depois do qual o psalmo se repetia como oração, e não como cantico ?..... A voz cantico seria aqui usada, para indicar que este psalmo devia ser cantado pela mesma musica ou toada composta para outro cantico analogo, que já tivesse sido cantado na dedicação da casa de David ?... Quem poderá tirar-nos d'estas duvidas ?.... O ultimo pensamento parece verosimil, quando no contexto d'este hymno não se lê uma só clausula relativa a uma dedicação : antes todo elle parece ter por objecto, render gracas ao SENHOR depois de uma grande calamidade publica, que ameaçou a vida de seo autor, ou d'aquelle por cuja causa foi composto. O cardeal Bellarmino sustenta que este cantico foi composto, para celebrar a primeira dedicação da casa edificada per David, sobre o monte Sion, logo depois que conquistara Hyerusalem aos Jebuseos. N'este sentimento foi seguido, alem de Abenesra, pelo celebre e judicioso Le Clerc; Grocio, e Deodato são de parecer que esta piedosa canção fora composta, para celebrar a segunda dedicação da casa de David, depois que elle a reedificara, e a purificara das profanações e impurezas praticadas per seo filho Absalon. Genebrardo, e um grande numero de rabinos pensam que a dedicação, para a qual o psalmo foi composto, não era nenhuma das que tiveram por objecto a casa de David, mas algum edificio sagrado; pertendendo uns que fosse o tabernaculo, outros o templo mesmo. Entre os que se inclinam a que a dedicação fosse a do templo, uns entendem que fora a do primeiro construido per Salomon; outros que fora

a do segundo reedificado per Zorobabel. Alguns expositores ha que, ligando-se ao sentido literal do psalmo, se persuadem que elle fora composto per David, em acção de graças ao SENHOR, por havelo salvado de alguma grave enfermidade. O celebre Calmet se lisonjea de haver só atinado com a verdadeira occasião, que deu nascimento a esta sagrada composição, e sustenta que ella fora cantada, quando David, na casa de Ornan ou Dreuna Jebuseo edificada sobre o monte Sion, dedicou ao SENHOR um altar em memoria da misericordia que usara com elle, e com o seo povo; revogando a ordem, que já havia dado ao anjo exterminador, de assolar o povo hebreo com a peste: que o Propheta Rei, a quem esta visão se fez patente n'aquelle proprio lugar, cheo de susto e humilhado diante do SENHOR, suplicou, e obteve d'elle a revogação d'este mandado, e que em acção de graças, ali mesmo, composera este hymno, para ser cantado na dedicação do altar. Theodoreto porem, não sem razões plausiveis, se persuade que este cantico deve ser atribuido a Ezequias depois do milagre da subita derrota de Sennacheribe, operada em uma só noite. Como quer que seja, o psalmo he um cantico de acção de graças, e teve por objecto a cessação milagrosa, ou por tal reputada, de um grande flagello publico.

PSALMO XXX.

In te, Domine, speravi.....

1.ª *Traducção.*

Eu não desmaiarei, minha esperança
Em Ti, SENHOR, se estriba,
E de tua justiça so confio
A minha liberdade:
Escuta-me, e solícito me estende
A mão animadora;
Sê o meo protector, o meo refugio,
Dos perigos me escuda,
Pois Tu só es a minha fortaleza,
O meo unico asylo.
Por amor de teo nome, minha guia
Serás e meo sustento.
Soltar-me has dos laços que me urdiram,
Pois es o meo amparo.
Nas tuas mãos o meo espirito entrego,
Tu es, DEUS de verdade,
O meo libertador; tu abhorreces
Aquelles que se enleam
Com superfluas vaidades enganosas;
Taes saó meos inimigos,

Em quanto eu de ti fio o meo destino,
E de prazer exulto,
Tuas misericordias attentando.
Ah! quantas vezes, meigo,
Meo humilhado espirito esforçaste,
E a mil crueis tormentos
Sobrenadou minha alma! Em vão queriam
Nas suas mãos cerrar-me
Vis inimigos; Tu meos pés firmaste
Em plana larga estrada.
Sitiam-me de novo; tem piedade
Demim, SENHOR: meos olhos
Já de ira se torvaram; ja minha alma,
Meo coração se inflamam:
Entre dor e gemidos, vam finando
Meos annos, minha vida:
Em tanto abatimento o meo esforço
Esmorece, e turbados
Os ossos perdem seo vigor antigo.
Oprobrio sou tornado
De meos contrarios, e do povo inteiro:
Os mesmos que me amavam,
Se escondem receosos, e desviam
Os olhos, se me encontram:
Todos, qual morto, já de mim não curam,
Do coração me apagam.
Muitos em cerco contra mim espalham
Infames vituperios;

Pareço ser mesquinho e inutil vaso
Quebrado, e ja perdido.
Nem assim se contentam, pois armaram
Conselho insidioso,
Para arrancar-me a vida; em tal perigo
De Ti so me confio.
Nas tuas mãos, ó DEUS, o meo destino
Está, de ti só pende:
Dos meos perseguidores vem forrar-me,
Que ferozes me acossam;
Um olhar só me lança, e do teo servo
Illumina o semblante;
Vem piedoso salvar-me, nem consintas
Que eu de balde invocasse,
SENHOR, teo nome santo; confundidos
Os impios se envergonhem,
Desçam da tumba á horrida morada,
Silencio eterno assombre
Os seos infidos labios, que aleivosos
Mil calumnias desferem,
De iniqua falsidade e vãa soberba
Tecidas, contra o justo.
Como he grande, ó SENHOR, como suave
A enchente de doçuras,
Que aos impios escondeste, e reservaste
A aquelles que te temem!
De paz os cercas na presença altiva
Dos homens que os perseguem:

Tu os abrigarás, qual doce asylo,
Do teo semblante á sombra,
Contra os malvados férvidos tumultos,
Contra os tiros cruentos
De envenenadas linguas. Ah! defende-os
No teo sublime throno.
Bemdito o meo SENHOR, que enternecido
Sua clemencia ostenta
Comigo, e perseguido me recolhe
Nos guarnecidos muros
De segura cidade! Quando envolto
Em profunda tristeza,
Qua.. perdido o tino, desmaiava,
Bradei: ó DEUS! de todo,
Longe dos olhos teos, tu me abandonas?
Por isso logo ouviste
Meos afflitos clamores. Vós, ó santos,
Que servîs ao DEUS grande,
Amai-o, que o SENHOR ama a verdade,
E com sobeja pena
O orgulho domará da vil soberba:
Obrai varonilmente,
Não temais, revesti-vos de constancia,
O' vós, quantos firmastes,
No braço do DEUS vivo, a vossa invicta,
Não confusa, esperança.

2.ª *Traducção.*

Strophe.

OUVE, ó DEUS de verdade, meos clamores,
Teos passos accelera,
De insidiosos escondidos laços
Vem arrancar-me, nem me tinja o rosto,
Com seo pincel sombrio,
Tremente confusão; pois animado
Só espero em teo braço sublimado.

Antistrophe.

Sim: Tu es meo refugio, e meo amparo,
Tu es o aheneo escudo
Que aos perigos me esconde: de teo nome
A gloria clama, que fiel me guies,
E terno me mantenhas;
Pois es meo redemptor: eu não hesito,
Nas tuas mãos deponho o meo esprito.

Epode.

Embora do soberbo
O coração se enfune insaciavel!
Que tu o odêas: eu de Ti confio,
E teo piedoso peito,
Exulto, ao contemplar; pois já mil vezes
Me libertaste de fataes revezes.

Strophe.

Tu me salvaste, ó DEUS, e o meo estado
Humilde enterneceu-te,
Nem permittiste que os traidores braços
De inimigos ferozes me enleassem;
Em lugar espaçoso,
O desenvolto passo me alargaste,
E do temor as sombras dissipaste.

Antistrophe.

De novo me atribulam; per piedade,
SENHOR, vem amparar-me;
Os olhos me vendou a facha escura
Da furiosa dor, e ja sem tino
O coração me freme;
Vê que entre dores, entre pranto amaro,
De meos dias fenece o fio avaro.

Epode.

Jaz o vigor antigo
Estancado, e meos ossos se turbaram;
Sou objecto de opprobrio aos que me amavam,
Todos me abandonaram:
Seme avistam, revolvem temerosos
Os olhos, e me fogem pressurosos.

Strophe.

Qual vaso inutil sobre o chão lançado,
Qual morto, que insensiveis
Os homens olham sob a campa fria,
Assim pareço; infames vituperios
De boca em boca giram
Contra mim, e com raiva insaciavel
Querem roubar-me a vida doce e amavel.

Antistrophe.

A espessa escuridão que me ennuvoa,
Com a luz de teo semblante,
Illumina, ó SENHOR, vem arrancar-me
Das mãos perseguidoras; de Ti pende
O meo destino inteiro,
Nem heide confundido ver baldada
Minha esperança sobre Ti firmada.

Epode.

A confusão e pejo
Aos impios avermelhe; e abandonados
Na opaca sepultura, o horror os cerque
De perennal silencio:
Pois seos labios soberbos contra o justo
Distillam sempre fel amargo e injusto.

Strophe.

Como he grande, ó meo DEUS, como trasborda
A enchente de doçuras
Que terno guardas para os que Te temem!
Na presença do mundo, os inundaste
De prazer, e os acolhes
De ferozes tumultos, carinhoso,
A' sombra de teo rosto luminoso.

Antistrophe.

Salva-os dos golpes de afiadas linguas;
Tu já me abriste asylo
Em cidade de fortes guarnecida;
Bemdito o meo SENHOR! de sua face
Banido eu me julgava;
Assim clamei de magoa e dor ferido,
Por isso elle acudiu ao meo gemido.

Epode.

Vós santos do DEUS vivo,
Vós que n'elle esperais, sede constantes,
Enchei-vos de valor, amai-o ternos;
Porque o SENHOR protege
A justiça e a verdade, e esmaga altivo
Da soberba o semblante duro e esquivo.

OBSERVAÇÕES, E NOTAS.

O titulo d'este psalmo lê-se na Vulgata, da maneira seguinte: « *In finem, psalmus David pro extasi* ». Porem a clausula final *pro extasi*, segundo afirma Eusebio de Cesarea não existiu nunca no texto hebraico, nem mesmo no chaldaico, nem no syriaco, nem no arabigo. Theodoreto diz abertamente que nos melhores dos mais antigos codices da traducção dos setenta, tambem esta clausula senão encontrava. Por que motivo pois, e com que fundamento foi ella acrescentada? Esta indagação seria curiosa e mui propria para occupar a erudição de algum homem versado no estudo das antiguidades ecclesiasticas. Quanto a mim, escriptor profano, e de profissão a mais alhea d'este genero de estudos, ingenuamente confesso que me faltam os conhecimentos precisos, e a vontade de adquiri-los. Qual fosse á occasião em que David compoz este sagrado cantico, he outro objecto sobre o qual se encontra grande variedade de opiniões. Alguns presumem que fora quando elle fugira para Geth, buscando o asylo do Rei Achis; outros que fora quando chegara ao seo conhecimento a noticia da rebellião quasi geral do seo povo, excitada contra elle per Absalon; outros que fora no momento de ver-se cercado pelo exercito de Saul, no deserto de Maon, sem esperançã de poder escapar-lhe; outros finalmente, que fora no gravissimo aperto, em que a segunda irrupção de Saul contra elle o pozera no deserto de Engadi. Calmet pretende que este psalmo fora composto, quando David fugira pela

primeira vez do palacio de Saul, informado de que este o pretendia matar. Difficil me parece decidir entre opiniões que, suposto sejam diversas, são comtudo concordes no que sómente serviria para dar razão da gravissima desordem de pensamentos e de sentimentos, que se manifestam em toda esta composição, que ella fora o parto de um espirito não so atribulado, mas gravissimamente assustado.

PSALMO XXXI.

Beati quorum remissæ sunt iniquitates....

1.

VENTUROSOS aquelles, cujos crimes
Perdoados lhes foram, e cobertos
De um veo escuro e denso,
Estam em sempiterno esquecimento.

2.

Venturoso o varão, que de artificios
E de enganos não pasce o seo esprito,
A quem DEUS não argue
De peccados que a dor gastou de todo.

3.

Como foi longo o meo fatal silencio!
Por isso he que eu gemia noite e dia;
Meos ossos se mirraram,
Aridos, froxos, sem vigor jazeram.

4.

Perdi entre agonias todo o alento;
Qual espinho pungente, me traspassa
A amara dor, e sempre
Tua mão sobre mim pesa, e me acurva.

5.

Falei por fim, e o meo cruel delicto
Desencerrei; SENHOR, disse gemendo,
Ouve a minha injustiça:
E Tu, pronto meos erros perdoaste.

6.

Dos santos retumbaram no teo seio
Por mim as vozes, no momento proprio;
Illeso o varão justo
As ondas deixam do fatal diluvio.

7.

Tu es o meo refugio entre os tormentos
Que me cercam; ó Tu, porquem exulto,
Vem levantar o assedio
Que afadiga o meo peito atribulado.

8.

« Escuta, Tu me dizes, novo siso
» Pretendo dar-te, quero ser teo guia,
» Os meos paternaes olhos
» Sobre teos passos fixarei piedoso.

9.

» Não imites o impeto feroce
» Do cavallo indomado, que carece
» De razão, e despreza
» Do cavalleiro a dextra mão que o rege. »

10.

Ah! meo DEUS, contra Ti quantos revolvem
Emperrados seo rosto! sob freo
E cabeção dobrado,
As bocas lhes sopea revoltosas

11.

Flagellos mil ao peccador opprimem,
Talam, derrubam, dilaceram, matam;
Misericordia terna
Circunda quantos no SENHOR esperam.

12.

No SENHOR allegrai-vos, justos, santos,
Que o coração mantendes recto e puro:
Exultai fervorosos,
E vossa gloria no SENHOR se estribe!

OBSERVAÇÕES, E NOTAS.

Este he o segundo dos psalmos denominados penitenciaes, cantico expressivo de dor e arrependimento, digno de ser mil vezes repetido, e meditado per todos os que tem tido a desgraça de offender ao DEUS, seo Creador, e seo perpetuo bemfeitor. He o primeiro dos doze que no texto hebraico se intitulam : *David Maschil.* Titulo que na Vulgata se acha traduzido por : « *David intellectus* ». Os hebreos tambem lhe chamaram : « *Leu David* ». Coração de David : como dizendo, psalmo em que David exprime o arrependimento, ou os sentimentos de seo coração. A traducção, intelligencia ou entendimento, ou mesmo erudição de David, como a designa S. Hieronymo, não me parece assaz caracteristica d'este psalmo, nem dos outros aos quaes este titulo he commum. Todos os que o propheta Rei compoz exprimem os seos sentimentos, e denotam o seo saber, a sua prudencia, o seo conhecimento dos homens, e a sua piedade, e não vejo motivo por que os doze, em que se lê o epigraphe *Maschil* o mereçam com mais especialidade ; se tal he o sentido d'este termo hebraico. O Rabino Kimchi pertende que *Maschil* não significa erudição, nem entendimento, mas sim um genero particular de melodia, conhecida e estimada entre os Hebreos. Outros rabinos pertendem que esta voz designasse um genero de instrumento musico, a cujo som estes psalmos deviam ser cantados. Algum

ha que se inclina a que esta voz era o principio de alguma antiga cantilena, per cuja musica, ou toada deviam cantar-se estes psalmos. Esta notavel variedade de opiniões entre os sabios descendentes dos antigos Hebreos, só prova que a lingoagem hebraica, a que podemos chamar moderna, he mui differente da antiga, e que esta he presentemente quasi desconhecida. Dom Agostinho Calmet he de opinião que a voz *Maschil* servia para designar aquelles psalmos que, depois de recitados, lidos ou cantados, eram publicamente interpretados no templo, onde os interpretes mostravam a sua inteligencia e erudição; digo, depois de lidos, recitados ou cantados, porque a pesar de nós darmos ao rei David geralmente o nome de poeta, ainda he incerto entre os homens mais entendedores da lingoa hebraica, se os psalmos, que se lhe atribuem, são composições escriptas em verso, ou em prosa. Razões que se podem ver no meo discurso, ou dissertação sobre a indole da lingua e da poesia hebraica, me inclinam a crer que os antigos Hebreos não conheceram rhythmo perfeito, nem tiveram regras de metrificação. Entretanto, se he verdade, que as composições dos prophetas são com efeito poemas, quero dizer, arrebatamentos de espirito fatidico, escriptos em verso (o que me parece por extremo improprio), a poesia hebraica differe tanto da poesia vulgar, que eu, desde muitos annos, (ainda antes de haver entrado na analyse d'este objecto, que me levou á composição da dissertação acima mencionada) tenho estado na persuasão de

que a nenhuma das chamadas poesias hebraicas, se pode dar caracter poetico nas lingoas vulgares, senão paraphraseando-as; quero dizer, alterando a expressão e a forma dos pensamentos; e d'este modo não ha composição prosaica sentimental ou pathetica, que não possa converter-se em poesia. Porem devo confessar com ingenuidade, que a traducção dos primeiros dois capitulos de Isaïas que o illustrissimo barão de S. Lourenço, Francisco Bento Maria Targini, incorporou nas notas á sua admiravel traducção do ensaio sobre o homem de Alexandre Pope, me tem feito vacilar n'esta antiga opinião.

PSALMO XXXII.

Exultate, Justi, in Domino.....

1.

Em vós se accenda
Um novo ardor:
Cantai, ó Justos,
Vosso SENHOR:
A voz do justo
So doce soa,
So grata entoa
Tanto louvor.

2.

Suave psalterio
Ide buscar,
Sonora cithara
Presto affinar:
Resoe em torno
Não visto canto,
Seo nome santo
Atroe o ar!

3.

De DEUS as vozes
Singellas são,
As suas obras
Firmes serão:
Justo elle espalha
Alma clemencia
De preferencia,
Com larga mão.

4.

Por toda a Terra,
Em toda a edade,
Doce piedade
Elle ostentou:
Sua palavra
Os ceos formou,
E o seo esprito
Os vigorou.

5.

Como em um vaso,
Recolhe o mar,
Té nos abysmos
Vai dominar:
Tremei, ó Terra;
Treme, ó humano,
Teo soberano
Vem adorar.

6.

Disse, e do nada
Tudo surgiu:
Mandou, e logo
Tudo existiu.
Nescios projectos
Das varias gentes,
Dos Reis potentes,
Forte estruiu.

7.

So permanecem
Seos pensamentos;
Os seos intentos
Eternos são;
Afortunada
He a nação,
Que a DEUS so chama
Do coração.

8.

Feliz mil vezes
O povo meo,
Que por seo povo
Elle escolheu:
Lá, desde os Ceos,
Na larga Terra
Os olhos DEUS
Terno estendeu.

9.

Viu, conheceu
O mais escuro
Refolho impuro
Do vão mortal;
Pois o SENHOR
Que fez o homem,
Sabe o valor
De uma obra tal.

10.

Da paz e guerra
O sceptro tem,
E em vão nas forças
Confia alguem:
O Rei valente,
Gigante esquivo,
Debalde altivo,
Ao campo vem.

11.

Não o sostem
Ginete audaz,
Se fugitivo
O medo o faz:
De balde foge,
De balde espera;
Só DEUS impera
A guerra, e a paz.

12.

A segurança
So acha aquelle
Que o teme, e n'elle
Põe sua fé:
Com braço forte
A' fome irada
O rouba, e á morte;
Pois sempre o vé.

13.

Só n'elle espera,
Coração meo,
Que he tua ajuda,
Protector teo:
Só n'elle exulta,
Firme e sem medo,
Confia ledo
No nome seo.

14.

O' DEUS benino,
SENHOR potente,
Olha clemente
A minha fé:
Responde á nossa
Terna esperança;
Co'a gente vossa
Piedoso sé.

OBSERVAÇÕES, E NOTAS.

Como no texto hebraico este psalmo se acha sem titulo, e o convite, que David faz n'elle aos justos, de cantarem a gloria, o poder e a misericordia do SENHOR, não involva a minima repugnancia de que elle constitua parte do que o precede; alguns expositores pretendem que elle não he verdadeiramente um psalmo distincto do antecedente. S. Hilario, entre outros, julga que todos os psalmos destituidos de titulo, são continuação dos que os precedem. Comtudo a maioridade dos homens instruidos na literatura hebraica, o reputam por um cantico inteiro, e diverso em consequencia do psalmo precedente. Na versão dos setenta, elle se acha com o titulo: τῷ Δαυίδ; e na Vulgata, com o titulo: *Psalmus David.* Não falta quem suspeite que estes titulos foram acrescentados,

acrescentados , depois de feitas aquellas versões ; talvez assim seja, mas he um facto de que se não produz prova alguma. Com tudo , he certo que não obstante aquellas nada equivocas inscripções , Theodoro de Heraclea, o veneravel Beda , Theodoreto, e Theodoro de Antiochia , não duvidaram de atribuir este psalmo a Ezechias. Outros porém, não só o atribuem a David , mas até se atrevem a assignar a época da sua composição , dizendo que este hymno fora composto pelo propheta Rei , depois da victoria que alcançara dos Philisteos , naquella batalha em que foi morto o gigante Jesbisbenot , irmão de Goliath. Como quer que seja , a discordancia dos mais celebres interpretes e expositores sobre os psalmos he tam continua, que se a Igreja catholica , não tivesse reconhecido esta collecção de canticos por um livro canonico , cujo verdadeiro autor he o Espirito Santo , não poderiam ser considerados , senão como composições pela maior parte de autores incertos , e tam confusas na sua deducção , e tam desconexas em seos pensamentos , que não só seria dificil formar justo conceito do verdadeiro objecto de cada um , mas seria impossivel admitir que elles tivessem um fim commum e unico.

PSALMO XXXIII.

Benedicam Dominum....

1.

Ao SENHOR bemdirei com fervor santo;
Seo louvor mane sempre
De meos labios; ah! minha alma, louva-o;
Escutai-me, allegrai-vos, peitos doceis.

2.

Vinde unir-vos comigo, aos ceos levemos
O seo nome divino.
Eu roguei ao meo DEUS, benigno ouviu-me,
Adoçou minhas magoas carinhoso.

3.

Chegai-vos ao SENHOR, e illuminai-vos;
A vossa face timida,
Confusa não será: vede; humilhado
Eu clamei, escutou-me, e libertou-me.

4.

Anjo potente gira em torno, e escuda
Aquelles que a DEUS temem;
Oh trez e quatro vezes venturoso,
Quem n'elle repousou sua esperança!

5.

Como he suave o meo DEUS! aproximai-vos:
Provai, vede, dizei-me,
Não he doce o SENHOR? Amai-o ternos,
E respeitai, ó Santos, o seo nome.

6.

Nada falta aos que o temem; quantas vezes
A mesquinhez escassa
Rodea os ricos? Não assim os servos
Do SENHOR; abastados, ledos vivem.

7.

Ouví, ó filhos meos, avizinhai-vos;
De DEUS o temor santo
Vou ensinar-vos; qual de vós deseja
A vida, e dias de prazer cercados?

8.

Ao mal não dobres tua lingua, enfreia-a;
Teos beiços nunca manche
O venenoso engano, o mal evita,
Pratica obem, procura a paz ancioso.

9.

De DEUS os olhos sobre os justos pendem:
Inclina ouvidos meigos
A's suas orações, e irado arrosta
Os impios e desfaz sua memoria.

10.

Os justos clamam, e o SENHOR os ouve;
Das desgraças os ergue,
Com que gemem curvados; sempre facil
O humilde a consolar, que o invoca afflicto.

11.

Muitas tribulações aos justos seguem,
Mas nunca os abandona
O poderoso DEUS, que de firmeza
Os reveste, e lhes faz cantar victoria.

12.

Seos ossos guarda, nem um só consente
Que esmagado lhes seja;
Morte medonha espera os pecadores.
Porfia em vão do justo o inimigo.

13.

De tantos males o SENHOR resgata
As almas de seos servos;
E não perecerão quantos confiam
Na sua mão piedosa, e omnipotente.

OBSERVAÇÕES, E NOTAS.

Este psalmo he o segundo dos acrosticos, e tem a singularidade de constar de tantos versiculos, quantas são as letras do alfabeto hebraico. Falta-lhe a letra *vau* no sexto versiculo, e no ultimo acha-se o *phe* repetido, em logar do *thau*, o que he sem duvida um defeito de copia, que tem sido, escrupulosa mas indevidamente, respeitado. A-cerca do seo titulo, tem occorrido algumas duvidas: o que se lê na Vulgata foi corrigido per Sixto V, e per Clemente VIII, he o seguinte: *Davidi, cùm immutavit vultum suum coram Achimeleck, et dimisit eum, et abiit.* E parece querer dizer: « Psalmo de David quando se disfarçou na presença de Achimeleck, e que este o despediu, e elle se retirou ». Digo que parece querer dizer o que eu exprimo nesta traducção, por que na verdade a versão grammatical não corresponde a este pensamento. Não he porem esta a principal duvida, ou a que tem causado dissidencia de opinião entre os interpretes. Se a lição *Achimeleck* deve persistir, ou se deve substituir-se em seo logar *Abimeleck*, he o que constitue a principal discordancia. Ambas as opiniões tem partidistas respeitaveis. A primeira alem dos dois sabios pontifices, tem por si o apoio de Theodoreto, de Eusebio de Cesarea, e de Theodoro de Antiochia, os quaes todos afirmam, que nos antigos exemplares Gregos se achava esta licção. A segunda tem a seo favor S. Hieronymo, S. Agostinho, e muitos outros sabios interpretes.

Julgo porem que he inutil expender aquí as razões de uns e outros ; por quanto, ou o psalmo fosse composto , quando David escapou da corte do Rei Getheo Achîs , ou quando , fugindo de Saul sahiu da cidade sacerdotal de Nobe , levando comsigo a espada do Goliath , que o summo sacerdote Achimeleck lhe confiara , he coisa que de nenhum modo augmenta o merito d'esta piedosa composição , nem aclara o seo sentido. Fique por tanto esta discussão reservada para os eruditos que se deleitam com este genero de investigações.

PSALMO XXXIV.

Judica , Domine , nocentes me. . .

Julga , SENHOR , aquelles que me offendem ,
Combate quantos combater-me intentam ,
Das armas lança mão , embraça o escudo ,
Ergue-te em meo soccorro.

Da bainha desprende a ferrea espada ,
E vibra-a contra os meos perseguidores ;
Dize á minha alma desolada , e trémula :
«Eu sou o teo amparo.»

Confusos retrocedam os sedentos
Do sangue meo , que me urdem mil ciladas ;
Qual o pó ante o vento fujam, tremam,
Um anjo teo os fira.

Lóbrega e tenebrosa seja a estrada
Que elles correrem, e o teo anjo em furia
As costas lhes flagelle, pois sem causa
Mortaes laços me tecem.

Sem causa a minha vida maldiceram,
Ah! chegue o dia que elles gemam, presos
Em não prevista rede, e os atraiçoem
Suas mesmas ciladas.

A minha alma porem, absorta sempre
Em DEUS, exultará, que he minha força;
Todos meos membros clamarão: quem pode
SENHOR ser te igualado!

Só tu salvas um misero, e mesquinho
Das mãos de furiosos inimigos,
Que o seguem denodados; Tu bem sabes
Quanto eu sou innocente.

Iniquas testemunhas se levantam,
De culpas que eu ignoro me interrogam,
Compensam bens em males, e a estancar-me
A vida se obstinaram.

Em quanto me oprimiam, eu vestia
Um cilicio, e humilhava o meo esprito
Com austero jejum, e Te aplacava,
Por elles suplicando.

No interno de meo seio, te enviava
Ferventes orações ; e qual amigo ,
Qual irmão, assim meigo os afagava
Com fraternaes caricias.

Por amor d'elles , amargoso pranto
Ternamente vertia , e então se riam
Da minha desventura , e conjuravam
Em perfidos conselhos.

Quando menos cuidava , me acenavam
Flagellos , assasinos ; se aterrados
Não poderam ferir-me , nem por isso
Seos peitos compungiram.

De novo me ameaçam , mofam , zombam
Com insultos crueis ; sobre mim rangem
Com mordedores dentes ; ah ! té quando
Não olharão teo servo ?

Quando, ó DEUS , me ouvirás? Livra minha alma
Do malvado furor de leões rábidos :
Na grande Igreja , nos solemnes dias ,
Exaltarei teo nome.

Não se gozem do meo abatimento
Injustos inimigos , que sem causa
Me abhorrecem , e pérfidos me encaram :
Com fementidos olhos ,

Pacíficos me falam; mas irados
Murmuram, desenhando dolo horrendo;
Com as pedras, e troncos desafogam
Seos coléricos planos.

Quando os conseguem, sua voz dilatam;
Exclamam: « Eia, que prazer! pois viram
» Nossos olhos cahir este inimigo
» Nos laços que tramamos! »

Tu o viste, ó SENHOR! Ah não te cales,
Não me abandones, surge, vem, decide,
Meo DEUS e meo SENHOR, a minha causa;
Olha minha justiça.

Segundo a tua rectidão me julga;
Não triumphem, não brademeos contrarios:
« Eia, exultemos » ó meo DEUS! não digam:
» Em fim o devoramos. »

Vergonhosos, de pejo as faces cubram,
Os que em minhas desgraças se comprazem;
A confusão circunde quantos erguem
Contra mim vis calumnias.

Exultem, e engrandeçam-te os que busçam
A paz do servo teo, e me defendem;
E grato cantarei perennemente
A tua alta justiça.

OBSERVAÇÕES, E NOTAS.

Qualquer que fosse a occasião que determinou David á composição d'este psalmo, he visivel pelo seo contexto, que elle foi composto na presença de uma grande tribulação. Imprecações continuas contra os seos inimigos, e suplicas a DEUS que os castigue rigorosamente, he o que constitue a maior parte d'este cantico: o que me induz a crer, que elle foi o desafogo de um animo oprimido, e que se reconhecia em um momento de grande fraqueza; isto he, em que a superioridade de seos inimigos sobre elle era mui decidida. Geralmente não pede vingança, senão quem deseja vingar-se, e não tem na sua mão a possibilidade de o fazer sem auxilio alheo. Theodoreto esforça-se por desculpar o propheta Rei, dizendo que elle escrevera em um tempo, em o qual ainda não se achava promulgado o preceito, que nosso Redemptor Jesus-Christo nos impoz de amarmos os inimigos; e quando por consequencia o odio fundado, e a vingança merecida eram actos licitos. Com o respeito devido a este venerando Padre, seja-me permitido dizer, que segundo a opinião geral, este psalmo foi composto no tempo, em que David era perseguido per seo sogro Saul, ou per seo filho Absalon; e que no Levitico, cap. 19, se lê: « *Ne quæras ultionem, nec memor eris injuriæ civium tuorum* ». Desejar, solicitar, e verificar o damno, e o estrago dos povos estranhos, era e devia ser licito aos hebreos, e sempre parecerá licito a qualquer povo, que sem patria, ou assento fixo for forçado a dispersar-se,

ou a procurar estabelecimento em territorio occupado por outras nações : porem Saul , e Absalon não eram estranhos a respeito de David ; eram nacionaes e parentes os mais conjunctos ; um per sangue , outro per afinidade. Jà em outro logar disse que me persuado que similhantes imprecações devem entender-se como expressão do castigo que os máos merecem, e deveriam temer.

Pelo que respeita ao preceito de amar os inimigos, elle me parece mais antigo do que geralmente se julga. A lei de Moisés de certo presupunha a sua existencia: e seo supremo legislador, quando a promulgou, não fez d'este grande principio da moral um preceito separado ; não sómente o involveu na generalidade do amor do proximo , mas inculcou-o mui claramente em mais de um logar. Eu leio no cap. 23 do Exodo , v. 4, o seguinte preceito « se en- » contrares o boi de teo inimigo , ou o seo jumento » que andam desgarrados , leva-lh'os » , e no v. 5 leio similhantemente : « Se vires o jumento d'aquelle » que te tem odio , cahido debaxo da carga , não » passarás adiante , mas ajuda-lo has a levanta-lo ». Ora o preceito de amar os inimigos creio que se reduz a dizer « praticai os dictames da caridade com os vossos inimigos , sem que a isso obste a lembrança da sua inimisade. Se assim he , os dois citados exemplos do Exodo , um relativo á presença , e o outro á ausencia dos inimigos , generalisados querem dizer : comportai-vos para com os vossos inimigos, quer elles estejam presentes, quer ausentes , como farieis para com os vossos amigos. Nem posso

persuadir-me que haja quem os entenda em sentido tam restricto, que julgue conforme aos principios da justiça eterna, que a caridade para com os inimigos, entre os hebreos, se devia limitar aos officios de benevolencia, praticados com os bois, e com os jumentos.

PSALMO XXXV.

Dixit injustus, ut delinquat...

DISSE em seo coração, para solta-lo
A mil iniquidades,
O impio: «a DEUS não temo»: e com delictos
Horrendos execraveis
Se torna reo; as suas vozes, prenhes
São de maldade e dolo;
Nem quer entendimento, porque engeita
Praticar a virtude:
Sobre o leito, medita iniquidades,
E do vicio a vereda
Batendo vai; somente anhela novas
Malignas injustiças.
Qual dos ceos a grandeza, tal se estende,
SENHOR, vossa clemencia;
Sobre as nuvens remonta, e se engrandece
Vossa augusta verdade:
Como elevadas ingremes montanhas,
He a vossa justiça,

E qual profundo abysmo, a nós se escondem
Seos tremendos juizos.
Os homens e animaes, tudo recebe
De vossas mãos sustento.
Como se reproduz, e tudo abrange
Vossa misericordia!
Das tuas azas sob a sombra immensa
Confiarão os homens,
Serão embriagados das delicias
Do teo soberbo Paço,
E em torrentes de prazer seos peitos
Alagarás, um dia.
De Ti dimana a fonte copiosa
Da vida; e em Ti, que origem
Es da luz, ó SENHOR, a luz veremos.
Tua misericordia
Proteja os que Te adoram, cubra, ampare
Os corações sinceros.
Não me esmague o pé duro da soberba,
Não me abatam os braços
Do peccador. Eu vejo já cahidos
Per terra e destroçados
Os authores de vis iniquidades:
De todo expulsos foram,
Nem jamais poderão alçar briosos
Sua aterrada frente.

OBSERVAÇÕES, E NOTAS.

O objecto d'este psalmo he descrever a perversidade dos impios, especialmente dos Atheos, e mostrar toda a extensão da misericordia do SENHOR que os suporta, e per mil modos os chama para o caminho da verdade e da salvação. He provavelmente para inculcar a sinceridade d'esta composição, que David em o titulo d'ella se designa, a si proprio, servo do SENHOR; como dizendo-se um d'aquelles que reconhecem a existencia de DEUS, que respeitam a sua justiça, e que o amam, cheos de confiança na sua bondade, e na sua misericordia.

PSALMO XXXVI.

Noli æmulari in malignantibus...

Não queiras emular perfidas gentes,
Nem invejar dos impios a ventura;
Como o feno, os verás secar depressa,
E murcharão, quaes plantas.

Espera no SENHOR, obra a virtude,
E das riquezas gozarás da terra;
Põe n'elle o teo prazer, e do teo peito
Acenará ás suplicas.

Abre-te a teo SENHOR, n'elle confia,
Consente que te guie, e luminosa
Tua innocencia brilhará, qual brilha
O sol no meio dia.

Submette-te ao teo DEUS, humilde adora-o;
Em nada prezes, não encares invido,
O impio que prospera, caminhando
Per injustos desvios.

A colera e o furor sopea, e amansa:
Não te transporte a invejar o iniquo;
Destruido o verás, e a terra herdada
Ser dos que a DEUS só prezão.

Espera um pouco, e já não vez o impio;
O seo logar procuras, não o encontras;
Mas os bons, em delicias trasbordando,
Possuirão a terra.

O mao seos olhos fitará no justo,
Co'os dentes rangerá; mas d'elle zomba
O SENHOR, porque vê já despontando
O dia temeroso.

A sua espada o peccador apresta,
O arco atesa contra o justo e humilde;
Estala o arco, e já no proprio seio
Cravado o ferro freme.

Mais val do justo o cabedal minguado,
Do que a riqueza esplendida do impio:
Este será calcado, e DEUS segura
Aquelle com seo braço.

O SENHOR sabe os dias dos seos sanctos,
Para abasta-los de perpetua herança,
Sacia-los no tempo perigoso,
Tempo de eterna fome.

Os peccadores morrerão, e embora
De honras se lustrem, cahirão per terra;
Desaparecerão, qual vai nos ares
O fumo a dissipar-se.

O justo se enternece, e acolhe o pobre;
O mao insaciavel pede, e nada
Paga; maldito sobre a terra, morre;
Bemdito o justo goza.

O SENHOR encaminha do que he justo
Os passos, e se apraz na sua estrada;
Se resvala, não cai, porque DEUS mesmo
Estende a mão, sostén-o.

Fui moço, e velho sou; em desemparo
O justo nunca eu vi, nem vi seos filhos
Mendigar: bençõe mil sua prole cobrem,
Poisque ao pobre elle ampara.

Faze o bem, foge o mal, 'será perenne
Tua ventura; que o SENHOR deleita-se
Na virtude, e os seos servos não esquece,
Eternos os conserva.

Como he ditosa a herança do homem justo!
O mao será punido, e a sua raça
Perecerá, em quanto eterna sorte
Os justos afortuna.

O virtuoso a boca pensativo
Abre, falando com saber justiça;
Traz a lei do SENHOR em si gravada,
Ella lhe firma os passos.

O mao encara o justo, quer piza-lo;
Em taes mãos o SENHOR por largo tempo
Não o abandona: e quando o julga, anulla
A lei que o perseguia.

Espera, sê constante, e a lei divina
Guarda; e depressa fulgurar o dia
Verás, ruina dos impios, e ventura
Sempiterna dos justos.

Vi o impio avultar, e como os cedros
Do Libano elevar a altiva frente:
Passei; já não o vi; busquei, perdida
Esteve d'elle a memoria.

A equidade e a innocencia zela intactas;
Feliz acabarás : tambem o injusto
Ha de um dia morrer ; mas perturbada ,
Horrenda he a sua morte.

O SENHOR he dos justos força , e adoça
Seos males ; elle os ama , elle os liberta ,
De mãos perversas os arranca , e salva-os ;
Pois n'elle confiaram.

OBSERVAÇÕES , E NOTAS.

Este psalmo he o terceiro dos acrosticos ou alfabeticos , entre os quaes merece particular atenção , pela singularidade de não ter as letras do alfabeto hebraico apontadas , senão de dois em dois versiculos , encerrando se em cada distico uma sentença , ou pensamento perfeito. Elle he cheo de moralidade , ou verdadeiramente pinta o contraste que existe entre a vida e a morte dos impios, e a dos justos. Origenes o contempla tam proveitoso pelas maximas e principios que encerra , que o denomina a medecina da alma humana. Calmet pensa que elle foi composto para consolar na sua desgraça os prizioneiros de Babilonia. A sua inscripção he « Psalmo para David mesmo » , o que parece indicar que o propheta rei o não compoz com outro intento , senão o de consolar-se a si proprio em alguma grande tribulação , em que se achou nos ultimos tempos da sua vida.

PSALMO XXXVII.

Domine , ne in furore tuo.....

SUSPENDE o teo furor, e não me acuses,
SENHOR, na tua ira: vê meo peito
Rasgado já das settas penetrantes,
Que tens em mim cravado.

Na minha alma teo braço carregaste,
E a tua ira desmaiados, languidos
Deixou os membros meos: tremem me os ossos,
A' vista de meos crimes:

Em grandeza elles vencem, sobrepujam
Minha cabeça, e sobre o chão me acurvam,
Qual peso enorme; já corruptas, lívidas
Minhas chagas se abriram.

Eu, o culpado sou: froxo, abatido,
Mesquinho se tornou o meo semblante;
Todo o dia me assombra o escuro manto
Da asperrima tristeza:

Porque nos lombos meos, nas podres chagas
Giram sempre illusões, nem a saude
Já me vigora; desolado e triste
Estou, sobre maneira;

Das entranhas me rompem, quaes rugidos,
Anciados gemidos: Tu bem sabes,
SENHOR, os meos desejos, e o motivo
Que estas magoas desperta.

Turbado o coração me bate trémulo,
Definhou-se o vigor que me animava,
Dos olhos me fugiu o lume, e cerca-me
Caliginosa nevoa.

Amigos e parentes conjuráram
Contra mim, e me assaltam; esses mesmos,
Que estavam a meo lado, fugitivos
De longe me encaráram.

Então meos inimigos, redobrando
Sua furia, me investem, tramas urdem,
Crimes me imputam; eu, qual surdo e mudo,
Sofro, nem me defendo.

Pareço não ouvir, e não ter falla;
Porque de Ti espero o meo conforto:
SENHOR, Tu me ouvirás, e enternecido
De mim terás piedade.

Não se cevem na minha desventura
Os meos contrarios; cresce o seo orgulho,
Vendo-me vacillar os pés trementes,
E imminente a ruina.

Mas embora me pune a teo arbitrio :
O rosto inclino , pois me punge e fere
Constante a minha dor , e penitente
Confesso os meos delictos.

Vê porem como cresce a turba infida
Dos inimigos meos : vê que elles vivem
Entre crimes , e os braços musculosos
Roboram , e me oprimem.

Com males retribuem beneficios ,
Assoalham mil hórridas calumnias ;
E isto , porque fui doce e benigno ,
E abracei a virtude.

Não me deixes , SENHOR , não me abandones ,
Tu só , meo DEUS , Tu só podes salvar-me ;
Vê minha desventura , e pressuroso ,
O teo servo soccorre.

OBSERVAÇÕES , E NOTAS.

Sobre o titulo deste memoravel e sagrado cantico , occorrem não poucas difficuldades. — Psalmo de David para a commemoração do Sabbado.—Primeiramente, no original hebraico, não se lê a palavra *sabbado :* he extremamente provavel que ella foi acrescentada pelos Setenta, na sua respeitavel versão. Entre muitos outros venerandos interpretes , S. Agostinho adoptou

este acrescentamento, e não sem razões mui dignas de atenção. A clausula *para a commemoração* he a tradução do termo hebraico *leazchir*; mas he por ventura este o seo natural sentido?... O rabino Kimchi pretende que *leazchir* he um instrumento musico. Vatable diz que outros Hebreos são de opinião, que esta voz era o principio de um cantico vulgar, per cuja musica este psalmo devia ser cantado. O douto Leclerc abertamente confessa a sua ignorancia a este respeito dizendo: «*Leazchir, quid sibi velit, juxta scio cum ignarissimis* ». Este exemplo confirma abundantemente a dificuldade de interpretar, com assaz segurança, as composições hebraicas escriptas na antiga linguagem dos descendentes de Jacob. Como quer que seja, este psalmo he o terceiro dos chamados penitenciaes, e sem entrar em o seo sentido mystico, pode dizer-se que he no seo genero uma composição admiravel, pois encerra as expressões mais vehementes de um coração verdadeiramente contrito e humilhado, e justifica sobejamente a devota e exemplar deliberação de S. Agostinho, quando vendo-se proximo á morte, em Hiponia cercada pelos vandalos, o mandou copiar em uma tabella, que mandou pendurar, na parede do quarto onde jazia enfermo, de frente de seos olhos; para que não deixasse jamais de ter presente um excitamento tam singular, para a verdadeira penitencia.

PSALMO XXXVIII.

Dixi, custodiam vias meas...

Sim, eu resolvo moderar meos passos,
E a minha lingua sopear intento,
Te entre insultos, refrea-la quero,
Porque não peque.

Injuriado, conservei humilde
Silencio austero, nem busquei conforto;
E renovou-se minha dor antiga
Dentro em meo peito.

Bateu no seio o coração fervente,
E a reprimida labareda ergueu-se,
Em quanto fixo meditava as feras,
Crueis injurias.

A presa lingua desatei dizendo:
Eu já não posso, ó meo SENHOR, e ao menos,
Dize se perto já trasluz o dia
Da minha morte;

Ou se inda a vida supportar he força,
Por largo tempo: Tu mediste e contas
Meos breves annos, e, qual fumo ou nada,
São a teos olhos,

Tal he de todos os mortaes a sorte!
Como vaidosa fugitiva sombra,
Correm seos dias, e comtudo inquietos,
Formam mil planos.

Rico tesoiro sem cessar abarcam,
Nescios ignoram para quem grangeam:
Mas eu, aonde pousarei a minha
Doce esperança?

Confiarei no meo SENHOR somente;
Sim, nos teos braços o meo ser repousa;
Vem e desfaze meos fataes delictos,
SENHOR, apaga-os.

Vê que me deste como opprobrio a um louco:
Mudo o escutei, e nem se quer os beiços
Meos se agitaram; adorei humilde
Tua vontade.

Agora afrôxa o teo ferino açoite:
Já desmaiado a tua mão me abate:
Ah! de que males venenosa fonte
He o peccado!

Por causa d'elle, maltrataste o homem,
E o seo esprito dessecar fizeste,
Como se a força lhe roesse em giro
Voraz insecto.

Quanto he vaidade, como passa e foge
A humana raça! mas, SENHOR, ao menos
Meo pranto acolhe, meos gemidos ouve
Terno e piedoso,

Não emmudeças; quaes meos paes viveram,
Tu bem o sabes, assim vivo estranho
E peregrino sobre a terra, habito
Ante teos olhos.

Abranda, amolga o teo furor, e deixa,
Por piedade, que eu em paz respire,
Antes que a morte, qual vapor, desfaça
Minha existencia.

OBSERVAÇÕES, E NOTAS.

Este cantico de David, cheo sem duvida de admiraveis maximas e reflexões moraes, foi composto por occasião das injurias, que lhe foram feitas per Semei, e com as quaes o SENHOR pretendeu provar a sua paciencia. O santo rei o destinou para ser cantado per Idithun, que provavelmente seria tambem o compositor da muisca. O titulo « Para o fim, a Idithum mesmo, cantico de David » Assim o inculca. S. Ambrosio tinha este psalmo em mui particular apreço, e a meditação d'elle foi quem lhe sugeriu o pensamento, de compôr o seo estimavel tratado dos officios. Uma tam respeitavel recomendação nos convida a lê-lo com particular atenção.

PSALMO XXXIX.

Expectans , expectavi Dominum. . . .

1.

FIRME esperei no meo SENHOR, e olhou-me
Com rosto enternecido,
Ouviu meos rogos, e roubou-me ás ondas
De mesquinho, enlodado, amaro pego.

2.

Em pedra estavel os meos pés firmando,
Os passos me assegura;
Aptou nova materia á minha lingua,
Para grata cantar os seos louvores.

3.

Os que me ouvirem, no seo nome santo
Sperarão temerosos;
Feliz o que confia n'elle, e os olhos
Cerra do mundo ás illusões insanas!

4.

Que prodigios, DEUS meo, não tens obrado!
Quem os teos pensamentos
Pode igualar! assim affoito o digo
A' turba que recresce innumeravel.

5.

Oblações, sacrificios já não queres,
Holocaustos não curas,
Que vivo deixam o peccado; e um corpo
Me deste para reparar seo damno.

6.

Eis me aquí, ó SENHOR: manda, e obedeço.
Gravei o teo preceito
Em mim, e do teo livro á frente escrito
Está, que heide comprir tua vontade.

7.

Tua justiça a numeroso povo
Annunciarei impávido:
Bem o sabes, SENHOR, dentro em meo peito
Nunca heide esconder os teos louvores.

8.

Sim, meo DEUS, eu jamais tua justiça,
Tua alta piedade,
Tua verdade, e coração magnánimo
A's turbas occultei que me cercavam.

9.

Mas lembra-te, SENHOR, que sempre ao lado
Tua misericordia,
Tua verdade me amparou, e agora
Não desvia de mim o teo semblante.

10.

Males me rodearam já sem numero,
E a vista me tolheram
Os crimes que me cobrem; eu desmaio;
Pois, mais que os meos cabelos, se augmentaram.

11.

Apraza-te, SENHOR, vir ajudar-me,
Valer-me em tanta magoa;
De zombaria e confusão cobertos,
Fujam quantos tem sede da minha alma.

12.

As costas voltem, de vergonha tintos,
Os que mal me desejam;
Levem comsigo confusão, e mofa
Os que me dizem « eia, eia » e zombam.

13.

Exultem ledos quantos te servirem,
Exclamem quantos te amam:
« Engrandecido seja, viva o grande,
» O Soberano DEUS, que nos ampara! »

14.

Embora eu seja abandonado e pobre,
Se tem de mim cuidado
O meo DEUS: vem, SENHOR, a soccorrer-me,
Pois es meo protector, não te demores.

OBSERVAÇÕES, E NOTAS.

« Para o fim a David mesmo » he a inscripção que se lê á frente d'este admiravel cantico. Seria acaso o proprio David quem deveria canta-lo ?... E porque não cantaria no templo do SENHOR aquelle David, que pelas ruas dansava diante da arca da aliança ?... He verdade que sua esposa Michol fez então zombaria d'elle, considerando como indecorosa aquella acção nascida aliás do zelo da honra e gloria do SENHOR. Parece que ja então as considerações mundanas começavam a ingerir-se no modo de render o culto a DEUS... Haverá acaso porem uma só acção, em que o homem renda culto ao Ser supremo, a qual seja indecorosa aos soberanos do mundo ?... Terão por ventura os reis e os grandes da Terra menos obrigação de humilhar-se na presença do SENHOR do Universo, do que tem os homens que exercem profissões humildes, ou os que vivem no seio da indigencia ?... Assim he que os segundos tem mais que pedir a DEUS; mas os primeiros tem muito mais que agradecer-lhe. Como quer que seja, este psalmo era tanto mais digno de ser cantado pelo propheta rei, quanto não so elle he um hymno dirigido a glorificar o rei supremo, mas he um cantico, em que se figura o nosso redemptor Jesus Christo, annunciando aos povos a lei da graça. Pelo menos assim era elle considerado per S. Paulo, como pode vêr-se da sua epistola aos Hebreos, em que o santo apostolo assevera que a pessoa que n'este psalmo fala, he Jesus-Christo mesmo : opinião que depois foi sustentada per santo Agostinho, e que he a mais geral-

mente seguida pelos santos Padres, e pelos interpretes; convindo todos em que este cantico he prophetico, e alusivo á pessoa do nosso Redemptor.

PSALMO XL.

Beatus qui intelligit super egenum...

1.

Feliz quem tem piedade
Do misero indigente;
E da necessidade,
Com mão terna e clemente,
Enxuga o pranto ardente:
Se a fea desventura
Seos dias rodear,
DEUS mesmo com doçura
O vem a confortar.

2.

Elle lhe dobre a vida
E o faça venturoso,
E em campo, a raiva infida
Vencer do furioso
Contrario seo, doloso!
Se em duro, horrido leito
Enfermo amanhecer,
DEUS venha em brando aspeito
Seo leito amolecer.

3.

Agora, ó meo SENHOR,
Piedoso sê comigo;
O golpe extirpador
Do meo peccado antigo
Benigno sára, e amigo:
Vê como estam bradando
Os que me querem mal:
« Em fim morra; te quando
« Vivrá este mortal? »

4.

Se acaso a ver-me descem,
Com ternura aparente,
Palavras doces tecem,
E dentro o peito, a mente
Fumega impaciente
Traidora iniquidade:
Deixam-me, e vam formar
Projectos de maldade
Para me assasinar.

5.

Susurram entre si,
Crueis males meditam,
Com duros sons que ouví,
A matar-me se excitam;
Blasfemos então grítam:

» Veremos se da morte,
» Que preparada está,
» Sofrendo o duro corte,
» Depois resurgirá?»

6.

O mesmo aquem fiava
Todo o meo coração,
Que á minha mesa estava
Cortando do meo pão,
A mais dura traição,
Unido a meos contrarios,
Feroz imaginou;
E, com projectos varios,
Contra mim se ligou.

7.

Mas he tempo, ó SENHOR,
Desce a me consolar;
Da morte vencedor
Faze-me, e, a seo pezar,
De novo a frente alçar
No tumulo horroroso;
Ver-me has então vencer
O bando furioso
Que aniquilar-me quer.

8.

Conheço que sou caro
A ti, ó DEUS amavel,
Pois ao inimigo amaro
Que me segue implacavel,
O teo braço admiravel,
Tua justiça ingente
Por fim aterrará;
E o meo peito innocente
D'elle triumphará.

9.

Por isso Tu me amaste,
E minha face pura
De gloria coroaste
Que sempiterna dura:
A tua formosura
Sempre Israel entoe,
Eterno o teo louvor
Nos Ceos e Terra soe,
O' meo doce SENHOR.

OBSERVAÇÕES, E NOTAS.

Este psalmo, que os interpretes todos concordam em ser alusivo a Jesus-Christo, parece ter sido composto por David, no tempo da perseguição que lhe fa-

zia seo filho Absalon. O titulo he o mesmo que o do antecedente, sobre cuja inteligencia já fiz as reflexões, que me pareceram oportunas e proprias de um tempo, em que a frequencia dos templos, ainda para o desempenho das mais positivas obrigações christãas, se olha como indecorosa não só ás pessoas das primeiras hierarchias, mas ás de qualquer modo abastadas; as quaes todas pretendem ter, e pela maior parte tem nas suas casas, pequenos e talvez pouco decentes oratorios, ou armarios enfeitados, em os qu aes sacerdotes assalariados lhes prestam, quasi como servos, os officios religiosos, que deveram ser sempre considerados com o maior respeito, e exercidos com a mais perfeita independencia e dignidade.

PSALMO XLI.

Quemadmodum desiderat cervus.....

1.

QUAL suspira sequioso
Lasso cervo a clara fonte,
Tal anhelo fervoroso
Por ver o meo creador.
Meo espirito ancioso
Teve sede de seo DEUS;
Ah! quando verei nos Ceos
A face do meo SENHOR.

2.

De continuo amaro pranto
Me mantenho, noite e dia;
Povo infido exclama em tanto,
« Esse teo DEUS onda está? »
A tam perfidos accentos,
Magoado me bate o peito,
Desafogo com lamentos
Minha dor tyranna e má.

3.

De saudade consumido,
Só me consola a lembrança
A doce e terna esperança
De que um dia te verei:
Qual será minha alegria
Nessa dia afortunado!
Com que gozo transportado
Teos louvores cantarei!

4.

Mas porque, coração meo,
De temor triste palpitas?
Enxuga as faces afflitas,
Espera no teo SENHOR.
Inda hás de ver seo semblante
E exaltar seo nome santo,
Pois elle he um DEUS amante,
Teo refugio, e teo valor.

5.

Adoço assim o tormento
Que me cerca o coração,
Esperando de cantar-te
Sobre as margens do Jordão:
Lá, sobre o monte pequeno
De Hermoniim, eu lhe digo
Que, em feliz dia sereno,
Suas vozez soarão.

6.

Tu falaste, e rebentaram
As celestes cataractas,
Suas ondas ajuntaram
As do turvo horrendo mar.
Um abysmo se abre e chama
Novo abysmo que o acompanha;
Nem ja val esforço ou manha
Para a torrente aplacar.

7.

Tua horrisona procella
Que dos Ceos e Mar soava,
Quantas ondas encerrava
Todas sobre mim soltou:
A pezar de tanto horror,
Minha boca, humilde e grata,
Noite e dia, teo louvor
De entoar jamais cessou.

8.

Ouve os meos ardentes rogos;
Ah! meo DEUS, eu te direi
Que tu es o meo amparo,
Que sem Ti viver não sei:
Mas porque de mim te esqueces?
E, da barbara cohorte
Sempre exposto ao duro corte,
Triste afflito me verei?

9.

Em quanto ferreas algemas
Quasi os ossos me estalavam,
Mil insultos inventavam
Os que me oprimem de dor.
De contino exclamam, bradam
Com sorriso mofador:
« Onde está esse que adoras
» Esse DEUS, esse SENHOR? »

10.

Mas porque, coração meo,
De temor triste palpitas?
Enxuga as faces afflitas,
Espera no teo SENHOR:
Inda has de ver seo semblante
E exaltar seo nome santo,
Pois elle he um DEUS amante,
Teo refugio, e teo valor.

OBSERVAÇÕES, E NOTAS.

He incerto se este psalmo he composição de David. O seo titulo no original hebraico he o seguinte « *Lamnazeah maschil lebne Korah* » o qual na vulgata se acha traduzido assim « *In finem intellectus filiis Coré* ». E na versão de S. Hieronymo — Victori doctissimo filiorum Coré. — Qual seja a genuina traducção, ou antes a genuina intelligencia do titulo hebraico, he questão mui debatida; pretendendo uns derivar deste titulo, que o psalmo he composição dos Coraitas ou filhos de Coré, e outros que elle fora destinado para ser cantado, e talvez posto em musica pelo bando dos mesmos Coraitas. Outra duvida não pequena he se estes Coraitas são os descendentes d'aquelle Coré, que com Dathan, e Abiron se rebelaram contra Moyses, e foram submergidos no centro da terra, em castigo de seo crime; ou se são os descendentes de outro Coré que talvez existisse no tempo de David. O que he certo, e nos consta do livro 2.º dos Paralipomenos, cap. 20, he que no templo do SENHOR, havia um bando de cantores descendentes de Coré ou Corah; e por tanto he crivel, que esta composição fosse destinada, para ser cantada per aquella familia ou Coro dos Coraitas. Santo Agostinho julgando este psalmo todo mysterioso, fundado em que a voz *Korah* em hebraico equivale á palavra *Calvario*, entende que este e outros dez psalmos, que tem inscripções similhantes, foram pelo propheta rei indicados, como canticos pri-

vativamente destinados para os christiãos, que tanto quer dizer no seo conceito « *Filhos do Calvario* ou *Filhos de Coré* ».

PSALMO XLII.

Judica me, Deus, et discerne causam....

ASSENTA-TE, ó SENHOR, escuta, e julga-me:
O meo peito innocente, a minha causa
Mostra á maligna gente, e salvo arranca-me
Aos dolos dos iniquos.

O' meo DEUS, Tu es minha fortaleza;
Porque me abandonaste, e triste vago,
E em quanto denodados inimigos
Me acossam, me perturbam?

Desfere a tua luz, tua verdade
Sublime e luminosa; que me guiem
Ao teo monte sagrado, ao teo augusto
Tabernaculo santo:

E ao altar subirei do DEUS que adoro,
D'aquelle DEUS que inflama de alegria
A minha mocidade: com que jubilo
A cithara ferindo

Farei soar, ó DEUS, a tua gloria,
O' DEUS, todo o meo bem! Nada recees,
Basta, coração meo, ah! porque causa
Afflito inda palpitas?

Espera no SENHOR, verás raiando
Um dia afortunado, em que tranquilo
Louvarei o meo DEUS, que me aviventa
E me illumina o rosto.

OBSERVAÇÕES, E NOTAS.

Este psalmo he verdadeiramente hum resumo do antecedente, e por isso talvez se acha no original hebraico sem titulo ou inscripção alguma.

PSALMO XLIII.

Deus, auribus nostris audivimus....

1.

TEM a fama publicado,
Nossos pais nos recontaram
Quanto tens, SENHOR, obrado
Nos tempos que já passaram,
A favor do povo amado.

2.

Teo forte braço se armou;
Das nações que o perseguiam
As armadas dissipou;
No paiz que possuiam
O teo povo se assentou.

3.

Não foi sua ferrea espada,
Nem seos bellicos arnezes,
Mas a dextra tua irada,
Que vencer os fez mil vezes,
E ganhar doce morada.

4.

Amaste-os, terno SENHOR,
E por isso se aterrava
Seo inimigo ao esplendor
Do teo rosto, e os derrubava
Teo braço exterminador.

5.

Tu es inda o nosso Rei,
Es o DEUS amparo, e esteio
De Jacob, confiarei
No teo braço, e sem receio,
Dos contrarios mofarei.

6.

Qual brama o toiro indomado,
E a cornea fronte inclinando,
Tudo investe, e mata irado;
Tal contra o contrario bando
Correrá teo povo armado.

7.

Não confio em minha aljava,
Nem no alfange d'aço forte;
Mas em ti, que a furia brava
Da guerra açaimas, e a morte
Sujeitas, qual vil escrava.

8.

Turbada, enfia e descora
A cruel imiga gente;
Destruiste-os, e canora
Grata voz eternamente
Canta a mão triumphadora.

9.

Mas agora nos deixaste
Cobertos de confusão;
Acode ao povo que amaste,
Põe-te á frente da Nação
Que n'outro tempo guiaste.

10.

Fugitivos recuamos,
Ouvindo inimigos brados;
De despojos os cevamos,
Quaes ovelhas, espalhados
A' morte nos entregamos.

11.

Quasi sem preço, SENHOR,
Vendes teo povo tremente,
Qual costuma o vendedor
Pactear com pobre gente,
Per falta de comprador.

12.

Como oprobrio, abandonaste
Aos visinhos seos teo povo;
Como exemplo o conservaste,
Exemplo funesto e novo
A's mais nações, que creaste.

13.

De noite o pejo, e de dia
Me gira o turvo semblante,
Ao ver a face sombria,
O gesto, e voz insultante
D'esta altiva gente impía.

14.

Tantas magoas, tal tormento
Humilhados supportamos,
Nem jamais teo testamento
E a lei tua profanamos,
Com fatal esquecimento.

15.

Abatidos, e assombrados
Do horror, que circunda a morte,
Sempre intrepidos e ousados,
Com seguro passo forte,
Seguimos os teos mandados.

16.

Se de Ti nos apartamos,
E erguemos a estranho Deus
Nossas mãos; como esperamos
Occulta-lo aos olhos teos,
Que vêm quanto cogitamos?

17.

He verdade, ó meo SENHOR,
Que, por ti, somos pisados
Todo o dia com furor,
Como ovelhas, destinados
A morrer por teo amor.

18.

Porque dormes, ó meo DEUS?
Desperta, e vem soccorrer-nos;
Volve a nos, dos altos ceos,
Para em tanta dor valer-nos,
Os divinos olhos teos.

19.

Sobre o po jaz humilhado
Nosso afflito coração,
O corpo á terra grudado
Jaz, ó DEUS; comque razão
Esqueces o nosso estado?

20.

Desperta, amavel SENHOR,
Atende a teo nome santo,
Vem resgatar-nos, e a dôr
Que nos punge, e acerbo pranto
Adoçar com terno amor.

OBSERVAÇÕES, E NOTAS.

He incerto que este psalmo seja de David: graves razões induzem a suspeitar o contrario: mas seja quem fôr o seo autor, he um cantico que a Igreja reconhece haver sido divinamente inspirado, e que alguns dos santos padres, como S. Hieronymo, e S. Agostinho julgam ser alusivo ás primeiras perseguições da Igreja. Alguem ha que entenda que esta composição teve por objecto immediato, lamentar a opressão do povo hebreo, gemendo debaixo do cruel jugo de Antiocho Epiphanes. S. Paulo, na epistola aos Romanos, o aplica aos primeiros christãos perseguidos: e talvez que pesadas todas as razões dos diferentes interpretes, a opinião mais digna de ser seguida seja a do sabio Du-

guet, quando diz « Parece-me que o Espirito santo » deixou este psalmo em uma generalidade tam in- » dependente de circunstancias particulares, a fim de » faze-lo o mais proprio possivel, para exprimir os » sentimentos dos justos afflitos de todos os tempos ». O titulo com que se lê na vulgata he o seguinte — *In finem filiis Core ad intellectum* — donde se vê que este hymno fora destinado para ser cantado no templo, pelo bando dos Coreitas, bem como o psalmo 41. Não he porém facil determinar a diferença que resulta da diversidade das clausulas — *Intellectus filiis Coré* — e — *filiis Coré ad intellectum* — que se leem em um e outro.

PSALMO XLIV.

Eructavit cor meum verbum bonum....

1.ª TRADUCÇAO.

1.

NO MEO peito resoou
Novo som, Estro Divino,
Já minha lingua fervida parece
De veloce escritor rapida penna:
Ao meo Rei cantarei os seos louvores:
O tu, o mais fermoso dos humanos,
Em teos beiços doce enchente
De graça se espalhou, e um DEUS benigno
Por isso te abençoa eternamente.

2.

Altivo prende ao lado
A espada fulgurante,
E o teo semblante de belleza ornado
Luzirá entre as armas mais fermoso;
Sé quanto bello, assim ditoso, e reina
De prazer embebido, e de ventura;
Invicta em toda a edade
A tua dextra de justiça se orna
De mansidão, e lucida verdade.

3.

Tuas settas aguçadas
Ferem, rasgam sanguinosas
Os inimigos peitos, e prostrada
A teos pés ajoelha toda a Terra;
O teo throno, ó SENHOR, será eterno,
A vara da equidade he o teo sceptro;
Sempre tu foste inimigo
Da perfida maldade, e sempre encontra
Em teo seio a justiça doce abrigo.

4.

Por isso, o DEUS que amas
Vasou sobre o teo rosto
Enchente copiosa de alegria,
Qual nunca a teos Irmãos foi concedida:
Que suavissimo cheiro não respiram
Os teos vestidos! a fragrante myrrha,

Mil balsamos prezados
Os perfumaram : brilha o teo palacio
Com purpura, e marfim n'elle engastados.

5.

De regio sangue descendem
As esposas que escolheste,
E de deleite o coração te inundam,
Mas em belleza todas sobreleva
Aquella que rainha nomeaste;
A' tua dextra se assentou ; e as vestes
De oiro fino recamadas
Bem acenam qual he sua grandeza,
Com tam vario desenho debuxadas.

6.

Ouve, ó Rainha, attenta
Ouve um fiel conselho;
Da paterna morada e do teo povo
A amargosa saudade esquece, e meigo
O Rei cobiçará tua belleza;
Olha que elle he teo DEUS e teo monarcha,
Sempre, sempre adorado;
Co'as donzellas de Tyro, o grande, o rico,
Suplicando a teos pés, verás prostrado.

7.

Mil dadivas preciosas
Vêm alegres offertar-te;
O' filha de monarcha, essa belleza,
Que brilha no teo rosto delicado,
Pouco val, comparada á formosura
Da alma gentil que te aviventa o peito;
Qual se de oiro fosse orlada
Reluz, e tuas perfeições variam,
Qual campina de flores matizada.

8.

Donzellas graciosas
Ao Rei vêm presentar-se;
Teos passos seguirão, já se encaminham
Festivas, ledas, ao real palacio.
Filhos te nascerão, que em fim adocem
De teos pais a lembrança, e o sceptro empunhem
Do vasto continente;
As vindoiras nações dirão teo nome,
Que exaltado será eternamente.

2.ª TRADUCÇAO.

Novo som jamais ouvido
Do coração me rompe, e me namora;
Ouve, ó Monarcha, minha voz sonora:
Verás ser engrandecido
O teo nome: dos ceos raiou benino
O Estro que me anima, Estro divino:
Qual gira rapida
Penna agitada
Pela apressada
Mão do escritor;
Tal minha lingua
Volve-se e corre,
Mil sons discorre
Chea de ardor.
O' tu, gentil esposo, quem na Terra
De teo rosto assimilha a formosura!
Em teos beiços, de graça enchente pura
Foi diffundida pelo DEUS que encerra
Em si toda a belleza,
E terno se afeiçoa
A' tua incomparavel gentileza,
E com benção eterna te coroa.
Brioso cinge ao lado
A espada radiante,
Sem susto empunha o sceptro scintilante;
Sê, quanto bello, assim afortunado,
Feliz caminha, e impera:

Sim; nada temas, tua dextera invit'a
Te guiará seguro, pois habita
Dentro em tua alma rectidão severa,
Compassiva brandura,
E da verdade a luz brilhante, e pura.
Eu já vejo a teos pés ajoelhadas
As nações, e no seio palpitante
Dos inimigos teos fremem cravadas
Tuas settas ardentes:
O teo throno, ó meo DEUS, meo soberano,
He sempiterno, e a vara, com que as gentes
Moderas, brando sceptro he de equidade.
O refalsado engano,
Faminta iniquidade
Tu sempre aborreceste, e só prezaste
A justiça; por isso o DEUS potente,
Aquelle DEUS a quem tu sempre amaste
Vasou copiosa fervida torrente
De gozo, e de prazer sobre o teo rosto,
E a todos teos Irmãos foste anteposto.
Como respiram suaves
De mil cheiros perfumadas
Tuas vestes! como ornadas
Do teo paço as cazas são!
De fermozas regias Damas
Te segue invejado bando,
De prazeres inundando
Teo ditoso coração.

Mas qual he esta que a teo lado a frente
Esbelta sobre todas eminente?
Augusta soberana,
O teo aureo vestido
Com tanta variedade entretecido,
Qual seja o nome teo, nos desengana.
Ouve, ó minha Rainha, ouve me attenta:
Vence animosa, e de uma vez desterra
A saudade cruel, que te atormenta,
Da paterna morada, e amada terra;
Ja cobiçoso
O Rei te olhou,
E se encantou
Dos olhos teos;
Vê, que adora-lo
Deves constante,
Que o teo amante
He o teo DEUS:
Olha as Tyrias donzellas reverentes,
Dadivas pingues ante ti depondo,
E os ricos e potentes
A Ti se acolhem, o seo mal expondo:
O Real sangue, e a belleza
De teo rosto, mais que humana,
Não he, minha Soberana,
A tua gloria maior:
Mas a bella alma innocente
De virtudes matizada,

E de amor sempre abrazada
Que do oiro excede o splendor.
Virgens mimosas vêm apresentar-se
Ao monarcha apoz ti; e as mais prezadas
Serão ao teo serviço consagradas.
Olha como começa a encaminhar-se
Ao regio sanctuario
O lindo côro de louçãas donzellas;
Entre aplausos exultam todas bellas,
Os olhos captivando em modo vario:
Se deixaste, Rainha, os pais amados,
Fermosos filhos vê de ti gerados
Que, desde o sul ao norte,
A Terra domarão com braço forte:
Teo nome augusto
D'elles lembrado
E decantado
Sempre será:
O filho ao Neto
O ensinará,
No mundo inteiro
Retumbará.

OBSERVAÇÕES, E NOTAS.

Esta sagrada composição, em que brilha um estro não vulgar, e uma magnificencia e força de expressão muito superior a quasi todas as outras, que formam esta canonica composição, he, no sentir de S. Agos-

tinho, de S. João Chrysostomo, e de quasi todos os interpretes, um epithalamio espiritual, em que o propheta rei celebra os desposorios de Jesus-Christo com a sua Igreja, ou a uuião milagrosa da divindade com a humanidade, na pessoa de nosso piedosissimo Redemptor. S. Paulo, na epistola aos Hebreos, se serve de dois versiculos d'este psalmo, para mostrar que n'elle se achava prophetisado o eterno imperio do Jesus-Christo sobre os seos escolhidos. Entre tanto não falta quem, sem contradizer a aplicação mystica d'este admiravel cantico, se persuada que elle foi composto per Salomão, por occasião dos seos desposorios com a filha do rei do Egypto. Alguns dos santos Padres entendem ser afirmado de Maria santissima quanto aqui se diz ácerca da esposa, ou ella seja a filha de Pharaó, ou seja no sentir de outros a igreja catholica, simbolisada na pessoa d'aquella princesa. A minha profissão, e ainda mais a minha ignorancia em materias theologicas tam sublimes, me impoem o dever de não ingerir-me em pronunciar voto sobre similhante materia; e por isso, limitando-me a estas breves indicações, somente acrescentarei que o titulo d'este psalmo no original hebraico he o seguinte—*Lamnaseah al shoshanim, labeni Core maschil sir shedidot*—o qualna vulgata, que n'este ponto se conformou com a versão dos setenta, se acha traduzido da maneira seguinte — *In finem pro iis qui commutabuntur, filiis Core ad intellectum, canticum pro dilecto.* — Traducção que não he geralmente adoptada, por haver não poucos interpretes, que entendem a voz *shoshanim* em diverso sentido. Em vez de interpretarem aquella palavra hebrai-

ca pelos termos, *qui commutabuntur,* «aquelles que serão mudados ou transformados » , uns a interpretam *pro liliis*, outros *pro floribus*, outros *pro rosis*, outros finalmente entendem que a voz *shoshanim* não somente significa uma flor, mas um instrumento musico, ao qual os Hebreos haviam dado o nome dessa tal flor, bem como nos ainda hoje chamamos *viola* a um instrumento musico, e a uma flor mui conhecida. Não falta quem pretenda que a voz *shoshanim* significa *alegria* e que em seo logar se devera escrever *pro lætitiis;* e talvez não seja esta a sentença menos adoptavel. A traducção de Saverio Mattei, em forma de epithalamio, he digna de vêr-se, e he na minha opinião uma das mais bellas que elle fez, considerada pelo seo merecimento poetico.

PSALMO XLV.

Deus noster, refugium et virtus....

Strophe.

DEUS he nosso refugio, e valentia;
Com sua mão piedosa
Nos abriga das ondas procellosas,
Que tantas vezes, contra nós iradas,
Até os ceos subiam;
Veremos sem temor turbar-se a Terra,
Despenharem-se os montes no Oceano.

Antistrophe.

Com horrido estampido resoaram
Do mar as turvas agoas;
Abalados estalam seos rochedos;
Mas, entre tanto horror, pequeno rio
Mana sereno, e lambe
As praias da cidade, que DEUS ama,
Onde assentou seo throno augusto e santo.

Epode.

Nos nossos muros firme
O SENHOR estará para escudar-nos,
Mal a aurora raiar: embora fremam
As nações, e se agitem;
Vergaram seos imperios, e ao terrivel
Som da divina voz, tremeu a terra.

Strophe.

O SENHOR das virtudes, o DEUS grande
De Jacob nos ampara;
Vinde e atentai as obras grandiosas
Que tem obrado, as raras maravilhas
De que cubriu o mundo;
Da guerra a face sanguinosa e brava
Sob o gelado pólo encarcerando.

Antistrophe.

Calcou o arco que dispara a morte,
Esmigalhou as armas,
E sobre chammas de abrazado fogo
Os escudos lançou: ouvî, ó homens,
A minha voz attentos,
Disse o SENHOR, e cesse o rouco estrondo
Das armas, descansai da paz no seio.

Epode.

Ouvî-me reverentes,
Que eu sou o vosso DEUS; e a terra inteira
Ao meo aceno cede, e a minha gloria
Se estende em todo o mundo.
Que ventura! este DEUS que tudo impera
He o DEUS de Jacob, he nosso esteio.

OBSERVAÇÕES, E NOTAS.

Nem a original collecção dos psalmos, nem as suas traducções declaram quem seja o autor d'este, e por isso mesmo he crivel que fosse David, quando nos ultimos annos da sua vida se viu pacifico, e que o seo povo começava a experimentar em grande medida os beneficios da paz, de que raramente gozára durante o seo reinado. Saverio Mattei pretende não obstante,

que este cantico deve attribuir-se a Salomão, por isso que segundo o estilo e a natureza do assumpto, lhe parece destacado do seguinte, com o qual entende que formava um só todo, e que assim unido, fora cantado na translação da arca da aliança do monte de Sion, para o novo e magnifico templo que per aquelle magnanimo soberano fora edificado. Porém esta singular opinião he contraria ao sentimento de quasi todos os interpretes, e expositores. Sobre o titulo d'este cantico são mais atendiveis as duvidas, que naturalmente occorrem. Na vulgata se lê — *In finem filiis Core pro arcanis* — Em a traducção de S. Hieronymo — *Victori filiorum Coré pro juventutibus* — O douto Calmet pretende que a sua legitima traducção seja a seguinte —*Psalmus traditus moderatori musices e familia Core, qui presidet choro puellarum.* — Todas estas variedades procedem da incerteza da verdadeira inteligencia da palavra hebraica *Alamoth*, que o Nebiense entende não corresponder a nenhuma das indicadas significações; por isso que no seo sentir, ella he o nome de um instrumento musico. Não falta quem pense que em vez de *arcano, mysterio,* ou outra qualquer significação, que se lhe pretenda dar, ella deve ser aqui considerada como a primeira voz de um cantico conhecido, per cuja musica, ou toada este psalmo devia ser cantado. Nova e jà sobeja prova do pouco conhecimento que os eruditos e os hebreos modernos tem da lingua, que se falava na Palestina, no tempo de David e de Salomão.

PSALMO XLVI.

Omnes gentes, plaudite manibus....

As mãos batendo congregai-vos, Povos,
Festivo aplauso, sonorosos hymnos
Tecei alegres ao terrivel, grande
DEUS que adoramos.

Monarcha impera sobre todo o orbe;
As estrangeiras bellicosas gentes
Fez que domadas sob os pés jazessem
Do povo amado.

Chamou-o sua venturosa herança,
Prole fermosa de Jacob que fora
O seo dilecto: Eis que assoma, e sobe
Este DEUS grande.

Já das trombetas soa o rouco estrondo,
Entre mil vivas o SENHOR se eleva:
Cantai, ó povos, exaltai cantando
Nosso monarcha.

Cantai o nosso grande DEUS, cantai-o,
Que elle he monarcha do universo inteiro;
Votai-lhe vossos escolhidos hymnos,
Não visto canto.

Sobre sagrado, refulgente thrôno
DEUS o seo sceptro soberano encosta,
Com elle rege desde um polo ao outro
As varias gentes:

Ja os soberbos reis do mundo se unem
Ao DEUS de Abraham, com temor o adoram;
Que este DEUS forte sublimou seo nome
Per toda a terra.

OBSERVAÇÕES, E NOTAS.

Sem duvidar de que o sentido mystico d'este psalmo seja convidar todos os povos, que felizmente se aproveitaram do sangue de Jesus-Christo, adoptando a religião per elle revelada, a celebrar as victorias do seo Redemptor, e o estabelecimento e triunfo da sua Igreja, he crivel que algum acontecimento coetaneo com a sua composição fosse o objecto natural, que lhe deu occasião. Entre os que tem lembrado aos expositores modernos, o que parece mais verosimil, he que este cantico sagrado fosse composto per Salomão, quando a Arca da aliança foi transportada do monte Sion para o magestoso Templo, que aquelle soberano fizera edificar em Jerusalem: considerando esta transição da antiga, para a nova e esplendida situação da Arca do Senhor, como simbolo do triunfo da Igreja, ou da transição dos escolhidos de DEUS, da antiga lei para a nova e maravilhosa lei da graça, estabelecida per Jesus-Christo. No titulo d'este cantico, se lê que elle fora do numero dos destinados, para serem cantados pelo bando dos coreitas.

PSALMO XLVII.

Magnus Dominus et laudabilis nimis....

1.

O SENHOR he grande, e dino
Do canto o mais elevado,
Na cidade que benino
Chamou sua, e no sagrado
Alto monte de Sião.
De toda a terra entre os vivas,
A cidade, e o monte santo
Sobem aos ares altivas,
E olham á parte que, em tanto,
Açoita o fero aquilão.

2.

A magnifica belleza
Dos edificios, que a adornam,
Mostrou qual seja a grandeza
Do DEUS, para quem se ornam,
E que os ha de defender:
Do mundo os reis conjuraram
Contra a cidade formosa;
Mal a viram, se turbaram;
A mente em pasmo anciosa,
De susto o corpo a tremer.

3.

Fogem prenhes de agonia,
Qual do parto á dor horrenda;
Nas náos Tharsias, á porfia
Entram, que a furia tremenda
Soçobrou do vento e mar.
Eis completas as promessas
Do SENHOR DEUS das virtudes,
Que estes muros, entre avessas
Vontades de povos rudes,
Ha de eternos conservar.

4.

Para o templo que escolheste,
O' meo DEUS, ledos corremos
Nossos votos acolheste,
E do orbe aos confins extremos
Levaremos teo louvor;
Será grande, qual no mundo
He teo nome immenso e augusto;
Todos, com temor profundo,
O teo braço forte e justo
Verão cheos de pavor.

5.

De Sion o sacro monte,
E as cidades de Judêa,
De prazer a altiva fronte
Ornem, pondo fixa a idêa

Nos teos juizos, meo DEUS!
Vinde, homens, e girando
De Sion os altos muros,
Rodeai-a, contemplando
Baluartes tam seguros,
E as torres que vam aos ceos.

6.

Ponde fito e atento o peito
No seo vigoroso arreio,
Reparai o bello aspeito
Dos palacios, e dizei-o
A' futura geração;
Dizei-lhe que poz morada
Aquí nosso DEUS eterna,
E que a sua mão amada
Nos mantem e nos governa,
Com perpetua duração.

OBSERVAÇÕES, E NOTAS.

Quem não soubesse que este psalmo he como os demais uma composição profetica, não hesitaria em affirmar que seo autor tivera em vista celebrar a grandeza e a magnificentia da cidade de Jerusalem, a cujo aspecto alguns Reis, que se haviam ligado para fazer guerra aos Hebreos, aterrados desistiram do seo proposito. Entretanto não he facil assignar, na historia

d'aquelle povo, uma epoca em que um tal acontecimento tivesse lugar. Poderia apontar-se a derrota de Sennacheribe, ou o triunfo dos Machabeos sobre as tropas de Antiocho Epiphanes; mas estes mesmos dois factos não poderiam bem conciliar-se com aquella armada naval, derrotada pelos ventos, de que fala o propheta. A chimerica expedição de Cambises, que o douto Calmet supõe ser o objecto dos versos 4°, 5° e 6°, a pesar de todas as aparencias, com que elle a pretende fazer verosimil, não tem nenhum lugar, nem se compadece com a historia conhecida, que apenas nos aponta tres expedições de Cambises, e nenhuma contra Jerusalem, durante o breve reinado d'aquelle principe, os Hebreos eram seos subditos, ou antes seos escravos, e escravos submissos; e quando não o fossem, um tal aparato de naos, e de alianças, seria contra toda a verosimilhança, pois seria empregar meios extremamente desproporcionados aos fins. D'aquí somente podemos colligir, que he muito incerto em que tempo e per quem fosse composto este sagrado cantico. Quando se tem em vista o seo contexto, sem atender aos tres citados versos, elle parece um poema, que mui verosimilmente poderia ter por objecto, o elogio da magnificencia de Jerusalem, depois dos diversos edificios, com que David a engrandeceu, e decorou; e principalmente depois da construcção do templo de Salomão: e não seria portanto fora de proposito atribuir esta composição ao mesmo Salomão, na occasião da dedicação d'aquelle magnifico e admiravel edificio. O seo

sentido

sentido mystico parece assaz claro, á vista da conformidade que n'esta parte se observa entre os interpretes e expositores da Biblia. O titulo deste cantico na vulgata he: *Psalmus cantici filiis Core secunda Sabbathi.* Esta clausula *secunda sabbathi* não existe no original hebraico, nem se lê na traducção de S. Hieronymo. Ella parece indicar o segundo dia da semana. Sobre a clausula *Prima sabbathi*, que com esta tem intima analogia, já fizemos as competentes reflexões, em a nota ao psalmo 23.

PSALMO XLVIII.

Audite hæc, omnes gentes....

Strophe.

Escutai, ó Mortaes, meos sons divinos,
Do mundo habitadores, atendei-me,
O' pais, ouvi-me, ó filhos;
Meos discursos atente o pobre, e o rico:
Mana a sabedoria dos meos labios,
E verdades me inspira
A prudencia, que em mim discreta, habita,
E mil ideas me suggere e di'ta.

Antistrophe.

A parabolas santas meos ouvidos
Inclinarei, e do psalterio as cordas
Ferindo harmoniosas,
Meos pensamentos soltarei sublimes,
E apontarei verdades mal sabidas:
Porque razão diviso
A mão do inerte susto amortecer-me,
E no dia infeliz tanto abater-me?

Epode.

De meos crimes a idea
Sem cessar me persegue. Embora ufano,
Da sua valentia se glorie,
De suas vãas riquezas,
O homem vão e ignaro; a sua mente
Remorsos sentirá perpetuamente.

Strophe.

Em vão para remi-lo se aventure
O amigo e o irmão; de um DEUS irado
Ninguem muda os decretos;
Ninguem de seo resgate paga o preço:
Alongue embora os seos extensos dias,
Forceje eternamente;
Este preço he mui alto, e a natureza
Do homem baxa, para tal empreza.

Antistrophe.

Morrem os sabios; e esquivar pretende
O louco um golpe inevitavel? todos
A morte sega, e talha;
Estranho herdeiro sobre seos tesoiros
Se assentará, em quanto a campa escura
De minguado sepulcro
Escassa habitação lhes abre, e encerra
Para sempre seos corpos sob a terra.

Epode.

Os seos nomes debalde
No mundo soarão: ah! como he certo
Que o homem de esplendor e gloria ornado
Não viu sua nobreza?
Abateu, aviltou seos sentimentos,
Tornou-se similhante aos vis jumentos.

Strophe.

Esta enganosa estrada os precipita
Em tropeços, e nescios se comprazem
Os homens em seos erros!
Quaes miseras ovelhas se encaminham
Em tropel ao cruento matadoiro;
Assim ao inferno descem,
Com seo sangue cevando a morte dura,
Que os conduz á prisão eterna, e escura.

Antistrophe.

Em quanto sobre as nuvens soberanos,
Os justos alçarão a frente augusta,
No horrendo abysmo os impios
Verão desfeita consumir-se a gloria
Que os corrumpidos corpos lhes toldava;
De tam pezadas magoas
Minha alma salvará o DEUS supremo,
Quando o dia romper incerto, e estremo.

Epode.

Se vires de riquezas
Doirar-se o homem, e altear ufano
De seos palacios o vaidoso cume,
E accumular väa gloria;
De pasmo o coração não sobresaltes,
Nem a sua vaidade nescio exaltes.

Strophe.

Passeia a morte sobre tectos de oiro;
Elle não levará á terra fria
Seo trem aparatoso:
Despido e nu se entranha no sepulchro.
Na sua vida perfidos deleites
O bemaventuravam,
E a lisonja infiel lhe preparava
Bebida, que de enganos saturava.

Antistrophe.

Vaidoso o seo espirito tragava,
A longos sorvos, a fatal doçura;
Mas eis que morre, foge,
Mistura-se entre as sombras vãas e errantes
Dos seos progenitores, e silencio
Tenebroso o circunda;
Nem, na longa infinita eternidade,
Verá luzir do dia a claridade.

Epode.

O' condição mesquinha
Dos miseros mortaes! e quanto he certo
Que o homem, de esplendor e gloria ornado,
Não viu sua nobreza!
Abateu, aviltou seos sentimentos,
Tornou-se similhante aos vis jumentos.

OBSERVAÇÕES, E NOTAS.

Tambem este psalmo he dos escohidos, para serem cantados pelo bando dos Coreitas. Em todos os antigos codices, David he reconhecido por seo autor; e custa a entender como Saverio Mattei se atreveu a atribui-lo a Salomão. He certo que n'elle se acham muitas ideas e pensamentos, que se encontram igualmente nos livros dos Proverbios, e da Sabedoria; mas

se as ideas das Theogonias orientaes, e as maximas moraes dos Assyrios, Persas e Caldeos eram vulgares entre os Hebreos no tempo de Salomão, ja no de David seo pai, ellas haviam começado a modificar, e a esclarecer a religião judaica, como deixo notado, e se deprehende de alguns de seos psalmos. He sem duvida que as ideas da espiritualidade da alma, da sua indestructibilidade, e a esperança da vinda do grande Juiz que deve punir os máos, premiar os bons, e renovar a face da Terra, tem uma influencia directa na moral dos homens, e que n'este sagrado cantico se encontram mais claramente especificadas, do que em outros psalmos reconhecidos por composição do Propheta-Rei. Mas dahi não se segue, que este não fosse capaz de desenvolvê-las, pelo modo per que se acham expostas n'este notavel hymno. Assim d'esta, como de todas as outras composições divinamente inspiradas, o verdadeiro autor he o Espirito Santo, qualquer que fosse o homem de cuja mão elle se serviu para escrevê-las, ou cuja lingua e voz elle destinou para canta-las; e por tanto nenhuma razão pode um philologo Christão derivar da diversidade dos estilos, para pretender despojar da gloria de haver sido escolhido, para a composição de tal ou tal obra, como instrumento do Espirito Santo, aquelle a quem a antiguidade inteira reconhece por tal.

PSALMO XLIX.

Deus, deorum Dominus, locutus est...

Fallou o DEUS dos Deuses soberano,
E chamou ante si a Terra inteira,
Desde o roxo oriente te a extrema
Do sol meta sombria;

Da parte de Sion já luz o rosto
Divino, e radiante; eis se avisinha,
Eis baixa o nosso DEUS, e sem vingança
Não deixará seo nome.

Globos de chamma os passos seos precedem,
E em torno o cercam horridas procellas;
A terra convocou e os ceos, que attestem
Seos tremendos juizos.

Separai diligentes, reservai-lhe
Os santos, que cumpriram seos mandados,
E justos sacrificios lhe offertaram
De compunção sincera.

Já começa o juizo temeroso,
Os ceos annunciaram sua justiça,
E em alta voz dirão, que so pertence
A DEUS julgar o mundo

Resôa a voz divina: ouve, ó meo povo!
Escuta, ó Israel! teo DEUS te falla:
Sim, eu sou o teo DEUS, que tudo impero,
E sobre Ti domino.

Por mais que de perennes holocaustos
Fumeguem minhas aras, nada curo
Teos sacrificios, nem dos teos rebanhos
Eu hei mister as victimas.

Minhas são quantas feras vês errantes
Nas solitarias brenhas, quantos vivem
Animaes, e nos montes se apascentam
Ou nos verdes oiteiros;

As aves minhas são, que ao ceo remontam
Seo elevado vôo, todas vejo;
Eu matizo do campo a formosura,
Minha he sua belleza:

Acaso comerei cruentas carnes
Dos toiros, que immolais sobre os altares?
Das rezes beberei o sangue impuro,
O' povo nescio, e cego?

Não são estas as victimas que busco;
De louvor sacrificios immolai-me,
Offertai-me e cumprî sinceros votos,
Com devoção piedosa.

Curvados sob o peso da desgraça,
Alçai a mim os olhos, invocai-me,
Eu vos sustentarei, e engrandecido
Assim fareis meo nome.

Depois ao pecador se volve, e diz-lhe:
Porque razão te atreves meos preceitos
A narrar, profanando com teos labios
Meo Testamento santo?

Tu que aborreces minha lei sagrada,
E que ouvir recusaste os meos discursos;
Tu, que do roubador o passo inquieto
Amavas e seguias;

Com adultera gente desfrutavas
Teos infames prazeres; de malicia
Trasbordou tua boca, e mil enganos
Com tua lingua urdiste.

Em paz a teo irmão calumniavas,
De tua mae o filho diffamaste;
Estes males obravas, e em silencio
Eu vi tua maldade.

Julgaste, ó impio, que meo nobre peito
Te assimilhava? contra Ti eu surjo;
Já teos delictos cobrem teo semblante
Eu te convenço, e julgo;

Attentai, ó mortaes, estas palavras;
O' mortaes, que esqueceis o DEUS supremo;
Antes que elle o seo golpe descarregue,
Nem possais esquiva-lo.

De louvor puro humilde sacrificio
Honrará o SENHOR, que enternecido
A'morada da paz e da ventura
Guiará nossos passos.

OBSERVAÇÕES, E NOTAS.

O titulo d'este sagrado cantico, que na Vulgata se lê « *Psalmus Asaph* » faz suspeitar que elle seja composição de Asaph. O original hebraico autorisa similhantemente esta suspeita, bem que a particula *le*, posta antes do nome Asaph, sendo igualmente propria para designar genitivo, e para designar dativo, favorece tanto a traducção « *Psalmo de Asaph* como a traducção « *Psalmo para Asaph* ». Comtudo, no Paralipomenon, liv. II.º cap. 29, lê-se que o santo rei Ezechias na celebração da grande ceremonia da purificação do templo, que executou logo no principio do seo reinado, depois de consumidos os holocaustos, ordenou aos levitas, que cantassem os louvores do SENHOR, mas que não empregassem senão os hymnos ou psalmos de David, e os do vêdor ou propheta Asaph. D'este texto se deprehende que Asaph não era um mero cantor, ou um simples mestre de

capella do rei David; mas um propheta, como elle, inspirado pelo SENHOR; e que effectivamente no tempo de Ezechias, ainda existiam no templo composições de Asaph, que n'elle eram cantadas, juntamente com as de David. Ora não he este o unico psalmo, que na sua inscripção indica haver n'esta sagrada collecção alguns canticos, dos quaes Asaph fora autor. Os onze que decorrem desde numero 72 até 82 inclusivamente, todos tem na sua inscripção, ou epigraphe, de Asaph, ou para Asaph; e se com efeito *Psalmus Asaph* não quer dizer psalmo de Asaph, pelo menos do psalmo 76 se deprehende que tambem não quer dizer psalmo para ser cantado per Asaph; por quanto este he expressamente designado para ser cantado per Idithun: e per consequencia, ou Asaph he o autor dos psalmos, em cujo titulo se lê o seo nome, ou pelo menos foi o compositor da musica, pela qual elles eram cantados no templo.

S. Hieronymo, com alguns outros dos primeiros Padres et expositores, he de opinião de que elles são composição de Asaph: porém S. Agostinho, S. Ambrosio, e muitos outros asseveram que são canticos de David, para os quaes Asaph composera a musica, ou que foram pelo mesmo David destinados, para serem cantados per Asaph. Esta ultima clausula, pelo que fica dito, parece-me insustentavel: como quer porém que seja, he sem duvida que este psalmo, a considerar-se como uma simples composição poetica, devia reputar-se mais depressa um hymno traduzido de lingua chaldaica ou de outra alguma lingua oriental,

ou um cantico destinado a expor os dogmas da Theogonia Indiana, e a illustrar e aperfeiçoar com elles a religião judaica. A unidade de DEUS he o dogma primario e fundamental da religião de Moyses; e por tanto, um Hebreo instruido nunca denominaria o DEUS unico, *DEUS dos Deuses*. Deuses no plural he expressão gentilica, de que um Hebreo nunca usaria senão para distinguir os Israelitas dos gentios. Demais os Hebreos não reconheciam as hyerarchias espirituaes, nem mesmo a espiritualidade de DEUS, antes de communicarem com os Babilonios e Assyrios; e por tanto ainda denominando Deuses os espiritos celestes, que, no sentir dos povos orientaes, compunham as diversas classes ou hyerarchias dos seres invisiveis, não usariam da expressão «DEUS dos Deuses», senão depois de haverem adoptado o dogma da espiritualidade, e de haverem convertido a sua religião corporea, em uma crença espiritual.

Ora o dogma da vinda do grande Juiz existia entre os povos orientaes, muitos seculos antes de se encontrarem vestigios d'elle, nas composições hebraicas. Moyses nunca cogitou da vinda do grande Juiz. A promessa de um mediador entre DEUS e os homens he mais antiga: os Hebreos esperavam e esperam ainda esse mediador debaixo do nome de Messias; mas o dogma da vinda do grande Juiz he para nós um dogma da lei de graça, e difere do dogma oriental, em que os orientaes esperavam esse grande Juiz, não só para julgar os vivos e os mortos, na significação natural d'estas palavras; mas para regenerar a face da Terra,

e restabelecer n'ella o imperio da razão e da justiça; em tanto que nós esperamos a segunda vinda de Jesus-Christo, para julgar os vivos, e os mortos, no sentido de bemaventurados e de reprobos; e esperamo-la não para regenerar a Jerusalem terreste, mas sim para pôr o ultimo cume ao esplendor e gloria da Jerusalem celeste, ou da Igreja triunfante. Ora, n'este Psalmo declara-se que o grande juiz será o proprio DEUS, que virá cercado de relampagos e raios, e que chamará os homens, ou as almas que existirem no ceo, e os que existirem na Terra, para todos serem por elle julgados. Porém os Hebreos não tinham nenhuma idea da existencia de homens, ou de almas humanas em o ceo.

O poeta para fazerlhes sentir que DEUS não he corporeo, faz-lhes ver que elle não come a carne, nem bebe o sangue das victimas, que se lhe sacrificam: que não quer nem préza outros sacrificios, senão louvores e deprecações; que folga de ser invocado nos momentos de tribulação; e que quer que se lhe rendam graças, pelos beneficios que concede aos homens, em consequencia das suas suplicas. Todas estas ideas, suposto que conformes aos principios da lei da graça, eram estranhas á religião judaica, e todas eram comuns nos corpos de doutrina religiosa dos povos orientaes. D'aquí não se segue que ellas não sejam propheticas n'este Psalmo; e por isso he que eu disse que, a considerar-se elle como huma simples composição poetica, deveria reputar-se ou traducção de um poema oriental, ou um cantico destinado pelo seo autor, para aperfeiçoar a religião judaica.

Entretanto he innegavel que a revelação existe desde o tempo do primeiro homem, e nada obsta para que alguns dogmas revelados, que per ventura se apagassem entre os Hebreos, se conservassem comtudo entre os povos Indianos, e que constituissem parte das suas theogonias, das quaes fossem depois reconduzidos para a religião do povo escolhido, ou lhe fossem propheticamente annunicados. O que he certo, he que os Hebreos não aproveitaram a lição do propheta; pois não suspenderam os sacrificios de sangue e carne, nem lhes substituiram, ou addicionaram os da elevação do espirito, acções de graça e louvores, que elle lhes declara, no ultimo versiculo, serem o verdadeiro caminho para a salvação. Mas que pasmo pode causar que não entendessem as vozes do propheta aquelles que, presenciando o complemento de suas prophecias, não o comprehenderam?

PSALMO L.

Miserere mei, Deus, secundum magnam....

PIEDADE, ó DEUS: de mim te compadece,
Segundo a grande tua misericordia;
Qual, desde antigo tempo,
Com infinda clemencia te apiedaste;
Assim usa comigo, e risca, e apaga
O meo fatal delicto;

Da Graça co'a torrente, a minha culpa
Tu lava; tu alimpa de peccados
Meo coração impuro.
Eu reconheço em fim minha maldade,
E perante meos olhos trago sempre
A minha iniquidade.
Contra Ti só, pecquei; e ante a tua face
O mal fiz; mas para que a tua palavra
Seja justificada,
Quando, em tremendo juizo, os meos delictos
Se julgarem; vencendo a tua justica,
Valer-me ha tua piedade.
Vê pois, ó meo SENHOR, que de corrupto,
Podre sangue descendo, e concebido
Eu fui entre peccados.
Amaste d'antes minha singeleza,
Do teo alto saber me revelaste
Os profundos arcanos.
De hyssopo sobre mim a agua, Tu, 'sparze;
Lava-me, e ficarei, mais que a alva neve,
Alvo e purificado.
Ah! vem, ó meo SENHOR, vem consolar-me,
A tua paz, o teo jubilo santo
De novo em mim derrama;
Exultarão meos ossos humilhados.
Mas naó encares minhas feas culpas,
Todas apaga, e esquece.

Um puro coração dentro em mim forma,
Reveste as minhas tremulas entranhas
Da rectidão perdida:
Não me expulses com ira do teo rosto,
Nem me prives, SENHOR, do teo espirito
Consolador e santo.
De novo em mim diffunde aquelle doce
Saudavel gozo teo, e me robora
De fortaleza invicta.
Meo exemplo fará que os peccadores
De teos caminhos achem a vereda,
E os impios se convertam.
O' DEUS, DEUS de minha alma, tu liberta-me
De cruentas paixões, e a minha lingua
Te cantará sonora.
Vem despegar meos labios, vem abri-los,
E a boca preza e emmudecida logo
Annunciará teo nome.
Não te aprazem, SENHOR, os holocaustos;
Se te agradassem, victimas a cento
Eu te offereceria.
O sacrificio que ao meo DEUS agrada,
He uma alma de magoas repassada,
Humilde, e penitente.
Tu não desprezarás jamais um peito
Humilhado e contrito, ó DEUS benigno!
Vê, SENHOR, o abandono

Da

Da misera Sion, e compassivo
Faze, que um dia os muros seos levante
Jerusalem afflita.
Então aceitarás de um povo justo
Sacrificios, ofrendas, e holocaustos;
Então nos teos altares
Se verá fumegar o quente sangue
Dos votados bezerros, que á porfia
Te serão immolados.

VARIANTES.

Verso. — *Amplius lava me ab iniquitate mea, et a peccato meo munda me.*

Mais e mais lava a chaga que em meo peito
Abriu-se, e com tua mão piedosa
O meo peccado sára.

Verso. — *Tibi soli peccavi, et malum coram te feci; ut justificeris in sermonibus tuis, et vincas cum judicaris.*

Contra Ti eu pecquei: de Ti so pende
O castigar-me; consummei sem tino
O mal ante o teo rosto;
Paraque sempre justo, os teos discursos
Testemunhes, e venças ao lavrar-se
A funesta sentença.

OUTRA VARIANTE.

Contra Ti so, pecquei; na tua presença
O mal eu fiz: mas quando o meo delicto
Houver de ser julgado,
Vencendo a tua justiça, Tu piedoso
Me serás; porque assim justificada
Ficará a tua palavra.

Verso. — *Asperges me hyssopo, et mundabor; lavabis me et super nivem dealbabor.*

Borrifai co'o Hyssopo a minha chaga,
E sararei: lavai-me, ó DEUS, e a neve
Vencerei em brancura.

2.ª TRADUCÇAO.

1.

Perdoai-me compassivo,
O' meo DEUS, DEUS de bondade,
Dai ouvidos á piedade
Que vos enche o coração:
As vossas misericordias
Sempre deram grande brado;
Renovai-as, meo peccado
Riscando com tua mão.

2.

Mais e mais enternecido
Lava a minha torpe chaga,
E a maldade fêa apaga,
Pois em fim a conheci.
Sempre trago ante meos olhos
O que fiz peccado horrendo,
Penso qual sou, e gemendo
Considero o que perdi.

3.

Eu pequei; de Ti somente
Pende toda a minha sorte,
Dá me a vida, ou da-me a morte,
Podes tudo, ó meo SENHOR!
Fiz o mal, e tu me vias;
Com justiça convencer-me
Poderas, e sometter-me
Do teo juizo ao rigor.

4.

Sou um fruto corrumpido
De tronco antigo e malvado,
E entre as trevas do peccado
Minha mae me concebeu;

Assim mesmo, o meo singelo
Coração, um dia, amaste,
E os arcanos me ensinaste
Do profundo saber teo.

5.

Verde hyssopo na agoa ensopa,
Vem minha alma borrifar-me,
Serei são, purificar-me
N'um momento poderás:
Vem lavar-me, e branqueado
Me erguerei no mesmo instante,
Mais que a neve radiante
Luminoso me verás.

6.

Baixa, ó DEUS, a consolar-me;
Tua voz, teo grando aspeito
Restitua ao mesto peito
O gozo e paz que perdeu.
Não te irrites mais, esquece
Meo pecado, e da tua ira
De uma vez a causa tira,
Apagando o crime meo.

7.

Reveste as minhas entranhas
De justiça e de verdade,
E dá-me, ó DEUS de piedade
Outro novo coração.
Não me afastes de teo rosto,
E do teo divino esprito
Não me prives, que he do afflito
A fiel consolação.

8.

Outra vez dentro em mim faze
Reluzir tua alegria,
Que os mortaes segura guia
A' saudavel doce paz.
Fortifica-me, guarnece-me
De celeste fortaleza,
E vencer minha fraqueza
De contino me farás.

9.

Meo exemplo os máos convida
A buscar a tua estrada,
Sua vida desgraçada
A reverem com pezar:

De mortaes culpas sou reo,
E nenhum perdão mereço,
Se perdoas tanto excesso
Vou louvar-te sem cessar.

10.

Antes que o louvor primeiro
Emprenda, ó DEUS, eu te rogo,
Solta os labios meos, e logo
A cantar começarei:
Com sonoros, gratos hymnos,
Teos louvores soberanos
Aos atonitos humanos
Como d'antes cantarei.

11.

Eu quizera sacrificios
Offertar-te, Ser amado,
Mas não são do teo agrado
Immolados animaes:
Um esprito magoado,
Justo, humilde e penitente;
Eis a victima sómente
Que vós nunca rejeitais.

12.

Vê Sion abandonada
Que te implora, DEUS benino!
Restitue lhe o divino
Teo primeiro terno amor.
Ah! possa a afflita Solima
Ver seos muros, inda um dia,
Erigirem-se, á porfia,
Circundados de esplendor.

13.

He então que os sacrificios,
E holocaustos ofrecidos
Per humanos escolhidos,
Com prazer aceitarás.
He então que em teos altares
Mil bezerros immolados,
Em fogo ardente abrazados
Com rosto affavel verás.

OBSERVAÇÕES, E NOTAS.

He antiquissima opinião que este psalmo, o quarto dos penitenciaes, fora composto per David, quando reprehendido pelo propheta Nathan do crime de adul-

terio e homicidio, que havia cometido, se sentiu vivamente arrependido, e procurou congraçar-se com o SENHOR, que com elle usara de tanta piedade. O seo proprio titulo assim o declara; porem não obstante não deixa de haver entre os eruditos alguns que pretendam, que este titulo he um acrescentamento muito posterior á composição deste piedoso Cantico: que os versos 4, 5, 8, 11, e 14 são com elle repugnantes, e não menos os versos 19 e 20, que alguns outros pretendem haver sido acrescentados ao psalmo, per algum dos judeos cativos em Babilonia. Quanto a estes dois ultimos versos, se se atende ao seo literal sentido, he claro que não podiam ser expressões de David, mas sim de alguem que, depois da destruição de Jerusalem esperava, e desejava a sua reedificação, e se lisonjeava de ver ali de novo restabelecido o culto do SENHOR no seo santo templo. Outra razão ainda não ponderada (ao menos que eu saiba), e que me parece mais decisiva, he que o autor do psalmo, procurando, como em muitos outros, persuadir os judeos a substituirem o culto espiritual ao culto material, não era verosimil que, depois de dizer que o SENHOR senão deleita nem preza os holocaustos, nem os sacrificios de sangue, (que em qualquer parte, e per qualquer lhe podem ser offerecidos) e que só os sacrificios do espirito, e a contrição do coração são as oblações que lhe são aceitas, acrescentasse immediatamente a suplica da reedificação de Jerusalem, para então lhe offerecer holocaustos de toiros sacrificados no seo altar. Embora se pretenda que o propheta, n'este

logar, alude ao sacrificio incruento da lei da graça: esta alusão parece inverosimil, quando se observa que, em muitos passos da Escriptura, Jesus-Christo he comparado, ou designado pelo cordeiro, animal pacifico e innocente, e nunca simbolisado per animal algum feroz como o toiro, e muito menos pelo nome de animal algum usado no plural; o que parece destruir a idea da unidade da victima sacrificada. Entretanto a minha reflexão he meramente relativa ao sentido literal; e nunca ao espiritual ou mystico, que só me cumpre respeitar.

PSALMO LI.

Quid gloriaris in malitia, qui....

Porque te pavoneas na maldade,
O' tu que poderoso
Es só para obrar males? todo o dia
Tua lingua empregou-se
Em traçar injustiças; qual aguda
Afiada navalha,
Feriste, retalhaste a alhea fama;
Prezaste ser malino
Mais do que ser benino, e antes falaste
Palavras de injustiça,
Que da equidade o som sincero, e manso.
Ah! lingua enganadora,
Que desferiste sons precipitados
Messageiros de damno;
Por isso, DEUS em fim, de ira inflamado
Te lançará per terra,
Arrancar-te há do teo patrio aposento,
E viverás vagando
Sem abrigo, sem patria, e sem morada;
Qual planta venenosa

Te cortará, e nunca mais raizes
Alargarás fecundas.
Os justos de temor serão feridos
A tam triste espectaculo;
Depois teo desatino escarnecendo
Dirão : este he o homem
Que no SENHOR não poz sua esperança,
Que em frageis montes de oiro
Estribava sómente, e na vaidade,
Sem siso, se ufanava.
Longe de mim tam nescios pensamentos:
Qual viçosa oliveira,
Os meos ramos estendo junto á casa
Do meo DEUS, e somente
Confiarei por toda a eternidade
No seo coração terno.
Pulsando as cordas da sonora cithara,
O' meo SENHOR amado,
Te cantarei em tudo quanto obraste,
E novas maravilhas,
Novas graças espero, novo auxilio
Do teo nome divino,
Que tam amavel he aos olhos santos
D'aquelles que te servem.

OBSERVAÇÕES, E NOTAS.

Este pequeno psalmo he uma exprobação, em que David rompeu contra o Idumeo Doeg, infame acusador, calumniador do sacerdote Achimelech; quando per Abiatar, Filho d'aquelle supremo chefe dos Levitas, foi informado da morte do pai e de toda a sua familia, bem como da deshumana e injusta destruição da cidade de Nobe, ordenada per Saul no momento do seo furor, e executada pelo desalmado Doeg. Quando David buscando asilo contra a perseguição de Saul, em casa de Achis, rei de Geth, passou pela cidade sacerdotal de Nobe, dirigiu se ao supremo sacerdote Achimelech, pedindo lhe a refeição sagrada, e armas para a execução de uma ordem secreta que havia recebido de Saul, e á qual ia dar cumprimento; o sacerdote persuadido de que David era um messageiro Real, e não um fugitivo, não só repartiu com elle dos pães consagrados, mas confiou-lhe a espada do Philisteo Goliath, que se achava depositada no templo de Nobe. Doeg estava presente; e em vez de informar Saul do facto, representando lhe com verdade os sentimentos que Achimelech havia manifestado, lhe pintou o seo procedimento como um crime de traição contra o Rei. Este enfurecido ordenou aos seos servos, que immediatamente matassem Achimelech e a sua familia, que havia mandado vir á sua presença. Todos recusaram obedecer a este tam cruel mandado, esperando que Saul, depois de aplacado o seo furor, se arrependeria de uma ordem tam deshumana; porém o zeloso

Doeg, sem mais hesitar, matou pela sua propria mão o velho sacerdote, e oitenta e quatro outros que o acompanhavam: e animado do mesmo inhumano zelo, se encarregou de ir destruir a cidade de Nobe, o que executou passando á espada homens, molheres, e meninos, e até os proprios animaes brutos, que tinham para o seo serviço. D'esta devastação escapou somente Abiatar, que levou a noticia d'ella a David. O santo propheta horrorisado compoz então este sagrado cantico, cujas alusões propheticas são dignas do maior respeito. O seo titulo he o seguinte: « para o fim; inteligencia a David, quando Doeg idumeo veiu annunciar a Saul, que David havia estado em casa de Achimelch. »

PSALMO LII.

N. B. Este psalmo he o mesmo que o psalmo XIII, á excepção de algumas palavras que o autor alterou, talvez para melhor acomoda-lo á musica em que devia ser cantado.

PSALMO LIII.

Deus , in nomine tuo sálvum me fac....

1.

Ah! meo SENHOR, ah! salva-me
Por amor do teo nome, vem julgar
Com fortaleza intrepida
A minha causa, vem me consolar.

2.

Escuta as minhas suplicas,
Ouve, piedoso DEUS, minha oração,
Vê que inimigos perfidos
Já me assaltam com duro coração.

3.

Matar-me intentam rabidos,
E não curam teo nome, ó grande DEUS!
Nem os seos olhos nescios
Jamais fitaram nos preceitos teos.

4.

Eis que o meo DEUS, abranda-se,
E desce a soccorrer minha afflição;
Esperançado bate-me,
De alegria, no peito o coração.

5.

Salva o justo, e fine-se
Entre males embora o peccador:
Destrue, abate o impio,
O' DEUS, que es da justiça zelador.

6.

Com que prazer as victimas,
Grato, te irei então sacrificar,
E o teo nome propicio
Com sonorosos hymnos exaltar!

7.

De mil perigos horridos
Tu me salvaste, e deste me poder,
Com que o contrario exercito
Fiz vencido a meos pés quasi jazer.

OBSERVAÇÕES, E NOTAS.

Este formoso cantico he verdadeiramente uma suplica fervorosa, dirigida per David ao SENHOR, quando trahido pelos habitantes do paiz de Ziph, em cujas montanhas se havia refugiado, para evitar a perseguição de Saul, se viu rodeado das tropas d'este Rei, sem esperança prudente de salvamento, se lhe não valesse o soccorro da providencia. Do seo proprio titulo consta a occasião da sua composição. A musica pela qual era cantado no templo, foi obra do mestre dos Neghinots.

Em occasião, em que eu me via inhumanamente perseguido per meos inimigos e calumniadores, dirigi, não a DEUS, mas a ElRei algumas expressões d'este psalmo, dizendo lhe, como consta da minha carta ao Conde de Linhares, datada de 10 de novembro de 1811 : « *Domine, in virtute tua judica me : quo-* » *niam alieni insurrexerunt adversùm me, et fortes* » *quœsierunt animam meam, et non proposuerunt Deum* » *ante conspectum suum* ». Quem tem noticia dos acontecimentos da minha vida, facilmente percebe a aplicação do texto. DEUS ouviu as suplicas do seo servo; ElRei não desprezou as minhas.

PSALMO LIV.

PSALMO LIV.

OBSERVAÇÕES.

Este psalmo he sem duvida de David, e foi composto no tempo da conspiração de Absalon contra seo Pai : he notavel pela viveza dos sentimentos, e pela nobreza da expressão que o poeta emprega para fazer sentir o excesso da magoa , afflição e desgosto, que lhe causava a rebelião do filho, e a traição do seo maior amigo e principal conselheiro Achitophel. No seo titulo se lê « para o fim sobre os canticos, inteligencia a David». Não he so a dificuldade do sentido da primeira clausula, que constitue duvidosa a genuina interpretação d'este titulo , as seguintes não são de mais facil comprehensão , e a totalidade do titulo parece destituida de gramatica. Saverio Mattei, seguindo Calmet, diz que o titulo d'este cantico e as palavras são de David , e a musica do mestre da capella dos Neghinots. Parecem me inuteis as ulteriores observações , a que poderia dar lugar a diversidade , e as clausulas d'este titulo : o psalmo he como se segue :

PSALMUS.

Exaudi, DEUS, orationem meam, et ne despexeris deprecationem meam: intende mihi, et exaudi me.

Contristatus sum in exercitatione mea, et conturbatus sum à voce inimici mei, et à tribulatione peccatoris.

Quoniam declinaverunt in me iniquitates, et in ira molesti erant mihi.

Cor meum conturbatum est in me, et formido mortis cecidit super me.

Timor et tremor venerunt super me, et contexerunt me tenebræ.

PSALMO.

As suplicas humildes,
Que Te dirijo, em lagrimas banhado,
Não despreza, ó meo DEUS! ouve benigno
Os meos instantes rogos:
Meos fervidos suspiros, meos gemidos
Movam-te á piedade.

Devorante tristeza
Me consome as entranhas, e me abate.
Sobresaltado, a voz dos inimigos
Já ouvir me parece.
Qual reo de feos crimes convencido,
Frio e pallido tremo.

Horrorosos delictos,
Perfidos fraudulentos me assacaram;
Armaram contra mim a mão potente
Que dantes me afagava (1);
Quaes sanhudos Leões, a mim se arrojam,
Rugindo enfurecidos.

O coração no peito
Me estremeceu de susto traspassado.
Da inexoravel morte a mão alçada
Ja sobre mim diviso.
Fremo de horror: o sangue se me gela:
Foge-me a luz do dia.

Et dixi: quis dabit mihi pennas sicut columbæ; et volabo, et requiescam?

Ecce elongavi fugiens et mansi in solitudine.

Expectabam eum, qui salvum me fecit, a pusillanimitate spiritus et tempestate.

Præcipita, DOMINE, divide linguas eorum; quoniam vidi iniquitatem et contradictionem in civitate.

Die ac nocte circumdabit eam super muros ejus iniquitas, et labor in medio ejus et injustitia.

Et non defecit de plateis ejus usura et dolus.

Exclamo espavorido:
Oh! quem podera, qual ligeira pomba,
Batendo as leves azas, prontamente
Achar seguro abrigo!
Azas me dá o medo: eis fujo: eis busco
Asilo nos desertos.

Alí achar espero
Aquelle, que a fraqueza de minha alma
Tantas vezes benigno dissipára:
Que os sustos, que os terrores,
Qual leve po do vento arrebatado,
De meo peito banirá.

SENHOR, precipitai-os (2),
Dividi suas linguas venenosas (3);
Eu vi, eu vi a misera cidade
Confusa, abandonada
Da iniquidade aos perfidos conselhos,
Ao conflicto dos impios.

Sem cessar noite e dia
Sobre seos muros rolda a iniquidade;
Em seo aflicto seio o negro crime
Orgulhoso domina:
Injustiça, opressão, trabalhos duros
Aos pes seo povo calcam.

Sem pejo, sem disfarce,
O dolo astuto, devorante usura

Quoniam si inimicus meus maledixisset mihi, sustinuissem utique; et si is, qui oderat me, super me magna locutus fuisset, abscondissem me forsitan ab eo.

Tu vero, homo unanimis, dux meus et notus meus;

Qui simul mecum dulces capiebas cibos: in domo DEI ambulavimus cum consensu.

Veniat mors super illos, et descendant in infernum viventes. Quoniam nequitiæ in habitaculis eorum, in medio eorum.

Nas suas praças e mercados reinam,
Ja calado não posso (4)
Encarar espectáculo tam torpe,
Tam dolorosa scena.
Tranquillo escutaria
Imprecações, injurias e calumnias,
O orgulho a altivez suportaria
De antigos inimigos,
Que contra mim com odio inveterado
Insultos proferissem.
Mas tu, intimo amigo (5)
Tu que per doces vinculos ligado
Comigo sempre foste: em cujo voto,
Alma de meos conselhos,
Eu sempre confiei: que á minha mesa
Comigo te assentavas:
Tu, que no santo templo,
A par de mim, aos olhos te mostravas
Dos filhos de Israel, como he possivel
Que a medonha perfidia (6),
Que a fea ingratidão não te horrorizem,
Que o peito não te abalem!
Ah! venha a morte, venha!
Sobre almas tam corruptas prompta desça;
Na morada do horror, no fundo abismo
Viventes as encerre!
Com ellas habitou sempre a nequicia,
Com ella sempre morem (7).

Ego autem ad DOMINUM clamavi, et DÒMINUS salvabit me.

Vespere et mane et meridie narrabo, et annuntiabo; et exaudiet vocem meam.

Redimet in pace animam meam, ab his qui appropinquant mihi: quoniam inter multos erant mecum.

Exaudiet DEUS, et humiliabit illos, qui est ante secula.

Eu ao DEUS de piedade
Clamei, com rogo humilde e fervoroso:
Fiel seo nome invoco, ha de cobrir-me
Com seo immenso escudo.
A' noite, de manham, ao meio dia (8)
Cantarei seos louvores;

Suas misericordias,
Que, com profusa mão, pio derrama
Sobre os que n'elle so firmes confiam,
Com peito agradecido
Pregoarei no mundo; ha-de benigno
Escutar minhas vozes.

Das crueis mãos dos feros
Aleivosos traidores que me cercam,
Me arrancará piedoso: elle ha-de dar-me
A paz porque suspiro:
A doce paz, que ao justo em vão pretendem
Roubar impios nefarios.

O SENHOR me defende:
Os vingativos raios, que ante o tempo
Na dextra omnipotente justo empunha
Hade vibrar iroso:
Com elles aterrar hade os preversos,
Que o seo servo perseguem.

Non enim est illis commutatio, et non timuerunt DEUM : extendit manum suam in retribuendo.

Contaminaverunt testamentum ejus, divisi sunt ab ira vultus ejus, et appropinquavit cor illius.

Molliti sunt sermones ejus super oleum : et ipsi sunt jacula.

Jacta super DOMINUM curam tuam, et ipse te enutriet : non dabit in æternum fluctuationem Justo.

Tu verò, DEUS, deduces eos in puteum interitûs.

Já do sublime throno,
Que sobre os claros astros se levanta,
Proferiu a sentença irrevogavel.
Já desce a ignea espada
A decepar dos impios as cabeças,
Que soberbos o afrontam.

Insanos! profanaram
Os juramentos da aliança eterna.
Frígido susto os corações lhe aperta,
Ao ver em ira acceso
O rosto do SENHOR, tremem convulsos,
Espavoridos fogem.

Com humildes palavras,
Afectados discursos mais suaves
Que o oleo mais macio, em vão pretendem
Outra vez illudir-me:
São settas, cuja ponta foi ervada
Com torpente veneno.

Oh! ditosos aquelles
Que do SENHOR entregues ao cuidado,
Do mundo nada temem! que nutridos
São pela mão celeste,
Que os justos, na carreira da virtude,
Sem fluctuar sustenta!

Mas ah! quam desgraçados
Serão os impios! Tu, SENHOR severo,

Viri sanguinum et dolosi non dimidiabunt dies suos : ego autem sperabo in te , DOMINE.

NOTAS.

(1) Esta clausula não se acha no original; foi por mim acrescentada para aclarar e ampliar o sentido da expressão *et in ira molesti erant mihi ;* por quanto tendo sido este psalmo composto, na occasião em que David se havia , no deserto , refugiado da perseguição de seo filho Absalon ; a consideração de ver-se atraiçoado pelos seos mais intimos amigos e perseguido per um filho , aquem extremosamente amava , devia ser por certo para elle a mais pungente e afflictiva , e he impossivel que não o occupasse n'este momento , supposto que elle claramente não o exprima.

(2) He admiravel o artificio, com que o poeta per meio da suplica que dirige ao SENHOR n'esta strophe , mostra que não se enganou na esperança que havia concebido , de o encontrar no fundo do deserto, aonde fora refugiar-se. Com o espirito inteiramente oc-

Inabalavel a clamores nescios,
Com mão firme e constante,
Nos abismos da morte os precipitas:
Voraz, horrendo cáos!

Os crueis, os soberbos,
Os dolosos, os vis calumniadores,
Não encherão metade de seos dias.
Sejais, SENHOR, bemdito:
Em vós, meo DEUS, confio; em vós somente
Porei minha esperança.

---

cupado das desgraças e calamidades que oprimiam Jerusalem, e cheo de indignação contra os autores de tantos males, ja quasi esquecido dos seos proprios, pede ao SENHOR que castigue e confunda os que tam grave opressão estam causando á desgraçada cidade. Aquí brilha uma nova e elegante figura propriissima d'este genero de poesia. O poeta designa os rebeldes opressores do estado, sem os nomear, servindo-se no discurso de um relativo, que ali não tem sujeito expresso; mas elle n'este logar não fala ao leitor; fala ao DEUS omnipotente, aquem não são occultos os nossos mais reconditos pensamentos, e que por tanto via claramente na imaginação de David, quem eram aquelles cujo precipicio e confusão elle pedia.

(3) Os Israelitas, para quem era um ponto de fé, que DEUS, para mostrar aos homens, quanto eram

loucos em pretenderem illudir per meios naturaes os castigos da sua indefectivel justiça, os pozera em estado de não entender-se uns aos outros, fazendo que cada um falasse uma lingua diferente, e que assim fossem obrigados a separar-se, e a desistir da construição da celebre torre de Babel; empregaram sempre a frase *divisão de linguas* metaforicamente, por confusão de pensamentos, e discordancia de opiniões. O que n'elles era resultado de uma crença particular, devera ser em nos consequencia do progresso da philosophia; pois esta nos mostra que a discordancia das opiniões resulta ordinariamente de não se ligarem as mesmas ideas ás palavras de que nos servimos.

(4) Este tres versos não tem correspondentes no original, mas o pensamento que elles exprimem parece-me necessario para inteirar o discurso, e dar sentido á causal *quoniam*.

(5) David n'este logar não declara, quem seja este intimo amigo, este *homo unanimis*; porem a clausula seguinte *dux meus*, e as subsequentes assaz inculcam, que elle tinha em vista Achitophel seo amigo, e seo conselheiro, que fora um dos que primeiro se declararam por Absalon, e o que lhe dera o horrido conselho de abusar das mulheres de seo pae, como elle escandalosamente fez: na presença do povo, Achitophel era olhado, pelo seo saber e pela prudencia de seos conselhos, como um homem inspirado per DEUS; e David o havia sempre respeitado, e estimado com mui particular afeição; e tinha no seo voto e amisade a mais inteira confiança. No liv. 2.º dos Reis cap. 16,

vers. 23, se lê que os conselhos de Achitophel eram geralmente considerados como oraculos celestes, e esta he a razão porque David lhe chama *dux meus*, seo guia ou alma de seos conselhos, como eu traduzi.

(6) Aqui usa o poeta de um artificio admiravel. Depois de haver dito que talvez suportaria tranquilo as injurias de um inimigo, desde longo tempo por tal reconhecido, a ordem natural do discurso pedia que elle continuasse dizendo: « mas como he possivel que não me horrorise, e não me encha de indignação, a perfidia e a ingratidão de um conselheiro e amigo, aquem eu tinha dado as maiores prôvas de confiança e amisade? » Com tudo elle não o pratica assim; antes (parecendo-lhe com razão, que ainda he mais extraordinario que o amigo, que tanto lhe devia, não se horrorisasse de haver-se levantado contra elle; de haver induzido á rebelião o filho que elle mais amava, e o haver aconselhado a abusar publicamente das mulheres de seo pae; atropelando assim escandalosamente todos os sentimentos, honestidade, pudor, respeito, e amor filial) interrompe a ordem natural da gramatica, e passando imprevistamente do primeiro pensamento para o segundo, dirige o seo discurso ao amigo rebelde: e admirando-se de que elle não se cubra de confusão e pejo, exprime quanta indignação lhe inspira tão horroroso procedimento: d'este modo estabelece um perfeito vinculo entre a idea primeiramente expressada, e a idea que suprime como consequencia visivel da que lhe substitue. Eis aqui o genero de desordem, que os mestres da poesia admitem como cara-

teristica da Lyrica mais sublime, e do qual dificultosamente se poderão apontar tantos exemplos dignos de imitação, como os que offerecem os psalmos do propheta Rei.

(7) Já em outro logar adverti, que as imprecações de David contra os seos inimigos devem entender-se como anuncio dos castigos, que os perversos hão de receber da justiça divina, em consequencia de suas maldades: agora cumpre-me acrescentar, que este psalmo he uma das composições Hebraicas, que mais claramente mostram qual era a opinião dos Israelitas, sobre a sorte futura dos homens. Elles não tinham nenhuma idea de uma eternidade de premio, nem de um castigo sem fim. Aos bons, no livro da sua lei, sómente se prometia em recompensa das virtudes que praticassem, longa vida, dilatada descendencia, e a fruição dos bens terrenos: aos máos sómente se anunciava, como castigo a privação d'estes bens, as molestias, e serem precipitados em vida nos abismos, ou pôço da morte. Era para elles um artigo de fé que DEUS assignalára a cada homem um determinado tempo de existencia: ao menos assim o pensavam depois que a communicação com os Assyrios e Chaldeos começou a introduzir na religião Judaica os principios e os dogmas das Theogonias orientaes. Job no cap. 14 já tinha dito *statuisti terminos ejus, qui præteriri non poterunt*: e he crivel que David não o ignorasse. Segundo esta maxima, modificada pelos principios da religião Moysaica, os bons deviam preencher este tempo sobre a face da Terra, gozando dos bens que ella produz

duz ; os máos deviam ser arrebatados d'ella antes do seo termo final, para irem preencher o resto da sua decretada existencia no interior da mesma Terra, ou seja no abismo, a que chamavam inferno, sofrendo ali penas proporcionadas aos seos crimes. Isto he o que David exprime mui claramente n'este psalmo dizendo, *veniat mors super illos, et descendant in infernum viventes :* e ainda mais o corrobora, quando no ultimo versiculo acrescenta: *Viri sanguinum et dolosi non dimidiabunt dies suos : os homens crueis e os falsarios não preencherão* n'este mundo *metade de seos dias :* serão pois do numero d'aquelles que descerão vivos aos infernos, para ali receberem o castigo competente aos seos crimes, até completarem o prazo que o SENHOR lhes tiver assignalado, para a sua existencia. Tal me parece ser o sentido natural das frazes de David que, suposto instruido sobre-naturalmente dos dogmas da lei da graça, e certo por tanto de que os bons devem gozar de uma eterna bemaventurança, e os máos sofrer penas sem termo, não queria nem devia anticipar aos Hebreos um dogma, que o SENHOR tinha reservado para lhes manifestar, quando viesse completar a lei que lhes havia dado.

(8) Esta ordem de tempos he analoga á que os Hebreos seguiam em suas festividades religiosas. Ellas começavam na vespera á noite ; continuavam na manhãa seguinte, e terminavam de tarde á hora, que por isso se chamava e chama ainda agora, nas festas e rezas da Igreja catolica, de completa. Este uso não era o mero resultado do seo modo de contar os dias ;

era tambem uma consequencia das suas ideas cyclicas. O genero humano tinha decahido da sua primitiva grandeza, pelo peccado de nossos primeiros progenitores: devia de ser regenerado, e para isso havia de vir um redemptor e mediador entre DEUS eo homem, o qual havia de obter do SENHOR, que tirasse os descendentes de Adam das trevas ou estado de castigo, em que existiam, e que os restituisse á sua graça simbolisada na luz. Todas as festas religiosas, fundadas n'esta crença, deviam por tanto começar retraçando aos homens a idea do estado de desgraça, em que se achavam; deviam depois acender n'elles a esperança de sahirem d'este estado, e finalmente retraçar lhes a sua futura, e venturosa regeneração.

PSALMO LV.

OBSERVAÇÕES.

No texto Hebraico tem este psalmo por titulo, ou epigraphe « para a pomba muda, ou a favor da pomba muda » e como David, no psalmo precedente, se compára a si proprio a uma pomba, da qual desejava ter as azas e a ligeireza, alguns interpretes entenderam, que elle se denominava a si proprio n'este epigraphe, pela palavra pomba. O termo grego *stêlographia* empregado pelos setenta na sua versão, parece indicar que este hymno fora gravado em uma columna; ou que pelo menos a intenção de David, quando o compo-

zera, fora deixar um monumento indelevel do seo reconhecimento para com o SENHOR, que de tantos perigos o libertára. O em que elle se achou em Geth no asilo, que buscara junto do Rei Achis, e de que apenas pôde escapar fingindo-se louco, foi na verdade um dos maiores, em que se achou na sua vida; e parece ter sido o que deu occasião á composição d'este cantico. Na Vulgata o seo titulo he « para o fim a favor do povo, que foi obrigado a arredar-se dos santos« por este povo a favor do qual, ou por motivo do qual, o propheta Rei entoou este hymno ao SENHOR, parece que se deve entender aquelles Hebreos que viéram unir-se a David, e com elle se refugiaram em a espelunca de Odola, depois que este se salvou das mãos de Achis. As expressões d'este cantico parece-me que correspondem em lingoagem Portugueza ás seguintes:

PSALMUS.

Miserere mei, DEUS, quoniam conculcavit me homo : tota die impugnans tribulavit me.

Conculcaverunt me inimici mei tota die, quoniam multi bellantes adversum me.

Ab altitudine diei timebo; ego verò in te sperabo.

In DEO laudabo sermones, in Deo speravi, non timebo quid faciat mihi caro.

Tota die verba mea execrabantur adversum me : omnes cogitationes eorum in malum.

Inhabitabunt et abscondent : ipsi calcaneum meum observabunt.

PSALMO.

He possivel, SENHOR, que Te nam dôa
Ver o teo servo sem cessar pizado
Aos pés dos impios, que crueis o afligem,
Que feros o atribulam?

Desde que nasce o sol, té que se oculta
No vermelho orizonte, se revezam,
Insultando-me audazes, procurando
Soberbos humilhar-me.

Na sua multidam nescios confiam,
Como se Tu, do alto sempre atento,
Com olho perspicaz não distinguisses
Os justos e os perversos.

Em Ti, meo DEUS, confio; em Ti espero:
Tua misericordia humilde imploro;
O teo Nome adoravel nos meos hymnos
Será sempre louvado.

Que podem contra mim frageis humanos,
Se teo potente braço me defende?
Em vão minhas palavras ardilosos,
Malignos envenenam.

Astutos maquinando a minha perda,
Em vão subtiz, os passos meos pesquizam,
Em vão armam ciladas cavilosas,
Para tirar-me a vida.

Sicut sustinuerunt animam meam, pro nihilo salvos facies illos : in ira populos confringes.

DEUS, vitam meam annuntiavi tibi, posuisti lacrymas meas in conspectu tuo.

Sicut et in promissione tua, convertentur inimici mei retrorsùm.

In quacumque die invocavero te, ecce cognovi quoniam DEUS meus es.

In DEO laudabo verbum, in DOMINO laudabo sermonem : in DEO speravi, non timebo quid faciat mihi homo.

In me sunt, DEUS, vota tua, quæ reddam laudationes tibi.

Teo braço vingador hade aterra-los:
Impunido jamais o crime deixas:
No momento da ira iniquos povos
A cinza, a pó reduzes.

De meo peito os reconditos arcanos
Já patentes te fiz; meo pranto ardente,
Na urna lagrimal (1), com ledo aspeito,
Benigno contemplaste.

Heide ver, heide ver (jamais ficaram
Vãas as tuas promissas) derrotados,
Ante mim fugitivos, e dispersos,
Meos crueis inimigos.

Sempre que te invoquei, SENHOR, piedoso,
Benigno me acudiste, e me mostraste
Que so tu es o DEUS, a cujo aceno
O universo obedece.

Teo nome louvarei, tua sciencia (2),
Teo poder, tuas obras portentosas;
Sem temer as vinganças, os furores
Dos homens insensatos.

Tuas promessas tenho na alma escriptas:
Jamais me esquecerá tua bondade;
Teo Nome, e tua Gloria em meo psalterio
Seram sempre cantados.

Quoniam eripuisti animam meam de morte, et pedes meos a lapsu, ut placeam coràm DEO in lumine viventium.

NOTAS.

(1) Na « clausula» *posuisti lacrymas meas in conspectu tuo* » parece que o poeta alude ao uso praticado pelos antigos povos, de colocarem sobre os tumulos urnas, ou vasos destinados a recolher as lagrimas dos que sobre as sepulturas iam chorar os seos amigos, parentes, ou bemfeitores mortos: uso que deu origem á formula: « *Cum lacrymis posuit.* » Com que rematam muitas inscripções, ou lapides sepulchraes.

(2) A palavra *verbum* he ordinariamente tomada, nos livros sagrados, no sentido de sciencia ou sabedoria.

Tu dos laços da morte me arrancaste:
Na dificil estrada da virtude
Os meos passos firmaste; e Tu me deste
A luz, que me alumia;

Esta luz immortal, que me encaminha
Para a tua Presença, e que ha-de, um dia,
Fazer que astro luzente eu resplendeça
Na morada dos vivos.

PSALMO LVI.

OBSERVAÇÕES.

Este admiravel psalmo he sem duvida de David; e foi per elle composto, quando, para esquivar-se á furia de Saul, se viu forçado a esconder-se com alguns dos seos na espelunca de Engaddi. Consta que a musica fora composta pelo mestre dos tocadores do instrumento chamado *faschath*. Porém se esta musica foi composta positivamente para este devoto hymno, he assaz duvidoso, por quanto no seo titulo se lê a inscripção seguinte «para o fim não me extermineis» e esta segunda clausula parece indicar as primeiras palavras de um cantico, per cuja musica este psalmo devia ser cantado. He admiravel a firmeza com que o poeta esperava a destruição, e a confusão dos seos inimigos. Parece que uma superior inspiração o animava, quando mais abatido parecia. Elle mesmo confessa que os

seos inimigos fizeram *acurvar a sua alma*, isto he, que o fizeram vacilar na esperança de suplanta-los; e mostra assaz claramente que o animo lhe foi restituido, em consequencia das fervorosas e humildes suplicas,

---

PSALMUS.

Miserere mei, DEUS, miserere mei: quoniam in te confidit anima mea.

Et in umbra alarum tuarum sperabo, donec transeat iniquitas.

Clamabo ad DEUM altissimum, DEUM qui benefecit mihi. Misit de cœlo, et liberavit me, et dedit in opprobrium conculcantes me.

Misit DEUS misericordiam suam et veritatem suam, et eripuit animam meam de medio catulorum leonum, dormivi conturbatus.

que na presença d'esta grande tribulação dirigiu ao SENHOR. A traducção, se fosse absolutamente literal, seria menos poetica, do que exige a natureza dos sentimentos que o santo Rei exprime n'este cantico.

PSALMO.

Piedade, SENHOR, de mim piedade
Tende, que em vós confio.
A' sombra esperarei das vossas azas,
Da iniquidade o termo.
Ao altissimo DEUS, ao DEUS eterno,
Meo bemfeitor e amparo,
Suplicas e clamores incessantes
Dirigirei humilde.
Ja do ceo desce a libertar-me prompto
O divinal soccorro,
Que de oprobrio indelevel cobrir deve
Os feros, orgulhosos
Inimigos que, aos pes, crueis me calcam,
Que insanos me atropelam.
A irresistivel candida verdade,
A augusta e compassiva
Misericordia eterna, as invenciveis,
Puras, celestes armas

Filii hominum, dentes eorum arma et sagittæ, et lingua eorum gladius acutus.

Exaltare super cœlos DEUS, et in omnem terram gloria tua.

Laqueum paraverunt pedibus meis, et incurvaverunt animam meam.

Foderunt ante faciem meam foveam, et inciderunt in eam.

Paratum cor meum, DEUS, paratum cor meum: cantabo et Psalmum dicam.

Já ao meo lado vibram; jà das garras
Dos leões furibundos
Que, em sanha accesos, lacerar-me intentam,
Que o somno me quebrantam
Com espantosos horridos bramidos,
Impavidas me arrancam.
As penetrantes settas, as agudas
Acicaladas lanças,
Ás talhantes espadas, que nas linguas,
E nos raivosos dentes
Impios, insanos, rabidos ostentam,
De nada lhes valeram.
Aterrou-os, SENHOR, a tua gloria
Que os ceos immensos cerca,
Que magestosa o orbe inteiro assombra.
Insidiosos laços
Para prender-me com astucia armáram:
Com pesados combates,
Sem cessar repetidos, conseguiram
Acurvar a minha alma:
Mas no profundo abismo que cavavam
Ante meos proprios olhos,
Per tua mão potente e justiçosa
Precipitados foram.
Da gratidam no fogo sobre humano
Meo coração se inflama:
Minha alma agradecida ja medita
Novos soberbos hymnos,

Exurge, gloria mea; exurge, psalterium, et cithara: exurgam diluculo.

Confitebor tibi in populis, DOMINE; et psalmum dicam tibi in gentibus.

Quoniam magnificata est usque ad cœlos misericordia tua, et usque ad nubes veritas tua.

Exaltare super cœlos, DEUS, et super omnem terram misericordia tua.

Que o teo nome exaltando, a gloria tua
Patente ao mundo façam.
Assim á suavidade ja me arrojo
Da cithara sonora,
Da harpa armoniosa, que benigno
Em minhas mãos poseste,
Sem esperar que o sol desfaça as sombras
Da pavorosa noite.
Tirarei novos sons jamais ouvidos,
Que ás mais remotas gentes,
A's barbaras nações teo nome levem,
Teo nome soberano;
Tua gloria será engrandecida:
Tua misericordia
Acima das estrelas levantada,
E alem das altas nuvens
Resoará tua verdade santa.
Sobre os ceos elevado,
Te admirará o mundo humilde, absorto:
Resplendor scintilante
De luz immensa cercará teo rosto,
Teo rosto magestoso.

PSALMO LVII.

Si vere utique justitiam loquimini....

SE o nome de juizes sobre a terra
Não duvidais trazer, filhos dos homens,
Porque não seguis sempre da justiça
As maximas severas?
Porque maldades concebeis no peito,
E a balança inclinais sempre do lado
Que as paixões favonea?
Da fonte d'onde mana a sãa verdade,
Da nascente do bem como distantes
Os pecadores correm,
E só mentiras perfidas discorrem!
Furiosos igualam da serpente
A raiva insana: e a perfida malicia
Do aspide que ensurdece,
E do magico destro
O veneficio mais subtil illude.
DEUS esmigalhará nas suas bocas
Os leoninos furibundos dentes,
Como a agoa que corre, e bem depressa
Secando se esvaece.
Nada se tornarão, desfalecendo
Ao tiro que dispara

O SENHOR do seo arco irresistivel.
Qual a cera no fogo se derrete,
Assim se finarão, nem mais os raios
Do sol hão de gozar, e o alento extremo
Lhes consomem as setas,
Que abrazadas despede o DEUS supremo.
Antes que os ramos pestilentes plantas
Desenvolvendo cresçam, e encruzando-os
Sombria mata emmaranhada formem,
O SENHOR a decepa.
O Justo pois se alegre, quando o dia
Da vingança raiar: quando, em torrentes,
Os seos pes derramado
Banhar o sangue do infeliz malvado:
De todo então desfeitas
Miseras illusões, dirão os homens:
Pois que do justo
Premio infalivel
Tem a inflexivel
Virtude pura;
Um DEUS ha recto,
Que os maos odea,
E os bons premea
Com larga mão.

OBSERVAÇÕES, E NOTAS.

Este cantico elegante, em que David, per meio de bem escolhidas imagens poeticas, pinta a iniquidade dos impios, o castigo que a mão de DEUS prepara aos perversos, e os premios com que recompensa os justos, he um desafogo do seo animo afflicto, e contristado á vista das funestas lisonjas, e maligna destreza, com que os conselheiros de Saul fomentavam a sua indole colérica, e o excitavam a exerce-la sobre elle David, que innocente e sempre fiel a seo legitimo Rei, a pezar da injusta perseguição, com que o affligia, e trazia em continuo susto, somente procurava escondendo-se, evitar os efeitos da sua inconsiderada ira. O santo Rei poz a este Psalmo a inscripção. — Para o fim, não me extermineis.—A musica para elle ser cantado, foi composta pelo mêstre dos tocadores de Taschath.

PSALMO LVIII.

OBSERVAÇÕES.

Tambem este Psalmo tem no seo epigraphe a clausula — Não me extermineis — O que mais me confirma no conceito, de que esta clausula indica um cantico conhecido, per cuja musica deviam ser cantados, os Psalmos assim designados. Uma grande parte dos comentadores e interpretes entendem que este fora composto, quando Saul pretendeu dar cabo de David dentro da sua propria casa, da qual escapou por industria de Michol, sua mulher. Eu não posso comtudo acoptar esta opinião, quando atendo ao contexto d'este cantico, e principalmente ao versiculo 12, aonde o poeta chamando aos povos *seos*, claramente se inculca como soberano. Se esta minha reflexão he justa, o Psalmo foi composto per David depois de haver sido ungido, e mesmo reconhecido Rei dos Hebreos. Inclino-me a crer que este Hymno ou suplica de David diz respeito á escandalosa rebelião de Absalon, e ao tempo, em que aquelle principe se achava em Jerusalem executando os horrores, a que o conduziram os perversos conselhos de Achitophel, e dos outros seos sequazes. A traducção he a seguinte:

PSALMUS.

Eripe me de inimicis meis, DEUS meus; et ab insurgentibus in me libera me.

Eripe me de operantibus iniquitatem, et de viris sanguinum salva me.

Quia ecce ceperunt animam meam, irruerunt in me fortes.

Neque iniquitas mea, neque peccatum meum, DOMINE; sine iniquitate cucurri et direxi.

Exurge in occursum meum et vide; et tu, DOMINE, DEUS virtutum, DEUS Israel.

Intende ad visitandas omnes gentes: non miserearis omnibus qui operantur iniquitatem.

PSALMO.

Dos inimigos meos, SENHOR, livrai-me:
Salvai-me dos combates perigosos,
Que contra mim meditam
Perfidos, cavilosos insurgentes.

Separai-me de infames aleivosos,
Que as veredas do crime tortuosas
Sem pejo afoitos trilham,
Salvai-me de inhumanos sanguinarios.

Pôr termo ao meo poder, á minha vida,
Já com soberba insania, premeditam:
Os grandes os potentes,
Ja contra mim, por elles se declaram.

Seo furor deshumano, a sua ira
Por objecto não tem minha maldade:
A estrada da justiça
Sempre segui, sem medo, nem desvio.

SENHOR em meo soccorro acudi prompto:
Vede os fataes perigos, que me cercam;
Ó' DEUS de fortaleza,
DEUS de Israel, ah! sede-me propicio.

Os olhos estendei pelo orbe inteiro:
As nações castigai, que vos desprezam;
Puni sem piedade
Os sectarios do crime revoltosos.

Convertentur ad vesperam, et famem patientur ut canes, et circuibunt civitatem.

Ecce loquentur in ore suo, et gladius in labiis eorum; quoniam quis audivit?

Et tu, DOMINE, deridebis eos: ad nihilum deduces omnes gentes.

Fortitudinem meam ad te custodiam; quia, DEUS, susceptor meus es.

DEUS, misericordia ejus preveniet me.

DEUS ostendet mihi super inimicos meos, ne occidas eos: nequando obliviscantur populi mei.

Nas trevas da medonha iniquidade
Confusos uns aos outros se atropelem:
Girem quaes cães famintos,
Em torno da cidade uivando anciosos.

Se com lingoa ferina, qual espada
De dois talhantes gumes, proferirem
Blasfemias, impiedades,
Não haja quem escute os seos delirios (1).

Tu d'elles zombarás, SENHOR eterno,
Impassivel e justo, nos abismos
Sepultarás do nada
Insanos impios, que ofuscar-te intentam.

O lume da razão, que na minha alma
Accendeste benigno, a Ti consagro:
So à Ti he devido,
A Ti que o ser me déste, e o ser me guardas.

Tua misericordia anticipada
De mim exige a gratidão mais pura.
Per Ti meos inimigos
Ja derrotados, ja dispersos vejo.

Basta, SENHOR: da vida não os prives;
Não aconteça que meos rudos povos
Tua mão desconheçam,
E que alheos de Ti, de Ti se esqueçam.

Disperge eos in virtute tua: et depone eos, protector meus, DOMINE:

Delictum oris eorum, sermonem labiorum ipsorum: et comprehendantur in superbia sua.

Et de execratione et mendacio annuntiabuntur in consummatione: in ira consummationis, et non erunt.

Et scient quia DEUS dominabitur Jacob, et finium terræ.

Convertentur ad vesperam, et famem patientur ut canes, et circuibunt civitatem.

Ipsi dispergentur ad manducandum: si vero non fuerint saturati, et murmurabunt.

Dispersos e abatidos pela força,
Embora sejam de teo braço invicto;
Sejam sim despojados
Da vãa grandeza, do poder que os cega.

Seo crime não passou da sua boca:
Seos discursos os beiços mal tocaram:
No coração so tinham
Illusoria vaidade, orgulho aerio.

Suas execrações, suas mentiras
Tu patentes farás no grande dia,
Nesse dia amargoso
Dia da ira, das maldades termo (2).

Então de pejo, e de terror opressos
Conhecerão, SENHOR, que o teo dominio
Desde Jacob se estende
Até os confins ultimos da terra.

Mas se no erro antigo se emperrarem,
Confusos uns aos outros se atropelem:
Girem quaes cães famintos
Em torno da cidade, uivando anciosos.

Por mais que se dispersem, não encontrem
Alimento, nem fonte, que os sacie;
De sede devorados,
Oprimidos de fome, em vão murmurem.

Ego autem cantabo fortitudinem tuam, et exaltabo mane misericordiam tuam.

Quia factus es susceptor meus, et refugium meum, in die tribulationis meæ.

Adjutor meus, tibi psallam quia DEUS susceptor meus es; DEUS meus misericordia mea.

NOTAS.

(1) David n'este lugar tinha em vista os Atheos, ou impios philosophadores do seo tempo: a sua piedade o faz olhar os crimes, que estes cometiam contra DEUS, como mil vezes mais dignos de execração, do que a particular injustiça, comque a elle o tratavam; e procuravam tirar-lhe a vida. N'este piedoso sentimento tem origem a digressão, com que n'este lugar se aparta do seo primordial assumpto, e aqual no versiculo 12, habilmente incorpóra com elle, fazendo sentir que os seos inimigos eram precisamente os que compunham aquella classe de impios blasfemadores, a favor dos quaes elle com tudo implora a piedade do SENHOR, desculpando quanto he possivel os seos desatinos.

Que eu, aos suaves sons da harpa sonora,
Cantarei tua excelsa fortaleza;
Tua misericordia
Celebrarei, desde que raie o dia.

Tu me proteges firme, em ti refugio
Nas tribulações minhas achei sempre:
Meo canto te he devido,
O' meo libertador, e meo amparo!

Em meos hymnos serás sempre exaltado,
A ti dedico a cithara sonora:
N'ella teo Nome santo
Será levado ás ultimas edades.

---

(2) Quasi não ha um só dogma da religião Christãa, que não se encontre nas Theogonias orientaes: porem entre todos, o que he mais commum nas diversas crenças dos povos Asiaticos, he o da futura vinda do grande Juiz, ou de um DEUS, que deve reformar os erros, regenerar os costumes, illustrar os entendimentos, e premiando os bons, e castigando os máos, restaurar o seculo da felicidade geral, renovando inteiramente a face da terra. He verdade que os Hebreos confundindo, como alguns outros povos Asiaticos, as funções de Juiz e de regenerador, reuniam em um so dogma a vinda do Messias, ou do Mediador prometido, e a do julgador universal: e que os Christãos, certos de que o DEUS Redemptor

já consummou a sua obra, somente esperam a sua segunda volta, como julgador, no dia que por isso chamam *do Juizo*, e que a jgreja em seos canticos denomina *dies magna et amara valde*. He crivel que David sobrenaturalmente instruido, e divinamente inspirado, não ignorando misterio algum da lei da graça, tivesse em vista n'este lugar, o Juizo universal: porém como não era elle, quem clara e positivamente devia annunciar aos homens este dogma, contentou-se com indica-lo em termos obscuros, mas ja assaz desviados da crença Judaica, para fazerem presumir a quem não o reconhecesse por um propheta inspirado pelo espirito do SENHOR, que a leitura dos livros orientaes lhe era bastantemente familiar, e que ja começava a preparar a introducção dos principios do espiritualismo, e da eternidade dos premios e dos castigos na religião Moysaica, á qual estas ideas eram absolutamente estranhas.

PSALMO LIX.

OBSERVAÇÕES.

Ainda que no titulo d'este cantico depois das clausulas « Para o fim, e para aquelles que serão mudados » se lea « para servir de instrucção a David, quando queimou a Mesopotamia de Syria, e a provincia de Sobal, e que Joab, na sua volta, descarregou um grande golpe na Idumea, em o valle das salinas, derotando alí doze mil homens» —não he de nenhuma sorte verosimil, que este additamento seja conforme á verdade. Sem ligar-me á opinião de nenhum interprete ou paraphraseador, direi que tenho por muito provavel, que este Psalmo foi escripto, quando David se dispunha a marchar contra os Philisteos, depois de sagrado Rei das doze Tribus em Hebrom, e mesmo depois de haver expulsado os Jebuseos da cidade de Jerusalem. Então, conforme se lê em o cap. 5.º do liv. 2.º dos Reis, David consultando o SENHOR sobre se devia, ou não, atacar os povos visinhos, que se dispunham a fazer lhe guerra, foi confirmado pelo summo sacerdote na idea de não esperar que os inimigos o atacassem, e por isso, cheo de confiança, e para inspira-la em os seos, considerando o augmento que a força de suas armas havia recebido, pela união das dez Tribus de Israel com as de Judá e Benjamin, que havia mais de sete annos o tinham reconhecido por seo soberano, se contempla superior

á empreza que vai intentar, e pinta ja na sua fantasia a Idumea humilhada, e rendidas as suas mais

PSALMUS.

DEUS, repulisti nos et destruxisti nos: iratus es, et misertus es nobis.

Commovisti terram et conturbasti eam: sana contritiones ejus, quia commota est.

Ostendisti populo tuo dura: potasti nos vino compunctionis.

Dedisti metuentibus te significationem, ut fugiant a facie arcûs.

Ut liberentur dilecti tui: salvum fac dextera tua, et exaudi me.

bem fortificadas cidades. A traducção levemente paraphraseada he como se segue :

PSALMO.

Se irado, ó justo DEUS, nos repeliste,
Se de ti o teo povo abandonado,
Abatido jazeu ; se quasi extincto,
Humilhado e confuso,
Afflicto suspirou : Tu, condoido,
De novo lhe valeste.

A dextra omnipotente, que abalando
A terra nos seos eixos, de ruinas
Sua face cobriu, que acesos raios
Contra ella fulminára,
Commovida de dó seos dons benignos
Outra vez lhe dispende.

Se inexoravel, iracundo rosto
A teo povo mostraste : se severo
Nos forçaste a beber o amargo absintho,
Tambem, SENHOR, nos déste
Seguro meio de evitar os tiros
Do teo terrivel arco.

Assim com mão piedosa, das ruinas
Os humildes salvaste, e os que se inflamam

DEUS locutus est in sancto suo: lætabor, et par
tibor Sichimam : et convallem tabernaculorum
metibor.

Meus es Galaad, et meus et Manasses, e
Ephraïm fortitudo capitis mei, Juda rex meus
Moab olla spei meæ.

In Idumeam extendam calceamentum meum
mihi alienigenæ subditi sunt.

Quis deducet me in civitatem munitam? Quis
deducet me usque ad Idumeam?

Por

Por ti em puro amor, deixaste illesos,
Os meos rogos atende.
Tua voz magestosa ja ressoa
No sanctuario augusto.

A alegria no peito me trasborda.
Sobre Sichem meo sceptro ja se estende:
Ja em seos valles o arraial soberbo
Assento destemido:
Ja seo contorno messo; ja levanto
As alinhadas tendas.

Ja Galaad, ja Manassés me seguem:
Ja de Ephraim a invicta fortaleza
O diadema segura em minha fronte:
Judá soberbo piza,
Com soberano imperio, os ferteis campos
De Moab humilhado.

A orgulhosa Idumea, as levantadas
Frondosas palmas, que vaidosa ostenta,
Bem depressa a meos pes verá calcadas:
Bravos estranhos povos,
Ao jugo de Israel ham-de submissos
Curvar a cerviz dura.

Quem ha que resistir possa a teo braço?
Não es tu, quem dirige em sua marcha
Minhas guerreiras ordenadas hostes?
Quem em torno as coloca

Nonne tu DEUS, qui repulisti nos : et non egredieris, DEUS, in virtutibus nostris?

Da nobis auxilium de tribulatione : quia vana salus hominis.

In DEO faciemus virtutem; et ipse ad nihilum deducet tribulantes nos.

Dos altos muros, das soberbas torres
Das munidas cidades?

Tu, SENHOR, me convidas, tu me acenas
A debellar a barbara Idumea:
Se DEUS forte e invencivel te mostraste,
Quando nos repeliste;
Agora que benigno nos proteges,
Serás menos potente?

Dá-nos, SENHOR, auxilio, accende a chamma
De indomavel valor em nossos peitos;
Em vão na propria força so confiam
Miseros insensatos,
Que o teo poder e gloria desconhecem,
Que o teo nome desprezam.

Nós em ti confiamos, nós comtigo
Prodigios de valor bravos fazemos:
De um leve sopro os feros inimigos,
Que insanos nos afrontam,
Serão per ti ao nada reduzidos,
Qual po que o vento espalha.

PSALMO LX.

Exaudi, Deus, deprecationem meam....

1.

Escuta, ó meo SENHOR; porque não sentes
De um misero piedade?
Ouve a minha oração: assim clamava
Na triste soledade,
Em que, ó DEUS, mil suspiros te enviava.

2.

Benigno ouviste os rogos meos ardentes;
E sobre alto rochedo,
Aos inimigos meos impraticavel,
Tu me elevaste, e quedo
Me manteve o teo braço inabalavel.

3.

Agora vivirei ledo, e seguro
No teo templo formoso,
E sob as tuas azas abrigado,
Qual tenro e temeroso
Passarinho, estarei sempre amparado.

4.

Pois ouviste, ó SENHOR, meo rogo puro,
Ja sei que a rica herança
Aos teos servos reservas grandiosa,
E ao Rei dás esperança
De gozar longa vida e gloriosa.

5.

Sobre o throno verá durar estavel
A sua descendencia;
E sempre ante teos olhos fiel ha-de,
Com summa reverencia,
Empregar-se em fazer tua vontade.

6.

A verdade, e clemencia doce e amavel
Lhe farão companhia;
Assim meos votos cumprirei, louvando
Teo nome, e em cada dia
Devotos psalmos com fervor cantando.

OBSERVAÇÕES, E NOTAS.

Este psalmo parece haver sido composto per David, quando depois de congraçado com Saul, pelo acontecimento da espelunca de Odolla, voltou para

a corte. O poeta rende graças ao SENHOR por have lo posto no deserto em segurança contra as tentativas dos seos inimigos, e lhe pede que dilate a vida do Rei, e conserve por largos annos a sua posteridade sobre o throno. A musica, para este sagrado cantico, foi composta pelo mestre dos Neghinots.

PSALMO LXI.

OBSERVAÇÕES.

A epigraphe d'este canto he a seguinte. — Para o fim: para Idithun: — psalmo de David. Pelo menos, assim se le na Vulgata. Saverio Mattei porem não fazendo

PSALMUS.

Nonne DEO subjecta erit anima mea? ab ipso enim salutare meum.

Nam et ipse DEUS meus, et salutaris meus. susceptor meus, non movebor amplius.

caso da primeira clausula, interpreta as outras duas dizendo. — A letra he de David, e a musica de Idithun. — O objecto do psalmo parece não ter sido conhecido pelos interpretes e expositores: alguns pensam que elle foi escripto na mesma occasião que o precedente, isto he, no tempo da conspiração de Absalon. He certo que pelo contexto d'este hymno, não se pode reconhecer em que tempo elle foi composto; mas vê-se claramente que foi destinado a confundir os impios, que negavam a existencia de DEUS, ou pelo menos a sua providencia e justica; e que o propheta Rei pretende inspirar, no seo povo, aquella firme confiança em DEUS, que devera ser inseparavel de todo o ser racional, capaz de conhecer o Ente Supremo, ou a primeira causa inteligente e activa, de que depende a conservação e a ordem do universo.

PSALMO.

Este sopro celeste, que me anima,
Per ventura não he a DEUS sujeito?
Meo ser, minha existencia,
Minha conservação, minha ventura
Não nasce, não depende
Do motor do vastissimo universo?

Teos discursos, ó impio, não me abalam.
Elle he o meo SENHOR, e a minha guia,

Quousque irruitis in hominem? interficitis universi vos, tanquam parieti inclinato et maceriæ depulsæ?

Verumtamen pretium meum cogitaverunt repellere, cucurri in siti: ore suo benedicebant, et corde suo maledicebant.

Verumtamen DEO subjecta esto anima mea; quoniam ab ipso patientia mea.

Quia ipse DEUS meus et salvator meus: adjutor meus, non emigrabo.

In DEO salutare salutare meum, et gloria mea: DEUS auxilii mei, et spes mea in DEO est.

Sperate in eo, omnis congregatio populi: effundite coram illo corda vestra: DEUS adjutor noster in æternum.

Meo bemfeitor, e amparo.
De balde contra mim tentes insano
Combates mil sem termo:
Debil muro não sou desaprumado.

Anima-me um espirito indelevel,
Que tu debalde confundir intentas:
Sensivel á vaidade
De perfidas lisonjas me acautelo:
Louva-me a tua boca:
Teo coração maldiz-me, e me detesta.

Em vão subtil a sede de vãa gloria
Em minha alma excitar tentas astuto:
Sempre ao SENHOR submissa,
Humilde a encontrarás, d'elle depende
A docil paciencia,
Com que manso te escuto, e te suporto.

Sem desvio na estrada da justiça,
Os passos seguirei do DEUS eterno,
Meo salvador e amparo.
A minha segurança n'elle firmo,
Minha ventura e gloria:
Nelle se funda so minha esperança.

Esperai no SENHOR, povos do mundo;
Abri-lhe com candura os vossos peitos;
Os corações mostrai-lhe:
Elle he o nosso DEUS, o nosso amparo,

Verumtamen vani filii hominum, mendaces filii hominum in stateris: ut decipiant ipsi de vanitate in idipsum.

Nolite sperare in iniquitate, et rapinas nolite concupiscere: divitiæ si affluant, nolite cor apponere.

Semel locutus est **DEUS**, *duo hæc audivi, quia potestas* **DEI** *est, et tibi,* **DOMINE**, *misericordia: quia tu reddes unicuique juxta opera sua.*

Nosso refugio eterno,
Eterno bem, eterna gloria nossa.

Mas os filhos dos homens vãos e loucos,
Enganadores, nescios, mentirosos,
Em infiel balança,
Astuciosos, perfidos nos pesam:
Illudir-nos intentam,
Com fingidos louvores, vãos aplausos.

Da iniquidade o bem jamais procede;
N'ella não espereis: rapina infame
Detestai com firmeza.
De enganosas riquezas na torrente
Os corações se afogam,
Que de aparencias vãas nescios se encantam.

Escutai as sentenças adoraveis
Do SENHOR pela boca proferidas,
Nos corações gravai-as:
De DEUS tudo depende: Justo, e pio,
Clemente e generoso
A virtude premeia: o vicio pune.

PSALMO LXII.

Deus, Deus meus, ad te de luce vigilo.

APENAS rompe a aurora,
Em ti penso, ó meo DEUS,
E para ti desperto
Os lassos olhos meos;

Minha alma sequiosa
O seo DEUS suspirou,
E a minha mesma carne
Com ancia o desejou.

N'esta terra deserta,
E chea de aridez,
Onde não ha estrada
Onde nem agoa vés;

Como no templo teo,
A Ti me apresentei,
E o teo poder, e gloria
Devoto contemplei.

Tua misericordia
Excede quanto há,
Por isso a minha boca
Sempre te louvará;

Durante a vida inteira
Te quero engrandecer,
E ao ceo, para invocar-te,
Humildes mãos erguer.

Mas vem da tua graça
Minha alma repassar,
Nutri-la, vigora-la,
E de amor saciar;

Engorde, e se refaça
D'esta divina unção,
E entre doces transportes
Te louvarei então.

Se no meo leito ainda
De ti me recordei;
Vencido agora o somno,
Em ti so cuidarei:

Pois todo o meo amparo
Tu foste, ó meo SENHOR,
No meio dos perigos
O meo ajudador.

Das tuas azas quero
A' sombra sempre estar,
A ti minha alma pega-se
A' força de te amar.

A tua mão propicia
Foi que me defendeu,
E o exercito contrario
Em vão me combateu;

Nos infernaes abismos
Elle se entranhará,
De alfanges afiados
Os talhos sentirá;

De carniceiras feras
A victima ha-de ser,
Em quanto o Rei, o DEUS
Em ti se ha-de rever;

Em ti se alegrarão
Quantos forem fieis
A's que elle lhes intima
Amaveis, santas leis;

O tempo chega em fim
Em que hão de emmudecer
Quantos não duvidaram
Maldades defender.

OBSERVAÇÕES, E NOTAS.

Pretender descubrir pelo contexto dos psalmos de David, qual foi o motivo que o impeliu á composição de cada um d'elles, he empreza, senão temeraria, pelo menos extravagante. Temerária, porque considerados os psalmos como composições propheticas, inspiradas pelo Espirito Santo, seria pretender advinhar os arcanos da Divindade, determinando os motivos que o SENHOR tivera, para operar cada um d'estes ve-

nerandos prodigios: e extravagante aliás; porque contemplados como meros resultados de um estro ou furor poetico, seria supor que, pelos resultados de um tal estro, se pode sempre descubrir a cauza particular que o excitou. Entretanto he certo que, comparando estas sagradas composições com o que pelos outros livros canonicos nos consta do santo Rei David, he muitas vezes possivel determinar o tempo, e os factos da sua vida, a que dizem respeito os canticos que elle, ou divinamente inspirado, ou só piedosamente comovido, dirigia ao SENHOR. Este psalmo 62, cujo titulo hebraico difere do latino, parece ser composição do tempo em que David, perseguido per seo filho Absalon, se havia retirado para os desertos, que confinam com a Idumea, aonde suspirava por poder render aõ SENHOR o culto que lhe devia, dentro do seo templo, e na presença da arca da aliança, da qual se achava por tam iniquos motivos arredado.

PSALMO LXIII.

OBSERVAÇÕES.

Este cantico he virdadeiramente huma deprecação, em que David pede ao SENHOR que lhe acuda, e que o proteja, como ja outras vezes fizera. Ignora-se qual calamidade ou afflicção deu causa a que elle o compozesse: no seo titulo se lê somente. — Para o fim, psalmo de David.

PSALMUS.

Exaudi, DEUS, orationem meam, cum deprecor : a timore inimici eripe animam meam.

Protexisti me a conventu malignantium : a multitudine operantium iniquitatem.

Quia exacuerunt ut gladium linguas suas ; intenderunt arcum, rem amaram, ut sagittent in occultis immaculatum.

Subito sagittabunt eum, et non timebunt : firmaverunt sibi sermonem nequam.

Narraverunt ut absconderent laqueos : dixerunt, quis videbit eos ?

PSALMO.

Minhas deprecações, meo rogo ardente
Benigno escuta, ó DEUS de piedade:
Minha alma desassombra dos terriveis
Temores que me cercam.

Já outr'ora, SENHOR, me protegeste:
De malignas cabalas me salvaste;
Do seio me arrancaste do perverso
Bando immoral dos impios.

Em vão as crueis linguas afiáram,
Qual cortadora espada, insidiosos
Em vão ervadas settas embeberam
Nos fraudulentos arcos.

A innocencia ferir com mão occulta
Debalde pretenderam, congregados
Em maligno conselho, consultando
Como a salvo aterra-la.

Astuciosos meios ajustaram
De armar-me occultos cavilosos laços;
Inevitaveis seos ardiz cruentos,
Vaidosos, se figuram.

Scrutati sunt iniquitates : defecerunt scrutantes scrutinio.

Accedet homo ad cor altum : et exaltabitur DEUS.

Sagittæ parvulorum factæ sunt plagæ eorum : et infirmatæ sunt contra eos linguæ eorum.

Conturbati sunt omnes qui videbant eos : et timuit omnis homo.

Et annuntiaverunt opera DEI : et facta ejus intellexerunt.

Lætabitur justus in DOMINO, et sperabit in eo : et laudabuntur omnes recti corde.

Com subtil agudeza, falsos crimes
Para imputar-me, destros, excogitam;
Innocentes acções desfigurando
Com fraudulosas cores.

A cavilosa astucia lhes falece:
Quanto, no seio lugubre da iniqua,
Hypocrita malicia, mais se entranham,
Mais o SENHOR exaltam.

Elle o véo lhes arranca; aos pés os calca,
De suas settas quebra a força insana:
Contra elles as vira: e suas linguas
A elles so deprimem.

Assim, DEUS justo e forte, os confundiste,
Da innocencia o triunfo assim firmaste;
Atonitos deixando os que, admirados,
Nescios os aplaudiam.

Santo temor nos peitos derramaste
Dos que a illusão cegava; suas bocas
Ás tuas maravilhas apregoam,
O teo poder confessam.

Em Ti, SENHOR, o justo so se alegra,
Em Ti somente espera, em Ti confia;
Louvor eterno a rectidão merece
Das almas innocentes.

PSALMO LXIV.

OBSERVAÇÕES.

No texto hebraico, e na edição grega dos setenta, o titulo d'este hymno he meramente. — Para o fim, psalmo de David, — mas na Vulgata, á esta inscripção se acham addicionadas as seguintes clausulas. « Cantico de Jeremias e de Ezechiel, para o povo que foi transportado, quando começava a sair » o que indica que, na volta do cativeiro de Babilonia, os dois cantores, ou musicos Jeremias e Ezechiel, que cumpre não confundir com os prophetas dos mesmos nomes, adoptaram

---

PSALMUS.

Te decet hymnus, DEUS, in Sion: et tibi reddetur votum in Jerusalem.

Exaudi orationem meam: ad te omnis caro veniet.

este cantico, para ser cantado no templo, em acção de graças, pela liberdade do povo. Entretanto he evidente, pelo contexto do proprio hymno, que David o compoz por occasião de alguma grande tempestade, e aturada chuva, que havia enchido os animos de susto e de terror. O santo Rei não sómente agradece, com o povo, a cessação d'aquelle phenomeno que tantas afflicções e receios havia occasionado; porém mais instruido doque o commum dos seos, mostra ao povo, que as chuvas e as trovoadas são phenomenos physicos, que se ás vezes trazem com sigo alguns damnos, e perigos, se devem considerar em geral na ordem dos phenomenos uteis ao homem, pelos efeitos que produzem, e pela influencia, que tem na vegetação das plantas, no desenvolvimento das sementes, e na maturação dos fructos.

PSALMO.

No erguido cume de Sion ressoem
Alegres hymnos ao SENHOR devidos,
E o povo grato, na Cidade santa,
Votos lhe offreça.

Benigno ouviste meos humildes rogos,
O' DEUS clemente! de tropel ja correm
A ti os filhos d'Israel, que afflictos
Antes gemiam.

Verba iniquorum prevaluerunt super nos : et impietatibus nostris tu propitiaberis.

Beatus quem eligisti, et assumpsisti ; inhabitabit in atriis tuis.

Replebimur in bonis domûs tuæ : sanctum est templum tuum, mirabile in æquitate.

Exaudi nos DEUS, salutaris noster, spes omnium finium terræ, et in mari longè.

Præparans montes in virtute tua, accinctus potentia : qui conturbas profundum maris, sonum fluctuum ejus.

Turbabuntur gentes, et timebunt qui habitant terminos a signis tuis : exitus matutini et vespere delectabis.

Posto que cegos, da impiedade as vozes
Nescios seguiam, que infieis te foram;
Tu compassivo, a merecida pena
Lhes mitigaste.

Feliz aquelle que per tua escolha
A' sombra existe do teo Nome santo!
Seguro abrigo, habitação ditosa
Tem nos teos atrios.

No teo alcaçar inexausta fonte
De bens borbulha: no teo sacro templo
A sãa justiça, a piedade afavel
Meigas se abraçam.

Piedoso atende, ó Salvador benigno,
As nossas preces, em Ti so confiam
Bosques, e campos, levantadas serras,
Remotas ilhas.

Ao leve aceno de teo braço forte,
Tremem os montes: e do mar no fundo,
O som retumba do fragor medonho
Das bravas ondas.

De frio susto os corações se gelam:
Os habitantes do turbado mundo,
Pallidos, notam os signaes tremendos
Da tua ira.

Visitasti terram et inebriasti eam : multiplicasti locupletare eam.

Flumen DEI repletum est aquis : parasti cibum illorum, quoniam ita est præparatio ejus.

Rivos ejus inebria, multiplica genimina ejus : in stillicidiis ejus lætabitur germinans.

Benedices coronæ anni benignitatis tuæ : et campi tui replebuntur ubertate.

Depois da escura tempestade horrivel,
Leda renasce a pudibunda aurora,
Sereno o sol aos horizontes desce;
Reina a alegria.

Assim consolas o assustado globo:
Assim sobre elle novos bens derramas.
Ja do seo seio, que o calor fecunda,
Brota a abundancia.

Essas torrentes, que dos ceos desatas,
A terra alentam, que sulcara o ferro;
Do vivo germe, que no grão se encerra,
Os laços quebram.

Eis convertidas em subtiz vapores,
De novo aos ares, invisiveis sobem,
E transformadas em miudo orvalho
A' terra voltam.

Luzente aljofar nas virentes folhas
Das tenras plantas, gracioso, brilha;
Quando no Oriente os rutilantes raios
Do sol apontam.

Veceja alegre a rociada varzea,
Vastas leziras, empinados montes
De tuas benções os influxos sentem,
Fartura ostentam.

Pinguescent speciosa deserti : et exultatione colles accingentur.

Induti sunt arietes ovium , et valles abundabunt frumento : clamabunt , etenim hymnum dicent.

PSALMO LXV.

OBSERVAÇÕES.

A inscripção d'este psalmo na Vulgata he a seguinte. — Para o fim cantico ou psalmo da resurreição — porém esta ultima clausula não se lê, nem no texto hebraico, nem na versão dos setenta : he provavel que fosse acrescentada, para indicar que este psalmo he mysterioso e prophetico. O seo sentido literal parece indicar que elle foi composto, quando os Israelitas começavam a regressar do cativeiro de Babylonia, ou ja se achavam restituidos ao seo paiz natalicio. Como quer que seja, elle he um cantico de acção de graças, exprimido com grande força de imaginação, e viveza de sentimentos da mais profunda, e bem entendida piedade. As rapidas e inesperadas transições de que

Incultas serras, charnecosos campos
Viçoso pasto ao nedio gado offrecem;
Loiras espigas na seára ondeam,
Que os valles cobre.

Assim te mostras providente e sabio:
Assim clemente o povo teo te aclama,
E, grato e ledo, em teo louvor entoa
Devotos hymnos.

---

este hymno está cheo, e a grande variedade dos pensamentos n'elle expressados, me determinaram a traduzi-lo, sem sujeitar as suas strophes á uma medida constante, persuadido de que a desigualdade das divisões d'este sagrado cantico, concorreria para melhor exprimir a alegria, e agitação de espirito do poeta, no momento em que, cheo de entusiasmo, o compunha, e talvez cantava ao som da sua harpa.

PSALMUS.

1.

Jubilate DEO, omnis terra; psalmum dicite nomini ejus, date gloriam laudi ejus.

Dicite DEO; quàm terribilia sunt opera tua, DOMINE! in multitudine virtutis tuæ mentientur tibi inimici tui.

2.

Omnis Terra adoret te, et psallat tibi: psalmum dicat nomini tuo.

Venite et videte opera DEI, terribilis in conciliis super filios hominum.

PSALMO.

1.

De jubilo exultai, Povos da terra,
De Jeheová o nome
Em armonicos hymnos celebrado
Com louvor incessante per vos seja;
Do SENHOR do Universo
A gloria engrandecei em vossos cantos.
Ah! dizei-lhe submissos,
São grandes, são terriveis
Da tua mão as obras portentosas:
Seo numero infinito
Confundirá teos feros inimigos,
Que o teo poder insanos desconhecem.

2.

O mundo inteiro reverente culto
Humilde te tribute, e em ledos coros
O teo nome celebre.
Vinde, ó filhos dos homens! prontos vinde,
As obras admirai, as maravilhas
Do SENHOR que, em seo seio providente,
Estupendos projectos
Sabio concebe, justo realisa.

3.

Qui convertit mare in aridam, in flumine pertransibunt pede: ibi lætabimur in ipso.

4.

Qui dominatur in virtute sua in æternum, oculi ejus super gentes respiciunt: qui exasperant, non exaltentur in semetipsis.

5.

Benedicite, gentes, DEUM nostrum; et auditam facite vocem laudis ejus.

Qui posuit animam meam ad vitam et non dedit in commotionem pedes meos.

3.

Notai como prepara,
Como atento dispõe os seos designios.
Elle divide as ondas Erythreas;
Do mar o seio árido vos mostra:
Do Jordão caudaloso
As agoas suspendendo, nôva estrada
Indica ao povo errante
Que, de prazer e pasmo penetrado,
Em canticos exulta de alegria.

4.

Seo poder infinito
O Universo domina; leis eternas,
Por elle só dictadas,
Regem da natureza o vasto curso.
Seos olhos vigilantes
Tem fitos sobre nós: em vão presumem,
Com indiscreto orgulho, os que o afrontam,
Illudir de seo braço os justos golpes.

5.

Bemdizei o DEUS grande;
Fazei ouvir, ó Povos venturosos,
A vossa voz em canticos festivos:
Ressoe o seo louvor nas vossas harpas.
Do meio dos perigos
Elle me libertou, salvou-me a vida;
Elle firmou meos passos vacilantes,
Nas estreitas veredas da virtude.

6.

Quoniam probasti nos, DEUS: igne nos examinasti, sicut examinatur argentum.

Induxisti nos in laqueum, posuisti tribulationes in dorso nostro: imposuisti homines super capita nostra.

Transivimus per ignem et aquam: et eduxisti nos in refrigerium.

7.

Introïbo in domum tuam in holocaustis, reddam tibi vota mea, quæ distinxerunt labia mea.

Et locutum est os meum in tribulatione mea.

6.

Qual preciosa prata
Per Ti fomos no fogo acrisolados;
Em viva ardente fragoa
Nossa constancia, e firme fé provaste.
Nos laços, que inimiga mão armára,
Nos fizeste cair: males sem conto,
Crueis tribulações nos oprimiram.
De pesadas cadeas carregados,
O dominio sofremos
De orgulhosos crueis, desapiedados,
De barbaros senhores.
Resignados e humildes suportámos
Oprobrios, e opressões; té que benigno
A carregada nuvem dissipaste,
Que, sobre nós irada,
Congelado granizo, ardentes raios
Furiosa dispedia.

7.

De novo triunfante,
Per Ti de nova gloria coroado,
No teo sagrado augusto santuario
Devotos holocaustos
Hoje Te offertarei: assim cumpridos
Serão os puros votos,
Que meos tremulos labios proferiram
No meio dos perigos.

Holocausta medullata offeram tibi, cum incenso arietum : offeram tibi boves cum hircis.

Venite, audite, et narrabo, omnes qui timetis **DEUM**, *quanta fecit animæ meæ.*

Ad ipsum ore meo clamavi, et exaltavi sub lingua mea.

8.

No seio das terriveis,
Crueis tribulações que me oprimiam,
Quantas vezes afflicto a voz erguendo,
Te disse : ó DEUS immenso !
O' DEUS de piedade ! se me salvas
Dos horriveis perigos que me cercam,
Victimas preciosas
Serão nas tuas aras sacrosantas
Per mim offerecidas.
Alí cheiroso incenso,
Alí tenros cordeiros,
Os bois mais nedios, os mais nedios hircos
De meos longos rebanhos e manadas,
Pelo sagrado fogo
Consumidos, serão em honra tua.

9.

Atentos escutai-me,
O' vós, em cujos peitos
De DEUS o temor santo puro existe ;
Eu vou narrar os grandes beneficios,
A suave clemencia,
Com que o SENHOR piedoso honrou minha alma.

10.

Ergui a minha voz, os meos clamores
Tocaram seos ouvidos.

Iniquitatem si aspexi in corde meo, non exaudiet DOMINUS.

Propterea exaudivit DEUS, et attendit voci deprecationis meæ.

Benedictus DEUS, qui non amovit orationem meam, et misericordiam suam a me.

PSALMO LXVI.

OBSERVAÇÕES.

Nenhuma certeza ha, de que este psalmo seja composição de David, não obstante que na Vulgata elle se ache com a inscripção seguinte « para o fim sobre os hymnos, psalmo ou cantico de David » o nome do propheta Rei não se acha no original hebraico. He talvez esta composição poetica um d'aquelles hymnos, ou breves psalmos, que os sacerdotes tinham composto,

Meos occultos gemidos, meos suspiros
Seo coração benefico moveram.
Se a fea iniquidade
No meo peito existisse
Ouvira-me o SENHOR?... Ah! não por certo:
O SENHOR escutou-me,
O SENHOR atendeu as minhas preces:
Porque viu que, em minha alma, puro ardia
De seo amor o fogo inextinguivel.

11.

Bemdito per nos seja o DEUS eterno,
O DEUS de piedade,
Que as suplicas humildes do seo servo
Se dignou escutar, que a sua immensa
Pura misericordia,
Sobre elle derramou com mão profusa.

---

para cantar no templo, na occasião de suplicas ou preces geraes, reunindo para isso alguns versiculos de diferentes psalmos, mais acomodados ás circunstancias das festividades, a que eram aplicados. A clausula « Sobre os hymnos » parece indicar que este cantico era tambem destinado, para servir de remate aos hymnos privativos d'aquellas festividades, que não tinham por objecto as preces communs; e que por isso se acrescentavam, afim de que no templo jamais deixasse de haver este genero de deprecações, que tem por fim immediato a honra e a gloria de DEUS.

PSALMUS.

DEUS misereatur nostrî, et benedicat nobis : illuminet vultum suum super nos, et misereatur nostrî.

Ut cognoscamus in terra viam tuam, in omnibus gentibus salutare tuum.

Confiteantur tibi populi, DEUS : confiteantur tibi populi omnes.

Lœtentur et exultent gentes : quoniam judicas populos in æquitate, et gentes in terra dirigis.

PSALMO.

De nós misericordia
Tenha o nosso bom DEUS; elle derrame,
Piedoso, sobre nós as suas bençõe;
Seo rosto rutilante,
Mais do que o claro sol, elle nos mostre;
De nós se compadeça.

Da virtude o caminho
Ensina nos, SENHOR; Tu nos aponta,
Em quanto sobre a Terra respiramos,
Os trilhos da justiça:
Da salvação os meios reconheçam
As nações do Universo.

Por SENHOR te confessem
Até os povos, que dispersos vivem
Nas rudes selvas, nas incultas brenhas
Das regiões ignotas.
Não haja um homem só, ó DEUS eterno;
Que humilde não Te adore.

Exultem de alegria
Todos, ao ver que com igual justiça,
Com doçura e piedade, os povos julgas;
Ao ver que sabio e recto
Diriges as nações, e lhe' preparas
Ventura inalteravel.

Confiteantur tibi populi, DEUS, confiteantur tibi populi omnes: terra dedit fructum suum.

Benedicat nos DEUS, DEUS noster, benedicat nos DEUS, et metuant eum omnes fines terræ.

PSALMO LXVII.

OBSERVAÇÕES.

O titulo ou inscripção d'este psalmo, he o seguinte «para o fim, psalmo ou cantico de David mesmo »: Saverio Matei o traduz nas palavras seguintes. « A poesia e a musica são de David ». O mesmo elegante traductor diz, que este sagrado cantico fora composto na occasião, em que a Arca da aliança foi transferida da casa de Obededom, para o tabernaculo de Sion. Por quão verosimil esta opinião se figure, e não obstante que seja seguida por muitos, ella não he geral-

Confessem-Te humilhados,
Teo nome santo adorem reverentes,
Todos os povos, todas as edades.
A tua luz já brilha,
Já o mundo esclarece: a Terra, esteril
Não será de virtudes.

Suas benções celestes
Espalhe sobre nós o DEUS eterno!
O nosso DEUS, DEUS unico, DEUS santo.
O seo temor, origem
De todas as virtudes, se propague
Té os confins da Terra.

---

mente adoptada: alguns interpretes ha que, a pezar do titulo d'este cantico, o não atribuem a David. Os que são de parecer que este psalmo fora composto, por occasião da derrota de exercito de Sennacherib, de certo o não julgam composição d'aquelle santo Rei. Como quer que seja, he sem duvida que, durante muitos annos sempre que a Arca da alliança era transferida, de um para outro lugar, se cantava a primeira strophe ou versiculo d'este psalmo: o que assaz prova que os Hebreos o julgaram sempre muito proprio, para a celebração d'esta festividade. Sem entrar no sentido mystico d'esta sagrada composição, o que sómente ouso asseverar, he que o seo sentido natural he assaz dificil de comprehender; e que por tanto a sua traduc-

ção he no meo conceito per extremo dificultosa. Entretanto apresento-a, segundo a minha fraca inteligencia: e com ella remato a tarefa que me propuz; enchendo,

---

PSALMUS.

Exurgat DEUS, et dissipentur inimici ejus: et fugiant qui oderunt eum à facie ejus.

Sicut deficit fumus deficiant: sicut fluit cera à facie ignis, sic pereant peccatores à facie DEI.

Et justi epulentur, et exultent in conspectu DEI, et delectentur in lætitia.

Cantate DEO, psalmum dicite nomini ejus: iter facite ei qui ascendit super occasum: DOMINUS nomen illi.

como me foi possivel, os vazios que o meo douto amigo deixou na sua traducção da primeira metade do Psalterio.

PSALMO.

Levanta-te, SENHOR; o teo luzente,
Formoso rosto, fulgurante mostra:
Dissipa os inimigos,
Que insanos Te perseguem:
Os nescios orgulhosos que Te odeiam,
Deslumbrados ao vêr-te, de Ti fujam.

Qual fumo, que no ar se desvanece,
Ou qual cera ao calor do fogo exposta,
Que apenas derretida,
Subtil se esconde aos olhos,
Assim desapareçam os perversos
A' vista de teo rosto magestoso.

Exultem de alegria os innocentes;
Os justos uns aos outros se festejem:
De jubilo inefavel,
De fronte do DEUS santo,
Perenne fonte, placidos, desfrutem:
Torrente eterna de delicias gozem.

Alegres entoai festivos cantos;
De DEUS o grande nome, celebrado
Em vossos hymnos seja:

Exaltate in conspectu ejus, turbabuntur à facie ejus, patris orphanorum, et judicis viduarum. DEUS in loco sancto suo: DEUS qui habitare facit unius moris in domo.

Qui educit vinctos in fortitudine, similiter eos qui exasperant, qui habitant in sepulchris.

DEUS cum egredereris in conspectu populi tui, cum pertransires in deserto;

Terra mota est; etenim Cœli distillaverunt à facie DEI Sinaï, à facie DEI Israel.

Abri, abri caminho
Ao vencedor intrepido da morte; (1)
Seo nome he o SENHOR: tremei, ó impios.

Vós justos, exultai á sua vista;
Seo amparo buscai: elle protege
O misero pupilo;
A viuva defende.
No santuario augusto está presente;
Nas almas rectas, co'a virtude mora.

Se os grilhões ferreos, que arrastrára humilde
Cativo pé, com força sobre humana,
Despedaçou benigno;
Tambem do seio escuro
Arrancará dos carceres immundos,
Os que sem esperança n'elles jazem.

Quando, SENHOR, á frente caminhavas
Do povo teo, no inhospito deserto;
Ao teo aceno, a Terra
Tremendo obedecia.
Das pedras rebentavam vivas fontes,
Sustento salutar do ceo descia.

No alto do Sinaï, Te apresentaste,
Com terrifica pompa, magestoso:
Nos vales retumbava
Pavoroso ruido
De trovões redobrados: ante a face
Do seo DEUS, Israel estremecia.

Pluviam voluntariam segregabis, DEUS, hereditati tuæ, et infirmata est, tu vero perfecisti eam.

Animalia tua habitabunt in ea: parasti in dulcedine tua pauperi, DEUS.

DOMINUS dabit verbum evangelizantibus, virtute multa.

Rex virtutum dilecti, dilecti; et speciei, domus dividere spolia.

Si dormiatis inter medios cleros, pennæ columbæ deargentatæ, et posteriora dorsi ejus in pallore auri.

Com benefica chuva fertilisas
Os sequiosos, languidos terrenos,
Que ao teo afflicto povo
Benigno destinaste:
Verdes, viçosas plantas já povôam
Os campos antes aridos e estereis.

Já os gados encontram tenro pasto;
Já pelo alpestre monte alegres saltam;
Os pobres abençoam
Tua mão generosa,
Que benefica assi liberalisa
Abundante dulcissima fartura.

Dotados de eloquencia persuasiva,
De sublime sciencia revestidos
Serão os pregoeiros
Da lei sagrada e pura,
Que ha-de trazer ao teo suave jugo
Selvaticas nações, polidos povos.

Os Reis mais poderosos, mais guerreiros,
Vencidos se verão: ver-se hão prostrados,
Diante do escolhido
Adoravel objecto
Do teo amor, riquissimos despojos
Ornarão teo alcaçar venerando.

Aquelles que tranquilos afrontarem
Perigos e fadigas, sem temerem

Dum discernit cœlestis reges super eam : nive dealbabuntur in Selmon : mons DEI, mons pinguis.

Mons coagulatus , mons pinguis : ut quid suspicamini montes coagulatos ?

Mons in quo beneplacitum est DEO habitare in eo : etenim DOMINUS habitabit in finem.

Currus DEI decem millibus multiplex , millia lætantium , DOMINUS in eis , in Sina , in Sancto.

O aguilhão pungente
Das estereis abelhas,
Quaes pombas brilharão de argenteas plumas,
De verdes, roxos, de doirados colos.

Desde o tremendo instante, em que o celeste
Rei invencivel segregar os impios
Principes orgulhosos,
Dos servos seos constantes;
Seos servos brilharão no santo monte,
Mais que a candida neve sobre o Selmon.

O' monte divinal, ó monte pingue,
Monte cheo de bens, de gloria cheo,
Que são, á tua vista,
Os elevados montes,
Aonde a natureza rica ostenta
As suas producções mais preciosas!

O' monte portentoso, ó monte santo,
Escolhida morada do DEUS justo,
Do DEUS omnipotente,
Em Ti seo firme assento
Tem o motor supremo do Universo:
Elle em Ti morará eternamente.

De mil milhões de espiritos celestes,
Que em ledos córos o seo nome exaltam,
Seo magestoso carro
Circundado caminha.

Ascendisti in altum, cepisti captivitatem : accepisti dona in hominibus.

Etenim non credentes, inhabitare DOMINUM DEUM.

Benedictus DOMINUS die quotidie : prosperum iter faciet nobis DEUS salutarium nostrorum.

DEUS noster, DEUS salvos faciendi : et DOMINI DOMINI exitus mortis.

Verumtamen DEUS confringet capita inimicorum suorum : verticem capilli perambulantium in delictis suis

Assim, assim sobre o Sinai, cercado
De gloria e magestade, te mostraste.

Assim, SENHOR, no seo excelso cume
O teo poder magnifico ostentaste:
A tua lei sagrada
Severo promulgando,
Os homens sujeitaste á razão pura:
Sobre elles bens immensos derramaste.

Té os mesmos incredulos audazes,
Que o teo nome insultavam, no teo seio
Piedoso recolheste.
Sejais, SENHOR, bemdito;
Em teo louvor, da gratidão as vozes,
De noite e dia, sem cessar, ressoem.

Aventurosa estrada nos prepara
Da paz, da segurança, o DEUS clemente,
O nosso DEUS benigno
O DEUS de força immensa,
De cuja dextra vigorosa pendem
O ser, a vida, a salvação, a morte.

Mas! ai dos pertinazes inimigos
Que a sua voz rebeldes desprezarem!
Ai dos nescios que ufanos,
Do crime os passos seguem!
Fulminados serão das igneas settas,
Que o arco invicto do SENHOR disfere.

Dixit DOMINUS : ex Basan convertam , convertam in profundum maris.

Ut intingatur pes tuus in sanguine : lingua canum tuorum ex inimicis , ab ipso.

Viderunt ingressus tuos , DEUS , ingressus DEI mei : regis mei , qui est in sancto.

Prævenerunt principes conjuncti psallentibus in medio juvencularum tympanistriarum.

In ecclesiis benedicite DEO DOMINO , de fontibus Israel.

« Minha mão justiçosa aos vossos golpes
Entregou de Basan o Rei soberbo,
(O SENHOR nos dizia)
Não fui eu quem do fundo
Do rubro mar salvou as vossas hostes?
E quem n'elle afogou o Egypcio ousado.

Assim farei que, aos vossos pés, vencidos
Caiam os vossos perfidos contrarios:
Que seo immundo sangue
Tinja os vossos cothurnos:
Que goteje dos alvos, lizos dentes
De vossos Lebreos fervidos, irosos. »

Estes, aquem falaste agora, absortos
Admiram tua marcha magestosa;
Transportados te seguem:
Alegres te contemplam,
O' meo DEUS, meo SENHOR, meo Rei, que habitas
No santuario da aliança eterna.

Os Principes das tribus reunidos
Aos melicos cantores te precedem:
Ao encontro te saiem:
Leves coréas formam
Com as amaveis, candidas donzelas
Que em seos adufes a cadencia marcam.

Suas vozes suaves vos convidam,
O' filhos de Israel, vinde, apressai-vos,

Ibi Benjamin adolescentulus, in mentis excessu.

Principes Juda duces eorum : principes Zabulon, principes Nephtali.

Manda DEUS virtuti tuæ : confirma hoc DEUS quod operatus es in nobis.

A templo tuo in Jerusalem, tibi offerent reges munera.

Increpa feras arundinis, congregatio taurorum in vaccis populorum : ut excludant eos qui probati sunt argento.

Dissipa gentes, quæ bella volunt : venient legati ex Ægypto : Æthiopia præveniet manus ejus DEO.

Louvai em ledos coros
Em sonorosos hymnos
O SENHOR nosso DEUS : já transportado
O tenro Benjamin vejo devoto.

Já de Judá os capitães valentes
Submissos ajoelham : ja te adoram
Seos anciões sisudos,
Os venerandos chefes
De Nephtali, de Zabulon contendem,
Qual mais respeito Te tribute humilde.

O teo poder, SENHOR, immenso mostra :
Os prodigios renova portentosos,
Que Israel levantaram
Ao cume da grandeza :
Jerusalem de novo no teo templo
Verá da Terra os Reis votar-te offertas.

Reprime tu, com firme braço, o fero
Habitador das margens paludosas
Do caudaloso Nilo ;
Dispersa o duro bando
De toiros furiosos, que ameaçam
Os que Tu no teo fogo acrisolaste.

As guerreiras nações, SENHOR, dissipa :
Venham do adusto Egypto os emissarios,
Sincera paz pedir-te :
A Ethiopia humilhada,

Regna terræ cantate DEO, psallite DOMINO, psallite DEO, qui ascendit super cœlum cœli ad orientem.

Ecce dabit voci suæ vocem virtutis, date gloriam DEO super Israel, magnificentia ejus, et virtus ejus in nubibus.

Mirabilis DEUS in sanctis suis: DEUS Israel ipse dabit virtutem, et fortitudinem plebi suæ: benedictus DEUS.

NOTAS.

Notas. A clausula « *Iter facite ei qui ascendit super occasum* ». *Abri caminho a aquelle que se eleva sobre o occaso*, he certo que só figurativamente pode

As suplicantes mãos aos Ceos erguendo,
Seja a primeira que a teos pes se prostre.

Cantai, Povos da Terra, cantos dignos
Do SENHOR nosso DEUS: em nobre estilo
Louvai seo claro nome:
Levantai sobre os astros
Aquelle que ao supremo Ceo se eleva
Desde o rosado, lucido oriente.

Sua voz magestosa ja retumba
Com medonho fragor nos fundos valles:
Dai gloria, dai louvores
De Israel ao DEUS justo:
Ao DEUS de quem as nuvens nos inculcam
O poder, a grandeza, a magestade.

Se, de terror e espanto rodeado,
No santuario augusto se apresenta;
Seo povo fortalece
Com animo constante;
De valentia indómita o reveste.
Louvor, e graças ao SENHOR rendamos.

NOTAS.

ter o sentido, que eu lhe dou n'esta traducção: porém alem de que este sentido he o mais conforme á inteligencia dos intrepretes Orthodoxos, parece-me o mais

natural. Que o poeta n'este logar se exprimiu figuradamente, he coisa que não pode entrar em duvida: porque elle certamente queria exprimir algum pensamento; e a frase *levantar-se sobre o occaso*, considerada literalmente, nada significa. O sol e todos os astros, que não são circumpolares, levantam-se ou aparecem no oriente, e elevando-se ate chegarem ao meridiano, começam a descer para o occidente, aonde se escondem aos olhos de quem os observa. No sentido natural, a frase de que se trata seria por tanto um absurdo; ou exprimiria o contrario da verdade. Que o poeta n'este logar fala de DEUS, he evidente; assim como he sem duvida que as ideas da unidade, e da espiritualidade d'este Ser infinito, tiveram origem nas theogonias dos povos orientaes, quero dizer, foram primeiro reconhecidas pelos povos Indianos, ou por outros Asiaticos habitadores das regiões situadas ao oriente da Judea; he pois muito possivel que David, em cujo tempo as noções Theologicas dos Chaldeos, Persas e Assyrios começavam a introduzir-se no systema religioso dos Judeos, aludisse n'este logar a aquellas sublimes noções, e que tendo em vista a novidade d'ellas para os Israelitas, lhes quizesse dizer. « Dai logar no vosso espirito a estas ideas mais aperfeiçoadas da Divindade, que desde longo tempo foram adoptadas pelos povos orientaes: ellas não são contradictorias com a noção que vós tendes de DEUS; antes a tornam mais perfeita; e por isso já começam a gozar do assentimento dos homens mais doutos das nações occidentaes. Este sentido não seria na verdade improprio, nem poderia

regeitar-se, segundo os principios da hermeneutica profana: entretanto he certo que os termos astronomicos, oriente e occaso, são derivados de vozes, que na sua primitiva, e natural significação, exprimiam as ideas de nascimento, e morte; e que os poetas os tem empregado, e empregam ainda metaforicamente n'este sentido. Tambem não he menos certo que sendo a noção de DEUS, ou de um Ser sempiterno e independente, exclusiva da idea de morte; nada parece mais natural do que entender pelas palavras. « *Aquelle que se levanta sobre o occaso, ou aquelle que está superior ao occaso* »: Aquelle que não he sujeito á morte, ou aquelle que he superior á morte. Com tudo, como este psalmo he uma composição prophetica; e o nosso redemptor Jesus-Christo, objecto de quasi todas as prophecias, ressuscitou glorioso ao terceiro dia depois da sua morte; a aplicação d'este texto á sua gloriosa ressurreição, he sem duvida a mais natural e obvia, e a mais conforme á inteligencia de um interprete Christão.

PSALMO LXVIII.

Salvum me fac, Deus; quoniam....

SALVA-ME, ó meo SENHOR, subindo vejo
As ondas em furor, e ja calaram
Ao centro da minha alma, e de amargura
Me embebem, e me inundam;

Nas voragens do abismo revolvendo-me,
Atolado no lodo do profundo,
Meo pé resvala a cada passo, e busca
Em vão onde firmar-se.

Do alto mar as vagas procelosas
Umas sobre outras se encapellam, bramam,
A tempestade horrifica ameaça
Sossobrar-me de todo.

Desfaleço a clamar, enrouqueceram
Minhas fauces, e os olhos se finaram,
A' força de esperar o teo socorro,
O' DEUS, DEUS da minha alma!

Mais que os cabelos meos, reduplicados
Meos ferozes, gratuitos inimigos
Seo impeto redobram furiosos,
Injustos me perseguem.

O que nunca roubei, pagar me fazem;
Expio alheos crimes: tu bem sabes
Quaes são meos erros, qual minha insipiencia;
A Ti nada he oculto.

Não cubra a confusão, por meo respeito,
Os rostos dos que esperam no teo braço,
O' poderoso DEUS, DEUS que commandas
A's celestes virtudes!

Não se envergonhem vendo-me abatido,
Grande DEUS de Israel! os que Te invocam;

Pois he por ti que sofro o oprobrio, e oprime
A confusão meo rosto.

Meos irmãos como estranho me encararam,
De minha mae os filhos ja não curam
De mim; qual viandante forasteiro,
Me tratam, me desprezam.

Odeam-me, porque da tua casa
Me devorou o zelo, e os teos oprobrios
Cairam sobre mim; e reputei-os
Afrontas a mim feitas.

Então, com o jejum, magoei minha alma,
E d'isto se mofava; por vestido,
Cingi-me de um cilicio, e me tornaram
A fabula do povo.

Pelas portas sentados murmuravam
Contra mim, e nas praças a vil plebe,
Esgotando de vinho cheas taças,
Cantando me escarnece.

Eu porém, meo SENHOR, so desafogo
Meo coração comtigo; ah! chega o tempo
De attender-me, ó DEUS meo! escuta, attende;
O' DEUS bom e clemente!

Tuas misericordias sem limite,
Que, com profusa mão, pio derramas,
Em mim emprega: da verdade tua
Desempenha as promessas.

Desprende-me do lodo, antes que seja
Submergido, e soltar-me vem d'aquelles
Que me aborrecem, e do abismo horrendo
Das agoas que me afogam.

Não me sepultem ondas tormentosas,
Nem abra a sua boca o escuro abismo
Para tragar-me; escuta, ó DEUS benigno,
DEUS de misericordia!

Volve os olhos a mim, e segue aquella
Extensão de clemencia que te adorna,
Não desvies teo rosto, e compassivo,
Teo servo attenta, escuta:

Escuta-me depressa, pois recrescem
As minhas penas, vê minha alma, livra-a
Por causa dos imigos meos arranca-me
Do pego, em que me afundo.

Tu bem vés minha afronta, meo oprobrio,
E minha obediencia; ante teos olhos
Estám os que de magoas, e de dores
Apascentam minha alma.

Meo coração humilde os vituperios
E a miseria esperou, e em tanta pena
Buscava quem comigo se affligisse,
E vi-me abandonado.

Esperei quem viesse consolar-me;
Ninguem apareceu; fel amargoso
Me deram por comida, e com vinagre
Minha sede inflamaram.

Seja tambem a sua mesa horrenda,
Feroce campo de traições, contendas,
Mortiferas querelas; os seos olhos
De todo se escureçam.

Mais e mais lhes encurva as duras costas;
Sobre elles desafoga a tua ira;
Atterre-os o furor embravecido
Da tua ardente colera.

Deserta venha a ser sua morada,
Não haja quem habite em suas tendas,
Pois sem dó maltrataram um afflicto,
Que tu ja maltratavas.

Sem piedade ajuntaram novas dores
A's minhas chagas; ah! cresçam seos crimes:
Amontoa uns sobre outros, DEUS tremendo,
Seos horridos delictos.

Nem da tua justiça jamais possam
As veredas entrar, sejam riscados
Do livro dos viventes, não se escrevam
Seos nomes entre os justos.

Tal será sua sorte desditosa,
E eu humilde, de magoas traspassado,
Sou acolhido pelo DEUS excelso
Com paternal carinho.

Louvarei do meo DEUS o nome invicto,
Engrandece-lo sem cessar intento,
Té os ceos exalta-lo, em sonorosos
Canticos sublimados.

Mais gratos lhe serão do que o novilho
Recente, ao qual apenas se endurece
O bipartido pé, e mal despontam
As recurvadas armas.
Os humildes me vejam, e se alegrem;
Buscai a DEUS, ó homens, e de vida
Cercará vossas almas; pois benigno
Escutou os humildes.
E não abandonou os que gemiam,
Em miseras cadeas maneatados;
Os Ceos o louvem, louve-o a Terra e os mares,
E quanto elles encerram;
Porque DEUS salvará Sion afflicta
E surgirão de novo edificadas
De Judá as cidades, onde habitem
Os seos fieis amigos:
Ser-lhes-hão, qual herança transmettidas,
E dos seos servos a semente illustre
A gozará, serão d'ella SENHORES
Quantos amam seo nome.

OBSERVAÇÕES, E NOTAS.

Theodoreto entende que este psalmo he relativo ao cativeiro de Babylonia, mas o geral dos Santos Padres são de opinão que elle somente se refere á paxão de Jesus-Christo, e ao estabelecimento de sua Igreja. O sentido

sentido de Theodoreto não implica com este, pois aponta um motivo natural, o qual os mesmos Santos Padres, que o não adoptam, não deixam de considerar como simbolo de captiveiro do Demonio o do peccado, de que Jesus-Christo veiu libertar-nos. Se a composição do psalmo teve, por tanto, motivo temporal, he cousa incerta: o que porém he sem duvida, he que elle he um dos canticos mais bellos d'esta sagrada collecção. A tradução que d'elle fez o meo douto amigo me pareceu carecer de alteração em alguns passos, que julgei menos dignamente expressados: em nenhum porém alterei a inteligencia que elle lhe havia dado. Saverio Matthei seguindo a Calmet, seo unico guia, torna a interpretar a voz *Shoshanim* que na Vulgata se traduz, *para aquelles que serão transformados*, considerando-a como um instrumento musico, e por isso die. « La poezia é de Davide, la musica del maestro de capella de Gigli. » Nas notas ao Psalmo 44, já disse o que me parecia a proposito sobre esta interpretação.

PSALMO LXIX.

Deus, in adjutorium meum intende....

VEM ajudar-me,
O' DEUS amado!
Vem apressado
A confortar-me.

Fujam confusos
Os inimigos,
Que a mil perigos
Minha alma expõem.

Recuem, fujam
Os vis malvados,
Que conspirados
Contra mim vem.

Fujam com pejo
A' toda a pressa.
Cesse e emudeça
A sua voz.

Nem mais me digam
Eia, bradando,
Eia, mofando
Do estado meo.

Doce alegria,
Per varios modos,
Embeba a todos
Que a Ti se dam:

Exclamem: sempre
Seja louvado,
Seja exaltado
DEUS nosso bem!

Eu sou humilde,
O' DEUS, e pobre:
Teo servo cobre
Com teo favor.

Tu es, ó DEUS!
Meo Protector,
Libertador
Dos dias meos.

A soccorer-me
Vem, DEUS amado;
Vem apressado,
Vem ja valer-me.

OBSERVAÇÃO.

Este Psalmo he um resumo, ou extracto abreviado do Psalmo 39.

PSALMO LXX.

In te, Domine, speravi, non confundar....

1.

EM Ti minha esperança
Tenho posto, ó meo DEUS! e confundido
Eternamente não serei, segundo
Tua justiça santa
Ampara-me, ó SENHOR! em magoa tanta.

2.

Inclina os teos ouvidos
A meo soccorro, e sé-me qual espesso
Fortificado muro, ou sacro asilo;
Pois Tu, minha defeza
Tu es, o meo refugio e fortaleza.

3.

Das mãos dos peccadores,
Dos iniquos que a tua lei quebrantam
Arranca-me, ó SENHOR! que es meo conforto,
E em Ti minha esperança,
Desde os meos annos juvenis, descansa.

4.

Das maternaes entranhas
Com tua mão robusta me tiraste,
Desde o ventre materno me proteges,
E sempre o meo encanto
Tu foste, e o terno objeto do meo canto.

5.

Qual prodigio me julgam
Os que attentam teo braço, que me ajuda;
De louvor minha boca chea exulte,
E todo o dia cante:
Tua gloria e grandeza aos Ceos levante.

6.

SENHOR, não me abandonnes
No tempo da velhice, quando fioxa
Minha virtude enlanguescer: não fujas,
Que assim se esperançaram
Meos contrarios, e assim m'o declararam.

7.

Espreitam-me, e maquinam
Ciladas á minha alma, e combinados
Consultaram dizendo: DEUS deixou-o,
Contra elle agora vamos,
He tempo, e com presteza o persigamos.

8.

O' DEUS! não te desvies
De mim, ó DEUS querido! vê, attenta
A soccorrer-me; e tristes, confundidos,
Desmaiem os malvados,
Que vêm contra minha alma conjurados.

9.

A confusão, e pejo
Avermelhe os semblantes dos que intentam
Urdir-me males; eu em Ti espero,
E nunca de exaltar-Te
Cansarei, e de mais e mais louvar-Te.

10.

Ouvir-se-ham meos labios
Noite e dia entoar tua justiça,
Que fiel me salvou, e me defende;
Teo braço omnipotente,
Tua justiça cantarei somente.

11.

Pois das humanas letras
Não conheço o saber, Tu só objecto
Serás do meo louvor; Tu me guiaste
Na minha mocidade,
E me ensinaste desde tenra edade.

12.

Jamais tua grandeza
Eu cessei de exaltar, e sempre terno
A hei-de engrandecer, inda na extrema
Velhice mais cansada;
Não a deixes, ó DEUS! desamparada.

13.

Cantarei té que seja
Teo braço annunciado ás gentes todas
Que deverão nascer; direi as grandes
Obras tuas sublimes,
Com que o divino teo poder exprimes.

14.

Quem ha, ó DEUS! que possa
A Ti assimilhar-se? quantas vezes
Per mil modos minha alma atribulando,
Depois benigno a olhaste,
A animaste, e do abismo a revocaste!

15.

Então crescer fizeste
Tua magnificencia, e enternecido
Me confortaste; desde jà canoros,
Doces hymnos resôo,
Com que a tua verdade grato entôo.

16.

Da cithara ferindo
As sonorosas cordas, o DEUS santo
De Israel louvarei, ver-se ham de gozo
Meos labios exultando,
Ao cantar teo poder, teo peito brando.

17.

Exultará minha alma
Que regalaste: pensativa, e grave
Soará minha lingua, todo o dia,
O louvor sublimado
Que he á tua justiça consagrado

18.

Assim teo nome excelso
Eu cantarei em paz, quando confusos
Retrocederem meos crueis imigos,
Que buscam anciosos
Tiranisar-me, feros e aleivosos.

OBSERVAÇÕES, E NOTAS.

Os primeiros quatro versos d'este Psalmo são visivelmente tirados do Psalmo 30. He crivel que este additamento fosse obra não de David mesmo, mas dos Levitas, que muitas vezes faziam d'estas especies de

rapsodias, para variarem os Canticos nas diferentes festividades, a que os aplicavam. He comtudo opinião geral que este Psalmo fora composto per David, no tempo em que era perseguido per Absalon. Do seo titulo nada pode inferir-se a este respeito; por que no original hebraico he do numero dos Psalmos, que não tem inscripção ou Epigraphe. Na Vulgata se lé nelle o titulo seguinte. — Psalmo de David dos Filhos de Jonadab, e dos primeiros cativos. — Estas duas ultimas clausulas indicam assaz claramente, que os filhos ou os descendentes de Jonadab o escolheram, como formula geral das suas preces, durante o primeiro cativeiro de Babilonia, que teve logar no reinado de Joachim. Jonadab era filho de Rechab; fez-se celebre entre os Hebreos pela severidade e constancia, com que prohibiu á toda a sua familia o uso do vinho e a construcção de edificios, em que habitassem: preceitos a que todos os seos descendentes foram exactissimamente obedientes. São elles os Rechabitas de que fala Jeremias, e que o SENHOR propoz ao seo povo, como modelos de obediencia, que deviam ter sempre diante dos olhos, para se envergonharem de serem menos submissos aos preceitos do SENHOR, do que eram aos do seo progenitor.

PSALMO LXXI.

Deus, judicium tuum regi da.....

DA' ao Rei sabedoria,
O meo DEUS! ao filho amado
Do Rei doa o dom sagrado
Da Justiça santa e pia.
Justo possa sempre ser,
E o teo povo guie, e reja;
Olhe os pobres teos, proteja
Sua causa com prazer.

Fuja o guerreiro funebre aparato,
Dos montes, dos oiteiros; e o teo povo
A paz goze serena,
A' sombra da justiça e da equidade.
Sim, elle hade julgar do povo os pobres,
Ha-de os pobres salvar, e a frente atroz
Pizará do que espalha impio, e feroz
Fementidas calumnias.
O seo throno será estavel, firme
Em quanto o sol raiar, e a noite escura
For prateada pelos froxos raios
Da descorada lua; em quanto as gentes
Umas ás outras forem succedendo.

Qual sobre arido campo, onde amortece
A semiada planta,
Aprazivel e grata a chuva desce;
Qual sobre a terra gotejando, o orvalho,
A molha e reverdece,
Assim ha-de baxar, assim aos povos
Será sua presença, e nos seos dias
Nascerá a justiça, e copiosa
A paz rebentará, até que a lua
De todo escurecida,
Seja outra vez ao nada reduzida.
O seo imperio vasto
Não será pelos rios limitado,
Desde um mar a outro mar se alarga, e estende,
Desd'o rico oriente
Té as ultimas praias do occidente.

O fero Ethiope
Ao Rei amado
Ha-de prostrado
Reconhecer:
Quantos lhe armarem
Cruenta guerra,
Fará da terra
O pó morder.
Os soberanos
Que a Arabia mandam,
E os que commandam
Tharsis, Sabá,

De ilhas potentes,
Doceis lhe trazem
Dons e presentes
Que a terra dá.

Os monarchas em fim do mundo inteiro,
Todas as varias gentes
Ham-de humildes servi-lo, e reverentes;
Porque elle ha-de livrar o pobre afflito
Das mãos do poderoso que o maltrata,
O pobre que gemia
Abandonado, sem achar apoio.
Sim, elle ha-de amparar, terno e piedoso,
O pobre que soccorro não encontra:
Ha-de os pobres salvar, ha-de remi-los
Da usura, e da fêa iniquidade.
Será d'elles o nome
Ante seos olhos glorioso, e caro.
Fará viver os pobres,
E os ricos e abastados
Lhe levarão fulgente oiro da Arabia;
Adorado será per elles sempre;
Será abençoado,
O dia inteiro, de seo povo amado.
Então a terra, de vigor fervendo,
Rebentará fecunda até no cume
De alcantilados montes;
Como os cedros do Libano, os arbustos

Erguerão as crescidas longas hastes,
Nascerão nas cidades
Os habitantes, quaes nascem nos prados
Apinhadas as flores, e o guarnecem.
Abençoado seja eternamente
Seo nome glorioso,
Nome que eterno permanece, ainda
Antes que o sol seos raios despedisse
A' terra, e de alma luz tudo cobrisse.
Serão n'elle benditas
Do mundo as tribus todas,
E todas as Nações seo nome santo
Té os ceos levarão em doce canto.

Seja louvado
O DEUS supremo,
DEUS adorado
Em Israel;
Que só potente
Prodigios obra,
Só he clemente,
Só he fiel,

Eternamente seja engrandecido
Seo magestoso nome; a terra inteira
Occupada será pela grandeza
D'este DEUS que domina a natureza.

Louvor perenne
Elle merece;

Cantai, não cesse
O seo louvor,
De todos seja
Sempre exaltado,
Seja louvado
Com terno amor.

(1) Assim poz termo aos sonorosos hymnos,
Que entoára em louvor do DEUS eterno
O inspirado David, de Jesse filho.

OBSERVAÇÕES, E NOTAS.

Este Psalmo parece ser a ultima composição de David. He uma oração, ou suplica em forma de hymno, que o Santo Rei dirigiu ao SENHOR, depois de haver instalado sobre o throno seo filho Salomão. Elle pede a DEUS que alumie a Salomão, que lhe infunda espirito de justiça e de rectidão, e que o encaminhe nas suas deliberações sempre, do modo mais favora-

---

(1) Estes tres versos foram por mim acrescentados a esta bella traducção do Psalmo 71, para exprimir o versiculo 21, que o Traductor omitira, por isso que o reputou como um additamento posterior á composição do Psalmo. A razão persuade ser justo este conceito; mas em todos os sagrados codices, se acha o versiculo 21 incorporado n'este cantico.

vel ao seo povo. O ultimo versiculo parece ser uma declaração, de que n'aquelle lugar acabam os psalmos ou canticos de David: e com efeito d'este psalmo em diante começam os que se acham inscriptos com o nome de Asaph, com o dos filhos de Coré, com o do Eman Esraita, com o de Ethan, com o de Moysés, e todos os que tem titulos genericos, como Alleluia, graos, etc. Entre tanto he verdade que, tambem ao diante, se acham alguns positivamente designados como composições de David, e outros que, ainda sem esta designação, são reputados por obras do Propheta Rei, pelos melhores e mais eruditos expositores. A grande destruição, que sofreram os livros sagrados dos Judeos, e a raridade a que se reduziram, principalmente depois dos differentes cativeiros que este povo sofreu, tudo concorreu para que na collecção dos psalmos, ou canticos sacerdotaes, se perturbasse a ordem. Talvez em algum codice fosse este o ultimo dos psalmos compostos per David; e por isso na sua copia assim se declarasse, e que muitos dos seguintes fossem achados em outros exemplares antigos, e d'ali copiados em seguimento dos que ja se achavam collegidos. Porém este ponto de erudição demanda grande trabalho, e seria improprio n'estas breves observações e notas. Outros o discutirão com mais saber, e em forma e logar mais apropriado.

PSALMO LXXII.

Quàm bonus Israel Deus his....

QUANTO he bom de Israel o DEUS supremo,
Para os que recto coração possuem!
E com tudo os meos pés ja, por bem pouco,
Tremendo escorregavam.

Ja quasi os passos meos desatinavam,
Porque me embraveci, vendo os iniquos
Descançados viver no brando seio
Da paz, e dos prazeres;

E sem que a impiedade os turbe, encaram
A morte feros, com valor supportam
Este golpe fatal, morrem gozando
De honras e delicias.

Os trabalhos dos homens não parecem
Ser lhes communs; risonhos, ledos giram
Seo rosto, em quanto os outros tristes curvam
As costas aos flagelos.

Por isso, mais e mais, incha e se enfuna
A soberba feroz: que os encadea
De impiedade, e injustiça horrenda e durá
Se cobrem todo o dia,

Succosa lhes rebenta a iniquidade,
Como d'entre gordura, e os ceva, e embebe,
O intimo repassa de seos peitos,
Por ella se apaixonam.

Pensam e falam da maldade as vozes,
Fazem do crime alarde, e não só rasgam
Co'a lingua a Terra, contra os Ceos levantam
A boca furiosa.

Por isso o povo meo, uma e mil vezes,
Pensativo medita, como correm
Cheos os dias d'estes vis malvados,
Sem dor, entre venturas;

E exclamam: he possivel que DEUS saiba,
He possivel que veja o Omnipotente
A desordem feroz que assim transtorna
A fortuna, e a desgraça!

Os peccadores gozam em socego
Quanto de bello e raro tem o mundo,
As divicias obtem, e reservadas
A elles ser parecem.

Até eu mesmo disse: de que serve
Meo coração justificar, e puras
Lavar as minhas mãos entre innocentes?
De que, de que aproveita

Todo o dia sofrer, e flagelar-me;
E ao raiar do sol, ver novamente
Minhas penas e magoas despontando,
Com mais vigor e força?

Ja quasi estava deslumbrado o esprito,
Dos máos seguindo os perfidos caminhos,
E reprovando a vida pura e lhana
D'aquelles que Te servem:

Descortinar queria d'este arcano
A escondita razão, e rodeou-me
Dificuldade trabalhosa, e dura
De invencivel fadiga:

Até que do meo DEUS no santuario
Eu entre; e possa contemplar qual seja
A sorte que ameaça o extremo passo
Dos impios, dos injustos.

He verdade, ó meo DEUS! que enganadora
He a sua ventura; e que os abates,
Quando mais exaltados se ufanavam
Entre as suas delicias.

Como tudo lhes foge n'um momento!
Afflictos, desolados de repente
Se finam, desfalecem, morrem, sumem-se,
Por causa de seos crimes.

São qual o leve sonho que se esvahe
Ao despertar, e Tu, DEUS providente!
Na cidade em que habitas, sua imagem
Reduzirás a nada.

Meo peito se accendeu, e se agitaram
Os meos rins, mas por fim minha fraqueza
Reconheço e meo nada, manifesto
O' DEUS, minha ignorancia:

Ante Ti, sou qual gravido jumento,
Mas Tu serás meo guia, e do teo lado
Jamais me apartarei; Tu seguraste
A minha mão direita.

E de bondade cheo me conduzes,
De gloria me adornaste; e que outra coisa
Poderei desejar nos Ceos, e Terra.
Senão o DEUS que eu amo?

Minha carne e minha alma a Ti anhelam,
DEUS do meo corração, por Ti suspiro;
Ah! quando raiará o bello dia,
Em que eu hei-de gozar-te,

Em que serás a minha eterna herança!
So ham-de perecer os que se apartam
De Ti; e profanando suas almas,
As dam ás creaturas.

Para mim he um bem summo prender-me
A DEUS, e n'elle pôr minha esperança,
Cantar seos atributos e louvores,
Em Sion, ao seo povo.

OBSERVAÇÕES, E NOTAS.

Este he o primeiro dos onze psalmos consecutivos que tem a inscripção de Asaph: o seo assumpto he juntamente moral e Theologico. O Propheta justifica n'este cantico a justiça de DEUS, contra a qual os impios deduzem os mais terriveis argumentos, do espectaculo que o mundo de ordinario nos offerece, apresentando-nos os perversos em prosperidade e grandeza, e os justos em miseria e abatimento. Este espectaculo deve de necessidade conduzir o homem, ou ao Atheismo, ou ao reconhecimento de uma vida futura e de uma ordem sobrenatural, á qual devemos pertencer, depois de finda esta vida mortal. O propheta firme na crença, aliás incontrastavel, da existencia de um DEUS justo e remunerador, prepára o povo Hebreo para a crença dos misterios que presupõe a eternidade da nossa existencia, e a eterna preexistencia de um DEUS que ha-de julgar, e premiar ou castigar os homens, segundo o merito de cada-um.

PSALMO LXXIII.

Ut quid, DEUS, repulisti in finem. . . . . .

Porque nos tens, ó DEUS, desamparado
Até o ultimo extremo, e de ira acceso,
O peito desafogas sobre ovelhas
Do teo mesmo rebanho.
Lembra-te, DEUS piedoso,
Que esta gente mesquinha e abandonada,
He aquella familia que chamaste,
E desde antigo tempo dominaste:
Per Ti foi resgatada,
A fecunda vergontea prometida
A' tua herança: lembra-te dos campos
Agora desolados, da sagrada
Montanha de Sion, onde te aprouve
Fixar tua morada:
Ergue, ó DEUS, ergue o braço poderoso
Contra a soberba atroz dos que atropelam
Teo destitoso povo.
Que crimes, que maldades de alto espanto
O inimigo não faz no templo santo!
Aquelles que te odeiam
Soberbos se entonovam
No lugar, onde dantes resoava

De teos louvores o solemne canto.
Desassisados sem temor alçaram
Seos tropheos, e bandeiras penduraram;
Como em publica estrada,
Do Templo sobre o cume, tremolaram.
Quaes se talham na mata abastecida
Antigos duros troncos alentados;
Assim espedaçavam suas portas,
A repetidos golpes
De cortador machado, as derrubaram.
Com devorantes chammas
Abrazaram, o dor! teo sanctuario:
Aquelle Tabernaculo
Que a Ti era votado
Deixaram sobre a Terra profanado.
Disseram todos em seos impios peitos,
Façamos de uma vez cessar o culto
Do DEUS que em Israel he adorado;
Não haja mais no mundo
Um só dia a tal nome consagrado:
E em tanta desventura,
Os prodigios não vimos, com que usavas
N'outro tempo amparar-nos;
Nem ao menos a voz soar se escuta
De um propheta que possa
Adoçar, consolar a magoa nossa.
Ate quando, ó meo DEUS! tantos insultos
Contra nos bradará este inimigo?

Ah! vê que elle o teo nome
Profana, offende, e sem cessar irrita.
Tu es o nosso DEUS, nosso monarcha,
Que nos passados fugitivos seculos,
Entre prodigios mil nos defendeste,
E por nós, de pavor a terra encheste.
Tu dividiste as ondas,
E a nosso favor as condensaste,
E subito soltando-as, submergiste
De ferozes dragões as vis cabeças.
Do dragão as cabeças esmagaste,
Como pasto as deixaste,
Juncando as praias da Ethiopia adusta;
De endurecidas penhas arrancaste
Serenas fontes, limpidas torrentes,
E as agitadas rapidas correntes
Dos rios enfreaste, e a pé enxuto
Per entre os secos alveos nos guiaste.
A Ti pertence o dia, he tua a noite;
Tu foste quem da aurora
Formou a face linda, e encantadora;
E Tu do sol ardente
Os raios fabricaste omnipotente.
De um polo a outro polo
Os limites puzeste á terra inteira,
Das estações teceste
A regular constante alternativa.
Attenta tal poder, tanta grandeza,

E vê que o inimigo vituperios
Vozea ao seo SENHOR; povo insipiente
Teo nome provocou insanamente.
Não entregues a feras sanguinarias
A quelles que por DEUS Te reconhecem;
De teos humildes servos
Aos rogos e aos gemidos
Até o fim não cerres teos ouvidos.
Olha o teo testamanto venerando,
Vê como escurecidos
Na terra vagam, gemem,
Da iniquidade as casas povoando.
Não se retire triste e confundido
O humilde; e vê que são o pobre, e o humilde
Os que ham-de engrandecer teo nome santo
Desperta, ó DEUS! e julga a tua causa,
Recorda-te dos feros improperios,
Que todo o dia, ou brilhe o sol, ou mostre
A negra noite seo torvado rosto,
Raivosa insana gente
Vomita contra Ti, fera e insolente.
As vozes não esqueças
Dos que Te fazem guerra:
Empunha o arco, e aterra
Os pensamentos seos.
Fervendo, o seo orgulho
A cada instante cresce,
Soberbo se engrandece
Já sobe até os Ceos,

OBSERVAÇÕES, E NOTAS.

Qual fosse entre todas as grandes desolações a que Hierusalem se viu reduzida per meio da guerra, a que deu occasião a este admiravel Cantico, he dificil de determinar. Uns, entendem que elle tivera por objecto a invasão de Nabucodonosor, outros que a perseguição de Antiocho Epiphanes, em o tempo dos Machabeos. Esta ultima opinião he a do douto Cardeal Belarmino, e parece na verdade a mais plausivel, apezar de que o Templo não foi queimado n'aquella occasião, como o psalmo parece indicar, mas foi lhe lançado fogo, e as suas portas arderam effectivamente.

PSALMO LXXIV.

Confitebimur tibi, DEUS . . . . . .

Sim meo DEUS, o teo nome exaltaremos,
Confessaremos gratos,
Invocando-o com fé, para amparar-nos;
As tuas maravilhas
A's mais remotas gentes contaremos.
Quando o tempo marcado
Chegar, tua justiça em toda a parte
Farei que se conheça.

— Amollecida dereteu-se a terra,
E quantos n'ella habitam;
E as tremulas columnas que a sostinham
Vigorei com meo braço.
Disse aos iniquos; basta ja, guardai-vos
De augmentar vossos crimes. —
Não vos pavoneeis, ó peccadores!
A orgulhosa cabeça
Mais e mais com soberba levantando;
Não alteeis a frente,
Não faleis contra DEUS iniquidades,
Pois este DEUS immenso
Hé quem ha-de julgar-vos; nem vos podem
Esconder a seos olhos
O longinquo occidente, o vasto oriente,
Os sombrios desertos,
Ou elevadas ingremes montanhas.
A seo aceno, curva-se
A Terra inteira; como quer, humilha,
Exalta quem lhe agrada:
Pende de sua mão dobrado cálix
De suculento vinho:
Este trasborda puro; aquelle espuma
De licor pestilente;
Amargo, e turvo ferve, e desabrido:
Inclina, a seo arbitrio,
Mistura, esparge qual dos dois prefere:
Inda não se esgotaram

As amargosas fezes, inda d'ellas
Os peccadores todos
Se ham-de embriagar, e saciar-se.
Eu porém os juizos
De DEUS annunciarei ao mundo todo,
Entoarei a gloria
Do DEUS excelso de Jacob, e a ferrea
Cabeça, revoltosa
Do peccador farei em mil pedaços:
Brilhará refulgente,
Qual astro sobre as nuvens, a ditosa
Do justo augusta frente.

OBSERVAÇÕES, E NOTAS.

Este Psalmo, que na Vulgata se lê com o titulo—Para o fim não nos destruaes, psalmo e Cantico de Asaph.—he uma especie de dialogo em que o propheta ora fala na sua propria pessoa, ora introduz os justos, ora DEUS mesmo a falar: alguns o consideram como parte ou continuação do cantico precedente. N'aquelle o propheta prepara o povo Hebreo, para a crença da vida eterna: n'este annuncia-lhe o juizo final, que deve ter logar no fim dos tempos em que, rematada a actual ordem temporal deve começar para nós aquella que não hade ter fim, e que por tanto deve ser o objecto dos nossos pensamentos e desejos, relativamente á qual devemos regular as nossas presentes acções. Todos estes canticos annunciam a proximidade da reforma, que Jesus-Christo veiu fazer na lei de Moysés.

PSALMO LXXV.

Notus in Judæa DEUS. . . . . .

EM Judea conhecido
He o DEUS da natureza,
E do seo nome a grandeza
Louvam todos de Israel.

Escolheu terno, e pacifico
Assentar sua morada
Na montanha sublimada,
E ditosa de Sion.

Estalou n'ella os escudos,
Arco, e alfanges temerosos
De inimigos furiosos,
Que nos vinham combater.

Como grande e magestoso
La dos sempre eternos montes,
Sobre nossos horizontes
Fazes teo rosto brilhar!

Perturbados, confundidos
Já per terra caem sem tino,
Quantos com peito malino
Teo temor santo não tem.

Sepultava-os duro somno,
Despertaram ao estampido
Com que, sobre o seo ouvido
Retumbou a tua voz.

Então, suas mãos confusos
Os varões ricos olharam,
E vazias observaram
Suas d'antes cheas mãos.

O' DEUS de Abraham, e Jacob!
Que temor, que espanto horrendo
Espalhou o tom tremendo
Com que a tua voz troou!

Ja occupa ferreo somno
O que acceso manejava,
Com postura airosa e brava,
Dos cavallos a altivez.

Quam terrivel es DEUS grande!
E quem pode resistir-Te?
Que mortal pode medir-Te
A extensão de teo furor?

Desde os Ceos mal acenaste
Teos juizos, abalou-se
Toda a Terra, e enregelou-se
Assombrada de pavor;

Quando, ó DEUS! para julgar-nos
Os teos pés se encaminhavam,
E a salvar quantos guardavam
Tua santa amavel lei.

Vós que dons a seos altares
Costumais trazer, votai-lhe,
E fieis vinde pagar-lhe
Os votados pios dons:

Vede que he o DEUS tremendo,
Que nas suas mãos a sorte
Tem, e dá ou vida, ou morte;
Inda aos mais potentes Reis.

OBSERVAÇÕES, E NOTAS.

No titulo d'este piedoso cantico se lê na Vulgata, que elle he relativo aos Assyrios donde deduziram com Theodoreto diversos sagrados interpretes, que este psalmo fora composto, tendo o Propheta em vista a milagrosa derrota dos Assyrios, acontecida no tempo de Ezequias, quando o Anjo exterminador, em uma noite deu a morte a cento oitenta mil homens do espantoso exercito, com que Sennacherib se propunha a conquista da Judea. Sem impugnar tão veneranda interpretação, devo dizer, que não se lendo no original Hebreo a clausula *ad Assyrios*, que se acha ex-

pressa na Vulgata, he mui possivel que este psalmo fosse escolhido per Ezechias, para cantar-se no templo, na occasião em que rendeu a DEUS as graças, pela retirada do exercito dos Assyrios, e que por isso esta nota lhe fosse posta, sem que o autor do psalmo prophetisasse n'elle, ao que parece inutilmente, aquelle maravilhoso acontecimento. O que este sagrado cantico indica, pelo menos desde o verso oitavo, he que elle foi escripto no mesmo espirito do antecedente, e de alguns outros que tenho notado, para annunciar ao povo Hebreo a vinda do grande Juiz, e fazer-lhe comprehender, que um Juizo ou sentença, posterior á morte de quasi todos os homens, seria frivolo, se o grande juiz não tivesse em vista, premiar os que bem obraram, e punir os que delinquiram. Este Dogma devia efectivamente preparar o povo Hebreo para a crença da vida eterna, e para a adopção da Religião que lhe havia de ser trazida e ensinada pelo nosso Divino Redemptor Jesus-Christo, objecto talvez unico de todas as prophecias.

Alem d'esta primeira metade do psalterio; traduziu tambem o meo respeitavel amigo os seguintes tres Psalmos; que na segunda parte correspondem aos numeros 104, 116, e 136. Os primeiros dois são do numero dos que tem por inscripção *Alleluia*; palavra que no sentido geral quer dizer *Louvai ao SENHOR*, mas que alguns entendem ser aqui o nome particular de um genero de poema. O ultimo na Vulgata tem

por titulo. — Psalmo de David para Jeremias: — No original Hebraico, não tem titulo algum. Porém, acha-se em diversos codices gregos antigos atribuido a David, e em outros a Jeremias. A' vista d'estas differentes opiniões cumpre observar, que o contexto do Psalmo inculca não ser elle de David, mas sim o expressivo clamor de algum dos afflictos cativos de Babylonia: pensamento, que se corrobora com a clausula *para Jeremias* ou *de Jeremias*, como se lê em algum dos indicados codices Gregos; pois como ja vimos em as observações sobre o Psalmo 64, o Jeremias ali mencionado, e que he provavelmente o mesmo, a quem este cantico he atribuido, era um cantór, ou mestre de musica, que existia no tempo da volta do primeiro cativeiro de Babylonia: d'esta observação deduzo eu que não pecca contra os principios da Hermeneutica, quem sustentar que este sagrado cantico não pertence ao santo Rei David.

PSALMO CIV.

Confitemini DOMINO, et invocate. . . . .

1.

Vossas liras afinai,
O DEUS vosso creador
Invocai, Povo, e louvai;
Suas obras com fervor
A's nações annunciai.

2.

Doces psalmos e cantares
Offertai-lhe com ternura,
Deponde n'Elle os pezares:
Soe sua formosura
Nos Ceos, na Terra, e nos Mares.

3.

Ah! buscai-o com respeito,
Olhai sempre o seo semblante;
Pois elle he quem cinge o peito
De valor, e a cada instante
Protege o seo povo aceito.

4.

Recordai no pensamento
Os prodigios que elle fez,
Quando meigo, a vós attento,
Sotopoz a vossos pés
Inimigos cento a cento.

5.

O' semente de Abraham!
Foi a vós que elle escolheu;
Poz seo terno coração
Na descendencia que deu
A Jacob, com larga mão.

6.

Nunca esquece o juramento
Que acompanha em toda a edade
O seo santo testamento,
Quando em nós a sua herdade
Quiz firmar, e eterno assento.

7.

Renovou sua alliança
Com Abram, Jacob, Isá,
E lhes disse: a tua herança
He a terra de Caná,
De teos filhos esperança.

8.

Sendo poucos e mesquinhos;
Por nações atravessaram
Valentissimas, sosinhos
De um Reino a outro passaram,
De um povo a póvos visinhos.

9.

Não deixou a alguem poder,
N'este transito arriscado,
Para damno lhes fazer;
Por amor do povo amado,
A mais de um Rei fez gemer.

10.

—Ninguem ouze maltratar
A nação que eu conduzi,
Que a mim eu quiz consagrar;
Os prophetas que escolhi
Ninguem ouze atraiçoar. —

11.

Que segredos não usou
A favor do povo seo!
Té a fome convocou
Sobre a terra, e logo veu
A fome, e tudo danou.

12.

Com horrenda catadura
O mundo em torno girava;
De seo halito a amargura
Fructos, plantas abrazava,
Homens dava á sepultura.

13.

A José então envia,
Que por servo foi vendido;
E no Egypto permittia
Que um grilhão endurecido
Lhe puzesse gente impía.

14.

Da tristeza exp'rimentou
O gume austero e feroz;
Mas o dia em fim raiou,
Que José, em clara voz
Qual propheta, annunciou.

15.

N'esse dia um Rei potente
Lhe doou a liberdade,
E do Egypto sobre a gente
Deu lhe plena potestade,
Com favor alto e eminente,

16.

Moços, velhos ordenou
Que o saber d'elle aprendessem;
Mesmo aos grandes que exaltou,
Que respeito lhe tivessem,
Como a si mesmo, ordenou.

17.

N'isto entrou Jacob no Egypto,
Deu-lhe immensa geraçam
DEUS, e do seo povo afflito
Aos descendentes de Cham
Fez recear o conflito.

18.

Consentiu que lhes calasse
Ao peito inveja implacavel
Contra Israel, e tentasse
Pharaó inexoravel
Meios mil com que o vexasse.

19.

Moysés e Aaron escolhidos
Pharaó interrogaram;
E fieis e destemidos,
Com prodigios ostentaram
Ser per DEUS fortalecidos.

20.

A' voz d'elles obedece
A noite, o véo estendendo,
E Ceos e Terra escurece;
Vam-se as agoas convertendo
Em sangue, e o peixe perece.

21.

Na morada grandiosa
Dos Reis saltam raãs grasnando;
Freme a caterva ruidosa
De mosquitos, escoltando
De moscas turba teimosa.

22.

A saraiva detestada,
O corisco matador,
Co'o trouvão que horrendo brada,
Queima troncos, e o verdor
Da vinha reduz a nada.

23.

Nasce e cresce de hora em hora
De insectos bando inimigo;
O gafanhoto, a roedora
Lagartha o viçoso trigo,
Os frutos, tudo devora.

24.

Aos primogenitos matá,
Cruel morte o final talho
A todos dá, e assim trata
As primicias do trabalho,
Toca todas, e maltrata.

25.

Em triumpho então partiu
Israel rico, e tambem
Com saude elle saíu:
Deu-se o Egypto parabem,
E sem pavor se sentiu.

26.

Uma nuvem o cobria,
E os ardores acalmava,
Com que o sol abraza o dia;
Ignea columna brilhava
Durante a noite sombria.

27.

No deserto supplicaram,
De aves gozam chusma impura;
Com celeste pão fartaram
A fome; e da pedra dura
Fontes de agoa rebentaram

28.

Que iam, qual rio, seguindo
Do deserto o giro errante;
E assim DEUS nos foi cumprindo
A palavra, que constante
Co' Abraham tinha convindo.

29.

O seo povo assim guiou
Entre jubilo e prazer,
Outras terras lhe doou,
Outros bens lhe fez haver
De nações que conquistou.

30.

Tudo fez para ensinar-nos
A seguir seo mandamento,
Para o peito affeiçoar-nos
A' lei do seo testamento,
E só n'ella gloriar-nos.

PSALMO CXVI.

Laudate Dominum, omnes gentes....

DE um polo a outro,
Nações diversas,
Que sobre o orbe
Viveis dispersas,
Louvai o DEUS
Que he meo SENHOR,
E do seo povo
Terno amador:

Porque de nós
Se apiedou,
Suas promessas
Executou,

Firme e segura
Sua verdade
Vive, e emparelha
Co' a eternidade.

PSALMO CXXXVI.

Super flumina Babylonis....

Nas praias que o Euphrates rega,
Abatidos nos sentamos,
De pranto amaro as banhamos,
Com saudades de Sion.

Dos salgueiros que as guarnecem,
Nossos doces instrumentos
Pendem, ludibrio dos ventos,
Sinal da nossa afflicção.

Esses mesmos que as cadêas
Para os nossos pés teceram,
Sem ter dó de nós disseram:
— « Vossas citharas tocai;

» Um dos hymnos, que algum dia,
» Pelo templo resoava
» De Sion, quando louvava
» O seo DEUS, — vinde, cantai ».

— Como havemos de cantar,
Sob estranhos, duros Ceos,
Em terra alhea e distante,
As canções do nosso DEUS?

Possa eu ver a minha dextra
De languor entorpecer,
O Sion! se me esquecer
Dos saudosos muros teos.

Possa a minha lingua fria
A's roucas fauces grudar-se;
Se a saudade tua, um dia,
De meo peito se riscar:

Se Tu não fores o objeto
De meo sonoroso canto;
Se o meo prazer, meo encanto,
De Ti só não commeçar.

Lembrai-vos, ó meo SENHOR!
Dos crueis filhos de Edom;
Do dia em que o seo furor
Jerusalem arrazou.

« — Abatei-a, destrui-a,
» D'ella não fique vestigio,
» A' cinza e pó reduzi-a »:
Assim Edom proclamou.

— O' Babylonia malvada!
Bem haja o que te igualar
A' nossa sorte, e teos muros,
Quaes os nossos, arrazar!

Captivar possa elle cedo
Os malditos filhos teos,
E todos contra um penedo,
Para punir-te, esmagar!

FIM DOS PSALMOS.

OBRAS POETICAS

DO

REV.DO ANTONIO PEREIRA DE SOUZA CALDAS.

TOMO SEGUNDO.

POESIAS
SACRAS E PROFANAS

DO

REV.DO ANT.° PEREIRA DE SOUZA CALDAS,

COM

AS NOTAS E ADDITAMENTOS

DE SEO AMIGO

O TENENTE-GENERAL

FRAN.co DE BORJA GARÇÃO-STOCKLER,

DADAS A' LUZ

PELO SOBRINHO DO DEFUNTO POETA,

ANTONIO DE SOUZA DIAS,

Fidalgo da Casa Real, Cavalleiro professo na Ordem de Christo, Consul Geral de Sua Magestade Fidelissima na Cidade do Havre de Graça, etc.

PARIZ,

Na Officina de P. N. ROUGERON, rua de l'Hirondelle, N.° 22.

1821.

POESIAS

SACRAS.

ODE I.ª

SOBRE A EXISTENCIA DE DEUS.

Strophe 1.ª

A LUZ se faça; e subito creada
A luz, resplandecendo
A voz ouvia que aviventa o nada;
D'entre as trévas se foi desinvolvendo
O cháos, que estendendo
A horrenda face, tudo confundia,
A terra, e o mar, e os ceos, e a noite, e o dia.

Antistrophe 1.ª

Mas tu quem es, ó cháos tenebroso?
De quem o ser houveste? (1)
De algum Deus per ventura poderoso,
A cujo aceno tu tambem cedeste?
Ou acaso nasceste
De ti mesmo ante o tempo, e a tua edade
Têm, por termo e principio, a Eternidade?

Epode 1.º

Resoa altiva lyra
De novo, entre os meos dedos vencedores,
Dos soberbos altisonos cantares,
Que em seos muros ouviram
A Grecia fertil em saber profundo,
E a bellicosa Capital do mundo.

Strophe 2.ª

O' necessaria e immortal verdade
Dos seres creadora,
Hé possivel que, involta em' scuridade,
A par de ti, a vil destruidora
Da ordem da beldade,
A negra confusão, a frente alçasse,
E comtigo, ante o tempo, se avistasse!

Antistrophe 2.ª

Que mortal, da razão as leis pizando,
Igual a natureza
Da ordem, da desordem reputando,
Da fealdade, e divinal belleza,
Da força, e da fraqueza,
Chamou o inerte cháos *existente*
Necessario, qual hé o Omnipotente?

Epode 2.°

O peito se embravece:
Voraz zelo as entranhas me consome.
Ah! foge, erro feroz, respeita o nome
Daquelle a quem conhece
Por SENHOR o Universo; e em vão gemendo
No abismo, esconde teo furor horrendo.

Strophe 3.ª

Faze, ó razão, soar a voz augusta
Que as róchas desaferra,
E que as forças do Averno abala, assusta:
Escutai, altos Ceos: ergue-te ó Terra,
A fronte desencerra;
Attenta de meos versos a armonia:
De novos pensamentos a ousadia.

Antistrophe 3.ª

Inda o sceptro quimerico empunhava
O Nada, avassalando
Informe reino, e vão, que dominava
A seo lado o silencio venerando;
E tudo, repousando
No seio incerto e immenso do possivel,
De existir era apenas susceptivel.

Epode 3.º

Sómente a Eternidade
Concentrada em si mesma, em si contida,
Em si gozando interminavel vida,
Perenne mocidade;
Com infinitas perfeições brilhando,
Sotopunha os futuros a seo mando.

Strophe 4.ª

Ao som de sua voz omnipotente
O possivel se aterra;
O nada se fecunda; e de repente
Atonitos produzem ceos, e terra,
E o espaço que os encerra:
Começa então o tempo pressuroso
A curva foice a manejar iroso.

Antistrophe 4.ª

As agitadas ondas se separam
Da terra que cobriam,
E no vasto Oceano se abrigáram:
As fructiferas arvores nasciam:
De pennas se vestiam
As animadas aves; e de vida
Animaes de grandeza desmedida.

Epode 4.°

O homem aparece,
Alçado o nobre collo, e vendo ao lado
Da molher o semblante lindo e amado,
Por quem morrer parece:
De raios e de luz se rodeava
Phebo, que almo calor a tudo dava.

Strophe 5.ª

Sem Ti, Eterno Ser, ninguem podéra
O véo misterioso
Que encobre a creação, com mão sincera
Rasgar; e descobrir maravilhoso
Principio luminoso,
Que a origem fecunda da existencia
Do Orbe faça ver, com evidencia.

Antistrophe 5.ª

Tece embora, escriptor endurecido,
Philosopho arrogante,
Extênso fio nunca interrompido
De seres que perecem: se hum instante
Vacillas inconstante,
Sem novo anel prenderes á cadêa,
Do teo mundo desfaz-se até a idéa.

Epode 5.º

Abre os olhos, e estende
Do frio norte ao sul tempestuoso,
Ou antes ao lugar onde formoso
O louro sol descende,
Com passo agigantado mede a terra,
E com raios a noite escura aterra.

Strophe 6.ª

Um pouco te levanta ao firmamento,
Nos astros que o povoam,
Prende o teo vagabundo pensamento:
Conta-os, se a tanto os teos desejos voam:
Ah vê como pregoam (2)
Em voz sonora o nome triunfante
Daquelle que os sujeita a lei constante.

Antistrophe 6.ª

O verme que no campo resvalando,
Ergue a movel cabeça;
A aguia sobre as nuvens remontando,
E do ar retalhando a massa espêssa;
A garganta travêssa
Do leve rouxinol, e o peito forte
Do leão, que esbraveja, e insulta á morte:

Epode 6.º

O mar embravecido,
A terra de mil fructos, que a guarnecem
Toldada, com que as forças reverdecem
Do homem atrevido:
Tudo aponta a suprema Intelligencia,
Adoravel autora da existencia.

Strophe 7.ª

Qual o dourado habitador de Quito,
(Morada da crueza,
Onde em ferreo grilhão suspira afflicto
O docil Indio, desgraçada preza
Da Europea avareza)
Se vê tremer a terra e abrir-se, corre
Fugindo em vão, que entre as ruinas morre:

Antistrophe 7.ª

Assim vaidoso atheo, que maneatando
A razão, se adormenta;
Se medonho trovão ouve troando,
E irada a natureza um poco attenta,
Espavorido intenta
Fugir em vão á luz, que um Deus potente
Per toda parte lhe faz ver presente.

Epode 7.°

Furioso procura
Embrenhar-se em veredas não trilhadas:
Ali de novo afia armas usadas
Com que a razão escura
Abate quasi; até que em fim na morte,
Do Deus, que nega, encontra o braço forte.

Strophe 8.ª

O' tu, reconcentrado immenso Oceano
De desejos ferventes,
Insaciavel coração humano,
Que debalde com ancias sempre ardentes
Forcejas por contentes
Passar da vida fugitiva e escassa
Os momentos, que a Parca ao longe ameaça

Antistrophe 8.ª

Se o cego Pluto todo o seo thesoiro
Desfechasse brioso
E te assentasse sobre a prata; e oiro,
Que nelle encerra; se mavorte iroso (3),
Guerreiro mentiroso,
De loiro em mil conquistas te c'roasse,
E a teos pés o orbe inteiro ajoelhasse:

Epode 8.º

Se a perfida Belleza (4)
De graças e de risos brincadores
Rodeada, e de fervidos amores,
Por toda a redondeza
Te idolatrasse só: tu gemerias
Ainda, ó coração, suspirarias.

Strophe 9.ª

Mais alto hé teo magnifico destino. (5)
Mas onde achaste, ó lyra,
Este som que hoje soltas, som divino?
Novo abrazado espirito me inspira (6),
Sublime fogo gira
Vivido em minhas veas; escutai-me,
O' mortaes, e de c'roas adornai-me,

Antistrophe 9.ª

A ave pelos ares pressurosa
Contente se abalança:
Disprende em paz a voz armoniosa,
Sem temor, sem sentir outra esperança:
Se ingrata fome a cança,
Aquí, alí pousando o bico agudo,
Satisfeita vegeta, e esquece tudo.

Epode 9.º

Rumina o boi pesado
Na estreita manjadoura a leve palha,
E o seo carnoso coração encalha
No circulo acanhado,
Que a fome lhe traçou; tal he a sorte
Do animal, seja fraço, ou seja forte.

Strophe 10.ª

O Infinito, ó idea soberana!
Eis o termo anhelado,
Que só póde fartar a mente humana.
O' Deus! ó Providencia! assim gravado
Teo nome sublimado
Em letra mais que o bronze duradora,
No intimo de nós altivo mora.

Antistrophe 10.ª

O' ceos, de um Deus morada, onde se ostenta
A inexausta riqueza,
O eterno prazer, com que alimenta
Os varões, que com solida grandeza
A bruta natureza
Fortes domando, a Deus so aspiraram;
E á virtude só votos consagraram.

Epode 10.°

Dia grande, e formoso
Aquelle, que findando o tempo, e a porta
Da eternidade abrindo, deixa absorta
Em pasmo delicioso
A alma nobre do justo, que abismada
Vê raiar do seo Deus a face amada.

Strophe 11.ª

Onde, ó homem, ser fraco, onde encontraste
A imagem do infinito?
Ou donde ao coração a transplantaste,
Para deixá-lo a suspirar afflicto?
Se o mundo, circunscrito
Em limitado espaço, te estreitava,
E teos vastos desejos encurtava?

Antistrophe 11.ª

Ergue as mãos, de amargura penetrado,
E com fervente pranto
Os teos olhos no chão fita humilhado.
Entoa magoado triste canto,
Ao veres com espanto
Como, ingrato, te esquece o premio eterno
Com que te acena o alto Ser superno.

Epode 11.º

Os ceos, a terra, os mares,
Do Creador á lei obedecendo,
Se estám nos seos limites revolvendo
Per modos regulares:
O homem só, rebelde as leis despreza
Do supremo Senhor da natureza.

OBSERVAÇÕES, E NOTAS.

(1) Ainda que, cedendo á vontade de meo defuncto amigo, me resolvi a fazer algunas pequenas correcções nas suas obras; não hé justo, que o publico deixe de ser informado das principaes alterações, que pratiquei, e das razões em que me fundei: afim de qüe, se com alguma das emendas a que me resolvi, deteriorei as composições de um poeta, e escriptor tam distincto pelo seo saber e gosto, os meos defeitos lhe não sejam atribuidos, antes sim se considerem meos, como na realidade são, e possam merecer a indulgencia a que lhes dá direito a escassez de meos talentos, e a pureza dos sentimentos, que os dictaram.

Este verso estava no original da maneira seguinte:

D'onde o ser recebeste

Não tendo eu porém já mais encontrado o adverbio de logar — *onde* — figurando no discurso, como um relativo pessoal, entendi ter havido inadvertencia da

parte do autor, e por isso lhe fiz a pequena mudança com que vai no corpo da obra.

(2) Tambem este verso foi por mim alterado. No original lê-se

Ah vê como resoam:

regeitei esta lição por não ter jamais encontrado em classico algum nacional o verbo — *resoar* — em significação activa.

(3) Pela mesma razão substitui tambem neste verso o verbo — *encerrar* — ao verbo — *engolfar*, que se lia no original.

(4) Junto do original em um papel da letra de outro amigo do autor achei este epode escrito da maniera seguinte:

Se a perfida Belleza
Risonha em graças, mimos e favores
Te prometesse, e fervidos amores;
Se em toda a redondeza
Te idolatrasse so, tu gemerias etc.

Sendo possivel que o autor conservasse esta variante alhea ou propria, reservando decidir-se na escolha da lição que adoptaria, quando tirasse finalmente a limpo esta composição, julgei a proposito conserva-la para que o leitor prefira a que melhor lhe parecer.

(5) Maior he teo magnifico destino

he a maneira porque este verso se achava no original, tendo ao lado a indicação de huma emenda ainda não preferida, que substituia *mais grande* a maior. Inferindo d'aqui que o autor não estava contente deste verso, o emendei como se acha no corpo da ode. As

razões, que me movem a supôlo melhor que o acima escrito, são assaz palpaveis para dispensar-me afoitamente de expôlas n'este logar.

(6) No original lia-se

Hum novo esp'rito me arrebata e inspira

a manifesta dureza d'este verso me determinou a altera-lo.

CANTATA I.ª

A CREAÇÃO.

Recitativo 1.º

Já do tempo voraz se divisava
A ferrea curva foice reluzindo;
Despiedado, umas vezes meneava,
Outras vezes ao longe desferindo,
Em torno de si mesmo a agitava:
Quando o Nume potente
A cujo aceno o tempo audáz nascera,
Fez retumbar a voz, que tudo impera;
Os abismos do nada estremeceram
E ao Deus grande, e clemente
Os possiveis tremendo obedeceram:
Atonito levanta a escura frente
O cháos rodeado
De confusão e horror: inda a Belleza
Com pincel variado
Não ornava a recente natureza.

Aria 1.ª

Tranquilas jazendo,
As ondas dormiam
Que a face cobriam
Do cháos horrendo.

Ao leve soprar
De um zefiro brando,
Vida vai cobrando
O languido mar,
Do vasto Oceano
No seio se encerra;
E a madida terra
Deixa respirar.

Recitativo 2.°

A luz resplandeceu, e o firmamento
Que em denigridas sombras se involvia,
Mostrou formoso o seo soberbo assento:
De graças, e esplendor se revestia
O magestoso dia;
Quando, cheo de pompa e luzimento,
O sol rompeu nos ares, dardejando
De animante calor celestes raios.
Enternecido, triste sentimento
Magôa o rosto lindo
Da noite descontente,
Que a ausencia de Phebo luminoso
Assim terna annuncia:
Emtanto desferindo
Escassa luz em throno tenebroso,
Sobre nuvens o sceptro reclinando,
A lua os ceos, e terras alumia.

Aria 2.ª

Aria 2.ª

Fúlgentes estrelas
Nos Ceos resplandecem:
Na Terra verdecem
Mil arvores bellas.

Os montes erguidos,
Os vales retumbam
Ao som dos rugidos,
Dos feros leões.

Nas azas sustidas,
As aves revôam:
Nos ares entoam
Sonoras canções.

Recitativo 3.º

O' Terra! ó Ceos! ó muda natureza!
Trasbordai de alegria: triumfante
Das entranhas do nada surge o homem:
Eis aparece; e a candida Belleza
O sisudo semblante lhe ennobrece.
Seo magestoso porte
Soberano do mundo o patentea.
Gravada mostra n'alma a augusta imagem
Do Senhor adoravel
Que o immenso universo senhorea:
De sua pura carne se teceram
As meigas graças, que no rosto amavel

Da Mulher carinhosa,
Com suave doçura resplandecem.
Apenas a diviza transportado,
Tu es o meo prazer, que novo encanto
Eu vejo! lhe dizia; e arrebatado
Em delirio amoroso,
Mil vezes em seos braços a apertava,
E todo o extenso mundo,
Por ella so, deixar pouco julgava.

Aria 3.ª

Qual rosa engraçada
Que Zefiro adora,
Terna e delicada;
Enredo de Flora:

Assim he mimosa
E linda a Mulher
E o homem se goza
Em se lhe render.

Qual grita entre as feras
Leão rugidor,
Derramando em torno
Gelido terror:

Tal se mostra o homem
Sobre toda a terra;
Tudo rende e aterra
Em arte e valor.

Recitativo 4.°

O mundo era creado, e trasluzia
Em toda parte o braço omnipotente,
Que fizera raiar a noite, e o dia.
Da frigida semente
Outra vez novo ser se produzia;
Animada ao calor do sol ardente:
Tudo em vida fervendo parecia.
Fecundo recebera
Virtude de crescer, multiplicar-se,
O animal que á fera
Impia morte soubera sugeitar-se.
Então o Creador arrebatado
Em divino prazer, almo, infinito,
Olhou dos Ceos o livro sublimado
Que com as suas mãos havia escrito;
E assim falou: Ouvi cheos-de susto,
Mortaes, a voz do Deus immenso, e justo.

Aria 4.ª

Os Ceos entoam
Minha grandeza,
Os seres todos
Juntos pregoam,
Per varios modos,
Do eterno ser

O incomparavel,
Grande, inefavel,
Alto poder.

A minha gloria,
Homem, respeita;
Rendido, aceita
Meo mandamento.
Traze á memoria,
Que o Firmamento
Por ti criei:
Que o Mar e a Terra,
E o que ella encerra
Tudo te dei.

Se me adorares
Com vivo amor,
E me ofertares
Santo temor;
Per mim o juro,
Minha presença
Ao peito puro
Eu mostrarei,
E recompensa
Tua serei.

Mas se quebrares
O meo preceito,
E sem respeito
O profanares

Da morte fera
A mão severa
Tu sentirás :
E em vão gemendo,
No averno horrendo,
Me chamarás.

OBSERVAÇÕES.

Esta cantata, e a ode que a precede, estám cheas de imagens atrevidas, e novas na poesia portugueza. He verdade que ellas não podem sustentar uma rigorosa analyse philosophica : mas nas composições desta natureza não ha ja mais audacia excessiva de imaginação. Não será dificil mostrar, em Milton e Klopstock, iguaes atrevimentos poeticos : apezar de que na poesia epica elles tenham menos logar, de que na lyrica. Gray, e Young abundam em imagens igualmente atrevidas, e alheas dos principios, e exactidão philosophica : e nem por isso deixam de merecer a estimação, e apreço dos seos compatriotas ; e mesmo dos estranhos que as tem trasladado do idioma Inglez para o seo. Terá per ventura a poesia dos povos septentrionaes algum privilegio exclusivo de que não goze a poesia dos meridionaes ? . . . Qualquer que seja o juizo que os literatos portuguezes actuaes formem deste novo modo de poetizar : eu me persuado que assumptos tam aridos, e ao mesmo tempo tam su-

blimes e transcendentes não poderão d'outra sorte ser tratados poeticamente com a dignidade, que lhes convem : e que a posteridade será reconhecida ao meo defuncto amigo, por haver introduzido esta nova maneira e gosto na nossa poesia nacional.

ODE II.ª

A' IMMORTALIDADE DA ALMA.

Strophe 1.ª

Sonora, e immortal lyra
Que o Thebano cantor não desdenhava
Sustentar em seos braços;
Quando, inflamado de celeste fogo,
Os heroes celebrava,
Que na carreira olimpica a seo carro
A victoria prendiam venturosos.

Antistrophe 2.ª

Tu, que suberba ousaste
Annosos troncos arrancar, e a furia
Do mar embravecido
Tornaste branda mais que o brando Zefiro,
Dos ingremes rochedos
Mil vezes viste o escarpado cume (1)
Pendente para ouvir teo som divino.

Epode 1.º

Conhece a destra mão, que a natureza
De armonia cercou, e n'outro tempo
Ás tuas aureas cordas
Corria soberana
Da indocil Lysia nos dormentes campos.

Strophe 2.ª

Olha como ligeiro
A fervida carreira o tempo volve;
E fugitivo acena
O momento fatal, emque inhumana
Vai o punhal buido
No coração cravar-me a Morte crua (2)
E entre sombras cerrar meos frouxos olhos.

Antistrophe 2.ª

De balde te alvoroças,
O' morte deshumana; se pretendes,
Com frivola ousadia,
A frias cinzas reduzir-me inteiro:
Teo braço furibundo
Meo corpo desfará: mas de teos golpes
Illesa zombará minha alma intacta.

Epode 2.°

Qual ao nauta se pinta o manso porto,
Quando, bramindo o vento, o mar lhe agoira
Imminente naufragio:
Tal da immortalidade
Me transporta o sublime pensamento.

Strophe 3.ª

Abala destemido,
O' invicto Sansom, lança per terra
As lugubres columnas
Que em sepulchro commum ham de encerrar-te
Com teos crueis imigos:
Não recees ficar todo jazendo
Nos fracos muros da traidora Gaza.

Antistrophe 3.ª

Da mão omnipotente
Abrazado desceu o nobre esprito
Que o homem engrandece
Sobre a inerte, pesada e vil materia;
E, em rapido momento,
O passado e presente retratando,
Sobre o mesmo futuro estende a vista.

Epode 3.°

Mais veloz do que a setta fende os ares,
Em um ponto indiviso se afigura
Mil diversas imagens,
Que soberano arrosta,
Separa, ajunta, considera, e julga:

Strophe 4.ª

O tempo em vão reforça
O musculoso braço, e fero intenta
Em partes retalha-lo:
A cortadoura foice so encontra
No humano entendimento
A essencia simples, que combina altiva
De um golpe ideas entre si distinctas.

Antistrophe 4.ª

O' virtude adoravel!
O' tu das grandes almas nobre encanto,
Do homem nas entranhas
Teo nome está impresso: embora o vicio
O coração lhe embote:
Se vê luzir na terra a tua imagem,
Enternecido para, e te contempla!

Epode 4.°

Em seos gestos trasluz a liberdade :
Livre, escolhe seguir as solitarias
Veredas da justiça;
Ou se entranha, imprudente,
Do vicio no enredado labyrinto.

Strophe 5.ª

Mas que horror repentino
Do sangue o curso em minhas veas prende (4) !
Da morte o horrido livro
Eu vejo abrir-se ! A despiedada penna
Que o traçou, ensopada
Foi em sanguinea tinta : só cruentos,
Lugubres caracteres la divizo.

Antistrophe 5.ª

Ja mal se avista a historia
Da primitiva edade do Universo;
Nos alagados braços
A vida inda recente lhe suffoca
Deluvio deshumano;
De novo surge : mas de novos homens
Nações inteiras aqui vejo escritas.

Epode 5.º

Ah! he certo, Deus grande, sim da morte (5)
A inexoravel, tragadoura foice
Talha, destrue, consome
Quanto encerra o universo;
Nem lhe resiste o bronze endurecido.

Strophe 6.ª

So firme, e perduravel (6)
O espirito do homem a despreza,
Seo golpe afronta intrepido.
Não vacila um instante, ao ver que tudo
Quanto existe annuncia,
No Creador supremo, eterno Nume,
O amor da justiça, e da virtude.

Antistrophe 6.ª

O vicio triumfante
Vê na terra empunhar suberbo sceptro:
De mal cortado louro
Cingindo a refolhada, astuta frente:
Em quanto algoz infame
Com afiado alfange la destronca
A cabeça do justo desgraçado.

Epode 6.°

Do infinito Ser a idea augusta
Em tanto se lhe aviva : e imperioso
Magnifico desejo
O' coração lhe exalta ,
E para o summo bem ancioso o leva.

Strophe 7.ª

Então arrebatado
De insolito prazer exclama : ó grande ,
O summa potestade
Que em meo peito gravaste o amor da ordem ,
E de gozar-te um dia
Fervorosa apetencia me inspirarte !
Seria em vão que tudo assim fizeste ?

Antistrophe 7.ª

Deste-me o sentimento
Sublime d'ordem , so para tornar-me
Espectador afflicto
Da desordem que em todo o vasto mundo
Sacode ardentes fachos ?
Já mais o vicio gemerá punido ?
E a virtude infeliz será sem premio ?

Epode 7.°

Suspirárei em vão por adorar-te,
Face a face, em dilicias inefaveis?
Desejo interminavel
Devorará minha alma
Que contemplar-te de continuo anhela?

Strophe 8.ª

Eu não te temo, ó morte,
Em vão me encaras com suberbo aspecto:
Erguendo a immortal frente,
No seio immenso do supremo Nume
Abrigado, a victoria
Heide arrancar-te n'esse mesmo instante,
Emque cruel aniquilar-me intentas.

Antistrophe 8.ª

Vem, ó minha esperança,
O' immortalidade, vem cercar-me:
Teo nome só estreita
O peito do malvado, que despreza
A placida virtude,
E com tremula boca o Nada invoca,
Para esquivar-se á merecida pena.

Epode 8.°

Troe embora do Averno a voz medonha,
Que temeraria intenta combater-te:
Tortuosos sophismas
Deslumbram, mas não podem
Da verdade extinguir a luz brilhante.

OBSERVAÇÕES, E NOTAS.

(1) Esta ode; bem como quasi todas as outras, existem nos originaes do autor escritas mais de uma vez. Nas copias mais correctas se acham estes dous versos da primeira antistrophe da maneira seguinte.

Pendente viste o escarpado cume,
Mil vezes, para ouvir teo som divino.

Como porém em alguma d'ellas achasse signal de que o autor não estava plenamente satisfeito com os ditos versos, e elles me parecessem menos perfeitos do que convinha á belleza deste poema, me determinei a fazer-lhe a pequena alteração comque vão escriptos; com a qual, a meo ver, fica mais perfeitamente o sentido dos mesmos versos destruindo toda a apparencia de amphibologia.

(2) Estes dois versos liam-se no original assim

E seo punhal brandindo,
Morte horrenda vai cravar-me o golpe.

(3) No original lia-se.

Teo braço descarnado
Pode o corpo ferir, mas permanente
De mim fica a porçao mais nobre e bella.

(4) Esta strophe acha-se assim escripta no original.

Mas que horror repentivo
As veas me circula espavoridas?
Da morte o immenso livro
Eu vejo abrir-se. Em sangue se ensopava
Apenna que o traçára,
E as mal abertas letras só parecem
De atro sangue um tessido triste, e horrendo.

Que um horror repentino prenda, e como que gele o sangue nas veas, nada ha mais natural. Virgilio para exprimir o horror que causára a Eneas o sangue de Polydoro, gotejando das raizes do arbusto, que havia nascido em cima da sepultura d'aquelle desgraçado principe, põe na boca do seo Heroe estas palavras.

. . . . . mihi frigidus horror
Membra quatit, gelidus que coit formidine sanguis.

Eneas estremeceu, e gelou-se-lhe o sangue; este he o effeito natural de um grande, e subito horror: mas um horror repentino circulando pelas veas, e estas sentindo-se espavoridas, são imagens senão improprias, pelo menos summamente atrevidas. Com tudo, como a liberdade que me foi concedida pelo autor, ou antes o preceito que per elle me foi imposto, em o leito da morte, de rever, e corrigir suas obras, me

me não autorise para antepôr absolutamente o meo juizo ao seo, principalmente em materias de gosto em poesia, para as quaes o meo espirito he tam acanhado, quanto o seo era extenso: por isso deixo sempre aos leitores todos os meios de poderem constituir-se juizes nos pontos em que as nossas opiniões são discordes. No resto da strophe pratiquei as alterações que o leitor facilmente notará, tendo em vista evitar a repetição da palavra *sangue*, e augmentar a idea do horror que o livro da morte, subitamente aberto ante os olhos do autor, devia inspirar-lhe.

(5) He pois certo, Deus grande, que da morte
O inexoravel, afiado alfange
Talha, espedaça, mata
Quanto encerra o universo,
E nem perdoa ao bronze endurecido?

Assim he que este epode se acha no original.

(6) Esta strophe tambem foi alterada. No original lia-se:

Mais duravel que o bronze,
O espirito do homem a despreza
E o golpe apara intrepido:
Não vacila um instante, ao ver que tudo
Em alta voz pregoa
No Nume Creador, immenso e eterno
O amor da justiça, e da virtude.

No terceiro verso desagradou-me o som que resulta da contracção da ultima vogal da palavra *golpe* seguida da palavra *apara*. Mas sobre tudo determinou-me a alterar esta strophe a consideração de maior nobreza e valentia que há, em afrontar um golpe mortal, do

que em aparal-o. Estas observações parecerão talvez miudas : mas julgo-as de alguma conveniencia, não só porque serviram de fundamento as alterações que fiz nas excelentes composições do meo amigo : mas por que entendo que em um tempo em que frequentemente se publiçam obras poeticas cheas de incorrecções , e gravissimos defeitos de lingoagem , he de não pequena utilidade fazer sentir aos poetas moços a severidade com que devem castigar suas poesias. Nas odes que hoje publico podia mui bem ter logar a indulgencia de Horacio : *Non ego paucis offendar maculis, ubi plura nitent in carmine.* Porém não estam no mesmo caso a maior parte das composições poeticas de nossos vesificadores nacionaes , que de certa epoca em diante se tem dado á luz publica.

CANTATA II.ª

A' IMMORTALIDADE DA ALMA.

Recitativo 1.º

PORQUE choras, Fileno? Euxuga o pranto
Que rega o teo semblante, onde a amisade
De seos dedos gravou o terno toque.
Ah! não queiras cortar minha esperança,
E de dor embeber minha alegria.
Tu cuidas que a mão fria
Da morte, congelando os froxos membros,
Nos abismos do nada inexcrutaveis
Vai de todo afogar minha existencia?
He outro o meo destino: outra a promessa
Do espirito que em mim vive e me anima.
A horrenda sepultura
Conter não pode a luz brilhante e pura,
Que soberana rege o corpo inerte.....
Não descobres em ti um sentimento
Sublime e grandioso, que parece
Tua vida estender alem da morte?
Attenta..... escuta bem..... Olha..... examina.....

Em ti deve existir: eu não te engano.....
Tu me dizes que existe..... Ah! meo Fileno,
Como he doce a lembrança
D'essa vida immortal em que, banhado
De inefavel prazer, o justo goza
Do seo Deus a presença magestosa.

Aria 1.ª

Desperta, ó morte:
Que te detem?
Teo cruel braço
Esforça, e vem.

Vem, por piedade,
Já traspassar-me,
E avisinhar-me
Do summo Bem.

Recitativo 2.°

E queres que eu prefira
Humanos passatempos ao momento,
Emque raia a feliz eternidade?
Um Deus de amor m'inflamma:
E já no peito meo mal cabe a chamma
Que docemente o coração me abraza.
Eu vôo por elle: elle só pode
Minha alma, sequiosa do infinito,
De todo saciar: este desejo
Me torna saboroso

O calix que tu julgas amargoso,
Fileno, doce amigo, a mão estende,
A minha aperta: não te assuste o vêl-a
De mortal frio já passada e languida.
Mais duravel que a vida,
He da amisade a tea delicada,
Se a virtude a teceu..... Em fim, ó morte,
Tu me mostras a foice inexoravel.
Amarga este momento: eu não t'o nego,
Meo amante Fileno; a voz já prêsa
Sinto faltar-me, o sangue
Nas veas congelar-se: pelo rosto
Me cai frio suor: a luz mal posso
Das trevas distinguir, e sufocado
O coração desmaia.
Vem immortalidade, vem, ó grande,
Sublime pensamento,
Adoçar o meo ultimo momento.

Aria 2.ª

O' Nume infinito,
Que aspiro a gozar,
O meo peito afflito
Enche de valor.

Suave esperança
De sorte melhor,
Quanto d'este instante
Adoças o horror!

ODE III.ª

SOBRE A NECESSIDADE DA REVELAÇÃO.

Strophe 1.ª

SIM, Platão, he verdade, e a tua mente
Sublime adivinhava
Os segredos de um Deus justo e clemente.
Do homem a razão minguada, e escrava
Não pode descubrir um culto dino
D'aquelle que o creou, Ente divino.

Antistrophe 1.ª

Com tresdobrada venda lhe rodea
Suberba mentirosa
O espirito abatido; e em vil cadea
O maniata a carne revoltosa:
Precipitado sobre a terra corre,
E incerto de seo fim, respira e morre.

Epode 1.º

De sua origem nobre
Lembrado, as vezes quer em vão soltar-se.
Pesada nuvem tenebrosa o cobre;
Sente desanimar-se
E o pesado grilhão mais apertar-se.

Strophe 2.ª

Desce do Olimpo, ó Musa luminosa,
Que das acções humanas
Conservas a memoria fastuosa:
Aparecei, ó folhas deshumanas
Do livro antigo, que o medonho crime
Per toda parte com seo sello imprime.

Antistrophe 2.ª

Do horror a ferrea fria mão me abate,
E o sangue represado
Nas assustadas veas mal me bate:
O' homem! pega, e lê sobresaltado
As criminosas provas da baxeza
De tua envilecida natureza.

Epode 2.º

De mil feitos atrozes
As cidades cingidas se levantam:
Com ellas surgem barbaros, ferozes,
Altos genios, que espantam,
E o sanguinario despotismo plantam.

Strophe 3.ª

Aqui reluz alfange fratricida,
Ali o escuro engano
Na honra crava asperrima ferida:
Ora a baxa ambição cinge inhumano,
Cruento diadema; ora a avareza
Empunha o sceptro, em toda a Redondeza.

Antistrophe 3.ª

O' Mexico! ó cidades desgraçadas
Do novo afflicto mundo!
Parece-me que vejo inda ensopadas
Em sangue as vossas casas; furibundo
Voraz fogo nos ares estalando,
Os vossos debeis muros arrazando.

Epode 3.º

Embora cante a fama
A constante invencivel fortaleza
De Colombo immortal, do invicto Gama:
A Europea crueza
Manchou depois a sua nobre empreza.

Strophe 4.ª

Qual a febre abrazada, se raivoza (1)
Com a mão pestilente
As veas toca, chamma furioza
N'ellas accende, e o calor ardente,
Que da vida era d'antes alimento,
Torna da morte barbaro instrumento.

Antistrophe 4.ª

Tal o homem mil vezes impelido,
Da paxão que o devora,
A crimes faz servir enfurecido
Os inventos de uma alma creadora,
Que á natureza, com constancia rara,
Para honrosas façanhas arrancara.

Epode 4.º

Vergonhosa ignorancia
Com elle nasce, e lhe acompanha os passos:
O erro estende, cheo de arrogancia,
Os alongados braços,
E lhe tece bramindo astutos laços.

Strophe 5.ª

Na Grecia, das sciencias mae fecunda,
Ousou erguer altivo
O throno, e fez soar a voz immunda.
Tu o sentiste, ó Socrates! e activo
Tentaste em vão rasgar o veo sagrado,
Que da verdade cobre o rosto amado.

Antistrophe 5.ª

O homem vias de maldades reo,
E incerto meditavas
Propicio modo de aplacar o Ceo:
Em duvidas fervendo te agitavas:
Provaste em fim que só celeste guia
Este segredo revelar podia.

Epode 5.º

Gemendo ao ver o crime
Confundir sua face horrenda, e brava
Com a virtude candida e sublime,
Athenas condemnava
O que Lacedemonia premiava.

Strophe 6.ª

O' tu, lasciva mais do que formosa,
De Chypre, infame Dea;
O' cego Deus! ó Juno ambiciosa!
Tu Jupiter suberbo, que á cadea
Dos fabulosos Numes presidias,
E a filha de Agenor baxo servias.

Antistrophe 6.ª

Ridiculo esquadrão, que meneaste
O sceptro sobre a terra,
E o mal votado incenso profanaste,
Devido só áquelle em quem se encerra
O poder, a justiça, a providencia,
A bondade, e a suprema inteligencia.

Epode 6.º

O vosso duro imperio,
Estribado em chimerica grandeza,
Longo tempo occupou todo o hemispherio:
Da humana natureza
Assaz provou a misera fraqueza.

Strophe 7.ª

Em que clima, á tam grande desventura
Nasce o remedio certo?
Onde habita a razão suave e pura,
Que possa alumiar meo peito incerto?
De valor revesti-lo, com que afronte
Intrepido do crime a enorme fronte.

Antistrophe 7.ª

He possivel, Bondade incomparavel,
Que a tua mão divina..... (2)
Formasse a mente humana miseravel!
Que a trevas e fraqueza vil e indina
A condemnasse! e o homem arrastrado
Do vicio siga o detestavel brado!

Epode 7.º

Com pincel enganoso
De falsas sombras o prazer cercando,
Quantas vezes correr precipitoso
Me viu executando
O que eu dizia ser torpe, e execrando?

Strophe 8.ª

Existe per ventura um ser perverso,
Que poderoso impera,
Como Tu, no vastissimo universo?
Que movendo a cabeça horrenda e fera,
Transtorna quanto pensas, e envenena
O que crear a tua mão acena?

Antistrophe 8.ª

Se o sceptro universal he teo somente,
O' Nume sublimado,
Que incenso queimarei? Que voto ardente
Poderei no meo peito, sossobrado
Das paxões, conceber, que aplaque a ira
Que a minha vida criminosa inspira?

Epode 8.°

Farei subir aos ares
Em denso crespo fumo revoando
De victimas o sangue? e em teos altares
Mil dons apresentando,
Acaso o teo furor verei mais brando?

Strophe 9.ª

Qual inquieto volve os vagos olhos
Perdido navegante,
Que em toda parte miseros escolhos
Teme encontrar: tal cego e vacilante
Eu erro a um lado, e outro; nada aprendo
Em um golfo de duvidas gemendo.

Antistrophe 9.ª

Ah! desce á terra, messageiro augusto,
Que haveis de illuminar-nos;
Orvalhai, puros Ceos, chovei o justo.
Tu não podes, Deus bom, abandonar-nos,
Pois somos obras tuas; e a cegueira
Escurece do mundo a face inteira.

Epode 9.°

Sobre o po derrubada,
Sua orgulhosa frente a idolatria
Arrastre, e nos abismos sepultada,
Não torne a luz do dia
A turbar com horrivel ousadia.

OBSERVAÇÕES, E NOTAS.

(1) Pouco satisfeito d'esta strophe, eu a tinha mudado assim:

Strophe.

Qual devorante febre, quando irosa
Com ignea mão tocando
As entranhas, e n'ellas furiosa
O seo lethal veneno derramando,
O calor, que da vida era alimento,
Torna da morte barbaro instrumento.

Porém a consideração de que esta ode mereceu ser coroada pela Academia Real das sciencias de Lisboa, em um dos concursos mais numerosos aos premios de poesia, me determinou a reprimir a minha primeira intenção.

(2) Esta anti-strophe achava-se em uma das copias autografas, da maneira seguinte:

He possivel, Bondade incomparavel,
Da tua mão divina
Descesse a mente humana miseravel,
Em trevas e fraqueza vil e indina
Embebida, e que o homem arrastrado
Do vicio siga o detestavel brado?

Certo porém de que o autor tentava corrigi-la, me animei a substituir-lhe a que vai no corpo da ode.

ODE IV.ª

SOBRE A EXISTENCIA DO PECCADO ORIGINAL.

Olha como orgulhosa, caro Stockler,
O atrevido rosto
A ignorancia levanta, e o erro a segue
Com mentirosa mascara,
Cobrindo a fementida horrenda face.
Em vão blasona ufano
O homem de systemas vãos e incertos:
Com deslumbrados olhos,
Admirando o clarão mal luminoso,
Em vão pretende um dia
Ver a razão baxar dos Ceos á Terra,
Pela mão conduzida
De profundas sciencias, e de nobre
Educação prudente.
Antigo vicio lhe envenena o peito,
E de paxões rebeldes
O compelle a arrastrar a vil cadea,
Com que apertado geme.
Eu vejo a Grecia, e Roma, e o mundo inteiro.
Desde que o tempo volve

A fatal roda, em fundos precipicios
Cair desassisados:
Na vaga fantasia revoando
Dos miseros humanos
Mil brilhantes projectos caprichosos
As Filhas da Memoria
Fieis me mostram; mas o crime insano,
Leis mil inconsequentes,
Despotica ambição, torpes costumes,
Imprevistos successos
Sobre a terra derrubam, desfiguram,
Sufocam grandes planos.
Sempre revive o desgraçado imperio
Dos vergonhosos vicios,
E o mundo endurecido as costas verga
Ao golpe desabrido
Do triplicado açoite com que o crime
Tudo doma, e sujeita.
Que lugubres ideas! O meo peito
Sobresaltado treme.
Cheo de horror, e assombro, mas sincero,
A' corrupção eu digo:
Tu es a minha herança, da virtude
Só pode raro esforço
A' vereda guiar-me não trilhada:
Meo coração fraquea,
Mal ouve a voz do vicio lisongeira,
E submetido a segue;

A razão o condemna, voluntario
Resvala, precipita-se.
Grande Deus, se contemplo como seco
O teo nome repito;
Como curvado sob os bens immensos,
Que a tua mão esparge,
Ingrato, nem ao menos um instante
De amor sinto abrazar-me,
Por este nome santo: então me humilho;
E confessar não temo,
Que cego, duro coração me anima:
Que vicio antigo e feo,
Sem duvida, alterou o nobre peito
Que das mãos recebera
Do Creador o homem innocente.
Bem summo, amor eterno,
Das tuas mãos não sai alma insensivel,
Ingrata, irracionavel.

CANTATA III.ª

SOBRE A NECESSIDADE DA REVELAÇÃO.

Recitativo.

DO trono soberano, que elevado
Sobre os astros se estriba magestoso,
E de fulgentes pedras recamado
Do sol ofusca o rosto luminoso,
Onde em silencio fervoroso canto
De celeste belleza
Resoa de continuo o nome santo
Do immenso Ser autor da natureza;
Sobre a jacente terra,
Baxou os olhos este Deus potente,
Todo o Olympo se abala, e em chamma ardente,
No fundo Averno, pavido se encerra
O chefe horrendo da infernal cohorte.
Entre as sombras da morte,
O humano coração viu sepultado,
E o temerario crime em toda parte
Estendendo o seo braço ensanguentado;
Com impia fatal arte

Mil cores, mil aspectos simulando
O erro viu girar todo o universo;
E o séo nome divino profanando
Com culto vil perverso,
Em vaidosas cadeiras reclinados
Falsos sabios com mão tremula, escura,
Manchavam da verdade a formosura,
Em suas proprias forças confiados.
Então o justo Creador se altera,
De compaixão movido;
E o ceo enternecido
A bondade adorou que tudo impera.
Estas vozes em tanto se escutaram
Que o Nume soberano proferia,
E ao som divino cheas de harmonia
As celestes abobedas soaram,
E por mui largo tempo retumbaram.

Aria.

O' terra ingrata!
Do Creador,
Que o teo furor
Fere e maltrata,
Conhece a voz.

Homem feroz,
Tua maldade
Brada vingança:
Minha bondade,

Por te salvar,
Nova esperança
Vem-te inspirar.

Louco, e sem tino,
Com peito impuro,
Meo rosto puro,
Rosto divino
Em vão pretendes
Descortinar.
Tudo que emprendes
O erro audaz
Vem perturbar;
Tece-te laço,
A cada passo
Que intentas dar.

Um salvador
Quero enviar-te,
Para mostrar-te
Meo terno amor.
Fiel pintura
De minha essencia;
Igual em pura,
Doce clemencia,
Por ti morrendo
Quer-me aplacar:
E o teo horrendo
Crime espiar.

Tua razão
Ennevoada,
E avassalada
Pela paxão,
Elle abrirá:
Teo coração
Sujeito ao crime
Libertará.
Em voz sublime
A minha lei,
Que em ti gravei,
Te lembrará.

ODE V.ª

SOBRE A VIRTUDE DA RELIGIAO CHRISTÃA.

Strophe 1.ª

DESEMBAINHA, Mahomet, a espada,
Vem ferir-me, e provar-me
Que he santa a tua lei ensanguentada.
Mas onde está a voz nobre e sagrada
Que o ceo, para avisar-me
De tua vinda, despediu á Terra,
Que impio devastas com tirana guerra (1).

Antistrophe 1.ª

Que inflamado profeta, do futuro
O veo descortinando,
Fez raiar a meos olhos teo perjuro,
Cruento nome? Dize, ó homem duro!
Em que dia, soando
A tua voz, cedeu a natureza,
Para mostrar divina a tua empreza?

Epode 1.º

Não queiras, aurea lyra,
Manchar as tuas cordas sonorosas,
Tu quem só virtude afina, e inspira (2)
Com gesto, e mãos mimosas:
Não resoes o nome, e a fama indina (3)
Do monarca impostor da vil Medina.

Strophe 2.ª

Vem a meos braços, Livro venerando,
Que ao berço inda recente
Do universo me guias, retratando
A creadora voz a cujo mando
O sol resplandescente,
A terra, e o mar, e os ceos surgem do nada,
E do homem brilha a face sublimada.

Antistrophe 2.ª

Encerras, per ventura, o que mendiga
Minha alma sequiosa,
E o que espera da mão fiel e amiga
Do Ser immenso, que a fraqueza antiga
Do homem afrontosa
Conhecendo, lhe aponta o logar onde
A paz habita, e o grande Deus se esconde?

Epode 2.°

A meiga ingenuidade
Sustinha a penna do escritor sublime
Que os teos altos conceitos tece e exprime:
Encanecida idade
As tuas folhas orna, e te levanta
Sobre tudo que Roma e Grecia canta.

Strophe 3.ª

Justa, dizes, creou-se a mente humana.
O' historia sublime!
O' dia venturoso! ó luz sob'rana
Que alumiava a natureza ufana!
Que horrendo estranho crime
Te fez ennevoar, e a noite escura
As trevas espalhou com boca impura?

Antistrophe 3.ª

Ao lume da razão imperioso
Das paxões a ousadia
O collo sotopunha tortuoso;
E a terra ao aceno glorioso
Do homem se rendia,
Que de seo Deus a imagem retratava,
E de terna innocencia se adornava.

Epode 3.°

Em delicias banhado
Não temia que a dor austera alçasse
O encolhido braço, e o detestado
Ferreo punhal cravasse
No seo varonil peito, inda assaz forte
Para vencer o mesmo horror da morte.

Strophe 4.ª

Sim, eu te reconheço, ó inefavel!
O' Ser omnipotente!
So a bondade, so virtude amavel
De teo pode sair seio adoravel:
Mas como ousa insolente
O primeiro mortal, com impio peito,
Quebrantar, justo Deus, o teo preceito?

Antistrophe 4.ª

A morte a curva foice logo afia:
O Averno emtorno soa:
E o universo, com fatal porfia,
Intenta castigar tanta ousadia:
Corrupto sangue côa
Desde então pelas veas alteradas
De podre, antigo tronco derivadas.

Epode 4.°

Que nova luz me aclara!
Attenta, ó Manes! eis o ser que luta
Co' o grande Ser, e cuja mão avara
Mancha feroz e enluta
As suas obras: foi o vil peccado
Que do homem abateu o nobre estado.

Strophe 5.ª

O' Socrates! ó Grecia! ouve, e modera
Teo animo ancioso;
Retumba em fim a voz doce e sincera
Da candida verdade, que severa
Seo rosto melindroso
Escondeu tantas vezes ao valente
Altivo esforço de teo genio ardente.

Antistrophe 5.ª

Tu es, Revelação santa e divina,
Antiga como o mundo:
E qual risonha aurora matutina,
Tal me desperta a tua luz benina
Do somno meo profundo:
Assim, ó summo Bem! tua bondade
Comunicas piedoso em toda a idade (4).

Epode 5.º

Um messageiro augusto
Me promete o Immortal, quando anuncia
A morte ao homem, e o gelado susto
O sangue entorpecia
Do misero culpado, que a belleza
Perdera da innocente natureza.

Strophe 6.ª

Com juramento eterno solemniza
A piedosa promessa
O Deus d'Abram: Jacob o profetiza:
De varões alta serie se diviza,
Que de pintar não cessa
Um Redemptor, um Deus dos ceos baxado,
Para valer ao homem desgraçado.

Antistrophe 6.ª

O' Juda! Israel em vão se empenha
Com mão feroz, e ousada
Por arrancar-te o sceptro, até que venha
O guia que ás nações mova e contenha.
Estrela sublimada
De ti hade nascer, que a escuridade
Fulmine com os raios da verdade.

Epode 6.º

Bethlem mal conhecida
Entre as cidades de Israel, a frente
Levanta altiva: patria esclarecida
Serás do Deus potente,
Que á idolatria o denegrido collo
Cortará, desde um té outro polo.

Strophe 7.ª

Teo ferreo coração será mudado,
O' povo criminoso,
Será de graça e de valor cercado:
Attende, ó Daniel: ja debruçado,
O tempo pressuroso
A semana da grande vinda aponta,
Em que do mundo a salvação desponta.

Antistrophe 7.ª

Jerusalem levanta-te, e o teo rosto
Circunda de alegria;
Inunda o peito teo de terno gosto;
Ergue os olhos, Sion, a ti exposto
Está o que annuncia
Teo Redemptor, a voz que vem bradando,
Os seos santos caminhos preparando.

Epode 7.°

Fecundo, altivo monte
Sobre o cume dos montes vai alçar-se;
D'elle mana sonora clara fonte,
Onde desafrontar-se
Virá da sede ardente quanto habita
Sobre a terra de males mil afflita.

Strophe 8.ª

Eis aparece o Deus de fortaleza:
Quem poderá expor-te,
O' Israel, da sua natureza
A geração sublime, a grande alteza?
Seo braço nobre e forte
Emparelha co' a mesma eternidade,
Com ella mede sua immensa idade.

Antistrophe 8.ª

Inclinai-vos, nações, e reverentes
Adorai o seo nome:
Os seos olhos afaveis e clementes
Illustram do Universo as varias gentes:
E ja fogo consome
Os mudos Deuses, que ellas adoraram,
E com roubado incenso perfumaram.

Epode 8.°

Suberbos dons votados
Com respeito Sabá, Tharsis lhe off'rece:
E quaes de mel os favos delicados,
Taes sua lingua tece
Discursos de justiça e de bondade
Que, em parabolas, prestam a verdade.

Strophe 9.ª

Chora, ó Rachel, o sangue derramado
Dos filhos teos mimosos
Pelas mãos de um tirano abominado:
Ao Egypto corre entanto o desejado
Dos povos mal ditosos:
Do Egypto chamarei meo filho amavel
Diz de Oseas o Deus santo, inefavel.

Antistrophe 9.ª

O teo rei, ó Sião! não vem de guerra
E furia revestido,
Como conquistador, que tudo aterra,
E bravo a espavorida paz desterra:
De doçura cingido
Sobre pobre jumento as ruas piza,
E á terra com os ceos paz profetiza.

Epode 9.°

Quem he este formoso
Que vem de Edom com rubro vestimento? (5)
O' ceos! ó terra! ó dia lacrimoso!
A dor o seo assento
No ungido do Senhor fixou, e o peito
Lhe rasga com ferino duro aspeito.

Strophe 10.ª

Semblante ja não tem, e ser parece
Um homem de amargura:
Como ovelha pacifica emmudece;
E abatido entre penas desfalece:
A alhea desventura
Em si tomou movido de piedade,
E expia assim a nossa iniquidade.

Antistrophe 10.ª

Um traidor infeliz, que se assentava
A' sua mesa santa,
E o punhal da avareza em si cravava,
Por um preço funesto o atraiçoava.
A horrida garganta
Abra o Averno em fim para tragar-te,
O' traidor, e entre chammas abrazar-te.

Epode 10.°

Com fel impios algozes
Accendem do cordeiro a ardente sede:
Com riso horrivel, barbaros, ferozes,
Que alta vingança pede,
O encaram, as vestes sorteando,
E os pés com ferro agudo traspassando.

Strophe 11.ª

Esconde-te, ó infame prostituta!
Jerusalem cruenta,
O som da tua voz sombrio enluta
Os sagrados altares, nem te escuta
Com face meiga atenta
O nume soberano, que do Egypto
Salvou o povo teo cansado, e afflito.

Antistrophe 11.ª

Vagarás, como esposa abandonada,
Sem templo, sem altares:
Debalde invocarás a mão sagrada
Do Deus d'Abram e Isaac, que outra morada
Em apartados mares,
Em terras alongadas escolhendo,
Te solta justo ao teo destino horrendo.

Epode 11.°

Assim per mil maneiras,
De inflamados prophetas me annuncia
Canora turba o venturoso dia
Que a mil nações inteiras
Havia fazer ver o desejado,
Per differentes modos figurado.

OBSERVAÇÕES, E NOTAS.

Esta ode, uma das mais bellas compozições poeticas, que honram a poesia Portugueza, merecia um commentario digno da grandeza do seo objecto, da regularidade do seo desenho, e da belleza da sua execução. Porém nem as minhas actuaes circunstancias, nem a brevidade com que desejo dar ao publico estas preciosas producções de um genio verdadeiramente original e sublime, e de um espirito profundamente penetrado das verdades transcendentes, que se arrojou a expôr em linguagem poetica, me permitem o vagar necessario para o desempenho d'este pensamento; e por isso me limitarei a indicar as poucas variantes que nella encontrei, e apenas aventurarei alguma reflexão grammatical assaz obvia que possa servir-lhe de illustração, e de motivar as pequenas alterações, que ousei fazerlhe.

(1) Que alagas impio com tirana guerra.

(2)

(2) No original estava.

Tu que a simples virtude afina e inspira
Com suas mãos mimosas.

Pareceu-me que o relativo *que*, sem proposição que designasse perfeitamente a construcção gramatical do discurso, desfeava este epode; tanto mais, quanto a transposição dos verbos *afina, e inspira* fazendo que a este ficasse immediata a clausula *com suas mãos mimosas*, aqual só diz respeito ao primeiro, augmentava a confusão da ordem gramatical, e ja fazia o mesmo epode menos perfeito, e menos digno de constituir parte de uma composição tam bella, e tam elegante.

(3) Ja em outro lugar notei que o verbo *resoar* he neutro; e por isso eu antes preferiria a este verso qualquer dos seguintes:

Não celebres o nome e a fama indigna
ou
Não pregoes o nome, e a fama indigna

Porém persuadido de que neste passo o autor quiz muito de proposito empregar aquelle verbo em significação activa, julguei que devia deixar subsistir esta novidade, e aos escriptores que se seguirem, a liberdade de adopta-la, ou rejeita-la segundo melhor entenderem, e julgarem conveniente para o aperfeiçoamento da lingua portugueza.

(4) No original estava

He esta, Summo Bem, tua bondade;
Comunicaste sempre e em toda a idade.

(5) *Vestimento* he vocabulo, que não tenho lembrança de haver ja mais encontrado em classico algum nacional. Entretanto a palavra *vestimenta* parece, e he geralmente considerada como privativa de certas vestes sagradas, e seria impropria d'este lugar : a desinencia em *ento*, e por tanto a liberdade que o Autor tomou de enriquecer a nossa poesia com mais um vocabulo, que lhe facilite exprimir-se com propriedade, sem sacrificar á rima os pensamentos, me parece assaz fundada para que deva subsistir.

ODE VI.ª

SOBRE O MESMO ASSUMPTO.*

Strophe 1.ª

O' Sinai! ó montanha assignalada
Dos pés do Omnipotente!
Eu sinto inda soar a voz sagrada,
Que entre raios promulga a ley gravada (1)
No espirito innocente
Do homem justo. O' livro grande e santo!
Tu me enches de assombro, horror, e espanto!

Antistrophe 1.ª

Um povo antigo atesta a integridade (2)
De tudo que em ti leio;
Com vivo fogo, augusta magestade
Me retratas do Eterno a potestade:
Do mundo firme esteio,
Unico, providente, e bom o aclamas,
E em fervoroso amor minha alma inflamas.

Epode 1.°

Quem do commum naufragio (3),
Que o orbe inteiro em erros submergia,
Este povo salvou, e do contagio
Da cega idolatria?
Quem no meio de inhospito deserto
Do Immenso a mão lhe faz notar de perto?

Strophe 2.ª

E ainda temes, ó prezada lyra (4)!
Levantar ás estrelas
O sublime mortal, que Deus inspira,
Que de celeste força revestira,
E mil virtudes bellas?
O' Moyses! tua voz não me alluciña:
A voz que soltas he a voz divina.

Antistrophe 2.ª

Fervendo em santa ira abrazadora (5)
Os crimes reprehende
Do Hebreo ingrato, cuja fé traidora
A luz quebranta, que tua alma adora:
Seguro a vara estende;
Eis vejo a natureza espavorida
A teos pés humilhar a frente erguida.

Epode 2.°

O povo, de que es guia,
Mil vezes entre as brenhas estremece:
Ao ver que a terra, o mar, a noite, o dia,
Que tudo te obedece;
Messageiro fiel da Divindade
Te reconhece, e afirma em toda a idade.

Strophe 3.ª

Serás tu, per ventura o prometido
Medianeiro amavel?...
Ah! tu vens predize-lo, e em tom subido
Entoas de Jacob o recebido
Oraculo adoravel.
Quem he pois esse augusto messageiro,
Que o pranto hade enxugar ao mundo inteiro?

Antistrophe 3.ª

Já de Jacob o sceptro não impunha
Judá, e pressurosa
A semana correu que affoito expunha
O casto Daniel, quando compunha
De Gabriel formoso
Ao fatidico aceno: « Onde he que o Justo
» Para sempre assentou seo trono augusto? »

Epode 3.º

Qual bussola, agitada
De embravecido mar, oscila errante,
O Norte não atina; tal anciada
A minha alma inconstante
Crê, presume, vacila, incerta treme,
E em duvidas crueis afflicta geme.

Strophe 4.ª

Brioso Gedeão, Sansão robusto,
Cujo semblante duro
Ao longe difundia frio susto;
Guerreiro Josué, vos sois do justo,
Que ancioso procuro,
Escassa sombra, por mais alta empreza,
Que abone a vossa illustre fortaleza.

Antistrophe 4.ª

A brilhante fortuna, ajoelhando (6)
De Salomão potente
Junto ao trono la vejo, derramando
Com mão profusa, gesto ledo e brando,
De seos bens a torrente:
Mas ah! que elles não são mais que a pintura
Dos verdadeiros bens de eterna dura!

Epode 4.º

O' cantor portentoso
Das grandezas do Nume soberano !
Se aterraste o gigante pavoroso,
Se o destroncaste ufano,
Imagem es do vencedor da morte;
Mas não he, como o seo, teo braço forte.

Strophe 5.ª

Vem aclarar-me, terno Jeremias,
Que de suave pranto
Meo peito banhas : ó fervente Elias !
E tu, sublime energico Isaias :
Vinde apontar-me o Santo
Das nações, longo tempo suspirado,
Tantas vezes per vos profetisado.

Antistrophe 5.ª

Eu oiço suspirar com voz doente
Um varão abatido ;
A virtude o rodea refulgente;
Descora ao vê-lo o vicio, e de repente
Se esconde espavorido.
Tudo quanto a vaidade humana preza
Placido e firme, impavido despreza.

Epode 5.º

Seos discursos respiram
A lingoagem singela da verdade,
O amor da justiça, a paz inspiram,
A ardente caridade.
Acaso, ó ceos! ó Golgotha tremendo!
He o homem Deus, que eu vejo em ti morrendo?

Strophe 6.ª

Em pobres palhas inda tenro infante
Envolto se recosta;
Tu o viste nascer, ó radiante
Venturosa Bethlem, e triunfante
A tua frente arrosta,
Qual os cedros do Libano copados,
Do voraz tempo os golpes redobrados.

Antistrophe 6.ª

De Tharsis e Sabá, dons preciosos,
O berço lhe adornaram;
E em seos muros os povos revoltosos
Do Nilo o viram, quando saudosos
Ternos ais retumbaram
Em Ramá, e Rachel triste chorava
Os Filhos, que mão impia lacerava.

Epode 6.º

Qual vencedor piedoso,
Da paz serena augusto messageiro,
Elle se mostra sem estrepitoso
Aparato guerreiro,
Em singelo triunfo meigo e brando,
Jerusalem afflicta consolando.

Strophe 7.ª

Ergue a face, ó Siom! sacode altiva
O pó do teo semblante:
Trasborda de alegria pura e viva:
Eis o teo Redemptor, que a foice esquiva
Do crime vem constante
Embotar: eis aquelle grande dia
Que Abraham, que Jacob te prometia.

Antistrophe 7.ª

Escuta a voz, que no deserto brada
Do precursor austero,
Que havia preparar-lhe a ardua estrada.
Vê como a natureza olha humilhada
O aceno severo
De teo Senhor, vê como lhe obedece,
Como por Creador o reconhece.

Epode 7.°

O mar encapelado,
O sostem sobre as ondas, que se espantam,
E adora humilde os pés do Ser amado
Que os ceos, e a terra cantam:
Judá retumba a voz sublime e forte
Que Lazaro arrancou das mãos da morte.

Strophe 8.ª

Mas que languor, ó Musa, se apodera
Da tua amortecida,
Chorosa voz? Já frouxa não se esmera
Em acordar-se aos sons da lyra austera
Que recusa sentida
Seguir a mão que, o plectro meneando,
Com ella aos astros se ia remontando.

Antistrophe 8.ª

O' natureza! cobre te de luto
E nunca o teo semblante
De terno pranto faças ver enxuto:
Não brotes mais, ó Terra, doce fructo!
Teo curso triunfante
Detem, ó Sol! e finde essa armonia,
Que os altos ceos entoão noite e dia!

Epode 8.°

De sangue está banhado
O justo, em afrontosa cruz pendente:
O Senhor do Universo transpassado
De dor acerba, ingente:
Tirano povo as vestes lhe sortea:
E traição o vendeu, horrenda e fea.

Strophe 9.ª

Os macerados olhos lhe circunda
Piedosa ternura,
No coração ajunta á dor profunda
Os doces sentimentos em que abunda,
E do Pai so procura
O perdão dos algozes, que o cravavam,
E no seo sangue as impias mãos banhavam.

Antistrophe 9.ª

O' Ser eterno! que impressão derrama
A tua horrivel morte
Dentro em minha alma! Que abrazada chamma
De terna gratidão meo peito inflama!
O' Deos, e desta sorte
Quizeste que o perdão fosse sellado
Aos criminosos do fatal peccado!

Epode 9.º

Ao clarão luminoso
De inspirados profetas, que cantaram
Os factos, que contemplo ferveroso,
As duvidas se aclaram.
Ah! rende, ó Musa, o teo inquieto sp'rito,
E de alegria banha o peito afflito.

OBSERVAÇÕES, E NOTAS.

Entre todas as composições do autor era esta ode aquella cuja correcção lhe mereceu menos desvelo, sendo talvez a que mais o merecia; e por isso foi tambem aquella em que pratiquei alterações mais notaveis, e em maior numero: apontarei aqui as principaes. Entretanto seja-me licito dizer que, entre todas as odes sacras de meo defunto amigo, nenhuma conheço, em que mais se manifeste o seo estro poetico, em que resplandeça maior erudição, melhor escolha de imagens, mais nobreza de dicção, nem mais força e deducção nos argumentos. Estes se dirigem umas vezes ao entendimento, outras ao coração, outras á imaginação, e d'este modo elle emprega habilmente todos os meios de persuasão (sem desmentir da dignidade propria do genero de poema que escolhera para expôr em toda a sua magnificencia as ideas sublimes e grandes, que se propoz in-

dicar aos homens) revestidos com os brilhantes atavios, e magestosos ornatos da mais elevada poesia lyrica. A' excepção da ode *ao homem natural*, que publicarei entre as suas poesias profanas, não conheço composição alguma poetica nas lingoas vulgares que exceda, nem talvez possa entrar em paralello com esta producção, verdadeiramente original, de um genio extraordinario, tanto na sua força, como na sua vastidão.

(1) No original mais correcto estavam estes trez versos da maneira seguinte:

Eu cuido ouvir soando a voz sagrada
Que entre raios lembrava a luz gravada
No peito inda innocente.

Parece que a imaginação do poeta se exalta de maneira, com a lição dos livros de Moyses, que se lhe figura ouvir ainda soar a voz do Omnipotente, quando do alto do Sinai dictava os preceitos da Decalogo ao povo Hebreo aterrado pela vista das nuvens inflamadas, pelo medonho estrondo dos trovões, e pelo terrivel som das celestes trombetas, que anunciavam a presença do SENHOR. Entretanto o verbo *eu cuido*, mostrando que a illusão do poeta não era perfeita, diminue a força da imagem: e a clausula *ouvir soando* parece involver uma redundancia; pois nenhuma outra cousa se ouve se não sons; e por tanto quem diz *en oiço uma voz*, diz tanto como quem diz *eu oiço uma voz soando*. *A lei gravada no peito* innocente seria clausula preferivel á de que usei, se a lei de que se fala fosse pura-

mente sentimental. Ella he porém em grande parte racional, ou verdadeiramente he toda racional. S. Paulo disse que sentia na sua carne uma lei contraria á do seo espirito. Qual he o homem que não experimenta sentimentos contrarios aos dictames da razão? Poderia dizer-se que esta contradição, entre a carne e o espirito, ou entre os sentimentos e a razão, he consequencia do peccado; e que antes d'elle, isto he, nos momentos em que nossos primeiros pais existiram innocentes em o Paraizo terreal, estes dois principios da actividade humana não eram descordes como agora. Assim será; mas que necessidade ha de falar nos homens na hypothesi de um estado de que elles não fazem idea? Pelo menos deve convir-se emque a lei de DEUS he sempre racionavel, qualquer que seja o estado em que o homem se considere. Eu não insistirei mais sobre a validade de minhas razões: emendando como entendi, cumpri com a recomendação de meo amigo: e offerecendo aos leitores a lição dos versos que existiam no original, deixo a cada um a liberdade de escolher o que melhor lhe parecer: certo aliás de que discussões d'esta natureza não serão inuteis para aperfeiçoar o gosto das pessoas dadas ao estudo da poesia.

(2) Os primeiros dois versos d'esta antistrophe estavam assim no original

Um povo antigo jura a integridade
De quanto em ti eu leio.

Não sei se alguns escriptores Rabinos asseveram tam positivamente a integridade do Pentateuco, que ten-

ha lugar o dizer-se que o povo Hebreo jura a integridade dos livros de Moyses. Sei que a historia n'elles contida he igualmente referida per Josepho, e geralmente acreditada pelos Rabinos. Entretanto he evidente que alguns capitulos do Deuteronomio, que tratam dos ultimos successos da vida de Moyses; da sua morte, e de alguns factos posteriores a ella, não foram, nem podiam ser escriptos pelo mesmo Moyses. O Pentateuco foi sem duvida alterado ou acrescentado per Esdras, quando se lhe encarregou a revisão e a compilação dos livros sagrados dos Judeos, depois da sua volta do cativeiro de Babylonia; ou por algum outro Rabino ou sabio Judeo que depois d'elle viveu. Se Esdras he, como alguns supoem, e eu tenho por provavel, o autor dos dois livros intitulados Paralipomenes, ou das coizas omitidas nos outros livros sagrados dos Judeos, o livro do Genesis foi sem duvida por elle acrescentado. No capitulo 36, os versiculos, que decorrem des de N.º 31 ate 40, contem o mesmo que os versiculos que no Capitulo 1.º do livro primeiro dos Paralipomenes decorrem desde N.º 45 ate N.º 50. Ora he claro que Esdras não escreveu estes versiculos nos Paralipomenes, ou livros das couzas omitidas; se não por que no seo tempo a materia que constitue o seo objecto se não achava em nenhum dos livros sagrados dos Judeos; e por tanto he per Esdras, ou depois do seo tempo, que elles foram acrescentados ao livro do Genesis: esta só prova parece-me bastante para uma nota; e por isso me dispenso de indicar as incoherencias geographicas, e

chronologicas, que igualmente autorisam a suspeita de que o Pentateuco se não acha na sua primitiva integridade : bem que aliás em tudo mereça o nosso mais serio e profundo respeito. Deixando porém discussões historicas e criticas, e limitando-nos ás puramente poeticas, devo dizer que eu bem quizera ter substituido a palavra *genuinidade* ao vocabulo integridade ; porém não cabia no verso, e por tanto foi forçoso que permanecesse a voz integridade ; aqual cumpre que se refira ás cousas contadas n'aquelle livro, e não ao livro mesmo, para salvar as difficuldades indicadas.

(3) Este epode acha-se no original da maneira seguinte :

Quem do comum naufragio,
Que o vasto mundo em erros submergia,
Este povo salvou ; e do contagio
Da cega idolatria
O desempesta, intrepido pintando
Do grande Ser o nome venerando.

Não me agradou a idea de vastidão unida neste logar a idea de Mundo ; pois parece mais relativa á sua extensão do que ao numero dos seos habitadores. Tambem me não agradou a pintura do nome de *grande Ser* : nem me parece que Moysés carecesse de intrepidez para referir as maravilhas do SENHOR na creação do mundo, e na salvação do povo Hebreo do cativeiro do Egipto. A maneira pela qual este extraordinario chefe do povo de DEUS o desempestou da idolatria do Bezerro de oiro não foi por certo escrevendo ; foi punindo-o, e ameacando-o em nome do

do SENHOR, e isto de um modo tam violento e duro, que não acreditaria de sorte alguma a sua humanidade, nem mesmo o seo zelo da honra do Ser Supremo, se não tivessemos aliás a certeza deque elle obrou animado de inspiração divina. Vinte e trez mil homens foram nesta occasião passados á espada de ordem de Moyses; e para que o restante do povo ja aterrado de tam duro castigo, e horrivel carnagem se humilhasse diante de DEUS, e fizesse penitencia como convinha, elle lhe comunicou os terriveis ameaços que o Omnipotente lhe havia ordenado de annunciar-lhe por efeitos de sua misericordia.

(4) Esta strophe estava no original como segue:

E ainda temes, minha amada lyra,
Levar té as Estrelas,
O sublime mortal que um Deus inspira;
Que de divina força revistira,
E mil virtudes bellas!
O' Moyses! tua penna não engana,
E um Deus segura tua mão ufana.

O adjectivo numeral *um* unido á palavra DEUS, sempre superfluo quando se fala do unico verdadeiro DEUS, sabe a Gallicismo: e a repetição dentro de uma mesma strophe desfea algum tanto uma composição lyrica, aonde a riqueza deve igualar a pompa e a elegancia da dicção.

(5) Esta antistrophe acha-se no original da maneira seguinte:

Fervendo em zelo a voz ergue sonora,
Os crimes reprehende
Do Hebreo ingrato, cuja fé traidora

A lei quebranta que teo peito adora.
Altivo a vara estende,
O' homem immortal; e espavorida
A natureza abaxa a frente erguida.

(6) A antistrophe 4.ª que julguei dever emendar, principalmente pela especie de amfibologia que encerram os primeiros tres versos, me parece com tudo digna de transcrever-se.

Esta era como se segue:

Aos pés do throno vejo ajoelhando
De Salomão potente
A fortuna, e humilde debruçando
A face encantadora, que espalhando
Está de bens enchente:
Elles são d'outros bens so a pintura,
E mal retratam sua formosura.

(7) Na strophe 6.ª se liam os ultimos quatro versos da maneira que se segue:

Venturosa Bethlem, e triunfante,
O cume teo se encosta
Desde então entre os cedros elevados
Que o Libano admira em si plantados.

Julguei dever altera-los, por não me agradar eterno cume, aplicado a uma cidade; nem a admiração do monte Libano por ver cedros em si plantados: talvez porém que estas ideas agradem a imaginações mais poeticas do que a minha.

ODE VII.ª

SOBRE O MESMO ASSUMPTO.

Strophe 1.ª

Entre azuladas undulantes chammas (1),
Que em turbilhões de fumo envoltas ardem
No lago triste e horrendo,
Onde irosa se mostra a mão potente
Do Deus immenso e justo,
Teo tortuoso collo, ó vil peccado!
Em vão raivoso, sem cessar agitas.

Antistrophe 1.ª

Inimigo fatal do bem supremo,
Com atrevido braço te arremeçás
Para arrancar-lhe o sceptro,
Que sobre a eternidade se reclina:
Ululando te arrastras
Nas entranhas do abismo, e furioso,
A ti proprio lacéras e devoras.

Epode 1.º

Ao medonho rugido (2)
Do leão de Judá estremecendo,
Só infame baxeza,
O monstro patentea;
Em vão astuto, a piedade implora
Do Senhor irritado a quem detesta.

Strophe 2.ª

Eis, ó parto infeliz da iniquidade,
O teo retrato: nelle os olhos fita.
Tremes de horror?... Não deixes
Em teo peito extinguir doce esperança.
A bondade infinita,
O Christo do Deus vivo em si teos crimes
Gravou, e submergiu-os no seo sangue.

Antistrophe 2.ª

Baxai do ceo, virtudes soberanas,
De flores coroai a nivea frente,
Olhai-me enternecidas:
Eu já não sou o misero que a dura
Ingratidão mesquinha
Com seo sello marcára: mão divina
Apagou o signal, e renovou-me.

Epode 2.°

Sublimes sons e novos
Desfere, ó lyra, das sonoras cordas;
Prende, arrebata, encanta
Os ceos, a terra, as ondas;
Repassa meos armonicos ouvidos
De celeste suave melodia.

Strophe 3.ª

Espiritos ardentes e ditosos,
Que do grande Adonai o throno excelso
Rodeais reverentes,
Dizei-lhe que o seo filho, o seo amado,
A sua imagem bella,
Já com seo sangue borrifou a terra,
E consumou a sua nobre empreza.

Antistrophe 3.ª

Ao vero vivo amor que te consome (3)
O sangue que derramas carinhoso,
O' Christo do Deus vivo!
Reconheço o meo Deus, o Ser eterno
De inefavel bondade;
Que ás suas obras quer comunicar-se,
Mais e mais em si mesmo transforma-las.

Epode 3.º

Qual namorado Esposo (4)
Olha, contempla, e transportado admira
O rosto delicado
Da terna meiga Esposa,
Assim minha alma absorta, o Deus eterno
Abrazada de amor humile adora.

Strophe 4.ª

Revolve, ó mão perjura, que pretendes
Teo Redemptor ferir com dura guerra,
Os factos que, volvendo
O tempo a roda lubrica, deixara
Salvar do abismo escuro,
Onde tudo desfaz, tudo amortece,
E em eterno silencio ao mundo esconde.

Antistrophe 4.ª

A lucida evidencia do suberbo
E grandioso timbre, que lhe dera
A brilhante verdade,
Historia não gravou com força tanta,
Como aquella que narra
As maravilhas do Pastor divino,
Do Mestre de Israel, Senhor do mundo.

Epode 4.º

Onde vês levantando (5)
Seis constantes varões a nobre frente,
Jurar que fieis pintam
Factos per elles vistos;
E firmes no medonho cadafalso,
Com seo sangue sellar o juramento?

Strophe 5.ª

Pode o erro feroz espessa venda
Em cor negra tingir, e astucioso
Trez vezes envolvê-la
Em torno aos olhos de illudida gente:
Quando aerios systemas
Sublimes pontos explicar pretendem,
Que uma fraca razão mal descortina.

Antistrophe 5.ª

Mas não pode, por mais que a venda engrosse,
Retratar a meos olhos perspicazes
Emperrada doença
Cedendo, vezes mil á voz de um homem,
Encolhida fugir; e a morte fera
Os tumulos abrindo
As victimas soltar que devorara:
Não chega a tanto magico prestigio.

Epode 5.º

Tem martyres cruentos
De infames Seitas esteiado a gloria;
Mas só tu, ó amavel
Religião divina,
Contas altivos martyres que attestam
Ter visto o que rubricam com seo sangue.

Strophe 6.ª

O' Tabor! ó logar santo e invejavel,
Onde Pedro em delicias embebido,
Morada Sempiterna
Pretendia assentar: ó doce annuncio
Do celeste banquete!
Do ungido do Senhor entoa a gloria,
E as maravilhas suas apregoa.

Antistrophe 6.ª

O' tu, entre os discipulos amados,
Sublime Evangelista, por um pouco,
Dos Ceos á Terra desce;
Vem com divinas cores esbossar-me
O dia esperançoso,
Em que da morte conquistou o imperio
O Leão de Judá com braço forte.

Epode 6.º

Já estala e se aparta
A lisa pedra que orgulhosa intenta
Encerrar o Deus vivo.
Atonitos, prostrados
Per terra jazem os crueis soldados
Que o sagrado deposito vigiam.

Strophe 7.ª

Não permitas, Senhor, que a immunda e torpe
Corrupção com seo bafo pestilente
Contamine o teo Santo.
Embraça prompto o diamantino escudo;
Com elle, firme o cobre:
Inunda-o de prazer: da mão te brota
Inexhaurivel fonte de delicias.

Antistrophe 7.ª

O' abrasado Pedro, ó fervorosa
Amante Magdalena, quem te prende
Os vagarosos passos?
Corre anciosa, vôa, vê, e adora
O teo divino Mestre,
Que triunfante surge, e valeroso
Da morte piza o indomavel collo.

Epode 7.°

Sim, Thomé, não hesites (7),
Examina as recentes cicatrizes
Das amorosas chagas
Que os homens resgataram
Do crime universal. He elle, he elle!
De jubilo exultai, ó Ceos, e Terra.

Strophe 8.ª

Vós o vistes, discipulos ditosos,
Glorioso esquadrão, que vos nutrieis
De amor puro, e divino:
Multidão venturosa que, agitada
De pasmo e de alegria,
Adorastes o Deus clemente e santo,
Já do seio da morte resurgido.

Antistrophe 8.ª

Este o facto inaudito que sellaram,
Com seo sangue, e no seio dos oprobrios,
Constantes repitiram:
Tanta firmeza, ó Erro, não inspiram
Teos miseros sophismas:
Impavido arrostrar morte afrontosa
Só he dado a varão piedoso e justo.

Epode 8.º

Qual rompe o Sol, e ardente
Dissipa a espessa denegrida nevoa,
Que tolda a escura terra;
Assim luzentes raios
Sobre o Espirito meo esta verdade
Derrama, e d'elle as nuvens afugenta.

Strophe 9.ª

O' Musa, que me inspiras animosa,
Novas cores ajunta ao nobre quadro
Que suberbo desenhas:
Ouve o guerreiro estrepito que atroa
Os deplorados muros
Da misera Siom: vê como a cinge
Romana bellicosa soldadesca.

Antistrophe 9.ª

Já batem os aríetes horrendos
Com medonho fragor as suas torres;
A descorada fome,
O odio, o horror, per toda parte a investem,
E o venenoso vulto
Ergue a peste lethal; medonha e fera,
Mortaes flechas em torno arremeçando.

Epode 9.°

Que scena, ó Ceos, avisto!
La rasga Mae cruel o tenro peito
Do misero filhinho!
Já sobre ardentes brasas
Lacerado o arroja, e deshumana
Ceva a fome na carne que gerara.

Strophe 10.ª

Jerusalem rebelde, vê alçando
O horrido semblante no teo seio
O crime furibundo:
Já freme a crepitante labareda
Em torno do teo templo:
Em vão procuras extingui-la: irado (8)
Divino sopro a voraz chamma atea.

Antistrophe 10.ª

Tuas culpadas ruas estremecem:
Per toda parte a morte te rodea:
Cahida em terra jazes,
De lividos cadaveres juncada:
Nunca mais o teo templo
Se erguerá; e o teo povo vagabundo
Será d'oprobrio e dor fatal objecto.

Epode 10.°

O' Messias divino, (9)
Tu assim fielmente o prediceste!
Cumpriu-se o vaticinio:
O cego errante povo,
Escarneo das nações, ao mundo rende
Da tua Divindade clara prova.

OBSERVAÇOÊS, E NOTAS.

(1) Esta ode, suposto que inferior ás antecedentes, he com tudo admiravel pela força dos argumentos; pela viveza das imagens; e pelas figuras da dicção mui habil e dignamente empregadas. A comparação das correcções que lhe fiz, com o original, bastara pela maior parte para fazer sensiveis as razões que me determinaram a preferir as alterações que praticquei. A primeira foi nesta strophe, a qual quasi inteiramente mudei: ella estava no original da maneira seguinte:

Entre *ferventes* chammas abrazadas,
Que denso escuro fumo envolve, *esconde*
No lago triste e horrendo,
Que a colera creou de *um* Deus potente,
Teo enroscado collo
Eu te vejo agitar, ó vil Peccado;
E de bramidos atroar o Averno.

(2) Eis aqui como se achava no original este epode :

De terror abatido ,
O monstro ás vezes abrandar forceja
O Deus que impio aborrece :
So misera baxeza
Descobre em si , e reo de culpa immensa
Sacrificio não tem , comque apaga-la.

A clausula *abrandar forceja* , considerada na ordem natural da gramatica, não he construcção Portugueza; e contemplada como modo de falar figurado , nem graça nem energia dá ao verso aonde está empregada. O artigo antes da palavra *DEUS* he ordinariamente tanto , ou ainda mais inadmissivel, do que o adjectivo numeral *um*, substituhi o verbo *patentea* á expressão *descobre em si*; por que *patentear* equivale a fazer visivel aos outros ; e isto he sem duvida o que o poeta queria dizer ; a pezar de que a clausula de que usou não o exprima claramente.

(3) A antistrophe 3.ª estava no original desta maneira :

Ao *soberano* Amor , *que te consome* ,
Ao sangue que fumega , e que derramas ,
O Christo de Deus vivo
Reconheço , o meo Deus , o *Bem supremo*
Que *embebido* em bondade , etc.

(4) O epode 3.º estava assim :

Qual namorado Esposo
Olha , contempla e trespassado. . . . .
O rosto delicado ,
A que terno anhelava :
Assim *de um Deus de Amor* sinto ferida
Minha alma arrebatar-se, e contempla-lo.

(5) . . . . Onde vês levantando
Seis varões sua frente virtuosa,
Jurar que fieis pintam
Factos por elles vistos:
Depois sobre medonho cadafalso
De seo sangue tingir o juramento?

D'este modo he que se achava o Epode 4.°

(6) No original lia-se esta strophe do modo seguinte:

Não permitas eterno Ser que ouse
A fea corrupção com toque impuro
Profanar o teo santo:
Embraça o diamantino escudo, e cobre
O seo corpo adoravel,
Embebe-o de prazer; da mão te pende
Infinito deleite, goso immenso.

(7) O epode do mesmo ramo, e a strophe immediata eram como se segue:

Epode.

Vem infiel Apostolo,
Apalpa as refulgentes cicatrizes
Das amorosas chagas
Que o teo crime resgatam:
He elle; não duvides: alegrai-vos,
De jubilo exultai, ó Ceos e Terra.

Strophe.

Vós o vistes, Discipulos ditosos,
Glorioso Esquadrão, que se nutria
De amor casto e divino,
Mais de quinhentos humilhando o rosto
Entre vivos transportes
Adoraram o Deus ressuscitado,
A Divindade amiga dos humanos.

(8) Estes dous versos estavam no original assim:

Em vão forcejas apagal-o; irado
Um Deus a chamma abrasadora acende.

(9) O ultimo epode era do modo que passo a transcrever.

O Messias divino,
Assim tu fielmente o predizias,
E os meos olhos encontram
O vagabundo povo,
Depois de tantos revolvidos seculos,
Da tua divindade sendo a prova.

ODE VIII.ª

SOBRE O MESMO ASSUMPTO.

Strophe 1.ª

RETUMBA emfim de Paulo a voz divina,
Escuta homem culpado:
Embora o escarneo vil, com mão ferina,
A tua face torne impia e malina;
Verás ajoelhado
Todo o mundo adorar seo Mestre amado.

Antistrophe 1.ª

Vae, ó Musa, afinar outro instrumento;
Trase a lyra sonora
Do cisne de Israel: não visto intento,
Elevado inaudito pensamento
Me occupa e me namora,
Que requer voz sublime, e encantandora.

Epode 1.º

Do Libano se abalam
Os altos cedros já de ouvir-me anciosos:
E os ventos furiosos
O seo zunido calam;
De perturbar meo canto temorosos.

Strophe 2.ª

Não sordida Avareza, nem cruenta
Ambição deshumana,
Que de honras vans e sangue se alimenta,
A minha voz sincera move, e alenta:
Nem já paxão insana
O peito dos mortaes cativa e engana.

Antistrophe 2.ª

Em longa assidua guerra combater-te
E depois de cortado
O merecido loiro, refazer-te,
Para de novo mais e mais vencer-te,
Ate ver suffocado
O leão que em ti ruge concentrado.

Epode 2.º

Esgotar valoroso
Amargo Calix; d'elle imbriagar-te,
E como Reo portar-te
Ante o Deus justiçoso:
Eis o que venho, ó Homem nunciar-te.

Strophe 3.ª

Do mundo a pompa e o frivolo conceito,
Armado de humildade,
Desprezar com sereno, ledo aspeito:
E ao esplendor, que exige vão respeito,
Frugal simplicidade
E a pobreza antepôr, e a caridade.

Antistrophe 3.ª

Eis a lei que promulga o Deus que desce
Dos Ceos á terra ingrata.
Que n'uma Cruz pendente se offerece,
Entre dores expira, e desfalece,
Entregando-se á morte
Para dos homens melhorar a sorte.

Epode 3.º

Do tumulo horroroso,
Com magestade nova, eis ergue a frente:
E agora refulgente,
Mais que o Sol luminoso
Nos Ceos, inspira e brilha astro luzente.

Strophe 4.ª

Assim Paulo falava, e sem abrigo,
Sem protector mundano,
Regenerar intenta o orbe antigo:
Com desprezo cruel, rosto inimigo,
O mede soberano,
Do mundo o sabio lisongeiro e ufano.

Antistrophe 4.ª

Armai-vos, ó terrenas Potestades,
Vibrai a ferrea espada
Do Senhor contra o Christo, atrocidades
Praticai, e mil novas crueldades;
Da vossa mão armada
Se rî a mão que faz viver o nada.

Epode 4.°

Eis rompe de Judea
Esquadrão abrazado em fogo ardente,
De um Deus justo e clemente
A sublimada idea
Derramando, entre a cega humana gente.

Strophe 5.ª

Quam bellos são os pés dos que annunciam
A candida verdade!
Os ternos olhos la dos Ceos desciam
Os celestes Espiritos, que os viam,
E da sua beldade
Se enamorava a mesma Divindade.

Antistrophe 5.ª

Quem, ó cobarde Pedro te reveste,
De peito diamantino?
Tu já não es o fraco que temeste
Confessar o teo Mestre, que offendeste:
Firme e de pasmo dino
Da morte arrostras o punhal ferino.

Epode 5.°

Pelo pó desolada,
Se revolve a confusa Idolatria,
E furiosa bramia
Vendo luzir alçada
A Cruz que o sangue do homem Deus tingia.

Strophe 6.ª

Aparecei, ó Martyres altivos:
A veneranda frente
Dos sepulchros erguei, fazei aos vivos
Ver quanto algozes feros vingativos
Trabalham com ingente
Furia, por destruir a Fé nascente.

Antistrophe 6.ª

Aqui em borbotões vejo fervendo,
Caldeiras abrazadas,
E nellas mão tirana revolvendo
Os servos do Senhor, justo, e tremendo:
Navalhas afiadas
Ali giram em roda acceleradas.

Epode 6.°

Duro ferro buido
As carnes talha á timida donzela,
Que delicada e bella,
Com peito revestido
De divino vigor, os Ceos anhela.

Strophe 7.ª

Chammas, alfanges, cavalletes duros,
O oleo, o pêz fervente,
Grilhões, carceres fetidos, e impuros,
Não fazem vacilar os genios puros
Que inflama amor ardente,
Acceso pela mão do Omnipotente.

Antistrophe 7.ª

Ao Christo do Senhor já mil altares
Votados apparecem,
Cheiroso incenso tolda os mansos ares,
Seo nome já povôa a terra e os mares,
Já os braços desfalecem
Dosque contra os seos servos se embravecem.

Epode 7.º

O' homem atrevido,
A mão omnipotente e vencedora
Respeita, e humilde adora,
Que o mundo enfurecido
Domou, e nelle a cruz triunfante arvora.

ODE IX.ª

SOBRE O MESMO ASSUMPTO.

Que sopro agita a mente fervorosa,
Que em vós chameja, Apostolos sagrados?
Acaso do Interesse a mão impura
A move e desatina?

Ou antes de vangloria subtil fumo
A deslumbra, e em delirios exaltada
Vos impelle a correr precipitados
Per entre mil perigos?

Deixastes tudo, Esposa, amigos, Patria,
Um homem de amargura annunciando
Como supremo Nume, que se assenta
Sobre os fulgentes Astros.

O braço levantais; eisque aterrada
Estremece ante vós a Idolatria:
E quereis acaso que de novo
Seo bafo respiremos?

Não, homens immortaes, de vossos labios
Só pende a terna, candida verdade,
Ella a penna moveu com que traçastes
As regras da Justiça.

Honras, riquezas, sempre aos pés calcastes:
Amargo oprobrio foi a vossa herança:
Sem fausto e pompa, so de Deus o nome
Exaltar anhelastes.

Banhada do innocente puro sangue
De vossos corações, ainda fumega
A terra, que das garras arrancastes
Aos falsos mudos Deuses.

Cruento testemunho os factos sella,
Que retratastes com lingoagem limpa
Das falsas tintas que maneja astuta,
Afectação proterva.

Nunca igual singeleza da Impostura
Seguiu os passos tremulos e incertos.
Nunca a doce risonha Ingenuidade
Se mostrou tam visivel.

Do seio escuro da sombria Morte,
Glorioso surgir vistes o Filho
Do Eterno Padre, vistes vosso Mestre
Que humildes adorastes.

Quantas vezes, a sua voz potente
As ondas socegou: quantas da Morte
Quebrou a dura foice: e do sepulchro
Soltou as tristes victimas!

Vós o jurastes com constancia invicta,
E o mundo convencido adora o grande
Piedoso Deus, que a Fé no peito duro
Lhe gravou compassivo.

OBSERVAÇÕES, E NOTAS.

Estas duas ultimas odes pelo estado imperfeito em que se achavam, e que mal pude disfarçar com minhas debeis correcções, devem ser olhadas mais como esbossos dos quadros que representam, do que como pinturas acabadas. Hesitei se as daria ao publico, mas como uma e outra, respirando a piedade que abrazava o espirito do autor, servem ao menos para da-lo a conhecer, julguei que devia assim mesmo publica-las, aplicando-lhes algumas emendas que não aponto por isso que da conservação dos logares originaes, que aliás seria forçoso transcrever, nem gloria pode resultar ao autor, nem instrucção propria a formar o gosto das leitores ainda moços que se dispozerem a imita-lo na poesia. Entretanto não serão inuteis para os que se dispozerem a imita-lo na piedade, e virtudes Christans.

ODE X.ª

A' PAIXÃO DE N. S. JESUS CHRISTO.

TREME Jerusalem: o Deus Supremo,
Do seo brilhante throno,
Co' a cabeça acenou, e o Ceo tremendo
Promete grande estrago.
Eu já vejo teos muros abatidos,
Tuas casas, teos templos saqueados.
Aqui a Mae perdida,
Palido o rosto, soltos os cabellos,
Sente arrancar-se o Filho,
Que ella ao peito chegando em vão defende.
As miseras entranhas
Dos velhos sacerdotes palpitando,
Fumegam junto ás victimas piedosas
Que a Deus sacrificavam.
Cessai, cessai, infames sacrificios:
Ouvi, ó Grecia, ó Roma,
De crimes horrorosos a pintura,
Que Nero não forjára.
O' Filha de Siom, no pó te assenta,
Cobre de humilde cinza o teo culpado
E fementido rosto.
Como ainda existiz, ó Sol, ó Terra!

De duros ferreos malhos
Sinto soar os repetidos golpes,
No Golgotha tremendo;
Rijos agudos cravos sem piedade
Rasgam crueis feridas: já semblante
Não tem, não tem belleza
Aquelle que domina sobre os astros,
Decujo aceno pende
Encadeada a ordem do Universo.
Quem fará no meo seio
De lagrimas brotar inesgotavel
Compassiva torrente? e noite, e dia,
De Judá sobre os crimes
Derramarei inconsolavel pranto.
Quaes esfaimados Lobos,
Quaes leões rugidores se aparelham
Sanguinosos verdugos,
E mil novas cruezas inventando,
De verde negro fel a féz offerecem
Ao Deus da Natureza.
Entre horrores, a Morte involve a face
Do proprio Autor da vida!
Escurece-te, ó Sol, no meio dia
A noite negra e fea
Do esquadrão das trevas rodeada,
Sob o manto nublado, o teo luzeiro
Abafe triunfante.
Esconde-te, Israel; mirrados corpos

Surgem das frias campas:
Treme o Orbe, de horror: fendem-se as pedras:
Do Templo o veo se rasga:
Em geral luto envolta a Natureza,
» Que fizeste, Israel? » te está bradando.
Jerusalem, que vejo!
Quam diferente estás d'aquelle antigo
Esplendor que luzia,
Quando sobre a montanha sublimado
Jehova legislava:
De trovões retinia o crebro estrondo,
Chamejavam relampagos, e em torno
Os ares encrespava
Denso fumo que o monte despedia.
Então a voz divina,
Entre o assombro da Terra, Ceos, e Abismo,
Com paternal carinho,
Os preceitos lembrava, que gravára
No peito dos humanos. Dobra o collo,
O collo empedernido,
O' suberba Siom. Já não divisas
O Santuario augusto:
As tuas ermas ruas não te mostram
Mais que o pó que dissipa
O vento furioso; e Tito acaba
De provar o teo crime ao Mundo inteiro.

DEPRECAÇAO I.ª

A' VIRGEM MARIA NOSSA SENHORA.

MINHA Mae, meo refugio, e minha guia,
Humilde imploro, a vossos pés prostrado,
Do meo Deus o perdão para mil crimes;
Valei a um desgraçado.

O' dia horrendo em que do Deus supremo
Eu o nome neguei, e resvalando
De peccado em peccado, ás brutas feras
Me fui assimilhando!

Ah! nunca mais o Sol seos raios vibre
Alegres neste dia; e de tristeza
Um lamento geral resoe em torno
De toda a redondeza.

Senhora, de quem sou um servo indino,
Comque palavras louvarei teo nome?
Tu foste a Aurora do formoso dia
Emque dos Ceos baixando,

A paz não duvidou seo niveó manto
Sobre a terra estender, puros deleites
Fazendo rebentar nos ferreos peitos
Dos miseros humanos.

Imagem bella do Supremo Nume,
Desenhada la desde a eternidade,
E digna de mandar os Ceos, e a Terra,
De que es a Soberana!

O' Mae do meo Senhor, embora irados
A carne, e o Mundo, e o barbaro inimigo
Que do Tartaro habita o lago immundo,
Contra mim se embraveçam.

Nada já temo: dentro no teo seio
Busquei seguro asilo. Tu que fazes,
Orgulhosa Suberba? E tu, fumante
Brutal sensualidade?

Tremei: que raia emfim doce esperança
De ver-vos sotopostas aos clamores
Da razão que prendieis, usurpando
Os seos nobres direitos.

Fatal peccado do primeiro humano,
Que de idade em idade dominaste,
Nem sempre has de acurvar a enferma raça
Do homem desgraçado.

Vem, Maria, vem ser o meo emparo
Minha libertadora, e minha gloria,
No meio dos peccados que me ofuscam
O Espirito abatido.

Qual cilicio apertâdo me comprimem,
Per toda parte, seos antigos laços:
Vem desprender-me da cadea infame,
Com que me tem ligado.

Vem salvar-me, ó Esposa do Deus vivo,
Pelo sangue do Deus, que sobre a Terra
Não duvidou morrer, para resgate
Do pecador ingrato.

DEPRECAÇÃO II.ª

A' MESMA SENHORA.

ESPOSA do Deus vivo, Templo augusto
Do Senhor que governa os Ceos e a Terra,
Escuta os meos gemidos, e do abismo
Do peccado a minha alma desenterra.

O' das Filhas dos homens a mais bella,
Em cujo seio, amigas se abracaram
A justiça, e a clemencia, e pelos homens
Com vinculo divino se ligaram.

Mae de meo Deus, refugio esperançoso
Do pecador afflito, vem depressa
Em meo socorro contra o vil imigo,
Que de bramir em roda nunca cessa.

Lembra-te que na cruz cruel, o sangue
Se verteu do teo Filho angustiado,
Para as chagas lavar torpes, e impuras
Do pecador que a culpa tem manchado.

O' doce pensamento, que derramas,
Lisongeira esperança, no meo peito;
E a protecção benigna me asseguras
D'aquella aquem o Ceo vive sujeito.

A' IMMORTALIDADE DA ALMA.

SONETO.

Sim eu sou immortal. Bramindo espume
A Maldade cruel, e desgrenhada;
Morda-se embora, pois não pode irada
Extinguir da razão o vivo lume.

Crêde, caros amigos, não consume
Do Tempo estragador a fouce ervada
Esta viva faisca, que abrasada
Cahiu do sopro do supremo Nume.

O Justo sobre a Terra, aos Ceos erguendo
Os algemados braços, e o tirano
Vicio no throno com o pé batendo,

Fazem fugir o refalsado Engano
Que em vão forceja, para ver gemendo
Da verdade o sisudo desengano.

NA PRESENÇA DE UMA GRANDE TROVADA.

SONETO.

Tremei humanos: toda a natureza,
Do seo Deus ao aceno convocada,
Sobre negros trovões surge sentada,
Em cruel furia contra nos acesa.

Do rosto seo escondem a belleza,
Medonha escuridade acompanhada
De abrazadores raios, e pesada
Saraiva que no ar estava presa.

Agora perde a cor de mêdo cheio,
O Monarcha feliz, e poderoso,
Que o vil orgulho abriga no seo seio.

Tu descoras tambem, Atheo vaidoso,
E menos cego sem achar esteio,
A mão, que negas, bejas duvidoso.

POESIAS

PROFANAS.

POESIAS
PROFANAS.

CANTATA.
PIGMALIÃO.

Já da lucida Aurora scintilava
O tremulo fulgor, e a Noite fria
Nas mais remotas praias do Occidente,
Entre abismos gelados, se escondia.
Amor impaciente
Dos Filhos de Morpheo se acompanhava,
E de Pigmalião a altiva mente,
Com lisonjeiros sonhos, afagava.
Ora de Galathea,
A estatua airosa e bella,
Obra do seo cizel, obra divina,
Se lhe avivava na amorosa idea:
Ora cuidava vê-la
Pouco a pouco animar-se,
E a marmorea dureza transformar-se
Em suave, vital brandura, dina
D'aquella que em Cythera,
Sobre os Amores e o Prazer domina.

Sobresaltado freme;
E entre illusões espera
Galathea apertar nos ternos braços:
Mas subito desperta
Procura-a, não a vê; suspira, e geme.
Então, com rosto triste e carregado,
O corpo ergue cansado,
E mal firmando os passos,
Girando a vista incerta
Pela vasta officina, o busto encara
Da magestosa Juno,
Que junto colocára
Ao do implacavel, fero Deus Neptuno:
Lança mão do cizel; ergue o martelo;
Repoli-los intenta,
E o extremo ideal tocar do bello.
Mas o cizel da mão se lhe extravia;
Froxo o martelo assenta,
E na vivaz ardente fantazia
Só Galathea com prazer revia.
Acceso, arrebatado
De insolito furor quebra, esmigalha
O marmore inculpado
Dos bustos, que polia:
Arremeça per terra, e á tôa espalha
O martelo, e o cizel, com que trabalha.
Volve os olhos, repara
De Galathea amada

Na formosura rára,
E ferido de Amor, curva tremendo
Os joelhos, e já não lhe cabendo
Dentro d'alma encantada
O transporte que o agita, ardido brada:
« O' tu, que os Deuses do Olimpo
» Feres de inveja, e de espanto,
» Porque nunca poude tanto
» Todo o seo alto poder;
» He possivel que reunas
» Tanta graça, tal belleza,
» E te negue a Natureza
» Respirar, sentir, viver?
» Eis do genio o prodigio soberano:
» Nem poderá jamais o sp'rito humano,
» Depois de rematar esta obra prima,
» Conter força sobeja,
» Que poderosa seja,
» Para novos inventos, sem que o oprima,
» Tam grande esforço d'arte,
» E esmorecido desfaleça, e caia.
» Amor, ó Deus, sem quem tudo desmaia;
» Amor que me guiaste
» O sublime cizel nesta ardua empreza,
» Ah! desce, vêm; reparte
» Da minha vida parte
» Com aquella, que tu avantajaste
» A' Deusa da belleza:

» Supre assim o languor da natureza :
» Influe doce alento
» Na minha Galathea tam formosa :
» Influe lhe razão , e sentimento.
» O' Amor ! ó Deidade grandiosa !
» Anima-a do calor , em que abrazado
» Meo coração a teo poder se rende :
» Rouba a Jove esse facho sublimado
» Do qual a vida pende :
» Sacode , vibra a chamma ,
» Que os mortaes aviventa , anima , inflamma.
» O' Amor ! ó Deus grande ! per quem vive
» Quanto nos vastos mares
» Se volve , e quanto talha os leves ares ;
» Per quem tudo revive ,
» E cuja mão potente desencerra
» A vital força que fecunda a terra !
» Escuta a voz que o teo soccorro implora ,
» E a minha Galathea
» Possa eu ver sem demora
» Sentir o fogo , que em meo peito ondea.
» Deuses , se isto impedís , de novo digo
» Que Invèja negra e fea
» Em vossos corações achou abrigo.
» Mas que vejo ! ó justos ceos !
» Treme o marmore e respira ,
» E parece se retira
» Ao toque de minha mão !

» Rubro sangue as veas gira ,
» Já seo braço me rodea ,
» E da linda Galathea
» Já palpita o coração !
» Nos olhos lhe circula , eu não me engano ,
» O teo fogo , ó Amor ! hoje cessaste
» De ser um Deus tyrano :
» Hoje sobre os mais Deuses te elevaste.
» Que te direi , Amor ? . . . Olha. . . . repara ,
» Nas faces delicadas
» As graças animadas
» Ateando desejos , e compara
» Tuas acções com esta que fizeste :
» Ve bem como a ti mesmo te excedeste :
» Prazeres fervorosos ,
» Suspiros encendidos ,
» Transportes anciosos ,
» Mil ais interrompidos ,
» Afagos e deleites , como em bando ,
» Pela voluptuosa
» Cintura , mais que airosa ,
» Qual a hera se enrolam , misturando
» As engraçadas frentes ;
» E de mimos ardentes ,
» De delicias minha alma repassando.
» O' Galathea ! ó minha doce vida !
» Tu me faltavas só para endeusar-me ,
» E de immortaes prazeres inundar-me.

» Agora brame irada
» A natureza contra mim erguida!
» Não a receio, e nada
» Já me pode assustar, porque te vejo
» Responder a meo fervido desejo;
» Dar vida a novos seres,
» Crear o sentimento
» De mil novos prazeres:
» Eis, ó Deuses! sem duvida a ambrosia,
» O divinal sustento,
» A suave celeste melodia,
» Que embebe de alegria,
» E torna glorioso o Firmamento!»

Com este pensamento
Transportado contempla a Galathea
(Que, ou mova a medo os passos,
Ou revolva o semblante,
Ou já recurve os braços
Em torno ao seo amante,
A cada movimento,
A cada novo instante,
Sente uma nova idea,
Sente um novo prazer, que a senhorea).
Então outro prodigio Amor obrando,
A lingoagem dos sons vai-lhe inspirando,
E de repente usando
D'este dote sublime

A feliz Galathea assim se exprime:

« Este marmore que toco,
» Esta flor tam graciosa,
» Nem esta arvore frondosa,
» Nada d'isto, nada he eu:
» Mas, ó tu! que ante mim vejo,
» Que todo o meo peito abalas,
» Que tam doce de amor falas.
» Ah! tu sim, tambem es eu.
» Vem a mim querido objeto,
» Aperta-me nos teos braços;
» Convence-me em ternos laços,
» Que eu e tu somos so eu. »

NOTA.

O verso do segundo recitativo:

Se volve, e quanto talha os leves ares,

estava no original assim:

Se volve, quanto habita os densos ares.

Alem d'esta, as principaes alterações, que fiz nesta bellissima composição, foram no ultimo recitativo, e na ultima aria. No recitativo os versos que alterei, e vam marcados com o signal (), estavam assim no original:

Que ou volva a medo os passos,
Ou gire o seo semblante,
Ou aredonde os braços
Em torno ao seo amante,
Em cada movimento,
Em cada novo instante, etc.

A ultima aria estava da maneira seguinte:

Este marmore que toco,
Essa flor tam graciosa,
Nem essa arvore frondosa,
Nada d'isso, nada he eu.
Mas ó tu quem quer que és,
Que todo o meo peito abalas,
Que tam doce de amor falas,
Ah! tu sim, tu inda es eu.
Vem a mim querido objecto,
Vem cercar-me com teos braços,
E assim preza em doces laços
Convencer-me que inda es eu.

As razões que me moveram a fazer as alterações que fiz, parecem-me assaz palpaveis; e por isso me poupo ao trabalho de expô-las aqui. Com tudo como em poesia, considerações de gosto devem muitas vezes prevalecer sobre considerações philosophicas ou gramaticaes, por isso assentei de conservar nesta nota a lição propriamente do autor.

ODE.

AO HOMEM SELVAGEM.

Strophe 1.ª

O' HOMEM, que fizeste ? tudo bráda ;
Tua antiga grandeza
De todo se eclipsou ; a paz dourada ,
A liberdade com ferros se vê prèza ,
E a palida tristeza
Em teo rosto esparzida desfigura
Do Deus , que te creou , a imagem pura.

Antistrophe 1.ª

Na Cithara , que empunho, as mãos grosseiras
Não poz Cantor profano ;
Empreston-m'a a Verdade, que as primeiras
Canções n'ella entoára ; e o vil Engano ,
O erro deshumano,
Sua face escondeu espavorido ,
Cuidando ser do mundo em fim banido.

Epode 1.°

Dos Ceos desce brilhando
A altiva Independencia, a cujo lado
Ergue a razão o sceptro sublimado,
Eu a oiço dictando
Versos jamais ouvidos: Reis da Terra,
Tremei á vista do que ali se encerra.

Strophe 2.ª

Que montão de cadeas vejo alçadas
Com o nome brilhante
De leis, ao bem dos homens consagradas!
A Natureza simples e constante,
Com penna de diamante,
Em breves regras escreveu no peito
Dos humanos as leis, que lhes tem feito.

Antistrophe 2.ª

O teo firme alicerce eu não pretendo,
Sociedade santa,
Indiscreto abalar: sobre o tremendo
Altar do calvo Tempo, se levanta
Uma voz que me espanta,
E aponta o denso véo da Antiguidade,
Que á luz esconde a tua longa edade.

Epode 2.º

Da dor o austero braço
Sinto no afflicto peito carregar-me,
E as tremulas entranhas apertar-me.
O' ceos! que immenso espaço
Nos sepára d'aquelles doces annos
Da vida primitiva dos humanos!

Strophe 3.ª

Salve dia feliz, que o loiro Apollo
Risonho alumiava,
Quando da Natureza sobre o collo
Sem temor a Innocencia repousava,
E os hombros não curvava
Do despota ao aceno enfurecido,
Que inda a Terra não tinha conhecido.

Antistrophe 3.ª

Dos férvidos Ethontes debruçado
Nos ares se sostinha,
E contra o Tempo de furor armado,
Este dia alongar por gloria tinha;
Quando nuvem mesquinha
De desordens seos raios eclipsando,
A Noite foi do Averno a fronte alçando.

Epode 3.º

Sahiu do centro escuro
Da Terra a desgrenhada Enfermidade,
E os braços com que, unida á Crueldade,
Se aperta em laço duro,
Estendendo, as campinas vai talando,
E os miseros humanos lacerando.

Strophe 4.ª

Que augusta imagem de esplendor subido
Ante mim se figura!
Nu; mas de graça e de valor vestido
O homem natural não teme a dura
Fea mão da Ventura:
No rosto a Liberdade traz pintada
De seos serios prazeres rodeada.

Antistrophe 4.ª

Desponta, cego Amor, as settas tuas:
O palido Ciume,
Filho da Ira, com as vozes suas
N'um peito livre não accende o lume.
Em vão bramindo espume,
Que elle indo apoz a doce Natureza
Da Fantazia os erros nada preza.

Epode 4.º

Epode 4.°

Severo volteando
As azas denegridas, não lhe pinta
O nublado futuro em negra tinta
De males mil o bando,
Que, de Espectros cingindo a vil figura,
Do sabio tornam a morada dura.

Strophe 5.ª

Eu vejo o molle somno susurrando
Dos olhos pendurar-se
Do frôxo Caraiba que, encostando
Os membros sobre a relva, sem turbar-se,
O Sol vê levantar-se,
E nas ondas, de Thetis entre os braços,
Entregar-se de Amor aos doces laços.

Antistrophe 5.ª

O' Razão, onde habitas?.... na morada
Do crime furiosa,
Polida, mas cruel, paramentada
Com as roupas do Vicio; ou na ditosa
Cabana virtuosa
Do selvagem grosseiro?.... Dize..... aonde?
Eu te chamo, ó philosopho! responde.

Epode 5.°

Qual o astro do dia,
Que nas altas montanhas se demora,
Depois que a luz brilhante e creadora,
Nos vales já sombria,
Apenas aparece; assim me prende
O Homem natural, e o Estro accende.

Strophe 6.ª

De tresdobrado bronze tinha o peito
Aquelle impio tyrano,
Que primeiro, enrugando o torvo aspeito,
Do *meo* e *teo* o grito deshumano
Fez soar em seo damno:
Tremeu a socegada Natureza,
Ao ver d'este mortal a louca empreza.

Antistrophe 6.ª

Negros vapores pelo ar se viram
Longo tempo cruzando,
Té que bramando mil trovões se ouviram
As nuvens entre raios decepando,
Do seio seo lançando
Os crueis Erros, e a torrente impía
Dos Vicios, que combatem, noite e dia.

Epode 6.°

Cobriram-se as Virtudes
Com as vestes da Noite; e o lindo canto
Das Musas se trocou em triste pranto.
E desde então só rudes
Engenhos cantam o feliz malvado,
Que nos roubou o primitivo estado.

NOTA.

Este Ode aonde brilha um estro superior ao que se destingue nas mais bellas composições d'este genero escriptas na lingoa portugueza, e talvez mesmo que em todas as lingoas vivas, foi composta no anno de 1784, tendo o autor apenas 21 annos de edade; por occasião de uma disputa que, em conversação amigavel, casualmente se levantou entre mim e elle, acerca das vantagens da vida social. A leitura do celebre discurso de João-Jaques Rousseau, sobre a origem da desigualdade entre os homens, foi a occasião que motivou a nossa pequena controversia. Para termina-la convidei eu o meo amigo a seguir friamente os meos raciocinios na analyse d'aquelle eloquente discurso, procurando fazer lhe sentir a falta de logica que em quasi todo elle se observa, quando reflectidamente se examina. Não era por certo facil trazer a este ponto um mancebo de imaginação ardente, em especial tratando-se de analysar com frieza uma composição que, de-

vendo ser toda razão, he toda fogo, como quasi todos os escriptos que sairam da penna d'aquelle homem extraordinario. Como quer que fosse, sempre convie-mos por fim em que o pensamento de Rousseau seria bello para se desenvolver em uma composição poetica; e para que a nossa lembrança não ficasse inutil ajustamos que o autor, cuja brilhante fantasia prometia eleva-lo ao primeiro logar entre os poetas lyricos portugueses, composesse uma Ode Pindarica, na qual exposesse com toda a pompa, e magnificencia poetica, o paradoxo de João-Jaques Rousseau, em tanto que eu indicaria, em uma Ode Horaciana, a verdadeira origem, e as mais immediatas vantagens do estado social. Ajuntarei aqui a minha composição, bem que muito inferior á do meo amigo, para que o publico veja o resultado de uma conversação entre dois mancebos que ainda então estavam pouco mais do que no meio da carreira de seos estudos elementares. Apresento ao publico este parto da minha mocidade de tanto melhor grado, quanto elle apar da obra do meo admiravel amigo, servirá para faze-la mais realçar, bem como as sombras na pintura servem para fazer sobresahir as figuras traçadas pela mão do pintor. Eis aqui pois o que eu escrevi n'aquelle momento.

ODE

SOBRE O AMOR,

Considerado como principio e esteio da ordem social.

Não foram, caro SOUZA, as Lyras de oiró
De Orpheo, e de Amphion, que os Leões bravos,
E os indomitos Tigres amansando,
As cidades fundaram.

Embora finjam mentirosos vates,
Que as torcidas raizes desprendendo
As arvores annosas; que os penedos,
Apoz elles correram.

Tu, só tu, puro Amor, despir podeste
Da estupida bruteza a humana especie;
So tu soubeste unir em firmes laços
Os dispersos humanos.

Sem ti insociaveis viviriam,
Nas escarpadas serras, embrenhados;
Ou nos sombrios verde-negros bosques,
Em pasmada tristeza.

As fugitivas horas passariam,
Em languido lethargo submergidos,
Té que o pungente estimulo da fome
Lhes espantasse o somno.

Os singelos prazeres da amisade,
Prazeres suavissimos, so dados
Aos peitos generosos, e sensiveis,
Provar não poderiam.

As sciencias, as artes sepultadas,
No seio da Ignorancia inda jazéram;
Que inerte, e frouxo a nada se atrevéra
Um peito enregelado.

As bellas Marcias, as gentis Lycores,
Em vão dos vivos olhos fusiláram
Accesos raios, com que audaz fulminas
Rebeldes esquivanças.

Suas vermelhas engraçadas bocas,
Em vão, meigos sorrisos soltariam,
Tingindo as juvenís mímosas faces
De pudibundas rosas.

Anhelantes suspiros, brandas queixas,
Ternos agrados, carinhosos gestos,
Nada mover os peitos poderia
Dos animados troncos.

Dos Risos, e das Graças rodeada,
Venus com farta mão não derramára
Em seos rusticos leitos brandas flores,
Flores que tu só colhes.

O gosto de abraçar a cara Esposa,
De se ver renascer nos doces filhos,
De educar cidadãos, nutrir virtudes,
Coitados! não sentiram.

Víra-se em breve, co'o volver dos annos,
Hermo de novo, o povoado mundo,
Té que do seio da fecunda terra
Outros homens brotassem.

Ah! crê-me, SOUZA, Amor, Amor, somente
A vasta Natureza vivifica:
Amor nossos prazeres todos géra,
Nossos males adoça.

O soldado animoso, que se arroja
Com brio denodado a expôr a vida,
Em defensa da Patria ameaçada
De inimigas phalanges;

Depois de haver sofrido longas marchas
Por aridos sertões, por frias serras,
Arrastrando cansado os cavos bronzes
Nas pesadas carretas;

Depois de ouvir nas horridas batalhas,
Troando o furiosa artilheria,
Pelos ares silvar os ferreos globos
Que a morte envolta levam;

Depois de ver os rápidos ginetes
Atropelando os fulminados corpos
Dos cahidos guerreiros, que em vão pedem
Vingança, ou Piedade,

Entre os braços da timida donzela,
Que Amor lhe prometera, prompto esquece
As passadas fadigas, os horrores
Da guerra sanguinosa.

O misero cultor, que industrioso
Do fertil seio da benigna terra
Faz abrolhar os preciosos frutos,
Que a vida nos sustentam,

Ou já sofra no frigido Janeiro,
Em quanto o arado rege, os finos sopros,
Com que lhe tolhe os calejados dedos
O gelado *Nordeste*;

Ou já suporte no calmoso Estio
Do abrazado *Sudão* o ardente bafo,
Cuidoso, o loiro trigo debulhando
Nas pulvereas eiras;

Apenas desenvolve o denso manto
Sobre a face da Terra a noite amiga,
Se o repouso procura aos lassos membros
Na rustica morada,

Vendo a fiel consorte, que saudosa
Ao encontro lhe sahe, e o caro filho,
Que largando da Mae o doce peito,
Lhe estende os tenros braços,

Em ternura suavissima desfeito,
Que o casto amor no coração lhe entorna,
Contente já de sua humilde sorte
Bendiz a Providencia.

Assim, ó SOUZA, na fiel balança,
Onde a Razão os bens, e os males pesa,
Se vê que, sem Amor, a vida humana
Seria insuportavel.

ODES ANACREONTICAS.

ODE I.ª

Omnia vincit Amor.

Juntos os Deuses no suberbo Olimpo
Viram brincando o fero Deus Menino,
Que, com travessa mão, dextro desfere
Mil vencedoras settas.

Os chocalheiros Risos o rodeam,
Os meigos Gestos, os Suspiros ternos,
Os mimosos Afagos fervorosos
Em torno lhe revoam.

Riram-se os Deuses, e Cupido irado
Em batalhões reparte o lindo bando,
Que promptos, e ordenados já encurvam
Os seos temiveis arcos.

Um aceno de Amor abate os Deuses:
Correm vencidos em tropel confuso
Apoz as lindas Graças, que fugindo
Seguram a victoria.

O vencedor ufano, então vaidoso,
Com risonho desdem zombando, empunha
De Neptuno, e Plutão, de Marte, e Jove
Os sceptros radiantes.

Maligno e vingativo, largo espaço,
Na mão sustenta do Universo as redeas:
Amor os Montes, os Palacios, tudo
Amor então respira.

ODE II.ª

Oh! quanto es bella
Vermelha rosa,
Tu me retratas
Nize formosa.

Lindo botão
Vejo a teo lado,
Qual junto a Venus
O Filho alado.

Elle de Nize
Me pinta a cor,
E o seo amavel
Terno pudor.

Verdes espinhos,
Para defeza,
Te pôz em torno
A Natureza.

Tal a Razão,
Sempre adoravel,
De Nize cerca
O peito afavel:

N'elle se enlaça,
Bem como a hera,
E seos desejos
Rege severa.

Quando no meigo
Seio de Flora
O orvalho atrahes
Da roxa Aurora,

Sobre as mais flores
Beleza ostentas:
D'ellas o sceptro
Ter representas.

Ah! quantas vezes
Da especie humana
Julguei ser Nize
A Soberana.

Tam gentil rosto
Jamais a Terra
Viu; n'elle a força
D'Amor se encerra.

O' Flor mimosa,
Quero colher-te,
E no meo peito
Sempre trazer-te.

Mas ah! depressa
Tu murcharás,
E imagens tristes
Me lembrarás.

Já de horror sinto
Torvar-se o sp'rito,
E o coração
Bater-me afflito.

A minha Nize
Tambem da Morte
Hade sentir
O duro Corte!

Fazei-a, ó Ceos,
Ou menos bella,
Ou nunca a Morte
Possa vencêlla!

ODE III.ª

Não temas Nize,
Entra sem susto,
No Templo augusto
Do Deus de Amor.

Entra: verás
Ligeiro bando
De mil Amores,
Ledos voando.

Não te intimides
De vê-lo armado
D'arco, e d'aljava
Pendente ao lado.

Amor não tem
Alma tam dura,
Que não respeite
A Formosura.

Quando tivesse
Peito de féra,
Teo lindo rosto
Brando o fizéra.

Venus deseja
Filha chamar-te,
Paphos e Gnido
Quer adorar-te.

O vil ciume,
Negro furor,
Para assaltar-te,
Não têm valor.

Antes rendidos
Te adorarão;
Sua Rainha
Te chamarão.

Ternas finezas,
Doces abraços,
De Nize bella
Serão os laços.

CARTA

AOS MEOS AMIGOS,

Consultando-os sobre o emprego mais proprio de meos talentos.

QUAES os raios de Phebo luminosos,
Quando assoma no Oriente o seo semblante,
Se arrojam sobre a Terra fervorosos,

E crescendo em vigor, d'instante a instante,
Despenham-se per toda a Redondeza,
Banindo as Trevas que se põem diante;

Assim, fervendo com igual presteza,
Mil ideas á vaga Fantasia
Se apresentam vestidas de belleza.

Ora Apollo me ordena, que a Alegria
Pinte movendo os torneados braços,
Entre os risos, e a doce melodia.

Ora de Amor os delicados laços
Aperto, pelas Musas ajudado;
Ora os afrouxo, e rompo em mil pedaços.

Se estendo os olhos pelo triste fado
Que os humanos persegue, a luz brilhante
Da moral accender-se vejo ao lado.

O'

O' virtude sublime! o teo amante
Nome repito, e logo as Musas descem
A accompanhar-me em lyra de diamante.

Principio a cantar-te, e se me offrecem
Cruentos erros, que em tropel se apinham,
E a luz que tinha quasi me escurecem.

Impavido os arrosto, e ja não tinham
Alçada a frente altiva; quiz piza-los;
E não sei que temores me detinham.

As paxões em furor, para ajuda-los
Vejo revoltas; mas vencendo o medo,
Com mais força, jurei de maltrata-los.

Desde então Melpomene, que um rochedo
No Pindo habita, e que meo peito accende,
Ao ouvido me diz isto, em segredo:

Calça o cothurno; que temor te prende?
Con pincel atrevido, o triste damno
Das paxões pinta, e com meo fogo as rende.

Mas Thalia travêssa, que o tyrano
Vicio escarneça, disse; e logo o riso
Vi raiar em seo rosto, doce e humano.

Com magestoso andar, chea de siso,
Calliope formosa me ordenava
Que, altivo, imite o Mantuano Anfriso.

Mostra-me ao longe a luminosa aljava,
Que dos claros Varões esconde o nome,
A Deusa que os Sallustios inspirava.

Vós, a quem a mania não consome,
Caros amigos, de deixar á edade
Vindoira escriptos vãos, que o tempo come:

Vós que o peito cerrastes á vaidade;
E se escreveres, serão só escriptos
Dictados pelo bem da Humanidade:

Socorrei-me em tam asperos conflitos;
Pois onde mora a candida virtude,
Tambem habitam os sublimes ditos.

Esse oiteiro sombrio, ingreme, e rude,
Onde as sciencias o seo throno ergueram,
Subir, ao vosso lado, nunca pude:

Medî as minhas forças; pois cederam
Em vós do sp'rito seo tamanha parte
As soberanas Musas, que vos deram
Sublime engenho, fino gosto, e arte.

ELEGIA

A' AMISADE,

Dirigida ao Doutor Francisco-José de Almeida, n'ella designado pelo nome de Fileno.

QUANTO he doce existir! Quanta doçura
Em ti encerras, preciosa vida,
Inda mesmo em momentos de amargura!

Sagrados Deuses, e hei de ver perdida
Esta fonte de bens e de prazeres,
Entre as garras da morte enfurecida?....

Não vos invejo, soberanos Seres,
Os bens que possuis; so vos invejo
O não teres receio de os perderes.

Ternos Pastores do aprazivel Tejo,
Alegrai-vos comigo: horas amaveis,
Parai; obedecei ao meo desejo.

Da candida amisade as mãos afaveis
Sinto amimar-me; et já na erguida frente
Ella me imprime beijos adoraveis.

Tu me afagas, ó Deusa!... Ceos!... Que enchente
De graças lhe atavia o meigo rosto,
E da boca lhe sahé tam docemente!

Sim : Amigos achei ; fuja o desgosto
Sobre as azas do Tempo fugitivo ,
E na terra não torne a achar mais posto.

O Fado , n'outro tempo , injusto , e esquivo
Fez-me beber no calix da desgraça
Mil desprazeres de amargor activo.

Esgotei, he verdade, a horrivel tassa :
Mas ao tragar do fel , terna amisade
Achei ; ter já não temo a sorte escassa.

Dos beiços teos pendendo , a suavidade
Meos trabalhos adoça ; não te excede
Dos favos de Hybla a doce amenidade.

Junto a ti não receo fome ou sede ;
Pois , com armas singelas a Virtude
De encarar-me ferozes , as impede.

Nos altos tectos , no penhasco rude ,
Se a meo lado te encontro , da tristeza
Recear o semblante nunca pude.

Meo querido Fileno , a Natureza
Esmerou-se em formar-te ; no teo peito
Unindo dotes de immortal belleza.

A ternura beijou teo brando aspeito ;
E dos seos labios o signal gravado
Infunde puro amor , puro respeito.

De ti para mim vôa o delicado
Sentimento , com sua mão mimosa
Polindo um coração por ti formado.

Seo tacto he tam macio como a rosa
De transparente orvalho rosciada,
Quando a bafeja Filis amorosa.

Amisade fiel tam desejada,
Tu não existes só na fantasia;
Tu não es uma fabula sonhada.

Enchei-vos, rios, montes, dealegria;
Sentî um pouco do prazer, que abala
Minhas entranhas n'este claro dia.

Loucos Amantes, vosso peito estala
Nos braços do ciume roedor,
E em vós a paxão cega he só quem fala.

Se assim mesmo prezais esse furor,
Que a razão desaprova, sêde embora
Escravos do tyrano Deus de Amor.

Fileno, a tua voz encantadora
Faze soar, verei baxar a ouvir-te
A Razão, que tua alma tanto adora.

A sublime Razão que fez sentir-te
O veneno cruel, que Amor encobre
Nas settas com que já soube ferir-te.

Ah! trinta vezes seos prazeres dobre
Esse louco rapaz; terna Amisade!
Eu não o temo; o braço teo me cobre.

Das almas puras pura Divindade,
Escuta-me benigna: dize, a Morte
Não poupará Fileno?... Ceos! piedade!

Dize-me, acaso a desabrida sorte,
Antes que eu desça á fria sepultura
Desferirá contra elle o final corte?

E como poderei sua figura
Ver em medonho feretro estendida,
Tinta da côr da pallida amargura!

Seos olhos.... seo esp'rito.... O' desabrida
Imagem, de mim foge: que eu não posso
Suportar tam pungente, atroz ferida.

Deusa que imperas sobre o peito nosso,
Ouve os meos rogos: assim cante a Terra
Sempre louvores ao imperio vosso.

Os meos gemidos no teo seio enterra:
Escuta, ó Deusa: no fatal momento,
Que em si do meo Fileno a morte encerra,
Faze que eu tambem lance o ultimo alento.

SONETOS.

SONETO I.°

OITO annos apenas eu contava,
Quando á furia do mar abandonnando
A vida, em fragil lenho, e demandando
Novos climas, da Patria me ausentava.

Desde então á tristeza começava
O tenro peito a ir acostumando;
E mais tyrana sorte adivinhando
Em lagrimas o Pae, e a Mae deixava.

Entre ferros, pobreza, enfermidade
Eu vejo, ó Ceos! que dor! que iniqua sorte!
O começo da mais risonha edade.

A' velhice cruel, (ó dura Morte!)
Que faz temer tam triste mocidade,
Para poupar-me, descarrega o córte.

SONETO II.º

Nas loiras tranças da gentil Tircéa
Os Amores, per gosto se prenderam,
E em seos formosos olhos se esconderam
As tres Graças, e a mesma Cytheréa.

O terno pejo as faces lhe rodéa,
E as côres, com que as pinta, se escolheram
No seio da ternura: já cederam
Vulcano e Marte á chamma que ella atéa.

Dos rubros labios pende a formosura,
Que estendendo o seo braço delicado
O collo lhe formou de neve pura.

Este lindo semblante o Deus vendado
Beija mil vezes, e com elle jura
Ter dos Ceos, e da Terra triunfado.

SONETO III.º

Que sonho tam feliz!... Em molle leito
Os membros, caro Anfriso repousava,
Quando, as azas batendo, se encostava
Um filho de Morpheo sobre o meo peito.

Mencando um pincel com ledo aspeito,
Nos braços da Amisade me pintava,
Que risonha o seo templo me mostrava
Aonde os Deuses entram com respeito.

Junto á porta se via a compassiva
Ternura, que o teo nome repetindo,
Parecia ficar por isso altiva.

Mal me viu foi o ermo Templo abrindo,
E da Deusa no Trono a imagem viva
De nossos corações vi reluzindo.

SONETO IV.º

Feito de improviso junto á sepultura de D. Ignez de Castro.

Os Amores em chusma se ajuntaram
A formar esta lugubre escultura:
Mas ao traça-la, cheos de ternura,
Os meigos olhos com as mãos taparam.

O Genio da Tristeza, que invocaram,
Lhes aplica o Cizel á pedra dura,
E a triste magestosa sepultura
De Ignez e Pedro juntos acabaram.

Para admirar esta obra, la de Gnido,
Talhando os ares, vem ligeiramente,
Vaidoso e ufano, o fero Deus Cupido:

Mas ao vê-la desmaia; e de repente,
De compaxão insolita movido,
O rosto vira, e o banha em pranto ardente.

SONETO V.º

Ouvindo o pranto dos fieis Amores,
Que o seo chefe procuram, traspassada
De susto a linda Venus, desgrenhada
Corre a buscar o Filho entre os pastores.

Já pergunta por elle ás tenras flores:
Já aos ventos, e em lagrimas banhada,
Que lh'o tragam depressa, afflicta brada;
Prometendo mil premios, mil favores.

A um lado e outro, sem cessar voltando
Os olhos, onde a magoa reluzia,
Vê de Filenó, acaso, o gesto brando.

O Filho cuida vêr: e já corria
A dar-lhe um beijo; eis pára, e suspirando
Recua; porque aljava lhe não via.

SONETO VI.º

Maltratar a Tithon Amor jurava ;
Pois junto á bella Aurora adormecido ,
Ser mais feliz que o proprio Rei de Gnido ,
Em sonhos engolfado imaginava.

Vai de Nize valer-se , que adorava ;
Nos braços a segura enternecido ,
E com sereno vôo despedido ,
Ao lado de Tithon a recostava.

Acorda o branco Velho , e mansamente ,
Os olhos esfregando , busca a Esposa ;
Mas vendo Nize , estranho fogo sente.

Em vão quer abraça-la : a mão ciosa
De Cupido lh'a rouba ; e descontente
A vida desde então lhe he só penosa.

SONETO VII.º

Aos Annos de uma Menina.

Não creas, gentil Marcia, na pintura,
Com que malignos Genios figuráram
O veloz Tempo, quando a mão lhe armaram
De cruenta, implacavel, foice dura.

Inimigo fatal da formosura,
Com fantasticas cores, o pintáram;
E nem ser elle, ao menos acenáram,
Quem desenvolve as graças da figura.

Qual cerrado botão de fresca rosa,
Que o ligeiro volver de um novo dia
Abre, e transforma em flor a mais mimosa:

Tal, a infantil belleza, inerte e fria,
De anno em anno se torna mais formosa,
E novo brilho, novas graças cria.

AS AVES,

Noite Philosophica.

AGORA que os humanos repousando
Seos lassos membros, um silencio triste
Parece *adormecer* a Natureza;
Quando apenas da Filha de Latona
Os descorados raios se divizam,
E de nocturnas tremolas Estrelas
Brilha o clarão *escasso* e fugitivo;
Desce do cume do sagrado Olimpo,
O' Filha da Razão a mais amada,
Messageira da candida Verdade,
Sisuda Reflexão, que magestosa
Calcas o collo do suberbo Engano:
Escuta um genio que, de ti pendente,
As obras quer pintar da Divindade.
Sobre as azas brilhantes sopesado,
Com que sustentas firme os que te invocam,
Seguro voarei, acompanhando
Do ar os innocentes moradores.
Que scena tam sublime se me off'rece!
Nunca, ó dura Familia dos humanos,

Celebrarei teo nome em prosa ou verso: »
Vicios, cruezas, vergonhosos erros
Compoem a tua desgraçada historia:
Nos ermos bosques, *nos penhascos broncos* »
Procurarei solicito alguns visos *
Das singelas feições da Natureza, *
Que estudado artificio, insano orgulho *
Não poude ainda destruir de todo. *
O' Tompson, ó Virgilio! Quem a lyra
Me poz ao lado, que soou no *Tibre*,
E nas ribeiras do avarento *Támesis?*
Eu lanço d'ella mão: tambem *no Tejo* »
Ressoarão as suas aureas cordas. *
Erguei, Tagides bellas, sobre as ondas
O delicado rosto; dai-me ouvidos,
E vereis como as graças da Poesia
Adornam, aviventam frios rasgos,
Com que um genio imnfortal, lá dentre os gelos
Da guerreira Suecia, desenhava
As varias ordens de emplumadas Aves.
Qual dextro General, que vendo a guerra
Assanhar as serpentes sibilantes,
Da carrancuda fronte em mil fileiras
Sabio divide a militar cohorte;
Assim a Mae fecunda e providente,
Que vigorosa e meiga comunica
A tudo o ser e a vida, combatendo
Em campo aberto a confusão escura,

Em seis diversos batalhões reparte
O lisonjeiro matizado bando
Das voadoras aves. Qual batendo
As desenvoltas azas lhe deslumbra
Os olhos assombrados : qual cantando
Faz o terrivel tresdobrado açoite
Cahir das mãos da perfida inimiga :
Qual outro encurva as retorcidas unhas,
E com gesto feróz, acceso em ira
Lhe arranca a vida em negro sangue envolta.
Já vejo triunfantes sobre as nuvens
Soltar ligeiras destemido vôo
Ás carniceiras aves bellicosas,
Que só vivem de roubos sanguinarios.
Diferente figura lhes pintára
Das mais, que vivem sobre os mansos ares,
O supremo Senhor que tudo rege ;
Quando, cheo de luz e magestade,
Fazia retumbar, do informe Nada
No perguiçoso reino, a creadora
Omnipotente voz. Dura materia
Da sua frente desce dividida
Em forma orizontal, Rostro lhe chamam :
Ora quasi ao nascer logo começa
A curvar-se feroz : ora já perto
Da *aguda* ponta se endurece, e torce :
A parte superior a um lado e outro
Se estende, e cobre a que debaxo fica.

As

As vezes inimigo dente alveja,
E ameaça do ar os moradores.
Tudo n'ellas retrata o turvo aspeito
Da faminta, cruel ferocidade.
Foi ella quem, movendo as mãos de ferro,
As unhas lhe arqueou, soltou lhe os dedos,
Que uma leve membrana prende em outros:
Pequenas prominencias, que os afeam,
Uniu a estes, e de força rára
Os membros todos lhe *dotou* raivosa. »
O' tu, que cercas o terreno espaço,
Que, com os outros seres reputados *
Por elementos primitivos, gozas
Da gloria de formar a Natureza;
Que as vezes *susurrando* mollemente »
Retratas de Cupido o somno *brando;* »
Que outras vezes zunindo furioso,
Os mares revolvendo, Os Ceos insultas, *
Deserto não serás. Ligeiras aves
Vam seos ninhos deixar, e remontar-se
Sobre a massa pesada que lhe off'reces.
Amor as tinha unido, este Deus cego
Que estende o seo poder do Bruto ao Homem,
Animando o Universo frio, e inerte
Per toda parte com seo vivo influxo.
Apenas a benigna Primavera »
Sua face risonha sobre a Terra »
Principia a mostrar; movendo as azas

O carrancudo Abutre, e expondo ao vento
A despida cabeça, a um lado e outro
Volve a cruenta bipartida lingoa;
E sobre alcantilada nua rocha,
Onde as ondas quebrando *iradas fremem*, »
Ou ja sobre o mais alto erguido cume *
De pedregosas, ingremes montanhas, *
Em vão dos bravos ventos açoitadas, *
Seo ninho vai formar; em quanto gira
O ousado Falção, tambem no bico,
Que em torno cerca já gastada pelle,
Os aprestes trazendo que lhe aponta
Amor, da Natureza doce esteio.
Em que te occupas, diligente *Lanio*,
Quando já de mil flores coroada
A estação dos Amores se adianta?
Já te vejo rasgar os leves ares,
E sentindo aquecer o rubro sangue
Cedes tambem de Amor ao vivo impulso.
Sim, es tu..... não me engano..... a Natureza
No teo rostro caracter *mui distincto*. »
Estampou, com mão firme *e vigorosa*, »
Fazendo-o menos curvo, e interrompendo »
A constante, subtil, polida margem
Com mui visivel falha; e vigorando-o
Com assassino duplicado dente:
Não te demores, aproveita os dias,
Em que ferve o prazer, e Venus bella

D'entre as vagas do mar, onde acolhida
No seio de Amphitrite repousava,
Ergue a frente cercada de deleites.
Olha como respira docemente,
E nas azas dos Zefiros levada
Seo halito fecundo se insinua
Nas entranhas da Terra amortecida:
Como, depois do Inverno triste e languido,
Remoça o orbe vigoroso e ledo.
Já nos campos, nas asperas Florestas
Ao ninho esperançoso te convidam
As arvores, no verde altivo cume
Afiançando providente abrigo.
Não eram estes os cuidados ternos,
Que na amorosa, errada fantazia
Imaginavas nescia, ó Nictimene.
Suberbo throno a perfida Fortuna
Parecia guardar-te; eis de repente »
Da Noite sob o manto escuro e denso
Envolta foges, agoirando males,
E te esquivas á luz do sol brilhante. »
Nas frouxas garras do lascivo Incesto,
Perdeste a delicada antiga forma. »
A occulta mão, que o crime enfrea e pune, »
De escuras pennas revestiu-te o corpo: »
Na cabeça disforme la te rasga »
Os olhos que, por grandes, mais te afeam,
Nem se erguem sobre o curvo rostro as plumas,»

Que airosas n'outras aves o rematam : »
Frouxas e reclinadas a guarnecem , »
Afrontando as obtusas corneas ventas ,
E entre todas te fazem conhecida.
De Creta sobre as praias lastimosas ,
Aonde pela vez primeira o canto ,
Horrivel que entoaste , foi ouvido ;
Desgrenhando as madeixas de oiro fino ,
Longos annos gemendo memoraram
Teos erros , e teo fado miserando ,
As compassivas Ninfas , e as Napeas. »
Mal podem consolar-te ufanas plumas , »
Que recurvadas na cabeça imitam »
Da tortuosa orelha o fino talhe :
Embora a teo querer obedientes »
Ora se abaxem , ora se levantem : »
Não cabe em vãos ornatos da desgraça *
Mitigar o pungente acerbo golpe : *
Que te vale ter sido consagrada
A' casta Deusa que ao saber preside ;
Se te deslumbra os olhos vergonhosos
A luz clara do dia , e torpe objecto »
Exposta jazes á picante mofa
Dos passaros mais debeis , e mesquinhos ? »
Tal he per toda parte o teo destino ,
Quer nos campos da Ausonia , negras azas
Agites , ou nos rijos pés despidos »
De plumage te firmes : quer ostentes »

Alvo corpo nas frigidas montanhas, »
Onde o baxo Laponio contrafeito, »
Miseravel sustenta errante vida. »
Embora vingues dilatados mares,
E de Hudson nas róchas procellosas
Assentes o teo ninho, ou la nas terras,
Onde o seo throno nebuloso o Inverno
Firmou sobre montões de fria neve,
E esteril gelo; terras desditosas,
Que um capitam, brioso alucinado, *
O ousado Magalhães ao Mundo antigo »
Patentes fez, tentando nova estrada »
Que per ignotos rumos conduzisse *
Os emulos da Patria a disputar-lhe *
O dominio, e riquezas do Oriente: *
Vingança torpe de renome indigna! *
Debalde buscas solitario asilo *
Em ermas plagas, em gelados climas: *
Sitio não há, aonde os refulgentes *
Raios do claro sol te não deslumbrem, *
E em que a vil cobardia não te force *
A suportar ludibrioso escarneo »
Das aves que, feroz e atraiçoada, »
Surprendes, e que barbara laceras, »
Quando da Noite o soporoso bafo *
As convida a gozar placido sómno. *
Nem tua crua indole se abranda »
Nos climas do Brazil, onde Amor vive

De exquisitos deleites, de finezas, »
E de ternas meiguices rodeado: »
Paiz aonde as Musas, que risonhas, *
Carinhosas o berço me embalaram, *
Outra Hippocrene rebentar fariam,
Outro Parnaso excelso e sublimado
Aos Ceos levantariam, se ao ruido
De pesados grilhões jamais podessem
As filhas da Memoria acostumar-se. »
Alí a terra com perenne vida
Do seio liberal desaferrolha
Riquezas mil, que o Lusitano avaro
Ou mal conhece, ou mal aproveitando,
Esconde com ciume ao Mundo inteiro (1).
Alí, ó dor!.... ó minha Patria amada!
A Ignorancia firmou seo rude assento, »
E com halito inerte tudo damna, »
Os erros difundindo, e da verdade
O clarão ofuscando luminoso.
Alí servil temor, e abatimento
Os corações briosos amortece,

(1) Esta obra foi escrita mais de vinte annos antes de S. M. passar a este paiz, e de estabelecer n'elle o mais *liberal* dos governos. Actualmente viajam no seo interior *Mineralogistas* e *Botanicos* Francezes, Alemães, e Bavaros: e viajariam os de outra qualquer Nação, se o pretendessem.

E em quanto a Natureza desenhava
De outro Eden as campinas deleitosas,
A estupida Ambição com mão mesquinha »
Transtornou seo magnifico projecto, »
E so parece aparelhar abrigo
A's aves, que do dia se arreceam,
E procuram da Noite a sombra triste.
Por isso, ó Nictimene, te acolheste
Do Brazil aos rochedos e ás Florestas,
Aonde o Indio em seo falar singelo
Jacorutú chamou-te, e te conhece
Não só pelas feições, com que na Europa
O Bufo das mais Aves se apartára;
Mas pela varia cor de branco e fusco,
E de amarelo que te tinge as pennas.
A despeito de tam gentil plumage,
As aves que te temem, quando assoma
No longinquo orizonte o prateado, »
Sereno rosto de Diana casta, »
De ti zombam, mal Phebo d'entre os braços »
De Thetis se levanta radioso. »
Mas não foste tu só, que o Fado austero
Assim tratou: Princeza desgraçada,
Bem sabido he o caso lastimoso
De Ascálafo loquaz, quando do Erebo
Agastada a Rainha quiz punil-o
Da funesta imprudencia em que cahira.
Já pela mão de Ceres conduzidos

Abandonavam as incultas brenhas »
Os homens d'antes barbaros e rudes, »
E qual de abelhas diligente enxame,
Com discreto trabalho melhoravam »
Os fructos que bravios dava a terra, »
E as ricas fontes da abundancia abriam. »
Já das artes em fim a que mais vale,
Aquella que fixou e que sustenta
O social Estado, começava
A libertar os homens da bruteza,
Que nas asperas serras os detinha; »
Quando das chammas do sulphureo Etna,
Em voragens envolto de atro fumo,
Rompeu, e viu o dia o Deus do Averno.
Amor, que então nas apraziveis praias
Da Sicilia aportára, mal o avista
Maligno se sorrì, e com destreza »
No arco embebe envenenada setta, »
Com que lhe vare o duro indocil peito. »
Mal o tiro desfere, e vê turbado »
O implacavel Plutão, que ancioso exhala *
Um profundo suspiro; a mão erguendo, *
Com o dedo lhe aponta astucioso »
Proserpina de Ceres filha amada,
Que festiva traçava, e graciosa »
Mil innocentes jogos com as Nimphas, »
Suas ledas, amaveis companheiras: *
Vê-la, abraça-la, e com despejo insano »

Rouba-la, foram actos de um momento, »
Para o Deus que domina o Estigo Lago.
Mas já soam os miseros lamentos, »
Os suspiros, as lagrimas queixosas »
Da magoada Ceres que buscava, »
Atonita e convulsa, a cara Filha. »
Debalde pressurosa os desabridos »
Climas percorre aonde o frio Norte »
No gelo enrija as ponteagudas azas: »
Debalde a esses passa, aonde Cook »
Ousado quanto humano, com mão firme »
Fixou do Mundo a derradeira meta: »
Debalde a sua amavel Proserpina »
Chama, vertendo amargurado pranto: »
Nenhuma voz responde a seos clamores: »
Nenhum vestigio encontra, que avivente »
Em sua alma a esperança amortecida. »
De novo entre gemidos volta aos Campos,
Onde Arethusa, em fonte transformada,
Per desvios conduz as claras agoas,
Como se inda fugisse á petulancia, »
Com que Alfeo abraça-la pretendia. »
Os olhos, onde as lagrimas pulavam, »
Lançando acaso á limpida corrente, »
Vê ainda boiando sobre as ondas »
O cinto virginal de Proserpina;
E como se a perdera nesse instante,
Volvendo ao Ceo o rosto magoado; »

Fere co' as tenras mãos o niveo peito, »
E solta aos ares insofridos brados. »
Já quasi maldizia a terra ingrata,
Em que tanto pezar a sossobrava;
Quando Alfeo, d'entre as agoas levantando
A limosa cabeça, lhe dizia:
Modera, ó Deusa, a tua dor; e sabe
Que no Tartareo Reino o sceptro empunha
Do teo materno Amor o doce objecto:
Eu a vi, de Plutão entre os nervosos »
Negros braços, entrar no seio escuro »
Da terra, que se abríra; e conduzida »
Ser por elle aos Abysmos. Só de Jove »
A voz omnipotente pode agora
Arranca la do Reino de Summano.
Disse; e a Deusa subindo ao alto Empíreo,
A Jupiter expõe o infame roubo, »
Com lagrimas de dôr pungente e viva. »
Condoido o Pae terno lhe promete »
Que a filha lhe será restituida; »
Se, com fructos do Averno, suavisado »
Ainda não tiver a fome ou sede. »
Lei dura! mas do Fado irrevogavel *
No livro dos Destinos decretada. *
Afoita Ceres desce ao Lago Estigio: »
Mas pode acaso afiançar prudente »
Quem a força conhece, e o vivo impulso »
Dos apetites no femineo sexo, »

Que de um formoso fructo os atractivos »
Não ham de escurecer, por um momento, »
De acerbas magoas a impressão penosa? »
Proserpina gentil, sem que a pungente »
Materna saudade lhe empecesse, »
Ou de Plutão a barbara bruteza »
De invencivel horror a penetrasse, »
Tinha provado, nos jardins que cercam »
Do austero Dite o magestoso Paço, »
Succosos bagos de Romam viçosa, »
Que a rubra cor da vivida Granada »
Pelas fendas da casca aos olhos mostra. »
Ascalafo sómente a tinha visto
Saborear o delicado pomo; »
Ascalafo, que filho era de Orphene,
Entre as Nymphas do Averno a mais formosa.
Tal da Ethiopia nas adustas Cortes, »
Entre as Esposas dos brutaes Monarchas, »
Por linda se avantaja a que reune
A' negra cor do Ebano lustroso »
Olhos, aonde o fogo de Amor brilha, »
E dentes que na alvura sobrepujam
O polido marfim: assim de Ascalafo
No Averno a Mae gentil se avantajava »
A's outras Nymphas de infernal belleza, »
E Plutão junto d'ella, muitas vezes,
Das fadigas do throno se esquecia.
Até ao vê-la o duro Rhadamanto

Se diz que os feros olhos ameigava : »
Mas era vãa , travessa , e sem disvelo
Tinha educado o filho , que imprudente
O segredo fatal revela , quando »
Já entre os meigos braços a Mae terna »
Reconduzia a suspirada Filha. »
Indignou-se do Erebo a Sob'rana ,
E nas agoas do torvo Phlegethonte
Ensopando flexivel , tenro hysopo ,
Lhe aspergiu a cabeça que disforme , »
E emplumada ficou : a um lado , e outro »
Seis recurvadas pennas se levantam , »
A's humanas orelhas parecidas ; »
Quiz falar , e do rostro adunco rompem
Somente tristes agoireiros pios ,
Que frequente com rouca voz repete : »
Vai os braços mover , e sobre os ares »
O levantam pintadas longas azas »
De pardo-escuro , e ruivo colorido :
Em vez de pés , so dedos guarnecidos
Acha de agudas encurvadas unhas :
Desde então as nocturnas sombras ama ;
E do Averno fugindo sobre a Terra
O vôo dirigiu , onde lhe chamam
Mocho , presago de funestos males.
Ora habita edificios carcomidos ,
Ora cavernas de medonhas rochas ,
Ou cavos troncos de arvores antigas :

Sempre nos montes vive, e perguiçoso,
O unico signal que testemunha
Sua antiga grandeza, he a vaidade »
Com que em ninhos alheios deposita »
Os proprios ovos, para ver sem custo »
Prosperar a voraz infausta prole. (1) »
Apezar da perguiça, que lhe acanha
Os brios, muitas vezes por morada
Escolhe as terras, onde Marte ostenta
Já fereza selvatica indomavel, »
Já discreto valor, e arte engenhosa; »
E na Patria aparece dos Gustavos,
Ou lá no Canadá quasi deserto: »
Nem duvida assentar nocturno pouso »
Na fertil regadia Carolina,
Onde a face do homem brilha ufana

(1) He abuso inveterado entre os Portuguezes, assim Europeos como Americanos, dar a crear seos filhos a Escravas ou Amas mercenarias: não tanto pelo desejo de libertarem as proprias mulheres do incomodo de amamentarem os filhos, como pela fatuidade de ostentarem educação diferente da do povo baxo e miseravel. E he esta preocupação tanto mais forte, quanto menos tempo ha que as Familias, que a adoptam, sahiram d'aquella classe, com a qual a sua actual riqueza as leva a pretender não confundir-se: ou da qual só se distinguem pelos bens que possuem.

Com as feições da nobre independencia. »
Viver não lhe apraz menos, nas Antilhas;
Mas como se intentara disfarçar-se
Em acanhado corpo, se assimilha »
Ao Cuco detestado dos Esposos,
Bem que este facilmente se distingua;
Porque menos disforme move as lisas »
De variada cor lustrosas pennas. »
Aos lados da cabeça uma só pluma »
Se lhe divisa, a qual mui mal imita »
O talhe auricular. Contam que fora »
Da Etruria n'outro tempo Rei potente, »
Dotado de belleza sobre-humana, »
De engraçados, afaveis, meigos gestos, »
Que com força invencivel atrahia »
Os corações mais rigidos e austeros. »
Sempre imbelle, jamais brandira lança, »
Ou escudo embraçou, cingiu espada; »
So de Cupido na amorosa guerra »
Continuo se mostrou firme, e incançavel. »
Alpinello era o nome do Monarcha,
Da poderosa Venus protegido, *
Que devoto podera ornar seos Templos *
Com mil padrões de insolitos prodigios. *
Oprimido dos annos, e coberto *
Dos louros triunfaes do Deus de Gnido, *
A' Deusa pede com instantes rogos, *
Que lhe conserve o ser, e a forma mude *

Em ave graciosa, cujo canto, *
Seo nome e seos triunfos recordando, *
A fama perpetue das ditosas *
Continuas oblações, que lhe ofertára. *
Ouviu a Deusa a suplica devota, *
E em premio de seo merito o transforma «
Naquella ave maligna, conhecida »
Pelo nome de *Cuco*, que inda agora »
As vivas fantazias atormenta »
De ciosos, amantes indiscretos, »
Pintando n'ellas mil visões funestas »
De torpes scenas, perfidos enganos. »
Assim vagando, de um em outro clima, »
Chegou té ás austraes miseras terras, »
Firme morada em todas assentando. »
No fecundo Brazil, onde seo corpo »
Apoucado se mostra, o nome troca »
Em Caburé; mas, mais formoso ostenta »
Grandes, redondos, amarellos olhos, »
Onde brilha central negra pupilla: »
A seo arbitrio abaxa, ou ergue as plumas »
Que, em lateral postura, a frente adornam, »
Quaes agudas, polidas, moveis pontas. »
Facilmente domestico, e tranquilo »
Nas casas vive, aonde encontra abrigo.
Assim de Kolbe ao Cuco se assimilha,
Que habita o proceloso promontorio »
Onde Eólo suberbo se enfurece; »

E aonde Adamastor, com voz horrenda, »
Que pareceu sahir do mar profundo, »
Ameaçava o destemido Gama, »
Quando nas Indianas ricas praias »
Ia plantar as Lusitanas Quinas. »
Sublime genio, que na mente fertil *
Do Sulmonense Vate despertaste *
O fogo animador, comque retrata *
Da Natureza as obras e as mudanças; *
D'esse lume celeste na minha alma *
Sacode uma faisca, que avivando *
A já cansada frôxa fantazia, *
N'ella suscite imagens vigorosas, *
E nobres expressões apropriadas *
Para cantar os casos lastimosos, *
Os crimes descrever, e a iniquidade *
D'esses homens que o Mundo chamou grandes, *
E grandes em maldades foram dignos *
De que o supremo Jove, em justa pena *
De suas horrorosas crueldades, *
Os convertesse em carniceiras aves, *
(N'essas aves sombrias que so amam *
A escuridão das pavorosas trevas, *
E que, apenas desponta no oriente *
O claro Sol benigno derramando *
Sobre a face da Terra a luz brilhante, *
Ao seo areo clarão promptas se occultam, *
Como temendo que as feições disformes, *

Que

Que o Ceo aos crimes seos apropriára, *
Patentes façam as paxões horriveis, *
Que em seos peitos ferozes inda abrigam:) *
E que expostos aos olhos dos humanos *
Os torne detestavel, digno objecto *
Da execração, e do geral desprezo. *
Posto que similhantes na figura »
As descriptas té aqui; nenhuma off'rece »
Na alisada cabeça leves pennas
De forma auricular, e com diversos
Desenhos as distingue variamente
A rica inexhaurivel Natureza; »
Alvo corpo lhes deu, e as brancas azas: »
Com fuscas, separadas, curvas malhas, »
A's vezes, adornou ao duro Harfango, »
Que mais grave e avultado do que o Bufo, »
Distinto d'esse fez, não sem motivo. »
Tu o sabes, ó Dania, pois trocado
Viste na forma d'esta feroz Ave, »
Esse brutal Monarcha deshumano, »
Que de sangue te encheu, te encheu de horrôres: »
O infame Christierno, que de Nero »
Teve a maldade, e mereceu o nome. »
Agora so habita, e so levanta, »
Pesado e carrancudo, o triste vôo »
Nos paizes, aonde o frio intenso »
O natural instincto lhe entorpece, »
E aonde sombrio e carregado, *

Oprimido parece da lembrança *
Das passadas perfidias e cruezas. *
Nos climas boreaes do novo Mundo »
Tambem tomou assento; mas so ousa »
Raramente pousar no chão ditoso »
Que de Franklin o genio sobre-humano
Salvou das iras do celeste raio,
E dos furores do Britano altivo.
Mais livre e menos fera, em toda a Europa
A Coruja revôa, apresentando
Quaes os dentes da serra cortadora
As pennas principaes, com que parece
Remar, quando divide os densos ares,
E n'elles bate as perguiçosas azas. »
Fusca, desagradavel cor lhe afea »
O corpo de mil plumas estofado. »
Em vão nos encovados olhos brilha »
O iris negro; n'elles se divisa
Da oleosa avelam a cor sombria. »
Em espessos silvados se agasalha, »
Ou nas copadas arvores, e d'ellas »
Nas abertas musgosas cavidades, »
Durante o dia, frôxa se recolhe, »
Mal entra o Sol nos invernosos signos. »
Entre os gemidos funebres, que exhalas, »
O' triste Noitibó, lá se distinguem »
Os rangedores gritos, que do centro »
Dos Cemeterios lugubres espalhas,

Pavoroso temor, gelado susto »
Derramando nos peitos indiscretos »
Dos ignorantes, crédulos humanos, »
A quem a fé estupida inda oprime *
De fatidicos, vãos, negros agoiros: *
Agoiros que de Roma presidiram *
A' baxa fundação, e que no tempo *
De sua colossal grandeza ainda *
As guerreiras emprezas dirigiam, *
Mas que hoje os mesmos Scipiões e Emilios, *
Respeito e pasmo do Universo absorto, *
So de riso ou de dó dignos fariam: *
Tanto pode do tempo a dura lima, *
E da Razão a placida cultura! *
O teo dorso amarello, aonde ondeam *
Pardas escuras manchas de ordinario »
De brancos lindos pontos salpicadas, »
Gentilmente realça, contrastando »
Com a alvura do corpo, e com o rostro, »
Que negro he só na ponta, aguda e curva, »
Com que feres e matas os coitados »
Miseros passarinhos innocentes, »
E com que fazes implacavel guerra »
Aos damninhos, subtis, timidos Ratos. »
Foi n'esta Ave mesquinha pregoeira »
De funereos desastres, que o Destino »
Transformou esse hypocrita cruento, »
Dissimulado perfido Philipe, »

Que atropelando as Leis da Natureza, *
Insultando a Razão e a Divindade, *
De fogueiras cobriu, cobriu de luto *
A desgraçada Hespanha: que falsario *
Acusador e algoz do proprio Filho, *
Para a Esposa roubar-lhe, á morte o entrega, *
Simulando da Fé zelo exaltado *
Que em sua alma perversa jamais coube: (1) *
Feroz, ambicioso, insaciavel, *
Que roubando, sem pejo, sem disfarce, *
Os direitos dos Povos que oprimia, *
Dilacerou cruel o manso Belga, *
E sugeitou com barbara perfidia *
A ferreo jugo o Lusitano Reino. *

---

(1) Se Philipe II.º de Hespanha occasionou, ou não, a morte de seo filho, o desgraçado Principe D. Carlos, he ponto Historico ainda controvertido, e que pelas dificuldades que os Escriptores Hespanoes deviam encontrar em produzir as provas que o verificassem, e até pelo temor de o fazerem, he de esperar que fique para sempre duvidoso. Não obstante porém que a divulgação de uma tal voz, e de uma tam horrivel imputação, combinada com o caracter bem conhecido de Philipe II.º, façam assaz verosimil a sua realidade; eu não tenho em vista n'este logar corroborar os fundamentos da credibilidade d'este facto; limito-me a fazer sensivel o horror que uma tal acção

Tambem tu, ó Rainha deshumana,
Que em Philipe terias digno Esposo;
Que impia precipitaste nos abismos *
Do Averno, um apoz outro, os proprios Filhos; *
Tu que a noite medonha aparelhaste,
Em que Atropos, das Furias rodeada,
Armou do Fanatismo as mãos cruentas,
E de sangue banhou a França inteira:
O' Medicis, indigna de tal nome,
Inda mortes e horrores respiravas,
Quando os Ceos indignados te mudaram
Na mesma Ave nocturna, em que já fora
Mudado o Filho horrendo de Agripina.
Teo torto rostro, recurvadas unhas, »
Teo grito apupador e dissonante, »

---

deve naturalmente inspirar. Poetas não são Historiadores, aproveitam-se da Historia, alteram-na, e até fabulam para introduzir em seos poemas as ideas que podem dar-lhes realce, avivando nos corações de seos leitores o amor da virtude, o horror do crime, e em geral todos os sentimentos nobres e generosos. Se esta permissão he dada a todos os Poetas, como poderá negar-se a um Portuguez amante de sua Patria, e pessoalmente obrigado aos seos Soberanos; quando procura augmentar o horror contra um Principe estranho, que oprimu essa Patria, e usurpou os direitos d'esses Soberanos?

Teos azulados olhos não consentem , »
Nem a terceira remadora penna , »
A qual ás outras todas se avantaja , »
Que com outra alguma ave te confundas. »
Entre os Argivos *Glaux* foste chamada : »
Menos exactos, deram-te os Romanos
De *Noctua* o nome improprio ; nome vago :
Coruja apupadora antes chamar-te »
Quizera , ou derivar de teos apupos »
Um nome imitador , e apelidar-te
Chat-huant , á maneira dos Francezes.
Oxalá que eu podesse apropriar-te
De *Tuidará* o nome , que designa
O Noitibó , na armoniosa lingoa
Do perguiçoso , afavel Brasileiro.
Com diversas feições, diverso nome
O Noitibó , e o *Chat-huant* habitam ,
Não só na desabrida Scandinavia ,
Mas nos climas aonde o Sol dardeja
Com mais calor os encendidos raios.
Com tudo de Cayana , per tal modo ,
No terreno fecundo e apaúlado ,
O *Chat-huant* varia , que parece
Nova especie formar , offerecendo
A' vista estranhas , variadas cores :
O bico côr de carne , as unhas negras ,
Os olhos amarelos , e a plumage
Ruiva , e mui subtilmente atravessada

De escuras riscas, que no dorso e peito,
E no ventre, lustrosas se divisam.
Tambem move amarelos feos olhos
A *Ulula*, que só vive nos rochedos,
Entre ruinas, e asperas pedreiras, »
Ou ingremes, pendentes penedias, »
E sempre melancolica e sombria,
Nas solitarias brenhas busca azilo. »
Seo corpo, que per cima he branco e fusco, »
Os traços apresenta que figuram »
Ligeiras, ondulantes, vivas chammas. »
Distingue-se tambem, porque na cauda
As pennas, que a guarnecem, e qual leme
O vôo lhe dirigem, matizadas »
São de rectas, subtís, candidas riscas; »
Estas tambem a cauda aformoseam »
Da *Extrix* do Canadá, mas mais delgadas, »
Froxamente alvejando, la se avistam »
Sobre a ponta, nas pennas entremedias.
Sua erguida cabeça, negra no alto, »
De alvos pequenos pontos he manchada, »
Imitando do corpo as brancas malhas, »
Que sobre a parda côr nitidas brilham. »
Na parte anterior seo rostro alveja, »
Em tanto que nos olhos lhe scintila »
O amarelado íris reluzente, »
Que do doirado goivo a côr imita, »
De florentes Jardins cheiroso ornato. »

E como es facilmente conhecida »
Zueta, ou antes passarinho *Mocho!* »
Qual outra ave apresenta a nossos olhos »
Cinco distinctos laivos que branquejam »
Em regulares filas alinhados? »
Teo encurvado bico he amarelo »
Na ponta, mas escuro sobre a base: »
Teo corpo iguala apenas em grandeza »
O do canóro sibilante Melro. »
D'esta arte, a rica e sabia Natureza »
Em continua cadea os seres liga, »
Que no Globo espalhou; mas que dispostos »
Aos olhos do Zoologo discreto, »
Em ordem regular, per diferenças »
Tam tenues se distinguem, que parece, »
Que ella quiz, graduando subtilmente »
As transições de uns seres para os outros, »
Per insensiveis passos, n'um so todo »
Immensos *todos* reunir distinctos. (1) »

---

(1) O pensamento, que desenvolvi nestes dez versos, acha-se no original expressado da maneira seguinte:

He assim que a sublime Natureza,
Com laço inteligente os corpos une,
Que no Globo espalhou, desde os maiores
Até os mais escassos, e mesquinhos.
Per mil modos os une, e prende todos:
Até leves *nuanças* forma e assombra,

Assim de Hudson se vê na funda e vasta »
Bahia, revoar a ave que imita
O Gavião no bico, e audaz empolga
Em pleno dia a desgraçada preza:
Distingue-se mui pouco, na cabeça, »
E nos pés, da lucifuga Coruja. »
Caperacok he o nome que lhe deram, »
De raizes Britanicas formado: *
A varia cor das pennas a distingue;
Negras no alto são da erguida fronte, »
De candidos salpicos misturadas; »

Com que feições diversas misturando,
Finge unir n'um so ser diversos seres.

Determinei-me a substituir aquelles a estes versos, alem de diversas considerações faceis de perceber, a quem sabe avaliar a armonia da versificação, e tem verdadeiro conhecimento da lingoa Portugueza; por não me animar a introduzir n'esta o termo francez *nuança*, de que aliás muito carecemos. Entre tanto para que o exemplo de um homem de tanto espirito, saber e gosto, como o autor d'esta singular composição, não falte a algum bom engenho portuguez dotado da resolução que eu não tenho, transcrevi a passagem que por timido alterei. N'ella e na que lhe substituí, persuado-me que se encontra quanto basta para fundar sobre este ponto a deliberação de qualquer Escritor discreto, que se sinta com forças de formar autoridade.

As que dos cotos pendem sobre as azas, »
De riscas transversaes são adornadas, »
Já brancas, já escuras; mas entre ellas »
As trez, que ao corpo mais visinhas ficam, »
So de candidas orlas são bordadas. »
Longas escuras manchas se divisam, »
A parte inferior atravessando »
Da garganta, e ornando o ventre, os lados, »
O musculoso peito, e as leves pernas. »
Entre as compridas pennas, que lhe formam »
As azas, a primeira he toda escura »
Sem orla, ou branca malha, que a belleza
Lhe realce: tambem nisto imitando »
As ferozes carnivoras Corujas. »
Nas tortas aguçadas unhas segue
Das outras aves de rapina a forma.
N'esta feição, ou antes ofensiva »
Arma, nenhuma outra a Natureza »
Distinguiu com figura menos curva »
Do que o sordido Abutre, que do Tigre »
A força em proporção, e a sanha iguala. »
De pennas a cabeça despojada, »
De dura nua pelle guarnecida, »
Na parte anterior os olhos mostra »
A' flor da face vivos scintilando. »
A lingua ao comprimento dividida »
Per um direito rego, e levantada »
De um lado e de outro lado, na dureza »

As rijas cartilagens igualando, »
De uma calha a figura representa, »
Per onde a agoa no ventre se lhe entorna. »
O collo tem despido, e mal apenas »
De macia penuge se guarnece, »
Per entre a qual de quando em quando erguidas »
Raras grosseiras cerdas se apresentam: »
Inclinada postura sempre toma
Carregado e sombrio; bem mostrando »
N'este ingrato pendor a indole fera »
De seo cruento genio, e duro instincto. »
Menos ferino, ou antes menos forte, »
Lançando aos ares lamentosos gritos, »
Ante meos olhos vejo o Perenóptero, »
Habitador dos levantados montes, »
Que ousado atravessou o grande Anníbal, »
Quando o tremendo voto executando, *
A que Amilcar seo Pae o persuadira, *
Entrou na amena Italia, e ante as hostes »
Dos Penos fez tremer o Capitolio. »
Tambem na Grecia vive, onde as sciencias »
N'outro tempo existíram de mãos dadas »
Com leis, que a liberdade asseguravam, »
E onde agora a Ignorancia só domina, »
Do Despotismo Filha, Irmãa, e Esposa. *
N'esta terra infeliz, onde calcadas *
São as cinzas de Phocion, e Aristides *
Aos pés de vis Eunuchos, e de rudes *

Orgulhosos Baxás, a quem distingue *
A cauda triplicada, insignia propria *
De brutaes, ignorantes Potentados; *
N'esta terra, que as lagrimas promove *
Dos homens entendidos, solta o vôo *
Depois de repetidos vãos esforços
O pesado choroso Perenóptero. »
As pennas principaes, que ao ar o elevam, »
Na extrema margem são de branco tintas,
Excepto quatro ou duas, que se assentam,
Como primeiras, sobre as mais que as seguem,
E que uma mesma côr constantes guardam.
Das asquerosas ventas lhe dimana
Continuo mal cheiroso humor nojento;
E quando sobre os rudes pés se firma, »
As azas frôxo mal fechadas deixa; »
O que os outros Abutres, de ordinario, »
E carniceiras aves tambem fazem; »
Signal da laxidão, que lhes repassa
O peito vil, aonde se reunem
Cobardia e cruel ferocidade.
Eis a forma horrorosa e desprezivel »
Que, em castigo de teos nefandos crimes, »
Os sempre justos Ceos te destinaram, »
O' Triumviro infame, que escondendo
A tua natural indole féra »
De baxo de estudadas aparencias »
De modestas virtudes, que não tinhas, »

Com aleivosa boca profanando
De cidadão Romano o nome e a gloria,
Os grilhões apertaste á tua Patria, »
E os filhos dos Valerios, e dos Gracchos »
Submeteste a teo jugo vergonhoso. »
Em vão das castas Musas procuraste *
O abrigo protector; em vão fizeste *
Que nas suaves Citharas soassem *
Dos cantores de Mantua, e de Venusa, *
Em lisonjeiros sons, teos mentirosos *
Falsidicos louvores: não poderam *
Suas vozes sonoras libertar-te »
Da ignominia indelevel, do ferrete »
Eterno, a que severa te condemna, »
Por tuas proscripções impias e obscenas, »
A Razão, cujas vozes reforçadas »
De geração em geração transmitem »
Teo nome com horror, ao Mundo inteiro: »
Em vão a dignidade veneranda
De Tribuno, e de Consul ostentavas,
Fingindo respeitar o que outro tempo *
Do orbe inteiro respeitado fôra: *
Em vão com reflectida, e simulada »
Moderação, prudente os pareceres »
Escutavas de Agrippa e de Mecenas, »
Para saber se o sceptro deporias,
Ou se da Patria o bem inda exigia »
Que em tuas debeis mãos o retivesses. »

Per entre o véo, que astuto pretendias »
Lançar á usurpação que exercitavas, »
Reverberava o plano ambicioso, »
Com que o grande edificio da Romana, »
Antiga liberdade demolindo, »
Meditavas cobrir de frias cinzas
Dos Brutos, e Catões os quentes restos.
Inda quando os teos dias so manchasse
O crime de chamar de Roma ao throno
O feroz, refolhado, torpe filho
Da enganadora Lívia, e ter formado
D'esta arte o anel primeiro da medonha
Detestavel cadea de Tyranos,
Que o Mundo per mil modos flagelaram;
Em quanto despreziveis, e odiosos *
Do mesmo Mundo aos olhos se faziam: *
Este so crime te fizera digno
De seres transformado em feo Abutre.
Inda na mão a penna sustentavas »
Com que havias no docil pergaminho »
Escripto o fatal nome do cruento »
Estupido Tiberio, quando a Deusa »
Que de Jove nascera e de Minerva;
A Deusa, que dictou as leis sublimes
De Lycurgo immortal, e longo tempo
Do Capitolio ao Fado presidira,
As unhas te aguçou, e accesa em ira
Denegridas as fêz e recurvadas:

O iris te pintou nos feros olhos
Com amarella cor avermelhada:
A cerulea cabeça, e o collo apenas »
De alva penugê te cubriu, e poz-te, »
Per baixo de pequenas brancas pennas »
Uniforme coleira pouco airosa. »
Falar quizeste, e os beiços alongados
Em negro adunco rostro se tornaram,
Que só na torta ponta um pouco alveja.
No peito te imprimiu escura mancha,
Que parece imitar no seo contorno »
De um coração a forma, e que somente »
Em sua cor retrata, escura e triste, »
De teos conselhos o fatal negrume.
Negou-te emfim nas azas, e no corpo
As proporções de um talhe airoso e nobre:
E rasgando-te a mascara de todo,
Manifestou teos baxos sentimentos,
Dotando-te de instincto sanguinario, »
Que disfarçar não podes, e te obriga »
A faminto buscar per toda parte
Cadaveres immundos, e corruptos
Que te aplaquem a fome insaciavel *
De carnagem e sangue, que animára *
Teo peito imbelle em quanto vivo foste. *
Mas já vejo no lucido orizonte, *
Per entre as brancas nuvens, apontando *
O amoroso clarão da rôxa Aurora: *

Já oiço o doce armonioso Canto *
Dos ledos passarinhos, que anunciam *
A magestosa aparição de Phebo: *
Já o Deus que visiveis faz as côres, *
As trevas afugenta, dardejando *
Do fulgurante rosto a luz que infunde *
Nos corações humanos alegria: *
Suspende, ó Musa, o doloroso Canto, *
Que, nos lugubres tons da Eolia lyra, *
Benigna me inspiraste: as aureas cordas *
Da Cithara divina aos tons alegres *
Acomoda de novo: aos indignados *
De trovejante voz duros accentos *
Succedam amorosas meigas notas *
De suave expressão: as lindas aves, *
Cujas vozes escuto, estam pedindo *
Cantos, onde os Prazeres, onde as Graças *
Risonhas resplandeçam, e onde o premio *
Das Virtudes se veja retratado *
Com apraziveis cores, que despertem, *
E arreiguem n'alma os puros sentimentos *
Da compassiva, meiga humanidade, *
E da amavel geral beneficencia. *
Por um pouco, esqueçamos os horrores *
De cruezas, perfidias, e impiedades, *
Com que monstros, não homens, deshonraram, *
E afligiram a triste humana Raça. *
Dos bons as acções nobres recordando *

As

As tintas e os pinceis aparelhemos *
Para quadros traçar, que ao Homem fraco *
Animem na carreira da virtude, *
E que esperar lhe façam mais ditosos, *
Mais prosperos, alegres, mansos dias. *

NOTA.

Esta singular composição, cujo arido assumpto (ao menos encarado no systema da Natureza do celebre Linneo) parecia inteiramente fora do alcance da poesia, foi emprehendida pelo Autor na sua primeira mocidade. N'aquelle primeiro impulso, foi levada pouco mais ou menos á metade de sua extensão, relativamente ao ponto em que elle a deixou. A sua mudança de estado o determinou a pôr de parte todas as obras de Poesia profana, que havia emprehendido; e esta cahiu por tanto em perfeito esquecimento, com algumas outras. Passados alguns annos, tornou elle com tudo, a instancias minhas, a lançar de novo mão d'este trabalho, e o conduziu até a metamorphose de Octaviano em Perenóptero. Como este segundo impulso teve a sua origem na condescendencia, e não em a voz do genio que primeiro lhe sugerira o desejo de dar uma descripção das Aves em verso; o seo resultado não foi tam feliz como o do primeiro, e facilmente perdeu o Autor segunda vez a vontade de acabar a obra. D'aqui resultou que não cogitando mais de polir o que tinha feito, deixou elle este seo

trabalho em um estado de imperfeição que o fazia pouco digno de sahir á luz publica. Com tudo, eram tantos os rasgos de genio; tantas as belezas poeticas, e tantas as dificuldades vencidas; que eu julguei dever, senão acabar, ao menos corrigir e aperfeiçoar, quanto em mim coubesse, este producto verdadeiramente original de um genio poetico, para honra do Autor, da lingua Portugueza: e por tanto, usando do direito que o mesmo Autor me dera sobre as suas obras, poucos dias antes de seo falecimento, passei a cortar todas as passagens que me pareceram menos proprias, ou mais arredadas da beleza de outras: introduzi alguns pensamentos novos; e dei a muitos dos antigos diversa forma, e mais amplo desenvolvimento. Não podendo porém desconhecer a inferioridade de meos talentos, relativamente aos do Autor; e não sendo de justiça que as minhas imperfeições e defeitos lhe sejam em tempo algum atribuidos, assentei distinguir os meos versos, dos seos, notando com o asterisco (*) todos os que, não somente são meos, mas exprimem pensamentos meos; e de marcar com o signal (») todos os que, sendo per mim compostos ou emendados, exprimem pensamentos que o Autor havia diversamente expressado. Introduzi a segunda invocação que começa:

Sublime genio que, na mente fertil
Do Sulmonense Vate, despertaste, etc.

para marcar precisamente o ponto em que me vi obrigado a tratar quasi de novo a materia, sem desaproveitar com tudo os pensamentos, e até alguns exce-

lentes versos de meo Amigo ; e rematei o Poema com um fecho que me permitisse enxerir no corpo do mesmo poema a descripção de todas as aves que foram omitidas ; se per ventura este meo trabalho fosse bem recebido do Publico , e eu tivesse occasião de imprimi-lo segunda vez.

Lembrado mesmo de que talvez algumas horas de descanço me permitissem intentar a descripção poetica das outras ordens, em que Linneo dividiu as aves, deixei entrever no fecho com que terminei esta primeira noite , o desejo de assim o executar. Entre tanto , nem a minha edade , nem o estado da minha saude me permitem que eu contraia com o Publico um empenho que não tenho certeza , nem mesmo notavel probabilidade , de poder executar.

CARTA

DIRIGIDA A MEO AMIGO JOÃO DE DEUS PIRES FERREIRA,

Em que lhe descrevo a minha Viagem per mar até Genova.

MEO PIRES,

DESPONTAVA o dia em que a meos olhos, não sem saudade, havia por alguns mezes desaparecer Lisboa,

Que merece bem o nome
De Bysancio occidental;
Onde o saber pouco val,
Têm valor so prata e oiro,
Branco assucar, rijo coiro;
He melhor *ter*, que virtude:
Pelo menos assim pensa
Gente douta, e povo rude.

Dir-me-ha que de Londres, Amsterdam, Berlin, Vienna, se pode dizer que *sicut et nos manquejam de um olho;* não duvido: de Pariz por ora nada digo; espero as leis civis para ajuizar se fizeram n'ellas o que devem.

He então que a minha Musa,
De cantar mais anciosa,
Ferirá de novo as cordas
De sua lyra saudosa.

Entretanto vamos ao ponto, que he a descripção da minha viagem até Genova. Per onde começarei?

Cansada a mimosa Aurora,
Para o leito se acolhia,
Em quanto Apollo açoitava
Os messageiros do dia.

Em vão Pyrois retorcia
As orelhas fumegantes,
E com rinchos dissonantes
Ethonte o ar aturdia;

Porque Apollo enfurecido
Mais e mais os fustigava,
Vibrando a torta manopla
Com horroroso estampido:

Vinte vezes foi ouvida,
Qual o vento, sibilar,
E nas ancas revoltosas
Dos ginetes estalar,
Por tal modo

que amanheceu emfim de todo. Confesse que he uma das manhãas longas que se tem visto raiar

sobre o Orizonte: mas emfim amânheceu. Era de esperar que, depois de tanto trabalho de Apollo, a manhãa fosse clara e brilhante: não succedeu assim;

Porque densa escura névoa,
Per entre o freo, escumavam
Os cavallos furiosos,
Dos açoites que aturavam.

Se lhe não agrada esta theoria, para explicar a origem das névoas; saiba que em Poesia ainda se não deu melhor; e se não he certa, ao menos he assaz intelligivel para mostrar que a manhãa foi nebulosa. Irra! que manhãa! eu mesmo ja não sei como hei de chegar ao meio dia, a não ser de pulo. Saltemos pois:

Zuniu nos ares
O mêio dia;
Batel ligeiro
Já conduzia
O Palinuro
De aspecto duro,
Que promettera
Ser nosso Guia.
Corpo pequeno,
Rosto tostado,
Magro, escarnado,
De frôxas rugas

Entretecido;
De cãas ornado,
O mal burnido
Cabello preto:
Eis o retrato
D'este bisneto
Do Gran' Neptuno.
Dizem que Juno
Já pretendera
Faze-lo esposo
De uma Sirea,
Que mal o viu,
De medo chea,
A cor perdeu,
E entre gemidos
Em fim morreu.
Jaz sepultada
No fundo mar
Perto do estreito
De Gibraltar.

Mal garimpou sobre o Navio, deu tres passeios, mediu o Ceo com os olhos, e de commum acordo,

As velas se desfraldaram;
Dinamarqueza bandeira
Pelos ares ondeava,
Com aparencia guerreira:

Mas, ó caso nunca visto!
O' maravilha estupenda!

Não se assuste: he pouco mais de nada: o Hiate do Piloto da Barra tinha protestado naquelle dia desarvorar; e sem ondas, nem vento que tanto pudesse, desarvorou com effeito; e foi-se embora, deixando o bom Piloto

Que passeia, a um lado e outro
Volve os olhos pensativo;
E ora frôxo, ora mais vivo,
Tudo quer, tudo rejeita.
A buzina pede e emboca,
Gritos asperos soltando,
A's inhospitas moletas
Piedade suplicando.

Quiz consola-lo; mas debalde lhe dizia que elle ia ver as columnas de Herculés, a victoriosa rocha donde, balas ardentes, disparadas a tempo, lançaram per terra projectos concebidos sobre numerosas esquadras, e desatinaram Generaes esperançosos: debalde lhe descrevia a alongada costa de Hespanha, o nunca assaz temido Golfo de Lyão, o prazer que teria de avistar-se face a face com a Serenissima Republica de Genova, que sem duvida lhe forneceria todos os soccorros, que elle tivesse meios para pagar:

Tudo em vão lhe pintaria;
Pois n'aquelle duro instante,
Terno Esposo, Pae amante,
Da Consorte só ouvia
Os gemidos, e a saudade
Dos filhinhos que deixava,
E tam mimosos creava.

D'isto conclue Vm.ce muito bem, que o dito Piloto era casado, e tinha filhos. Apezar do que, seria obrigado a navegar té Genova, se não fosse

Barco atrevido
Que ouve o clamor,
E condoido
Gira ao redor,
Offerecendo
No alagadiço,
Salgado bojo,
Doce hospedage.
Então descendo,
« Aqui me alojo »
Disse, e entoando
« Boa viagem »,
Clamaram todos,
Dinamarquezes
E Genovezes,
« Boa viagem. »
Por largo tempo
Os tons diversos

No ar dispersos
Se revezaram,
E retumbaram,
Amedrontando
De vagos peixes
Immenso bando.

Vendo-me so, e sem haver quem fizesse retinir aos meos ouvidos

Da Lusitana lingua o tom canoro,

Resolvi-me restituir aos amigos, pelo modo possivel, o tempo que lhes roubava da minha companhia, de que tantas vezes pareciam fazer caso. Vieram me entam á lembrança os nomes de Bachaumont, e Chapelle:

Dois famosos bebedores
Que, intentando tornar fixas
Do rosto as vermelhas cores,
Da *Champanha* bellicosa,
Do *Bordeos*, e da viçosa
Sãa *Borgonha* visitaram
As adegas afamadas.
Ah! quantas vezes,
Sem se assustarem
De mil revezes
Que a historia aponta,
Guerra emprehenderam
Contra esquadrões,

Em ala postos,
De garrafões
A que arrancaram
Rolhas teimosas,
E despejaram
Nas sequiosas
Goelas vorazes;
Sem, um momento,
Ouvido a pazes
Quererem dar.
Depois, tocando
Na docil lyra,
E descantando
Suas victorias,
Nos descreveram
Quanto beberam.
A viajar,
O Tejo e Nilo
Talvez bebessem,
Se em vinho os rios
Se convertessem:
Pois ha quem diga
Que transportados
Em alegria,
E coroados
De verdes parras,
A Baccho um dia
Quasi estiveram

Para votar
Que o mesmo mar
Enxugariam;
Se as suas agoas
Baccho pudesse
Vinho tornar.

Isto me resolveu a imita-los, não em beber, mas em referir a minha viagem. Bom será com tudo dizer, para não denegrir a reputação d'estes Senhores, mais do que merecem, que elles não eram bebados, mas amadores de bom vinho. Se não entende bem a differença que há entre estas duas coisas, consulte a sociedade dos bebedores, que diffundida per todo o Portugal, tem o Gran'Mestre em Coimbra.

Em espirito de vinho
Conserva os estatutos,
Que o licor, ó coisa rara!
Respeita e mantem enxutos.

Ensopando a branca penna
No Carcavelos brilhante,
E no Porto fumegante
O Gran'Mestre os escreveu.

Montesquieu e Plutarcho
Longos annos revolveu,
Antes qu'esta obra findasse,
A maior que o mundo deu!

Das Bacchantes toda a historia
Em tres regras decifrando,
Em outras tres, mil diversas
Novas coisas desenhando.

Encerra em pequeno espaço,
Quanto, na paz e na guerra,
O Magistrado, e o Soldado
Necessita sobre a terra.

Muito tinha a dizer sobre esta obra admiravel, se não fosse a vozeria da equipage, que me obriga a largar mão da penna para attender a um individuo, que nos põe a todos de mao humor, e a mim em susto.

Um Tritão todo coberto
De marisco e verde limo,
Traz somente descuberto
O nariz agudo, e frio.

Pelas ventas vem soprando
Vento *Leste* enregelado,
E dobra, de instante a instante,
Seo furor endiabrado.

Treme o mar encapellado,
O baixel torcido geme,
Mal segura o indocil leme
O mancebo debruçado.

Que hade ser de mim, meo Pires? em que lingua hei de falar a este Tritão para abrandar a sua colera? Portuguez, Italiano, Latim, Francez, Inglez, he de que eu sei alguma coisa: mas quem póde adivinhar a lingua dos Tritões? Experimentemos; vou falar-lhe em todas ellas, talvez que entenda alguma:

Basta já, Senhor Tritão,
(*Não entende.*)
Per pietá, Tritone amato,
(*Menos.*)
Triton, I can no more,
(*Tempo perdido.*)
Prudence, Seigneur Triton,
(*Peior.*)
O' Triton, esto pacato
Corde, animo, naso e ore.

Com effeito á esta ultima lingua fez um leve aceno; e he indubitavel, que até os Tritões veneram a antiguidade; mas ou seja perrice, ou tenção anticipada, cada vez se accende mais em ira:

Eis que as bochexas engrossa;
Ai de mim, onde esconder-me!
Parece querer no abismo,
De um só sopro, soverter-me.

Boa vontade tinha de lhe pintar aqui uma tempestade; não faltará occasião: entretanto imagine

serras, montanhas, ondas, mares, Ceos, abismos, Boreas, Austro, Leste, Oeste, e toda a caterva dos ventos; ajunte-lhes quatro adjectivos; e tres verbos para os unir, e terá uma tempestade completa. O peior he que não se aplaca a que me persegue: vou de novo suplicar o Tritão na lingua que parece entender... Bravo! começa a adoçar-se; aplacou-se de todo; vai-se embora,

Depois de roncar seis vezes
Com medonho horrendo ronco,
E de sorver outras tantas,
Por ser um Tritão mui porco,
O limoso verde monco;
Escorregando,
Contradansando
Ligeiramente,
No fundo mar
Em lisa gruta
Foi se abrigar.

Bravo! bravissimo!

Baxa do Olympo
Terna alegria,
Meigo sorriso:
De companhia
A's lindas Graças
De braços dados
Picantes ditos
Venham ligados.

Entre tanto começa a aparecer o Estreito : delicioso espectaculo ! encantadores momentos ! o vento tempestuoso tornou-se em um zephiro agitado : o mar embravecido apenas se move assaz para impellir o navio. Quanto he bello contemplar o Autor da natureza, (se este nome adoravel pode repetir-se entre as frivolas pinturas da minha penna) dando leis ao Oceano para estreitar-se de repente, e correr ameaçando em vão as costas de Barbaria e Hespanha, ao longo das quaes lhe manda que se estenda lambendo-as, e deixando aos homens habitações, que cultivem e fecundem com facil trabalho :

Meo Senhor e meo Deus,
Como ao longe se estende sobre a terra
De vosso nome a gloria !
Disseste, e logo rebentou, no seio
Do informe nada, creadora força.
Onde estavas, ó homem !
Quando a luz entre as trevas resurgia,
E qual suberbo Esposo,
No leito nupcial erguendo a frente
Banhada em mil prazeres,
Assim raiava, de esplendor cercado,
O sol, para emprender sua carreira ?
Com gigantesco passo
Desde um polo a outro polo se abalança
Da terra que alumia

As

As geladas entranhas animando
Com celeste calor, prenhe de vida.
Em que mata embrenhado
Orgulhoso, gemias, quando tudo
Ao aceno cedia
Do Soberano Ser, que tudo impera?
De lucidas estrelas se adornava
O firmamento altivo,
De verdes plantas se vestia a terra,
E sobre os eixos seos se equilibravam
Os mundos que lançára,
Com mão omnipotente, sobre os ares.
Meo Senhor e meo Deus,
Ah! cante a minha voz, antes que eu morra,
Um hymno de louvor ao vosso nome,
Ao vosso nome santo!

Não cuide porém, querido Amigo, que ficamos no Estreito, e que o Navio, n'elle grudado, finda de repente a sua derrota: vou já dar ordens para caminhar avante.

Holá Piloto!
Já, já soltar
As velas todas;
No mesmo instante
De Gibraltar
A dura rocha
Quero avistar.

Obediente Piloto ! eis Gibraltar, sitio de marcial fortaleza, e de poetico furor :

Salve suberbo rochedo,
Tropheo do valor Britano,
Onde as forças se quebraram
De todo o poder Hispano.
Elliot, eu te saudo;
O teo nome não esquece,
Não cuides que o homem desce
Todo inteiro á sepultura.

Defronte assoma sobranceiro ao Mar o celebre castello de Ceuta, que me faz correr pelas veas enthusiasmo patriotico; lembra-me João primeiro, e a sua familia heroica.

Aqui, ó Musa ! prepara
Novas cordas, novo canto;
Escutai cheos de espanto,
Mortaes, meos sublimes versos.

Estava quasi emprehendendo uma Ode; mas quando me lembra que estas emprezas militares dos Lusitanos tinham por origem, ou pretexto, persuadir os Mouros, com a espada na mão, para abraçar uma Religião adoravel que ensinava a morrer pelos Moiros para os converter, não a matalos; esfria-se me todo o enthusiasmo. Passemos pois adiante, se o consentir.

Calma ociosa
Que, esperguiçando-se,
Vai estirando-se
Per entre as velas.

Triste figura tem o tal sugeito do sexo feminino chamado calma:

Quasi sempre bocejando,
Se abre um olho, fecha o outro,
Pela boca respirando
Pestilente ingrato alento.

Tem por noivo o inerte somno,
Que a dormitar a acompanha,
Com tregeitos se arreganha,
Quando fino quer falar-lhe.

Vive roncando,
De noite e dia,
Adormentando
Tudo á porfia.

Dos pés lhe sobem,
Quaes trepadeiras,
Mil dormideiras
Em torno ao corpo.

Sorve em uma hora,
Com grande asseio,
Quintal e meio
De opio Indiano.

Frôxo se estende
A dormitar,
Vinte e tres horas,
Sem acordar.

Que esposo tam comodo! Quantas mulheres da nossa terra desejariam um marido que dormisse vinte e tres horas per dia; Deus me livre d'ellas; temo as mais que peste, fome, e guerra:

Qual soldado em dura guerra,
De feridas retalhado,
Como morto abandonado
Sobre o chão de imiga terra.

Se depois no pobre albergue,
Chega em paz a agazalhar-se,
Sente o sangue congelar-se,
Ouvindo o som dos tambores:

Assim eu que em mil batalhas
De amor cego fui ferido;
Ai de mim! e das feridas
Vivo mal convalecido.

Tremo e perco a cor do rosto,
Ao lembrar-me do inimigo,
Que me fez per tantas vezes
Desprezar mortal perigo.

Disse pouco, inda a belleza
Mais feroz he do que Marte,
Apezar do ferro e fogo
Que o seguem per toda parte.

Se o Soldado graça implora,
E se rende prisioneiro,
Marte abranda o ardor primeiro,
Perde a raiva que o devora.

Não assim n'esse combate
Que o homem chamou Amor,
Seduzido da doçura
De um veneno enganador.

Se curva os frôxos joelhos
O cativo miseravel,
Cada vez mais se lhe torna
Seo destino insuportavel.

Só se alegra a vencedora,
Rasgando a torpe ferida,
N'ella mais, e mais cravando
Da flecha a ponta embebida;

E triumfa quando em gritos,
Vê fugir espavorida
A melindrosa innocencia
Que val mais que a mesma vida.

Mas ai de mim! quem me acode? Ah! que aparece de novo o diabolico Tritão; maldito! em tam

pouco tempo vir desde o cabo de S. Vicente até ao golfo de Malaga; e para maior desventura não vem só, com elle vem um Exercito de Tritões!

Uns a cavallo,
Outros nadando,
Vem manejando
Armas que callo;

E callo com razão por serem de um uso raro, e dificil, e algum tanto sordidas. Não me obrigue a dizer-lhe que são odres,

Onde cerrados,
Os ventos rugem,
E tudo estrugem
Assim liados;

Que será abrindo-se, e concedendo-se sahida franca? Ah! que se abriram tres de repente; para que logar hei-de fugir? vejo o Navio, os Ceos, e as ondas;

Já de assustado
Todo estremeço,
E desfaleço
Quasi sem tino.
Tritão mofino,
Vai-te em ma hora;
Ah! não te encare
A meiga Aurora

Com brando rosto,
Quando mimosa
Occupa o posto
Do loiro Phebo.
Fervente cebo
Te abraze a gruta
Onde recolhes
A mal enxuta
Face musgosa.
Nunca te encontre
Doris formosa,
E perra um dia
De furor cega,
Na costa fria
Da Noroega,
Sem te escutar,
Te mande altiva
Que vas morar:
Onde não vejas
Nadante Nympha,
Que as tuas lagrimas
Possa enxugar.

Já nenhum odre vejo por abrir; ai de mim! pobre de mim! coitado de mim! Eu bem queria ir por algum outro mar que não fosse este mar Mediterraneo, infestado per tantos naufragios; pelo qual ha mais de mil annos, nenhum homem de juizo

devia navegar; pois não ha n'elle um só porto a que os habitantes da Europa não possam ir per terra, se exceptuarmos algumas Ilhas, que podiam muito bem ficar desertas. Triste mania he esta de andar pelo mar!

Dos ventos toda a força unida bate
Na solitaria vela que guarnece
O misero baixel; duro combate,
Em tanto, o mar bramando lhe offerece.

De instante a instante, as ondas agitadas,
Umas sobre outras, com furor rebentam,
E quaes medonhas bombas, remessadas
Per inimiga mão, tudo amedrentam,
Assim quebrando no Navio estalam,
E os Nautas todos com temor se calam.

Chama-se isto o principio de uma tempestade: se tiver outra para contar-lhe, receberá o meio; e na terceira o fim: inveja quem quizer o destino dos que vingam o Cabo de Boa-Esperança, para ir trocar patacas por pagodes, e amontoar fortuna e bens; eu por mim, de boa vontade lhes deixo toda

A preciosa canella
Da mal segura Colombo;
De Bengala a rica, e bella
Musselina tam gabada.

He melhor viver sem nada,
Que abrir-se perfido rombo
Na vistosa caravella
Que surca as ondas ousada,
E que do mar a braveza,
Faz com furia deshumana,
Ir dar com dono e riqueza
La no Reino de Pantana.

Esta desgraça he o que eu tremo que nos aconteça com a tempestade horrivel que sobrevem no golfo de Valença. He tanto mais lastimosa, quanto forma um durissimo contraste com a idea que eu faço do clima doce e ameno d'esta região, do caracter e ventura de seos habitadores, e dos ferteis campos que elles cultivam. Apezar d'isto,

Quaes montanhas escarpadas
Erguem-se os mares raivosos,
Sopram ventos ás rajadas,
Sempre e sempre mais irosos.

Sobre as nuvens quasi sobe
O navio mal seguro;
Desce logo de repente
Te do abismo ao centro escuro:

Balançea a um lado e outro,
Per mil partes estalando;
Rouca a voz, já mal se entende
O Piloto commandando.

Suor frio banha o rosto
Não sómente ao passageiro;
Corre até pelo semblante
Do robusto marinheiro.

Cambalea o corpo todo,
Falta o pé escorregando;
Já parece que nas vêas
Vai-se o sangue congelando.

Agora he muito serio; a tormenta ameaça sossobrar-nos, e já se trata de fazer actos de contrição. Direi eu hoje um adeus eterno aos meos amigos? Será de veras

Que, sem piedade,
Intente a morte
Tragar-me agora?
Nenhuma edade
Contra ella he forte;
Fere e devora,
Em um momento,
O macilento
Velho teimoso,
E o corpulento
Mancebo airoso
Que em verdes annos
Se confiava,
E so de enganos
Se apascentava.

Paciencia! morrerei, e ficarei sumido no abismo, sem haver mão que possa ir lavrar um epitaphio sobre a minha sepultura. Mas debalde eu vejo o susto pintado sobre o rosto de um antigo Piloto d'estes mares; debalde as trevas da noite acrescentam um horror de morte ao espectaculo temeroso que os ventos e as ondas apresentam; debalde tudo me faz estremecer; ainda a esperança me não fugiu de todo, ainda me está dizendo,

Muito em segredo:
« Não tenha medo. »
Inda verei
Os meos amigos,
Estes perigos
Lhes contarei,
E a catadura
Horrenda, e dura
Da morte fera
Lhes pintarei.

Se eu ao menos soubesse nadar, per ventura me furtaria á morte que me está imminente. Como he louco e barbaro o systema de educação que os Europeos tem adoptado! Tomaram dos Gregos e dos Romanos o que estes tinham de peior; aprenderam a fazer-se pedantes, e esqueceram-se de fazer-se homens. A adolescencia, edade preciosa, gasta-se em grangear vicios, e decorar coisas muitas vezes

inuteis. Depois de muita fadiga, um rapaz Europeo finda a sua educação nos Collegios e nas Universidades, quando tem adquerido um corpo effeminado, ou doente, e um espirito vaidoso, frivolo, recheado mais de nomes que de coisas, e tam extraviado do caminho das sciencias, que ordinariamente nunca mais atina com elle. Como estou serio! como estám sisudas todas as minhas ideas! e que excellente coisa seria o estar para morrer, se se quizesse compôr um bom tratado de politica ou de moral! Até já não sei falar em verso, e se a tempestade não amaina, ficarei fazendo eternamente prosa. Que me diz ao tempo, meo Amigo? lá estalou, e fez-se pedaços a verga do mastro grande.

Ah! se Homero navegasse,
E de Ulysses a jornada,
Pelos mares contrastada,
Curioso acompanhasse;
Se o navio ameaçasse
Nos rochedos sossobrar,
E toda a pobre equipagem
Entre as ondas sepultar:
Pode ser que não contasse
Do astuto Grego a viàgem,
Ou que ao menos, ao canta-la,
Muitas vezes gaguejasse.
As Musas pintam a Morte,
Mas tremem só de avista-la;

E la no Pindo,
Castello forte
Tem levantado,
Onde subindo
Nada receam
Do vento irado.

Já se ouve menos motim, e dizem que o vento quer serenar; boa noticia que aparece com o romper do dia. Serenou com effeito, e nunca mais a proposito se aplicaram aquelles magestosos versos de Camões:

« Depois da procellosa tempestade,
« Nocturna sombra, e sibilante vento,
« Traz a manhãa serena claridade,
« Esperança de porto e salvamento. »

Que prazer! que alegria brilha em todos os rostos! não conhece o prazer aquelle que nunca esteve a pique de naufragar, ou que per algum outro modo não viu a morte acenar-lhe de perto. Com tudo, variou em um momento!

Viva aquelle que acrescenta
Novos riscos de morrer,
Porque tambem multiplica
Novas causas de prazer.
Já não quero maldizer
O mortal aventureiro

Que sobre as ondas primeiro
Arriscou tudo perder.

Para que he maldize-lo, pois lhe devo estes instantes de alegria? Quero antes largar a penna, e ir considerar os ultimos enfadamentos do mar, quando começa a desagastar-se. Ainda faz bulha; mas a sua ira já não mette medo: parece mais bazofia do que ira, e faz me lembrar uma bella passagem de Virgilio;

Qual a languida setta,
Da mão velha e cansada
De Priamo em furor arremessada,
Nem levemente enceta
As armas do inimigo embravecido;
Antes, mal fere o ar, cai já sem força:
Tal inda o mar se esforça,
E lança algum bramido;
Mas sem vigor, e lento
As ondas ergue e abate
Em o mesmo momento,
E no Navio bate,
Já quasi sem alento.

Desafio agora todos os Tritões, todos os ventos do Mundo; não os temo, porque depois de escapar d'esta tormenta, não ha modo de conseguir que eu pereça naufragando.

Invulneravel
Sobre elemento
Tam implacavel,
Que privilegio!
Não concedido
Nem ao Collegio
Dos Eleitores
Que em Ratisbona
Imperadores
Vam corôar.

Se D. Quixote pilhasse este privilegio, vê-lo hiamos talvez arremessar sobre as ondas o seo Rocinante, e com a lança em reste ir atacar tubarões e baleas, e pôr em convulsão todo o Reino de Amphitrite. Em Hespanha nasceu a imaginação feliz que desenhou este homem extraordinario, e com elle a engraçada familia dos Pansas.

Não conheço quem legasse
Tal porção de Attico sal,
E aos vindoiros preparasse
Um prazer que tanto val.

Se, no afinamento alegre em que estou, podesse haver á mão o Cervantes, e lê-lo;

Soltas risadas,
Com todo o peito
As gargalhadas

Eu largaria,
E a gente toda
Convidaria
A pôr-se em roda
Para escutar.
So de o pensar,
Já estou rindo
Sem descansar.
Mas onde estamos?
Qual he a Costa
Que navegamos?
Espere um pouco;
Vou perguntar:

Estamos defronte da Catalunha,

Provincia indomita,
Triste presagio,
Que algum adagio
Promette á Hespanha!

Declaro, para que este quarteto seja entendido, que *adagio* aqui significa o contrario de *allegro;* e se assim mesmo me não entenderem,

Bem pouco importa.
Fico saltando,
Sempre brincando
Co' as loiras filhas
Do claro Apollo

Que

Que desde o berço
No meigo collo
Já me afagavam,
E me ensinavam
Altos segredos
Com que, algum dia,
Troncos, rochedos
Abalaria.
Como risonhas
Me vêm buscar!
Deixam o Pindo
Por me afagar.
Eis Terpsicore!
Um belisção
Pretendo dar-lhe
Na linda mão.
Foi muito forte;
Ficou queixosa,
E de mimosa
Se fez mais bella.
Euterpe a lyra
Tras sobraçada,
Pede que seja
Per mim tocada:
Ah! vai-te Euterpe,
Não posso agora:
Sem alto estilo
E voz sonora,

O grande Pindaro
Quem imitasse,
Melhor seria
Que se lançasse
No fundo mar;
Onde um concerto
Co'os surdos peixes
Fosse entoar.
Vem cá Thalia:
De fina graça
Vem salpicar
Os lindos versos
Que vou cantar.
Mas caprichoso,
Já não te quero:
Rosto severo
Pareces ter:
Queres discursos
Longos fazer?
De fel amargo
Meo peito encher?
Foge depressa,
Desaparece,
Engana a quem
Mal te conhece.
E tu Calliope
Impertinente,
Mandas que intente

Uma Epopêa?
Galante idêa!
Que me faria
Perder de todo
Minha alegria.
Como he possivel,
O' Melpomene,
Que o mar serene,
E o vento abrande,
E nem assim
Teo rosto acene
Algum prazer?
Sempre a verter
Pranto de dor,
E de furor
Scenas traçando,
Punhaes e mortes,
Vives, sonhando.
Hoje á porfia
Todas danadas,
Para enfadar-me,
Vindes ligadas.
Deixai-me embora,
E do Parnasso
No monte escasso
Ide habitar.
Sois nove doidas,
O' nove Irmãas!

Envergonhai-vos;
Já tendes cãas.

Foram se embora, deixaram-me todas, e muito a proposito; porque entramos no golfo de Lyão que banha as costas de França; e em materias de França, *chiton*. Estas Musas são faladoras, e se ficassem, podiam inspirar-me alguns versos *Catonicos:* o que seria coiza mui arriscada. He melhor pacificamente

Entrar em Genova,
Onde engolfado,
Vivo no Estado
Das *Senhorias*.

Daqui vagaram
Per toda a Europa,
E vento em popa
Tudo innundaram.

De Hispanos *Doms*
Giram cercadas,
Que lhes preparam
Ricas pousadas.

Palacios, casas,
Hospicios tem,
Onde endoidecem
Gentes de bem.

Té no Mondego,
Na vãa Cidade,
Possuem grossa
Famosa herdade.

Feliz o dia
Em que a nobreza
Do *tu* Romano
Hade, outra vez,
Da *Senhoria*,
Do *Dom* Hispano,
A vãa grandeza
Ver a seos pés.

Quem achar que reprehender n'estes ultimos versos não tem razão; porque eu falo n'este ponto, não como politico, mas como Orador e Poeta, que se zanga muitas vezes de sacrificar energicos pensamentos á prolixa etiqueta dos tratamentos. Em todo caso, ainda quando por encurtar a lingua e obsequiar os oradores, se tirassem os *Doms* ás meninas de Lisboa; as *Senhorias* aos Cavalheiros de Provincia, e aos Juizes de fora; as *Excellencias* ás Morgadas do Minho e Tralosmontes, e ás mulheres dos Negociantes do Porto; não vejo que d'isto se seguisse grande mal, nem que as Leis do Reino fossem por isso menos bem observadas. Agora he bem justo que eu leia o que tenho escrito. Li e confesso que não sei como he possivel achar uma ca-

beça assaz disparatada para combinar, entre coisas serias, tantas coisas frivolas. Descubro porém uma idêa que he de molde para a nossa terra, e que pode sugerir a alguns dos sabios que n'ella habitam um *in folio* similhante a outros que compoem a nossa literatura. Falo do meo Dialogo com o Tritão, que lembra tam naturalmente uma obra que tivesse por titulo: *De Antiquitate à Tritonibus venerata*, obra immortal só pelo titulo, e que aperfeiçoaria o edificio de nossa immensa, e quasi sempre, inutil Literatura Lusitana. Se algum Padre *Caetano* lhe ajuntar a genealogia dos Tritões, ficará uma obra completa, e digna ao depois de ser comentada per todos os que fazem prologos em linguage de *seiscentos*, ou mesmo de *quinhentos*, e nunca na que convem para o nosso seculo. Estava quasi traçando alguns capitulos para esta obra; mas começo a cansar, e he melhor guarda-los para outra carta na qual sei, meo querido Amigo, que hade ler, sempre com gosto particular, o protesto ardente e sincero com que sou

O SEO CALDAS.

FIM.

INDICE.

INDICE

DOS ASSUMPTOS

CONTIDOS N'ESTES DOIS TOMOS.

TOMO I.°

Pag.

DISCURSO sobre a Lingua e a Poesia hebraica. *i.*

ADVERTENCIA. LV.

PSALMO I.

Beatus vir qui non abiit.....

Feliz aquelle que os ouvidos cerra. 1.

II.

Quare fremuerunt gentes.....

Que frémito e bramido em torno sôam ! 4.

III.

Domine, quid multiplicati sunt.....

Ah Senhor ! que crescendo meos imigos. 7.

IV.

Cum invocarem, exaudivit me Deus.....

Entre tantas amarguras. 8.

PSALMO V.

Verba mea auribus percipe, Domine..... Pag.
Minhas palavras attende. 13.

VI.

Domine, ne in furore tuo.....
Não me exprobreis, Senhor, os meos delictos. 16.

VII.

Domine meus Deus, in te speravi.....
O' Deus immenso, todo o meo amparo ! 18.

VIII.

Domine, Dominus noster, quam.....
Quanto ao longe em toda a terra. 22.

IX. PARTE 1.ª

Confitebor tibi, Domine.....
De ti, Senhor, de ti, no meo Psalterio. 24.

IX. PARTE 2.ª

Ut quid, Domine, recessiti longè.....
Porque tanto, ó Senhor, de nós te alongas. 27.

X.

In Domino confido: quomodo.....
No Senhor confiei, nada receo. 31.

XI.

Salvum me fac, Domine.....
Soccorre-me, Senhor, pois que a verdade. 33.

PSALMO XII.

Usquequò, Domine, oblivisceris..... Pag.
Até quando de teo servo. 35.

XIII.

Dixit insipiens in corde suo.....
Não ha Deus—diz, com-sigo blazonando. 37.

XIV.

Domine, quis habitabit.....
Quem, Senhor, habitará. 44.

XV.

Conserva-me, Domine.....
Conserva-me, Senhor, que em ti espero. 46.

XVI.

Exaudi, Domine, justitiam meam.....
Senhor, escuta as orações de um justo. 50.

XVII.

Diligam te, Domine.....
Eu te amarei, ó Deus, meo doce amparo. 53.

XVIII.

Cœli enarrant gloriam Dei.....
Os ceos resoam do Senhor a gloria. 60.

XIX.

Exaudiat te Dominus, in die tribulationis.....
Vae sem susto, ó Monarca virtuoso. 83.

PSALMO XX.

Domine, in fortitudine tua.. .. Pag.
Na força de teo braço o Rei triumpha. 85.

XXI.

Deus, Deus meus, respice in me.....
Meo Deus, meo Deus, ao menos um aceno. 88.

XXII.

Dominus regit me.....
O meo Deus he minha guia. 108.

XXIII.

Domini est terra, et plenitudo ejus.....
A terra he do Senhor, e a copia ingente. 111.

XXIV.

Ad te, Domine, levavi.....
A ti, Senhor eterno, ergui minha alma. 114.

XXV.

Judica me, Domine, quoniam.....
Julga-me, ó Deus, e vê que da innocencia. 118.

XXVI.

Dominus illuminatio mea, et.....
He o meo Deus que me illumina, e salva. 120.

XXVII.

Ad te, Domine, clamabo.....
Ao meo Senhor eu clamarei: responde. 127.

PSALMO XXVIII.

Afferte Domino, filii Dei..... Pag.
Os cordeiros mais fermosos. 130.

XXIX.

Exaltabo te, Domine, quoniam.....
Graças ao meo Senhor, em fim respiro. 136.

XXX.

In te, Domine, speravi.....
Eu não desmaiarei, minha esperança. 141.

XXXI.

Beati quorum remissæ sunt iniquitates.....
Venturosos aquelles, cujos crimes. 150.

XXXII.

Exultate, Justi, in Domino.....
Em vós se accenda. 155.

XXXIII.

Benedicam Dominum.....
Ao Senhor bemdirei com fervor santo. 162.

XXXIV.

Judica, Domine, nocentes me.....
Julga, Senhor, aquelles que me offendem. 166.

XXXV.

Dixit injustus, ut delinquat.....
Disse em seo coração, para solta-lo. 172.

PSALMO XXXVI.

Noli æmulari in malignantibus..... Pag.
Não queiras emular perfidas gentes. 174.

XXXVII.

Domine, ne in furore tuo.....
Suspende o teo furor, e não me acuses. 179.

XXXVIII.

Dixi, custodiam vias meas.....
Sim, eu resolvo moderar meos passos. 183.

XXXIX.

Expectans, expectavi Dominum.....
Firme esperei no meo Senhor, e olhou-me. 186.

XL.

Beatus qui intelligit super egenum.....
Feliz quem tem piedade. 190.

XLI.

Quem ad modum desiderat cervus.....
Qual suspira sequioso. 194.

XLII.

Judica me, Deus, et discerne causam.....
Assenta-te, ó Senhor, escuta, e julga-me. 199.

XLIII.

Deus, auribus nostris audivimus.....
Tem a fama publicado. 200.

PSALMO XLIV.

Eructavit cor meum verbum bonum..... Pag.
No meo peito resoou. 206.

XLV.

Deus noster, refugium et virtus.....
Deus he nosso refugio, e valentia. 215.

XLVI.

Omnes gentes, plaudite manibus.....
As maõs batendo congregai-vos, Povos. 219.

XLVII.

Magnus Dominus et laudabilis nimis.....
O Senhor he grande, e dino. 221.

XLVIII.

Audite hæc, omnes gentes.....
Escutai, o Mortaes, meos sons divinos. 225.

XLIX.

Deus, deorum Dominus, locutus est.....
Fallou o Deus dos Deuses soberano. 231.

L.

Miserere meî, Deus, secundum magnam.....
Piedade, ó Deus: de mim te compadece. 238.

LI.

Quid gloriaris in malitia, qui.....
Porque te pavoneas na maldade. 250.

PSALMO LII. Pag. 253.

LIII.

Deus, in nomine tuo salvum me fac.....
Ah! meo Senhor, ah! salva-me. 254.

LIV.

Exaudi, Deus, orationem.....
* As suplicas humildes. 259.

LV.

Miserere meî, Deus, quoniam.....
* He possivel, Senhor, que Te não dôa. 277.

LVI.

Miserere meî, Deus, miserere.....
* Piedade, Senhor, de mim piedade. 283.

LVII.

Si vere utique justitiam loquimini.....
Se o nome de juizes sobre a terra. 288.

LVIII.

Eripe me de inimicis meis.....
* Dos inimigos meos, Senhor, livrai-me. 293.

LIX.

Deus, repulisti nos et.....
* Se irado, ó justo Deus, repeliste. 303.

LX.

Exaudi, Deus, deprecationem meam.....
Escuta, ó meo Senhor; porque não sentes. 308.

PSALMO LXI. Pag.

Nonne Deo subjecta erit.....

* Este sopro celeste, que me anima. 311.

LXII.

Deus, Deus meus, ad te de luce vigilo.

Apenas rompe a aurora. 316.

LXIII.

Exaudi, Deus, orationem.....

* Minhas deprecações, meo rogo ardente. 321.

LXIV.

Te decet hymnus.....

* No erguido cume de Sion ressoem. 325.

LXV.

Jubilate Deo, omnis terra.....

* De jubilo exultai, Povos da terra. 333.

LXVI.

Deus misereatur nostrî.....

* De nós misericordia. 343.

LXVII.

Exurgat Deus, et dissipentur.....

* Levanta-te, Senhor; o teo luzente. 347.

LXVIII.

Salvum me fac, Deus; quoniam.....

Salva-me, ó meo Senhor, subindo vejo. 363.

PSALMO LXIX.

Deus, in adjutorium meum intende..... Pag.
Vem ajudar-me. 370.

LXX.

In te, Domine, speravi, non confundar.....
Em Ti minha esperança. 372.

LXXI.

Deus, judicium tuum regi da.....
Dá ao Rei sabedoria. 378.

LXXII.

Quàm bonus Israel Deus his.....
Quanto he bom de Israel o Deus supremo. 384.

LXXIII.

Ut quid, Deus, repulisti in finem.....
Porque nos tens, ó Deus, desamparado. 389.

LXXIV.

Confitebimur tibi, Deus.....
Sim meo Deus, o teo nome exaltaremos. 393.

LXXV.

Notus in Judæa Deus.....
Em Judea conhecido. 396.

CIV.

Confitemini Domino, et invocate.....
Vossas liras afinai. 400.

PSALMO CXVI.

Laudate Dominum, omnes gentes..... Pag.
De um polo a outro. 408.

CXXXVI.

Super flumina Babylonis.....
Nas praias que o Euphrates rega. 409.

TOMO II.º

POESIAS SACRAS.

ODE I.

Sobre a existencia de Deus. 1.

CANTATA I.

A' Creação. 15.

ODE II.

A' immortalidade da Alma. 23.

CANTATA II.

A' immortalidade da Alma. 35.

ODE III.

Sobre a necessidade da Revelação. 38.

ODE IV.

Sobre a existencia do Peccado original. 46.

CANTATA III.

Sobre a necessidade da Revelação. 49.

ODE V.

Sobre a virtude da Religião christãa. *Pag.* 53.

ODE VI.

Sobre o mesmo assumpto. 67.

ODE VII.

Sobre o mesmo assumpto. 83.

ODE VIII.

Sobre o mesmo assumpto. 97.

ODE IX.

Sobre o mesmo assumpto. 103.

ODE X.

A' paixão de N. S. Jesus Christo. 106.

DEPRECAÇÃO I.ª

A' Virgem Maria Nossa Senhora. 109.

DEPRECAÇÃO II.ª

A' mesma Senhora. 112.

SONETO.

A' immortalidade da Alma. 113.

SONETO.

Na presença de uma grande trovoada. 114.

POESIAS PROFANAS.

CANTATA.

Pigmalião. *Pag.* 117.

ODE.

Ao homem selvagem. 125.

ODE SOBRE O AMOR, Considerado como principio e esteio da ordem social. 133.

ODES ANACREONTICAS. 138.

CARTA aos meos amigos, consultando-os sobre o emprego mais proprio de meos talentos. 144.

ELEGIA á Amisade, dirigida ao Doutor Francisco-José de Almeida, n'ella designado pelo nome de Fileno. 147.

SONETOS.

Pag.

SONETO I.° 151.

SONETO II.° 152.

SONETO III.° 153.

SONETO IV.° feito de improviso, junto á sepultura de D. Ignez de Castro. 154.

SONETO V.° 155.

SONETO VI.° 156.

SONETO VII.° Aos Annos de uma Menina. 157.

AS AVES, Noite Philosophica. *Pag.* 158.

CARTA dirigida a meo amigo João de Deus Pires Ferreira, em que lhe descrevo a minha Viagem per mar até Genova. 196.

FIM.

ERRATA.

TOMO I.º

Pag.	*lin.*	ERROS.	EMENDAS.
xxi.	25.	perceitos.	preceitos
12.	3.	des	dos
13.	17.	Obrêr	Obrar
15.	8.	por	per
—	26.	confiança.	confiança
16.	9.	exprobeis.	exprobreis
21.	18.	agraudando.	agradando
61.	18.	splende	esplende
75.	21.	qui	chi
82.	6.	seme.	se me
88.	3.	Traducçao	Traducção
94.	24.	pejoe.	pejo e
96.	17.	Gabouse.	Gabou-se
98.	2.	veso.	vejo
104.	3.	et.	e
106.	15.	disarçados.	disfarçados
115.	11.	temeo.	temeu
194.	10.	qu aes.	quaes
229.	18.	escolhidos.	escolhidos
259.	8.	O mal fiz	O mal eu fiz
—	*ibid.*	para.	por
261.	12.	banirá.	baníra
369.	17.	dic	diz:
410.	7.	O Sion	O' Sion

TOMO II.

1.	18.	termoe.	termo e
5.	4.	molher.	mulher
24.	11.	emque.	em que
44.	25.	não-torne.	não torne
77.	18.	da Dccalogo.	do Decalogo
85.	17.	vero.	vêr o
96.	3.	acende.	accende
105.	18.	das leitores.	dos leitores
107.	8.	Decujo.	De cujo
—	19.	offerecem.	off'recem
114.	2.	TROVADA.	TROVOADA
131.	9.	Este.	Esta
149.	7.	dealegria.	de alegria

FIM.

C 820
C 1450